

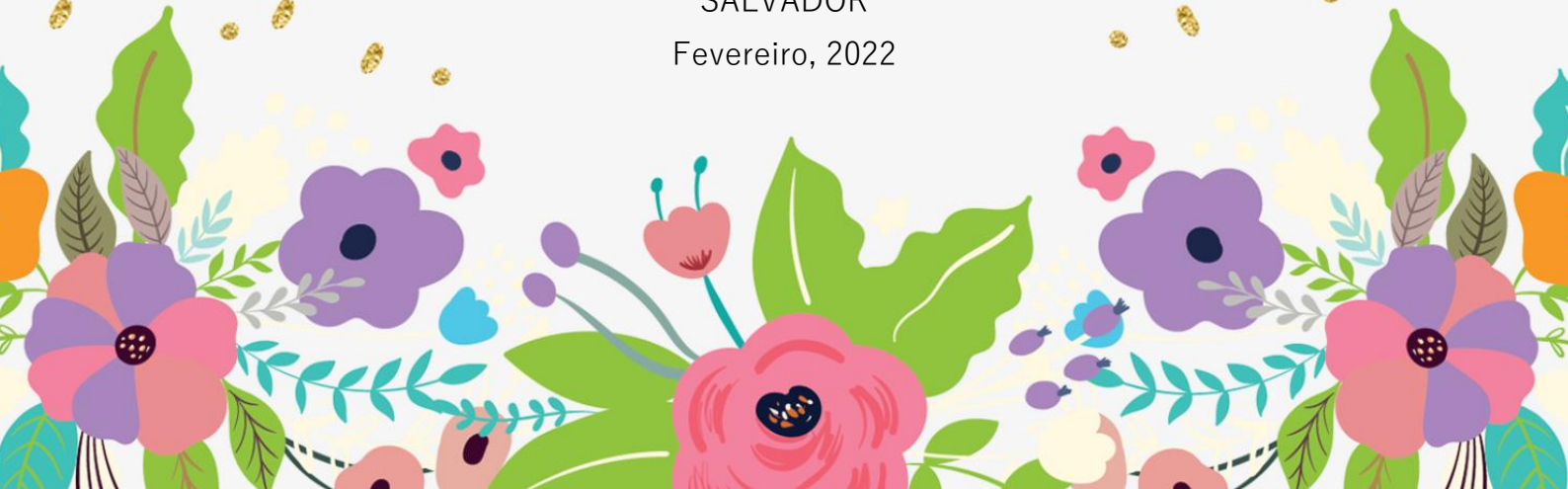
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

SHEILA BATISTA MAIA SANTOS REIS DA COSTA



**ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS IDENTITÁRIAS DA SEXUALIDADE DE  
SURDOS LGBTTQIA+ NO PROCESSO DE TRADUÇÃO LSB-LPO: COMO  
TRADUZIR UMA IDENTIDADE QUE NÃO É MINHA?**

SALVADOR  
Fevereiro, 2022





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

SHEILA BATISTA MAIA SANTOS REIS DA COSTA

**ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS IDENTITÁRIAS DA SEXUALIDADE DE  
SURDOS LGBTTQIA+ NO PROCESSO DE TRADUÇÃO LSB-LPO: COMO  
TRADUZIR UMA IDENTIDADE QUE NÃO É MINHA?**

SALVADOR  
Fevereiro, 2022

SHEILA BATISTA MAIA SANTOS REIS DA COSTA

**ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS IDENTITÁRIAS DA SEXUALIDADE DE  
SURDOS LGBTQIA+ NO PROCESSO DE TRADUÇÃO LSB-LPO: COMO  
TRADUZIR UMA IDENTIDADE QUE NÃO É MINHA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Área de Concentração II: Linguagem e Interação, Linha de Pesquisa: Aquisição da Linguagem, Tradução e Acessibilidade, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Dannel da Silva Carvalho

SALVADOR  
Fevereiro, 2022

Costa, Sheila Batista Maia Santos Reis da.

Estratégias linguísticas identitárias da sexualidade de surdos LGBTTQIA+ no processo de tradução LSB-LPO: como traduzir uma identidade que não é minha? / Sheila Batista Maia Santos Reis da Costa. - 2022.

187 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Danniell da Silva Carvalho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.

1. Sociolinguística. 2. Linguagem e línguas - Estilo. 3. Tradução e interpretação. 4. Tradução e interpretação - Aspectos sociais. 5. Língua brasileira de sinais. 6. Língua portuguesa - Português falado. 7. Surdos - Meios de comunicação. 8. Pessoas com deficiência e artes cênicas. 9. Identidade de gênero. I. Carvalho, Danniell da Silva. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 418.02

CDU - 81'253

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**ATA Nº 14**

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA (PPGLINC), realizada em 15/12/2021 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA no. 14, área de concentração LINGUAGEM E INTERAÇÃO / LINHA - AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS, TRADUÇÃO E ACESSIBILIDADE, do(a) candidato(a) SHEILA BATISTA MAIA SANTOS REIS DA COSTA, de matrícula 2020110943, intitulada ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS IDENTITÁRIAS DA SEXUALIDADE DE SURDOS LGBTQIA+ NO PROCESSO DE TRADUÇÃO LSB-LPO. Às 14:00 do citado dia, Google Meet, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. DANNIEL DA SILVA CARVALHO que apresentou os outros membros da banca: Prof<sup>a</sup>. Dra. FERNANDA DE OLIVEIRA CERQUEIRA e Prof. Dr. VINICIUS MARTINS FLORES. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

**DRA. FERNANDA DE OLIVEIRA CERQUEIRA**

Examinadora Externa à Instituição

**DR. VINICIUS MARTINS FLORES**

Examinador Externo à Instituição

**DR. DANNIEL DA SILVA CARVALHO, UFBA**

Presidente

**SHEILA BATISTA MAIA SANTOS REIS DA COSTA**

Mestrando(a)

A fim de traduzir meus sentimentos de gratidão, dedico esta Dissertação aos meus avós Oscar José Santos (*na eternidade*) e Aurea Maria Santos, a todos/as meus tios/as - irmãos/as e filhos/as de minha avó/mãe de criação - e a todas as Pessoas Surdas.

## AGRADECIMENTOS

Há um adágio italiano, bem conhecido nos Estudos da Tradução, que diz que traduzir é trair o texto, em tese, tido como original. Isso me diz que, por mais laboriosa que eu me proponha a ser no trato com o texto, sempre cometerei afastamentos daquilo que é tido como o verdadeiro estado da obra. A perfeição é inalcançável! Com isso, trazendo a imperfeição para o escopo dos agradecimentos, é possível que eu cometa lapsos ao não citar alguém que muito contribuiu para que eu chegasse até esse momento de escrita, especialmente se a pessoa esquecida for canceriano ou escorpiano! Por exemplo, se eu me lembrar de agradecer a Roberto César Reis da Costa, Marcos Luiz dos Santos Brabo, Alex Sandro Lins Ramos e Jonathan Rafael Cardoso Guimarães<sup>1</sup>; também a Luiz Cláudio de Oliveira Antonio e a Álon Mauricio da Silva Silva, é provável que eu esqueça de citar a tantos outros. Então, para não ser injusta com tantos que direta, indiretamente e por carta de autorização me ajudaram a concluir esta pesquisa, neste espaço, os meus agradecimentos se dão apenas em duas perspectivas: primeiramente, às pessoas que colaboraram para o meu bem estar psicológico, considerando o ingresso e permanência na academia; em segundo lugar, às pessoas que, na academia, colaboraram para o desenvolvimento de minhas competências discursivas e intelectuais neste percurso para realização desta pesquisa.

Com o exposto acima, inicio os agradecimentos pela minha família. Teço carinhosos agradecimentos ao meu amabilíssimo esposo, Roberto César Reis da Costa, marido compreensível, doce e que sempre me estimulou para que confiasse em mim quando eu mesma passei a duvidar da minha capacidade de ingresso na Pós-graduação. Amor... seu investimento no bem estar psicoemocional foi essencial para que eu chegasse aqui. Te amo sempre, ininterruptamente e eternamente! Aos meus filhos-felinos Jolly Myal Santos-Reis da Costa, Alvinha Jessey Santos-Reis da Costa (ela prefere ser chamada de Kékeu) e Duky Dioclécio Santos-Reis da Costa (Zerrito), em todos os meus momentos de dedicação aos estudos, agradeço aos meus peludinhos pelas suas presenças em minha vida, pelas companhias em todos os momentos, pelas mordidinhas, lambidinhas, companhias e afeto.

---

<sup>1</sup> Ver o serviço prestado pelo quarteto na tradução da minha Defesa de Mestrado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ju1BIXUPeKI&t=5748s>. Acesso em 10 jan 2022.

Agradeço à minha psicóloga, Maria Elisabete Pinho, que trabalhou muito para meu bem-estar psicológico, a fim de que eu superasse minhas limitações pessoais e conseguisse enxergar possibilidades de ingresso e desenvolvimento dos meus estudos no Programa – PPGLINC/UFBA.

Agradeço aos Editores da Revista dos Estudantes dos Programas de Pós-Graduação em Língua e Cultura e Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia - Revista Inventário, na gestão 2020 – 2021, edições 26, 27 e 28, Sanio Santos da Silva e Leandro Almeida dos Santos, pois suas metodologias nas interações com a equipe de editores, da qual fiz parte, me ensinaram a ser gentil comigo mesma e a conduzir com leveza e tranquilidade minha trajetória na Pós-Graduação.

Ainda nesse recorte, preciso agradecer ao vinagrete de Matheus e Guigo, pois as gotinhas de limão – ops... serotonina por ‘Matando Matheus a Grito’ – me garantiram risadas de relaxamento todas as tardes após minhas rotinas diárias de estudo. Bom, é sobre isso!

Ao Prof. Dr. Danniell da Silva Carvalho, mil coraçõezinhos frufus vermelhos, rosas e lavandas, feitos em EVA<sup>2</sup>, decorado com purpurina e lantejoulas, para expressar minha gratidão em tê-lo como Orientador. Sua orientação, certamente mediada com planilhas virginianas, é modalizada com sua essência doce, amorosa, sensível e extremamente dedicada aos seus orientandos. Com ele, *communis*, eu, enquanto libriana perfeccionista, puder ir ao encontro da expressão em Latim, que me move em relação a mim mesma, que é registrar-me na história de maneira *Citius, Altius, Fortius*.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa ‘A Sintaxe *Phi* das Línguas Naturais – Phina’, em especial Fernanda de Oliveira Cerqueira, Jaqueline Lucchesi Dias, Eloísa Maiane Barbosa Lopes, Victor Cavalcanti Mariano, Renato Medeiros da Fonseca Junior, Murilo Silva Rigaud Campos, Ian Jardim da Silva, Anderson Bacelar Palafoz, Larissa Santos, e ao saudoso Sinval Araújo de Medeiros Júnior, agradeço pelo investimento na construção do meu perfil acadêmico enquanto pesquisadora. Neste percurso, antes mesmo do meu ingresso no Programa, tive os primeiros contatos com o grupo e participei de alguns processos seletivos até ter sido finalmente aprovada na seleção do PPGLINC. Desde sempre os integrantes do Phina têm dedicado esforços para manutenção de encontros de estudos remoto; desses esforços, cheguei à defesa dessa Dissertação e obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura.

---

<sup>2</sup> Ver Diogo Almeida em ‘Professora Viciada em TNT e EVA’. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qu20juGhaGE>. Acesso em 02 jan 2022.



Agradeço aos Mestres que tive no percurso do Programa – Profa. Dra. Elisabeth Reis Teixeira, Profa. Dra. Adriana Santos Batista, Profa. Dra. Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de Sousa, Profa. Dra. Silvia La Regina, Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho, Prof. Dr. Antonio Messias Nogueira da Silva, Prof. Dr. Felipe Flores Kupske e Prof. Dr. Dannel da Silva Carvalho. Os compartilhamentos de conhecimentos nas aulas, nas propostas de atividades e nas intervenções didático-pedagógicas-afetivas me qualificaram academicamente, para que eu pudesse me encontrar neste contexto. Mais uma vez, agradeço ao Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho, docente na área de Tradução do PPGLINC/UFBA, por ter se dedicado à leitura da Dissertação, ainda na versão para Qualificação, tecendo riquíssimas contribuições.

Das interações em sala de aula, ficou complicado relatar crescimento acadêmico por meio de socializações com os colegas de turmas por conta da modalidade de ensino remoto. Por isso, são poucas as vivências que posso memorar. Nos poucos relatos que posso citar, fica até mesmo complicado mencionar o nome completo dos colegas. Sei apenas o apelido do colega, por conta das interações que foram necessárias estabelecer por meio aplicativos sociais, no intuito de organizar alguma atividade da turma, de trio ou em dupla. Desta forma, cito: Hilmara, Reni Carvalho e Jônatas da disciplina de Língua e Gênero; Sacha Primo, Hévila A. e Vanessa Moura da disciplina de Tópicos em Tradução. Devido aos vínculos previamente estabelecidos, foi fácil manter aproximações, discussões acaloradas, discordâncias, concordâncias e altas trocas de reflexões com Thalita Chagas Silva Araújo; foi essencial para meu crescimento acadêmico tê-la como colega em várias disciplinas do PPGLINC. Preciso mencionar a alegria que tive ao ter, na turma de Psicolinguística, colegas da área de Libras, embora inscritos em linhas de pesquisas distintas, como: Claudiane Soares, Vanessa Moura, Thalita, e o queridíssimo e amabilíssimo Wasley de Jesus Santos – que muito me ajudou com a leitura e revisão da minha escrita na versão pré-qualificação.

Agradeço, imensamente, à Banca de Qualificação composta pelas titulares Profa. Dra. Rafaela Veloso Machado e Profa. Dra. Silvana Aguiar dos Santos, também à Banca de Defesa composta pelos titulares Prof. Dr. Vinicius Martins Flores e Profa. Dra. Fernanda de Oliveira Cerqueira, que me trouxeram preciosas considerações, as quais tive o zelo de, dentro das minhas possibilidades, atender. Todos esses olhares contribuíram imensamente para a minha formação como pesquisadora.

A todos os elencados, que de forma direta contribuíram tanto para o meu bem estar psicológico quanto para o meu crescimento acadêmico neste percurso formativo; a estes, meus sinceros agradecimentos!

Traduzir discursos...  
De uma língua para outra,  
De uma modalidade para outra,  
De uma cultura para outra,  
De um povo para outro,  
Fazer travessias...  
Entretanto,  
Traduzir, assim como, somos traduzidos.

## RESUMO

Chaibue e Aguiar (2016) apresentaram dados estatísticos que demonstraram grandes dificuldades por parte de tradutores/as, na via de tradução da Língua de Sinais Brasileira para a Língua Portuguesa Oral (LSB-LPO). Considerei que, associar os Estudos da Tradução aos Estudos Sociolinguísticos correntes, poderia ser um meio com vistas a oferecer soluções na tradução com vozes e imagens em atos discursivos de Gays Surdos em performances artísticas Drag Queen. Assim, por uma abordagem qualitativa com análise de dados de característica indutiva e interpretativa (MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008; CRESWELL, 2010), recorri à (re)interpretação das técnicas de tradução nominadas por reelaboração, tradução livre e retradução – na tenção de, por meio delas, dar conta da variação linguística, do significado social da variação e estilo de fala drag. Como resultado, identifiquei a comprovação da hipótese levantada, em que, para atender a tradução LSB – LPO com vozes e imagens de Gays Surdos em performances artísticas Drag Queen é elementar associar Estudos de Tradução aos Estudos de Gênero e Estilo, no caso, Estudos Sociolinguísticos correntes.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. Identidade de Gênero. Performance Drag Queen. Libras. Português Brasileiro.

## ABSTRACT

Chaibue e Aguiar (2016) submitted statistical data to demonstrate major difficulties on the part of the Sign Language Translators/Interpreters when translating from Brazilian Sign Language (Libras) to Oral Portuguese (LPO). I will consider that, by associating Translation Studies with the current Sociolinguistics Studies, it is possible to provide solutions for the translation of the voices and images of the Deaf Gay when performing an artistic show as a Drag Queen. Thus, from a qualitative approach in which data analysis was inductive and interpretative, I invoked the (re)interpretation of the translation techniques – reformulation, free translation and back translation – so as to understand the linguistic variation, the social meaning of the variation and the speech style of the Drag Queen. As a result, I have confirmed the hypothesis raised: for translating the voices and images of the Deaf Gay when performing a Drag Queen, it is essential to associate Translation Studies with Gender and Style Studies, in particular those ones which Sociolinguistics are embedded.

**Keywords:** Translation Studies. Identity and Gender. Drag Queen Performance. Libras. Brazilian Portuguese.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**CAP** - Centro de Apoio Pedagógico

**COVID-19** - Corona Vírus Disease - 2019

**DIY** - Do it Yourself

**DR.** – Doutor

**DRA.** - Doutora

**ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio

**FENEIS** - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

**PHINA** - A Sintaxe *Phi* das Línguas Naturais

**ID** – Identificação

**IPHEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**LGBTTQIA+** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexual, Assexual e outras variações de sexualidade e gênero

**LPO** - Língua Portuguesa na modalidade oral

**LP** - Língua Portuguesa

**LSB** - Língua de Sinais Brasileira

**LSB - LPO** - Tradução da Língua de Sinais Brasileira para a Língua Portuguesa na modalidade oral

**LSE** - Legendagem para Surdos e Ensurdecidos

**MEC** - Ministério da Educação

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**PPGLINC** – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

**PROF.** – Professor

**PROFA.** – Professora

**PROLIBRAS** - Exame Nacional de Proficiência em Libras

**UNEB** - Universidade do Estado da Bahia

**UFBA** - Universidade Federal da Bahia

**UFSC** - Universidade Federal de Santa Catarina

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Vigília com velas .....	<b>36</b>
<b>Figura 2.</b> Atriz transexual Viviay Belebani cruxificada.....	<b>61</b>
<b>Figura 3.</b> Representação feminina de Jesus Cristo .....	<b>63</b>
<b>Figura 4.</b> Rita D’Libra .....	<b>109</b>
<b>Figura 5.</b> Lorelay Fox .....	<b>111</b>
<b>Figura 6.</b> Pablló Vittar no Ding Dong, em 2020 .....	<b>116</b>
<b>Figura 7.</b> Pablló Vittar no Ding Dong, em 2021 .....	<b>117</b>
<b>Figura 8.</b> Kitana Dreams.....	<b>119</b>
<b>Figura 9.</b> Leonardo Braconnot e Kitana Dreams.....	<b>121</b>
<b>Figura 10.</b> Esquema de interferências utilizado .....	<b>149</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Línguas Brasileira de Sinais .....	26
<b>Quadro 2.</b> Etapas do Estudo .....	34
<b>Quadro 3.</b> Leis e Decretos .....	41
<b>Quadro 4.</b> Contraste linguístico da tradução de fragmentos da Bíblia.....	64
<b>Quadro 5.</b> Contextos discursivos.....	71
<b>Quadro 6.</b> Expressões em Pajubá .....	113
<b>Quadro 7.</b> Vocábulo em Pajubá.....	113
<b>Quadro 8.</b> Legenda original com marca de tempo do vídeo “TAG Me conhecendo melhor” .....	125
<b>Quadro 9.</b> Níveis de análises linguísticas em Libras.....	130
<b>Quadro 10.</b> 131	
<b>Quadro 11.</b> Tradução Livre: inserção de vocabulários e/ou expressões do Pajubá .....	137
<b>Quadro 12.</b> Retradução: acréscimos gramaticais essenciais para o público da língua e cultura de chegada .....	144
<b>Quadro 13.</b> Propostas de tradução LSB-LPO baseadas na noção de gênero .....	151



## SUMÁRIO

### SEÇÃO I

#### PRELIMINARES

1.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS.....	16
1.2 A PESQUISA .....	31
1.3 CONTEXTO DA PESQUISA QUANTO À ADOÇÃO METODOLÓGICA.....	35
<b>1.3.1 Limites para realização de pesquisa de campo .....</b>	<b>35</b>
<b>1.3.2 Caminhos metodológicos.....</b>	<b>49</b>

### SEÇÃO II

#### DA MINHA PRÁXIS TRADUTÓRIA À SOCIOLINGÜÍSTICA COM VARIÇÃO EM ESTILO DE FALA

2.1 LUGAR DE ENUNCIÇÃO NA TEORIZAÇÃO DA PRÁXIS TRADUTÓRIA .55	
<b>2.1.1 Aprendizado da Libras .....</b>	<b>56</b>
<b>2.1.2 Inserção no Serviço de Tradução .....</b>	<b>57</b>
<b>2.1.3 Autonarrativa cristã ao falar de Gays .....</b>	<b>59</b>
2.2. TRADUÇÃO, SOCIOLINGÜÍSTICA E DISCURSO .....	67
<b>2.2.1 Estilo como prática comunicativa situacional.....</b>	<b>71</b>
2.3 QUEM É O OUTRO NO IMAGINÁRIO DO TRADUTORES/AS?.....	74
2.4 O AFÃ TRADUTÓRIO .....	77
<b>2.4.1 A autonomia na recriação textual .....</b>	<b>78</b>
<b>2.4.2 Dificuldades na tradução LSB-LPO .....</b>	<b>85</b>

### SEÇÃO III

#### SOCIOLINGÜÍSTICA DE TERCEIRA ONDA E A IDENTIDADE GAY SURDA EFEMINADA NA PERFORMANCE ARTÍSTICA DRAG QUEEN

3.1 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A SOCIOLINGÜÍSTICA DE TERCEIRA ONDA .....	92
<b>3.1.1 Primeira e Segunda Onda da Sociolinguística .....</b>	<b>92</b>
<b>3.1.2 Terceira Onda da Sociolinguística .....</b>	<b>95</b>
3.2 IDENTIDADE, SEXO E GÊNERO.....	98
3.3 IDENTIDADES SURDAS.....	100
<b>3.3.1 O olhar do Surdo sobre si .....</b>	<b>100</b>
<b>3.3.2 O Surdo através de olhares de pessoas ouvintes.....</b>	<b>102</b>
<b>3.3.3 Gays Surdos Efeminados .....</b>	<b>104</b>
3.4 ESTILO DE FALA NAS PERFORMANCES ARTÍSTICAS DRAG QUEEN: MODELOS PARA USO EM LPO.....	108
<b>3.4.1 Drag Queen ouvinte, Lorelay Fox .....</b>	<b>110</b>
<b>3.4.2 Diálogo de Bonecas, Pajubá.....</b>	<b>112</b>
<b>3.4.3 Qual pronome você gostaria que eu usasse ao te apresentar? .....</b>	<b>113</b>
3.5 KITANA DREAMS, UMA DRAG QUEEN SURDA .....	119

## **SEÇÃO IV**

### **DAS ANÁLISES**

4.1 PROPOSTAS DE TRADUÇÃO LSB-LPO BASEADAS NA NOÇÃO DE GÊNERO .....	124
4.1.1 Tradução como Reelaboração: inserção de perguntas no final da frase e marcação de um único gênero .....	131
4.1.2 Tradução Livre: inserção de vocabulários e/ou expressões do Pajubá .....	137
4.1.3 Retradução: acréscimos gramaticais essenciais para o público da língua e cultura de chegada.....	143
4.1.4 Intervenções realizadas .....	149

## **SEÇÃO V**

### **DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	159
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>162</b>



**SEÇÃO I**  
**PRELIMINARES**



Nesta seção introdutória, trato dos assuntos preliminares, aqueles que localizam a proposição temática, o contexto da pesquisa quanto à adoção teórica-metodológica. Considero que essa parte inicial oferece alicerce para análises indutiva e interpretativa que farei mais à frente, na seção IV, quando sugiro três propostas de traduções para a legenda do vídeo “Me conhecendo melhor”, da artista Surda e Drag Queen, Kitana Dreams.

## 1.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A Língua de Sinais Brasileira – LSB<sup>3</sup> é reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, como meio legal de comunicação e de expressão das Pessoas Surdas<sup>4</sup> brasileiras. A língua já foi amplamente descrita por Ferreira ([1995] 2010), Quadros e Karnopp (2004), Costa (2012), entre outros linguistas brasileiros. No entanto, considero que outras questões adjacentes necessitam de estudo e discussões mais específicas. Assim, nesta Dissertação, tenho interesse em dar continuidade à contribuição com os estudos linguísticos, porém associados aos Estudos da Tradução, mais especificamente no sentido da Língua de Sinais Brasileira para a Língua Portuguesa Oral, a partir de agora descritas como LSB – LPO.

Compreendo que os Estudos da Tradução de línguas de sinais, no Brasil, contam com pesquisas e publicações de profissionais/pesquisadores/as implicados diretamente com o exercício da profissão de Tradutores/Intérpretes de LSB/LP. Por isso, alguns conceitos já têm sido consolidados e internalizados há algum tempo pela categoria profissional. Entretanto, há termos que irei usar bastante nesta escrita, e preciso mostrar os significados que tenho empregado aos termos, a fim de que o direcionamento que dou a esta Dissertação possa ser compreendido já nas páginas iniciais. Os termos que estão diretamente relacionados ao serviço prestado, e que talvez possam provocar algum

<sup>3</sup> Adotei neste trabalho o termo Língua de Sinais Brasileira – LSB, em vez de Língua Brasileira de Sinais – Libras, como oficializado, a fim de seguir um padrão internacional de apresentação das línguas de sinais. Ex.: Língua de Sinais Francesa, Língua de Sinais Dinamarquesa, Língua Gestual Portuguesa. Entretanto, vale esclarecer, o termo Libras aparece recorrentemente ao longo da Dissertação, ou por se tratar de citações diretas ou por fazer referência à forma adotada pela legislação vigente.

<sup>4</sup> Adotei os substantivos em maiúscula, Pessoa Surda, Surdo e Gays Surdos Efeminados, no lugar de minúscula, a fim de me referir ao sujeito discursivo, em oposição à condição comum referente à audição.

estranhamento destoante do habitual na(s) comunidade(s) de tradutores/as são: tradução e interpretação.

Nogueira (2019) adota o termo “interpretação” para se referir ao serviço de interpretação de conferência, caracterizado pelo vozeamento LSB – LPO. Já o termo “tradução” é empregado pelo autor para serviços que envolvem a escrita. No ano anterior dessa publicação de Tiago Coimbra Nogueira, a Dra. Maria Cristina Pires Pereira, quanto à adoção do termo interpretação, traz a seguinte explicação, em seu artigo intitulado ‘Estudos da Interpretação: quem tem medo das línguas de sinais?’:

Alguns autores ainda definem a interpretação interlíngua em termos de oralidade (Pearl, 2007), chegando a denominá-la de “tradução oral” (Ivars, 1999), deixando, com isso, a interpretação de línguas de sinais excluída. Esta desconsideração das línguas de sinais subestima o seu estatuto linguístico e talvez, infelizmente, assumam uma visão das pessoas surdas como usuárias de um código comunicativo na forma de mímica, pantomima, ou de uma corruptela da língua oral, e não como falantes de uma língua plena, porém de modalidade diferente. (PEREIRA, 2018, p. 2)

Com a tessitura que estou a fazer doravante, parto de uma perspectiva diferente da de Nogueira (2019) e Pereira (2018). Embora seja notável que tratemos do mesmo objeto, assumimos definições de nomenclaturas e perspectivas teóricas distintas, porém às línguas de sinais é atribuído o mesmo valor linguístico e status de prestígio social. Essa escolha que faço quanto às terminologias dá-se pelo uso dos termos - tradução e interpretação – presentes exhaustivamente ao longo do texto, e nisso estou aqui a apresentar, sob quais perspectivas tenho adotado esses termos. Certamente, esse posicionamento, que também é ideológico e teórico, perpassa pela recorrência ao sentido discursivo que dou para o termo interpretação.

Voltando para muito mais além de um ano atrás das obras de Nogueira (2019) e Pereira (2018), memoro o tempo romano - 106 a.C a 8 a.C -, mais especificamente através das lentes atribuídas a Cícero e Horácio. O valor da carga semântica aplicada à tradução e interpretação é bem significativo para mim. De acordo com Mcelduff (2013), no capítulo ‘*Language, Interpreters, and Official Translations in the Roman World*’, entendo que o emprego do termo tradução é cedido à liberdade, transgressão, traição, criatividade na produtividade da versão; e, para a interpretação é impresso o sentido estrito de fidelidade na equivalência. É diante dessa perspectiva, romana, que declino do uso do termo – interpretação, para me apegar ao uso do termo tradução.

Recorro às terminologias como ferramentas discursivas, ideológicas, históricas e especialmente, na adoção de uma abordagem teórica, que pelo visto, é diferente. Nessa

declinação, não assumo “desconsideração das línguas de sinais” (PEREIRA, 2018). Antes, para explicar o valor que dou ao “estatuto linguístico” (PEREIRA, 2018) e social das línguas de sinais, corroboro com Costa (2012; 2021), quando se utiliza da análise linguística em nível fonológico, como ferramenta para afirmar o status das línguas de sinais como língua natural. Semelhantemente a Costa (2012; 2021), assumo concordância ao transgredir o preciosismo de “visões mais clássicas da linguística” (COSTA, 2021), mediante a insistência do termo fonologia das línguas de sinais, por considerar fonologia não apenas como o estudo dos sons, mas como o estudo das unidades mínimas:

Apesar de as línguas de sinais não serem desenvolvidas a partir de emissões vocálicas, as unidades mínimas distintivas também podem ser identificadas nestas línguas, ratificando a ideia de que há um nível fonológico de análise para as línguas viso-gestuais /.../. As acepções acerca da fonologia aplicada à língua de sinais já vêm sendo discutidas na literatura desde a década de 1960. A respeito deste tema /.../ muitos estudiosos têm apresentado pressupostos teórico-metodológicos relevantes para a constituição da fonologia das línguas de sinais a partir de várias vertentes teóricas. (COSTA, 2021, p. 225-226)

Com o exposto e exemplificado, pretendi mostrar posicionamentos teóricos diferentes para o mesmo objeto. Assim, nesse espaço de autoria e liberdade subjetiva, quando eu estiver a utilizar o vocábulo interpretação, estou a me referir à compreensão do sentido do discurso. Quanto ao termo tradução, adoto-o como atividade genérica de traduzir: verter o enunciado e/ou discurso de uma língua e cultura para outra língua e cultura; esses sentidos são empregados independentemente da modalidade – seja escrita ou conferência, e independentemente do sentido, seja da LSB-LPO, vice-versa e outros. Nessa linha de raciocínio, optei por me referir genericamente ao profissional como Tradutor/a, e não como Intérprete. Tudo isso, por conta do uso exaustivo do termo interpretação no sentido de atividades mentais de compreensão do discurso, mas, é óbvio, com cunho ideológico, histórico e teórico.

Sobre uma padronização dos termos, percebo que diferentes autores, têm se utilizado de diferentes terminologias, como: tradutores e intérpretes de línguas de sinais (SANTOS, 2013); tradutores e intérpretes de Libras-Português (NASCIMENTO, 2011; SANTOS, 2015), tradutor-intérprete (FONSECA, 2015), intérpretes de língua brasileira de sinais e língua portuguesa (ALBRES, 2017), Tradutor-Intérprete de Libras/Língua Portuguesa (BARREIROS, 2020), entre outros. Faz-se necessário salientar que, para além das diferentes nomenclaturas para a profissão, há ainda a incidência desses profissionais em diferentes atividades nesse vasto campo de modalidades e sentidos nas atuações tradutórias.

Sendo assim, considero que o contexto de tradução LSB – LPO tem por objetivo permitir a acessibilidade comunicativa às pessoas ouvintes que desconhecem e/ou que não são fluentes em LSB. Lembrando-me da década de 90, quando me inseri no universo da tradução de línguas de sinais, havia grande necessidade de oportunizar o acesso linguístico das Pessoas Surdas a todas e quaisquer informações veiculadas em Língua Portuguesa. Ora, já nas primeiras décadas do século XXI, vivemos outro momento histórico; havendo um processo menos excludente, em que as próprias Pessoas Surdas reclamam seus protagonismos (FREIRE, 1970)<sup>5</sup> e seus lugares de fala (RIBEIRO, 2017)<sup>6</sup>. Isso marca espaços quanto à visibilidade das diferenças e diversidades culturais e linguísticas em nossas sociedades, bem como a constante necessidade de veiculação das vozes e imagens das Pessoas Surdas em atos discursivos, que são garantidos por meio de uma sociedade bi/multilíngue ou dos serviços de tradução LSB-LPO; especialmente, após o reconhecimento do *status* linguístico da LSB em 2002.

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados [...] Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil /.../ Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil /.../ [a]s instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor /.../ [o] sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente /.../ [a] Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa /.../ Brasília, 24 de abril de 2002. (BRASIL, 2002, Art. 1º a 4º)

Para mim, a regulamentação da LSB, como consequência do protagonismo Surdo, e a ocupação desse lugar de fala, tendo em vista que Pessoas Surdas são auto-producentes,

---

<sup>5</sup> Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, ao falar do esforço que grupos minorizados empreendem para garantir a superação de condições subalternas – o que é mobilizado exclusivamente pela libertação da consciência humana -, aponta para o lugar de protagonismo.

<sup>6</sup> Djamila Ribeiro, ao falar de feminismo negro, localiza a discussão sobre lugar de fala: “A nossa hipótese é que a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica.” (RIBEIRO, 2017, p. 34)

geraram concomitante indispensabilidade de tratar teoricamente do processo tradutório, tal qual ponderar sobre as emulações entre as línguas e entre os seus valores socioculturais na via LSB - LPO. Preciso salientar que, nesta pesquisa em Estudos da Tradução, designei o emprego da palavra emulação às disputas e competições entre as gramáticas da LSB e LP, bem como às disputas e competições entre os valores socioculturais das Pessoas Surdas e das pessoas ouvintes. Tais disputas e competições concorrem, acirradamente, nas escolhas do tradutor/a. Aqui, não trato a emulação no sentido amplo, como a busca pela melhor versão entre versões de traduções (SALTARELLI, 2010, p. 52). Emulação como rivalidade, competição e imitação, num sentido mais complexo, conforme aponta Saltarelli (2010), é provável que fique para escritas posteriores.

Contribuir para que os discursos empregados nas vozes e imagens das Pessoas Surdas pudessem chegar a todos aqueles que não são fluentes em LSB tem me causado incômodos e reflexões por muito tempo, a ponto de me impelir a me debruçar sobre a verificação de possibilidades de propostas de traduções LPO. Nesse intuito, utilizo-me das seguintes técnicas de tradução: a reelaboração, baseada em Furlan (2001); a tradução livre, discutida por Souza (1998); e a retradução, abordada por Mattos e Faleiros (2014). Veremos, detalhadamente, cada uma dessas técnicas na seção das Análises.

Imagino que cogitar como transicionar discursos da LSB para LPO perpassa também no imaginário de muitos outros tradutores/as. Fonseca (2015, p. 12) trouxe uma perspectiva que me tocou profundamente ao tratar da “forma como o tradutor-intérprete se relaciona com a língua”, e de como o tradutor/a manipula o “conhecimento consistente sobre as línguas envolvidas”. Já Nascimento (2011, p. 57), ao discutir que a concorrência entre as línguas inseridas no contexto tradutório diz respeito às escolhas que - naquele dado momento, isto é, o “espaço-tempo (*cronotopo*) de sua atuação” - os tradutores/as farão. Isso me leva a precisar sobre quais valores linguísticos e culturais podem ser selecionados em dadas situações.

O fazer tradutório se dá mediante o reconhecimento do “protagonismo Surdo”, que é uma expressão bastante usada entre as Pessoas Surdas. Esse protagonismo engloba as narrativas de “histórias de feitos, conquistas, lutas, proezas, fatos, ações, batalhas protagonizadas por sujeitos surdos” (BARROS, 2019, p. 22). Enquanto pessoa ouvinte, posso denunciar o lugar de privilégio linguístico, portanto, sociocultural que ocupo, por isso, saliento essa necessidade de equidade linguística. O que me leva a interessar-me mais pelo sentido da tradução em que essas narrativas se tornem acessíveis mediante processos tradutórios da LSB – LPO. O sentido nessa via de tradução permite visibilidade



e compreensão das enunciações das Pessoas Surdas, pois elas, numa perceptiva discursiva, têm vozes e falas, têm seus próprios discursos, histórias, simbolismos, ideologias, pautas e agendas disponíveis para socialização.

No entanto, quando penso em proporcionar a acessibilidade comunicativa às pessoas ouvintes dos discursos realizados em LSB, além de ter em mente o protagonismo Surdo, estou a observar o perfil multilíngue de nossa sociedade – em que dados do IPEA<sup>7</sup> (2011) apontam para mais de 210 idiomas falados no Brasil, sendo 180 línguas indígenas, 30 falados por comunidades de imigrantes, línguas de sinais, além do português brasileiro e suas variações. É necessário registrar que, quando falamos do português brasileiro, precisamos mencionar com mais preciosidade suas variações, pois os números não são inexpressivos, sem simbolismo, historicidade e ideologia, para que sejam invisibilizados, não contabilizados, omitidos de dados de instituições públicas federais.

Essas variações do português brasileiro são fruto da influência de línguas africanas (GONZALEZ, 1983; MATTOS E SILVA, 2004; LUCCHESI, 2009, 2015; MARIANO, 2018; CERQUEIRA, 2016, 2020; NASCIMENTO, 2019), dentre outros, durante o processo de colonização que massacrou línguas e povos, conforme descreve Cerqueira (2020):

Deste modo, para Mufwene (2016), a colonização europeia, iniciada, no século XV, foi impulsionada por expansão econômica - ainda que sob a ótica de superexploração de terra e de corpos (MBEMBE, 2018) - proveniente de condições climáticas tropicais. Por conseguinte, a colonização teria atuado como fenômeno ecológico de modo a provocar morte de inúmeras línguas, ou linguicídio, nos termos de Rajagopalan (2010), haja vista que a dominação cultural, promovida pela escravização e pelo consequente genocídio de populações africanas e originais, impactou decisivamente na sobrevivência e na vitalidade das línguas hospedadas nos falantes destes povos. (CERQUEIRA, 2020, p. 80)

A Profa. Dra. Fernanda de Oliveira Cerqueira, ao abordar as variações do português brasileiro, no seu artigo intitulado “O português como comunidade de prática: concordância nominal e identidade racial”, assume como ferramenta teórica-metodológica quando relaciona variação ao processo de colonização. Assim, nessa pesquisa que trato de identidades, penso que nesse momento seja necessário dar vasão, ainda que breve, a mais uma face de uma das minhas identidades - a minha implicação enquanto Mulher Negra - no entendimento de que uma pesquisa qualitativa e decolonial

---

<sup>7</sup> Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

é perpassada pela subjetividade (PEREIRA, 2020). Sou Negra, de pele clara, por isso me sinto movida à denúncia do processo de escravidão vivido pelos meus ancestrais, em que

[os] negros brasileiros de hoje são descendentes de africanos que foram trazidos para o Brasil pelo tráfico negreiro. Muitos deles são mestiços resultantes da miscigenação entre negros e brancos, negros e índios. No censo brasileiro, os mestiços são classificados como pardos, mas alguns deles, por decisão política ou ideológica, se consideram negros ou afro-descendentes. (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 18). Lamentavelmente, os sujeitos negros são os que mais têm sofrido por causa das desigualdades raciais e sociais. (COSTA; SANTOS-REIS DA COSTA, 2019, p. 202)

Dentre os negros descendentes de africanos e sobre as variações do português brasileiro, quero mencionar uma comunidade situada na Bahia, e mostrar exemplos da variação encontrada. O pesquisador Victor Cavalcanti Mariano, em sua Dissertação de Mestrado intitulada “Nomes Nus na Posição de Sujeito no Português Afro-Brasileiro”, apresenta a comunidade de Helvécia, ele diz:

A comunidade de Helvécia é um Distrito do Município de Nova Viçosa, que fica ao Sul da Bahia e está localizada a 17°48'27''S de latitude e 39°39'51''W de longitude. Helvécia foi o local de onde, em 1987 e 1994, foram colhidas as amostras de fala que compõem o corpus desse trabalho. O Distrito tem a sua origem relacionada à Colônia Leopoldina, que foi uma colônia de alemães, suíços e franceses, em que, por via da mão-de-obra escrava, se cultivava café. Para entender a história de Helvécia, é preciso remontar que a concessão das sesmarias que compuseram a Colônia Leopoldina foi dada pelo Governo Central em 1818. A partir daí, em um processo rápido, começou-se o cultivo e a exportação do café, além da exploração da mão-de-obra escrava. (MARIANO, 2018, p. 12)

Aqui, cito alguns exemplos de variações do português brasileiro trazidos por Mariano (2018), extraído de um conjunto de inquéritos, mais especificamente o inquérito HV-13, com registros de falas de habitantes de Helvécia/BA:

- i. “Os menino a... d'agora tudo achô coisa bom, meu fi'... achô... Poque mãe d'agora, ela diz: “Ôh, menina, vá fazê isso.”- “Ah, num vô lá não”- E num vai mesmo. – HV-13” (MARIANO, 2018, p. 70).
- ii. “Era... Batia tambô... as mulé sambava lá... – HV-13” (MARIANO, 2018, p. 70).
- iii. “...os pêxe vem [no] fuçá. – HV-13” (MARIANO, 2018, p. 70).

Pode parecer descabido abrir esse grande parêntese para falar sobre escravidão, racismo e variantes do português brasileiro, no entanto, há um ponto em comum entre línguas/comunidades afro-brasileira e línguas/comunidades surdas: as rupturas decorrentes da decolonialidade.

Essa Dissertação não é decolonial apenas no nome. Ela é proposta como um movimento ético, político e teórico inserido numa agenda decolonial, quando assume práticas e postura decolonial. O Prof. Me. Maurício José de Souza Neto (2021) discute “que muitas práticas da educação linguística ao longo dos tempos foram e continuam sendo racistas” (SOUZA NETO, 2021, p. 180).

Com o exposto, não vejo obras que associem problemas enfrentados pelas Pessoas Surdas ao racismo. Porém, ao tomar como referência os trabalhos da Profa. Dra. Fernanda Mota Pereira (2020), quando trata das práticas decoloniais no processo pedagógico, entendo que, quando eu me proponho a falar de Pessoas Surdas, de línguas de sinais e de identidade de gênero, estou a propor rupturas com o narcisismo europeu que a nós - o novo povo dessa terra colonizada, agora chamada Brasil - chegou em forma primeiramente de escravidão, colonização, dizimação de povos e línguas, na imposição - para todos - de uma educação linguística, religiosa, com a imagem de um perfil de indivíduo ideal, por uma visão de mundo eurocentrado. Isso, para Pessoas Surdas, se desdobra na identificação da surdez como patologia; da Libras como língua de status social inferior à língua oral; de cultura surda como subcultura ou simplesmente a inexistência de cultura surda.

Os aspectos acima mencionados, que são questões enfrentadas pelos Surdos, não têm sido associados ao racismo e ao colonialismo europeu. Entretanto, as rupturas movidas por Pessoas Surdas e Comunidades Surdas – seja de forma consciente, seja de forma inconsciente – mediante questionamentos, enfrentamentos e desconstruções dessas formas de ver o mundo, são movimentos decoloniais. Por décadas, as lutas que culminaram no reconhecimento da Libras como língua natural das Pessoas Surdas têm sido frutos de uma agenda decolonial. Outro exemplo de postura decolonial é: quando optamos por aderir à perspectiva socioantropológica ao falar de surdez; quando rompemos com padrões, previamente definidos, para o que deve ser considerado normativo e patológico. Neste caso, aquelas visões clássicas e binárias que estabelecem o ouvido normal e o ouvido patológico.

Para além disso, abordar gênero e identidades é se inserir numa agenda decolonial. Para romper com o patriarcado, com o colonialismo, preciso questionar se parece ser

viável que: Diante da diversidade linguística existente no país, todos os brasileiros seriam capazes de desenvolver uma habilidade comunicativa em LSB? Diante das mais de 210 línguas e das variações do português brasileiro, isso seria viável? Certamente por um olhar ocidental, monolíngue ou apenas bilíngue, fruto da colonização, com visões binárias, essa dinâmica seja inviável. Contudo, uma dinâmica plurilíngue prevê, ainda que parcialmente, a diversidade linguística, como cita a Profa. Dra. Leonarda Jacinto José Maria Menezes:

Na África, independentemente da dimensão geográfica e da densidade demográfica, todos os países são plurilíngues e multiculturais, situação linguística e cultural que decorre de fatores históricos e sociais particulares a cada país. A situação linguística de Moçambique não foge a esse cenário. Assim, em seu território coexistem várias línguas étnicas com a Língua Portuguesa, além de línguas transplantadas por imigrantes que se instalaram no país, diversidade linguística que faz de Moçambique uma sociedade plurilíngue e pluricultural, resultado de convivências com várias etnias, várias línguas e várias culturas. /.../ Fatores históricos, sociais e culturais também devem ser atentados para que os estudos linguísticos realizados no país sejam representativos da realidade local /.../ esta situação de plurilinguismo em Moçambique faz com que se verifique a possibilidade de opção por códigos distintos por parte da população, o que significa que o uso do português acarreta uma escolha significativa, reforçando a posição político-ideológica do indivíduo. As línguas africanas concorrem num mesmo território com as línguas anglófonas ou lusófonas, línguas do ex-colonizador, como é o caso de Moçambique, Angola, Tanzânia, África do Sul, Zâmbia, e outros, dando lugar a situações de plurilinguismo ou multilinguismo. Assim, é importante tecermos considerações teóricas acerca do plurilinguismo, fenômeno linguístico que é observado em Moçambique e em vários outros países africanos. (MENEZES, 2013, p. 1-2)

De acordo com o exposto pela professora moçambicana, entendo que a viabilidade da habilidade comunicativa em LSB por maior número de brasileiros, perpassa por questões ideológicas. Quer dizer, por um olhar decolonial, podemos vivenciar a oportunidade de uma realidade plurilíngue, não apenas em relação a LSB, mas também a todas as demais línguas que habitam nos diversos povos que vivem e constituem o Brasil. Bom, outro dado que importa mencionar, para além da diversidade linguística encontrada no Brasil, é a diversidade sociocultural e linguística entre o contexto do Povo Surdo brasileiro.

O Ministério da Educação<sup>8</sup> constata que mais de 5% da população brasileira possui deficiência auditiva, mas, dentre esses, estão as Pessoas Surdas oralizadas e as sinalizadas. Entendo que as Pessoas Surdas oralizadas são aquelas que adotaram/adotam a metodologia da estimulação da fala e uso de aparelhos auriculares, a fim de estabelecer

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 02 de janeiro de 2021.

a comunicação por meio do uso da modalidade oral da língua, LP. Já as Pessoas Surdas sinalizantes são aquelas que se sentem confortáveis com uso da língua de sinais como sua língua materna ou, ainda que seja a segunda língua, elas preferem a língua de sinais para se comunicar. É importante salientar que, na maioria das vezes, a adoção de uma ou outra forma de uso da língua não é uma escolha aleatória, já que isso pode também estar relacionada ao limiar auditivo e à subjetividade do usuário diante da adaptação a uma ou outra metodologia de estímulo linguístico.

Mas qual seria o impacto sociopolítico e cultural de uma pessoa surda oralizada usar a LSB? Há várias possibilidades pelas quais posso abordar esse assunto. Não obstante, me deterei ainda no viés colonial, em que, por uma defesa da supremacia hegemônica ideal eurocentrada, que busca a “normalização dos corpos surdos” (REZENDE, 2010, p. 36), elege a artificialidade de implantes cocleares e prefere o uso da modalidade de língua de maior prestígio social – a língua oral do colonizador. Em contrapartida, poderíamos vivenciar realidades em que pessoas ou responsáveis que optassem por esse tipo de reabilitação auditiva não fossem estimuladas a se distanciar do uso da LSB, nem da cultura e nem de seus pares Surdos. Desta forma, Rezende (2010), emite críticas que denunciam o prejuízo do implante como ferramenta de normalização de seus pares Surdos, da patologia como invenção para minorizar o outro, que é diferente do supostamente ideal/normativo:

Há tantas pesquisas, teses e dissertações produzidas pelos médicos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, psicólogos e outros tantos profissionais que exaltam os benefícios do implante coclear. E todas são discursos científicos. Dessa forma, entendo que a surdez seja uma invenção da medicina, dos discursos científicos, de uma história fabricada e inventada pelos saberes médicos. Essa discussão será explicitada no primeiro capítulo desta tese: A invenção da surdez pela medicina. (REZENDE, 2010, p. 36-37)

Desta forma, o percentual de Pessoas Surdas sinalizantes, encontra-se abaixo de 5% da população, daquele total de deficientes auditivos, informados pelo Ministério da Educação. Com essa estratificação multilíngue e multimodal, que não é plurilíngue, torna-se improvável que mais de 95%<sup>9</sup> da população brasileira correspondam à necessidade de interação social e linguística junto às Pessoas Surdas, tendo em vista que ainda não temos o estímulo de uma dinâmica social plurilíngue e decolonial.

---

<sup>9</sup> Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33784#:~:text=O%20Dia%20Nacional%20do%20Surdo,Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Surdo%20\(Ines\).](http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33784#:~:text=O%20Dia%20Nacional%20do%20Surdo,Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Surdo%20(Ines).) Acesso em: 02 de janeiro de 2021.

Em nossa contabilização de línguas de sinais, a qual destoa dos dados do IPEA (2011), documenta-se até o momento 13 línguas sinalizadas. Essa assertiva está baseada nos dados de Silva e Quadros (2019), como mostro abaixo:

**Quadro 1.** Línguas Brasileira de Sinais

<i>LÍNGUA DE SINAIS</i>	<i>PESQUISADOR(A)</i>
<i>LSB</i>	(FERREIRA-BRITO, 1984)
<i>Língua de Sinais Urubu – Kaapor</i>	(KAKAMASU, 1968), (FERREIRA – BRITO, 1984)
<i>Língua de Sinais Sateré-Waré</i>	(AZEVEDO, 2015)
<i>Língua de Sinais Kaingang</i>	(GIROLETTI, 2008)
<i>Língua de Sinais Terena</i>	(VILHALVA, 2012), (SUMAIO, 2014)
<i>Língua de Sinais Guarani -Kaiowá</i>	(COELHO, 2011), (VILHALVA, 2012), (LIMA, 2013);
<i>Língua de Sinais Pataxó</i>	(DAMASCENO, 2017)
<i>Cena</i>	(PEREIRA, 2013);
<i>Acenos</i>	(CERQUEIRA; TEIXEIRA, 2016),
<i>Língua de Sinais da Fortalezinha</i>	(CHARLIEZ; FORMIGOSA; CRUZ, 2016)
<i>Língua de Sinais de Ilha do Marajó</i>	(MARTINOD, 2013), (FORMIGOSA, 2015), (FUSILIER, 2016)
<i>Língua de Sinais de Porto de Galinha</i>	(CHARLIEZ; FORMIGOSA; CRUZ, 2016)
<i>Língua de sinais de Caiçara</i>	(TEMÓTEO, 2008)

**Fonte:** Dados extraídos de Silva e Quadros (2019)

Assumo junto a Quadros e Karnopp (2004) que as línguas de sinais são línguas de modalidade visuo-espacial, capazes de identificar indivíduos que compartilham de experiências linguísticas e visuais quanto ao uso da língua de sinais como primeira língua. A concepção de língua que adoto, ao falar dessas variedades de línguas de sinais detectadas, descritas, catalogadas por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, e reunidas e apresentadas por Silva e Quadros (2019), é de língua como “um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários, caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade e transmissão cultural”, em que estas se apresentam com a função de “comunicar sentimentos e emoções” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 28).

Para além da adoção que descrevi anteriormente, considero que a língua permite interlocuções simplórias em comunidades ainda menores, como o uso de “bate-papo” e “as pequenas frases do dia-a-dia” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 29). Em suma, independentemente da quantidade de usuários de dada língua de sinais em uma comunidade linguística, considero o meio de comunicação utilizado, como uma língua efetiva. Infelizmente, mesmo diante dos descentramentos, aberturas e complexidades que

fazem parte do pensamento no século XXI, as línguas de sinais ainda têm buscado e continuam buscando espaços de reconhecimento social. Apesar das “conquistas mencionadas, ainda nos dias atuais a Libras [as línguas de sinais] é facilmente colocada sob a suspeita de não ser uma língua assim como a língua portuguesa” (SILVA; QUADROS, 2019, p. 22114, *grifo nosso*); não apenas a Libras, mas também as demais línguas de sinais mencionadas no Quadro 1.

Aqui, se faz importante mencionar a distinção que faço entre Língua de Sinais Brasileira e línguas brasileiras de sinais. No primeiro caso, estou a me referir a LSB, e no segundo, refiro-me a todas as outras 12 línguas descritas no Quadro 1: Línguas brasileiras de sinais, que não são variantes da LSB, mas línguas autônomas como mostro abaixo:

Para além dos empréstimos, uma outra reação consequente ao contato da Cena com a Libras é o comportamento negativo incorporado pelos próprios surdos da Várzea em relação ao código que eles mesmos desenvolveram. E isso nos faz lembrar as palavras de Saussure (1916 [2008], p. 86-87) quando diz que todo falante está satisfeito com a língua que tem, e por isso, não pode ter comportamentos negativos em relação à única língua que possui, como por exemplo, não querer falá-la. No entanto, os surdos nos reportam de que o ensino de Libras na comunidade muitas vezes foca aspectos não prioritários como, por exemplo, asseverar que os sinais da Cena são errados, feios, e a Libras seria a língua correta, ou ainda, reforçar o estigma de que a Cena seria ineficiente para a comunicação já que não dispunha de um léxico extenso como o da Libras, o que já explicamos em parágrafo acima. Durante a nossa segunda visita à comunidade, desenvolvemos em conjunto com os surdos pesquisadores uma ‘Oficina de Libras x Cena’, buscando mostrar para a comunidade local que a língua deles é em muitos aspectos traduzível para a Libras, fazendo inclusive jogos do tipo: Como diríamos isto em Cena? e Como seria em Libras? (ALMEIDA-SILVA; NEVINS, 2020, p. 1040-1041).

Com base nesse acervo que mostra variedades de línguas brasileiras de sinais, compreendo que a complexa sociedade brasileira não tem participação efetiva na rede comunitária das Pessoas Surdas, assim como não tem participação nas redes comunitárias dos povos originários, e em todas as comunidades surdas que usam as 13 diferentes línguas de sinais catalogadas até o momento, também no uso das variantes por português brasileiro e das línguas de imigrantes. Assim, justifico a necessidade de os tradutores/as de LSB – LPO estabelecerem a comunicação entre Pessoas Surdas e pessoas ouvintes na LSB, que é a língua de maior circulação social no território nacional.

Os tradutores/as têm a regulamentação profissional por meio da sanção da Lei nº 12.319/2010:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Art. 3º (VETADO)

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. (BRASIL, 2010, Art. 1º a 4º)

A Lei citada acima trata de pontos importantes para a garantia da permanência do serviço de tradução, como a regulamentação do exercício profissional e a formação profissional. No entanto, os vetos da Lei fragilizaram o exercício profissional dos tradutores/as. Quando o Artigo 3º, que abordava a formação profissional do tradutor/a de LSB em nível superior, foi vetado, deixou em vigor a incompletude da formação profissional expresso no Artigo 4º, o qual descreve que “[a] formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa” se dá apenas “em nível médio”. Os vetos abriram precedentes para baixa qualidade no processo formativo dos tradutores/as, incorrendo em problemas teóricos, metodológicos, práticos, financeiros e de carreira.

Como os contextos de empregabilidade para serviços de traduções, na sua maioria, são em escolas, universidades públicas, faculdades e eventos acadêmicos – contextos de nível superior ou que necessitam de nível superior para garantir a qualidade na atuação profissional –, identifiquei incompatibilidades quanto à titulação entre tradutores/as e docentes/palestrantes, e conseqüentemente *know-how* para elucubrações dialógicas, discursivas e filosóficas necessárias nos processos tradutórios. Além disso, é claro que o nível formativo vai implicar diretamente na baixa remuneração salarial e na permanência desses profissionais nessa área profissional.

Quanto aos espaços de empregabilidade para serviços de tradução, é certo que as implementações do Decreto nº 5.626/2005, que – “[r]egulamenta[m] a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o Art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000” – garantiram, obrigatoriamente, vagas para docentes de Língua de Sinais Brasileira em todas as Instituições de Ensino Superior, quer públicas quer privadas. Essas vagas são ocupadas não apenas por pessoas ouvintes, mas prioritariamente por docentes Surdos, com formação *lato e stricto sensu*. Com efeito, retomo a citação acima quanto ao veto do Artigo 3º, que extinguiu a formação de tradutores/as em nível superior: questiono como essa categoria profissional poderá assistir



aos docentes Surdos em nível superior, se a formação em nível superior não é requisito para atuação profissional? Além dos docentes Surdos, há os estudantes Surdos que diá-pós-dia têm ingressado no ensino superior, em diferentes cursos de diferentes áreas da graduação e pós-graduação. A demanda de profissionais para atender o serviço de tradução no nível superior é real, porém essa é uma conta que não fecha, podendo desencadear inúmeros problemas tanto para docentes quanto para os estudantes Surdos e para os tradutores/as. Surdos e tradutores/as, por meio dos vetos, foram colocados em contextos absolutamente desfavoráveis.

Para mostrar a indispensabilidade do investimento em formação de nível superior, trago dados da pesquisa de Chaibue e Aguiar (2016), realizada com tradutores/as, em que 70% dos entrevistados relataram dificuldades para realizar o serviço de tradução LSB – LPO. Entendo que esses dados se relacionam diretamente com a formação. Isso é complexo, considerando que os informantes relataram dificuldades na realização da tradução para a sua primeira língua. Nessa complexidade, acredito que esse problema poderia ser resolvido se houvesse uma revisão quanto ao veto do Artigo 3º.

Com isso, a fim de colaborar com essa demanda e/ou lacuna, tanto nos Estudos da Tradução quanto na formação profissional LSB – LPO, esta pesquisa, de maneira complexa, condensada, multifacetada e multi-metodológica busca apresentar estratégias linguísticas capazes de sugerir subsídios para os momentos de tradução LSB – LPO com identidades de Surdos, Surdos Gays, Surdos Gays Efeminados e Surdos Gays que fazem performance artística Drag Queen. Certamente, essa pesquisa apontará caminhos para atividades tradutórias igualmente complexas e/ou com nível de complexidade mais simplificada.

É necessário lembrar que essa modalidade de tradução requer automatizações quanto às competências tradutórias, haja vista que os contextos de tradução simultânea exigem compreensão do discurso e tomadas de decisões, que apresentem, em frações de segundos, escolhas linguísticas na língua, cultura e gramática da LP. No caso, o valor das vozes (enunciador/a e tradutor/a) e o valor simbólico das imagens drag devem ser postas, em frações de segundos, na estrutura fonético-fonológica, morfossintática, semântico-pragmática, discursivo e prosódica do português brasileiro e nos valores socioculturais das pessoas ouvintes do Brasil.

Para explorar o tema de pesquisa, busco, entre o Povo Surdo brasileiro, complexidades quanto aos atos discursivos que são específicos das minorias linguísticas ainda mais fragmentadas. Há pesquisas baianas que tratam de comunidades linguísticas

de Surdos Indígenas, conforme discutido em Damasceno (2017), bem como pesquisas com enfoque nos Surdos Negros, conforme apresentado por Ferreira (2018). Preferi, porém, olhar para as Comunidades de Pessoas Surdas LGBTTTQIA+, pouco estudadas até então, não apenas na Bahia, mas no Brasil. E, dentre esses, fiz outros recortes, como: Surdos Gays, mais especificamente Gays que performam estereótipo atribuídos socialmente ao feminino, e dentre esses, aqueles que fazem performances artísticas Drag Queen.

A motivação que me orientou na escolha desse recorte foi, primeiramente, a relação que tenho com Pessoas Surdas desde minha alfabetização; em segundo lugar, a necessidade, enquanto profissional do meio, interessada nos Estudos Surdos e Estudos da Tradução, junto à necessidade de representar - com qualidade técnica-científica-prática e acadêmica - a nossa área de estudo e de empatia; em terceiro lugar, certamente a feminilidade, delicadeza e o lado “frufu<sup>10</sup>” que vejo nos sujeitos efeminados, dialogam comigo, enquanto mulher, feminina e absolutamente frufu<sup>11</sup>. Desta forma, enquanto tradutora ouvinte, que desde sempre teve mais afinidade e facilidade nessa modalidade de tradução, LSB-LPO, esse estudo se tornou interessante e aprazível.

Se faz necessário relatar que diferencio a performance artística Drag Queen da identidade de gênero de Gays Efeminados, conforme apresento a seguir um excerto de um trabalho feito por mim em parceria com meu orientador Prof. Dr. Danniell da Silva Carvalho:

a performance da expressão artística drag queen não é consequência de uma identidade de gênero, muito menos de gays efeminados. No entanto, a *persona* da personagem da artista selecionada epitomiza a identidade supramencionada. A escolha da *persona* efeminada, estereotipificação do argumento essencialista

---

<sup>10</sup> Conceito extraído a partir de ‘*Transgender and Language: a review of the literature and suggestions for the future*’, de Dom Kulick, o qual tratou da obra de Anna Livia - “*Queerly Phrased*”. ‘Outra pesquisadora que explorou a relação entre a língua transgênera foi Anna Livia. Em suas contribuições para os volumes: “Gênero e Articulação da Fala” e “Frases Frufus”, Livia examina as maneiras pelas quais as diferentes formas de masculinidade e feminilidade são construídas por meio da língua’ (KULICK, 1999, p. 612, tradução minha). Texto original: “Another researcher who has explored the relationship between language and transgenderism is Anna Livia. In her contributions to the volumes *Gender Articulated* and *Queerly Phrased*, Livia examines the ways in which different forms of masculinity and femininity are constructed through language”.

<sup>11</sup> Substantivo, que na minha interpretação tem o sentido de expressar doçura, delicadeza, movimento e fragilidade feminina empregada na fala de gays efeminados. Esse conceito faz aproximação com a descrição de Kely, descrita em seu blog como: “Frufu feminino: Ah!!!! Que mulher que não gosta de detalhes, enfeites, decoração? Quem não fica feliz com algo novo que deixa sua casa ou você mesma linda e charmosa? Somos assim: femininas, dóceis e cheias de “frufu”. Adoro essa expressão, que no dicionário informal explica que é esse misturado todo que ninguém sabe o que é, mas ao mesmo tempo sente. Já o formal indica a palavra frufu como: Ligeiro ruído produzido pelo atrito de folhas ou de roupas. Para mim a melhor definição ainda é frescura; essa “coisa” delicada que tanto gostamos que nos permite ser femininas”. Disponível em: <https://www.kelypelomundo.com/beleza-e-moda/>. Acesso em: 07 jan. 2022.

da identidade feminina, pois remete às características atribuídas às mulheres como parte de uma essência natural – fraqueza, irracionalidade, dependência, afetividade etc. (YANNOULAS, 1992, 2011) –, foi feita por ser característica *queer* da arte drag queen, causando maior estranhamento. (SANTOS-REIS DA COSTA; CARVALHO, 2021, p. 161-162)

Ademais, entendo que a performance Drag Queen é um movimento artístico (COHEN, 2002; RAMIREZ, 2017), que pode ser feito por Gays Efeminados ou não, tanto pessoas cis como transgênero. A performance, enquanto arte cênica, ao invés de encontrar limites, estabelecidos por gênero, rompe com toda e qualquer fronteira. Desta forma, estou a debruçar-me em processos de tradução que levem em conta as performances Drag Queen. No entanto, realizadas por pertencimentos identitários que interrelacionam Pessoas Surdas e Surdos Gays.

## 1.2 A PESQUISA

A variação de estilo de fala encontrada na performance drag foi a escolha que fiz, pois apresenta um recorte com complexidades de atos discursivos, o que envolve o valor das vozes (enunciador/a e tradutor/a) e o valor simbólico das imagens drag. Esse alto nível de complexidade de variação estilística pode apresentar maior intensidade de exemplos para intervenções tradutórias. Penso que, quanto mais soluções eu puder sugerir para o processo de tradução, maior será o ganho de todos os implicados nesse campo de estudos. Essa é a recompensa ao trabalhar com a Sociolinguística de Terceira Onda e a Sociolinguística Discursiva, pois, além do ganho para os Estudos da Tradução, estou a oferecer destaque para esse grupo de Pessoas Surdas, no qual pesquisas acadêmicas dedicam escassos trabalhos no tocante às identidades de gênero.

Os primeiros passos para a proposta da relação dos Estudos da Tradução com imagens e vozes de Gays Surdos teve sua gênese a partir da minha inserção no Grupo de Pesquisa “A Sintaxe *Phi* das Línguas Naturais - PHINA”, do Instituto de Letras da UFBA, em 2017. Na ocasião, tive a oportunidade de assistir a uma apresentação em um dos seminários do grupo de pesquisa, em que o líder/coordenador desse grupo, Prof. Dr. Danniell da Silva Carvalho, apresentava dados do seu projeto de pesquisa, intitulado “A língua na diversidade: um estudo sociolinguístico de gays soteropolitanos”. No projeto, o Prof. Danniell tratou das variações linguísticas de uma comunidade de prática de gays,

ouvintes, soteropolitanos. Após esse período, desenvolvi algumas atividades, incluindo um projeto piloto com Pessoas Surdas LGBTTQIA+. Isso me fez vislumbrar a possibilidade de investigar e descrever a heterogeneidade do fenômeno das variações linguísticas de uma comunidade de prática de Surdos LGBTTQIA+ da cidade do Salvador/BA.

Sobre as características das comunidades de prática, Wenger (1998) diz que se referem aos contextos que convidam os participantes às interações nas experiências pessoais por meio de práticas colaborativas em torno de uma busca, pauta ou causa em comum. Essas interações são promovidas por indivíduos que possuem identificações e interesses mútuos. Algo os une a determinado propósito. Afinidades por múltiplos interesses não são a base do conceito de comunidade de prática, um único interesse em específico é suficiente para considerá-los como uma comunidade de prática, com engajamento por interesse mútuo. Embora Wenger (1998) trabalhasse com o conceito de comunidade de prática há mais tempo do que Eckert e McConnell-Ginet (2010), essas últimas autoras adotam uma perspectiva de abordagem em Sociolinguística com estudos de gênero.

Antes de ir além nos estudos de gênero, lembro que Mollica (2008) declara que as línguas – nisso, devem-se incluir as línguas orais-auditivas e as línguas viso-espaciais, por se tratarem de línguas naturais - “apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”, a distinção entre as línguas está “semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discurso” (MOLLICA, 2008, p. 9). Esse fenômeno variacional que dá sentido às unidades linguísticas de cada língua é indispensável às reflexões para o desempenho tradutório, pois os valores nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e léxico-semântico da LSB são diferentes desses mesmos valores em LPO.

A fim de entender o entremeio da variabilidade linguística de estilo de fala drag e sua implicação no ato tradutório, busco diálogos com diferentes campos disciplinares. A partir da grande área na qual considero que essa pesquisa é inserida, que é nos Estudos da Tradução - linha de pesquisa na qual essa Dissertação foi apresentada -, tendo ela como meu Nordeste<sup>12</sup>, busco aproximações com os Estudos de Gênero, Sociolinguística de

---

<sup>12</sup> De maneira genérica nossa sociedade tem usado o termo nortear para significar – o ponto de referência no alcance do objetivo. Numa abordagem em Linguística Aplicada, autores/as, a exemplo de Sousa e Matos (2021), têm usado o termo sulear contrapondo os valores ideológicos implícitos no termo nortear - referente a produções do eixo euro-norte-americano. Assim, para não ser conservadora e não adentrar em mais um campo disciplinar, preferi adotar o termo que diz respeito aos meus valores socioculturais e ideológicos que

Terceira Onda, Sociolinguística Discursiva, Análise de Discurso Francesa-Brasileira e Filosofia Pós-Estruturalista para dar conta do objeto de estudo, que é a variação estilística na tradução do discurso de Gays Surdos em performance artística Drag Queen. Por isso, tomei nessa análise os estudos de Variação Sociolinguística por Tarallo (1986), Labov (2008) e Mollica (2008); Sociolinguística e Tradução por Pergnier (1972); Sociolinguística de Terceira Onda por Eckert e McConnell-Ginet (2003) e Veloso (2014; 2016); Sociolinguística Discursiva com variação em estilo por Metzger e Bahan (2001) e Irvine (2001); Identidade de Gênero por Butler (2003); Carvalho (2016; 2017; 2018; 2019; 2020) e diferentes colaboradores; estudos sobre Gays Surdos Efeminados por Michaels (2015) e Oliveira (2017).

Contudo, entender o valor das vozes (enunciador/a e tradutor/a) e o valor simbólico das imagens drag na mente do tradutor/a, e suas implicações no processo tradutório quando estão em jogo atos discursivos por vozes e imagens de Surdos Gays em performances artísticas Drag Queen, se tornou a grande questão de pesquisa. Assim, amparada no método indutivo (MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008), tendo em vista a discussão apresentada nessa seção, formulei a seguinte hipótese:

- Se a tradução LSB – LPO é complexa, então é provável que associar Estudos de Tradução aos Estudos de Gênero e Estilo - Estudos Sociolinguísticos correntes - oferecerá soluções na tradução com vozes e imagens em atos discursivos de Gays Surdos em performances artísticas Drag Queen.

Defini como objetivo geral verificar se os Estudos de Tradução associados aos Estudos Sociolinguísticos correntes podem auxiliar o afã tradutório na percepção do valor estilístico presente no discurso, vozes e imagens, da arte drag da performista surda Kitana Dreams.

Quanto aos objetivos específicos os delimito da seguinte forma:

- Abordar a associação entre os Estudos de Tradução e os Estudos de Sociolinguísticos correntes quanto à variação em estilo de fala;

---

é - Nordeste. No caso, o ponto de referência que quero dar visibilidade, no caso dessa produção em tradução com línguas sinalizadas, é o Nordeste.

- Identificar no arcabouço teórico de Michaels (2015) e Oliveira (2017) o fenômeno linguístico reconhecido na sinalização de Surdos Gays Efeminados;
- Explicar o valor das vozes (enunciador/a e tradutor/a) e o valor simbólico das imagens drag empregadas na enunciação.
- Apresentar três técnicas de traduções - reelaboração, tradução livre e retradução – que tratem do valor da variação linguística, do significado social da variação, estilo de fala drag e identidade com foco em Surdos LGBTTTQIA+ na performance de padrões de feminilidade que possam colaborar no afã tradutório, quando no processo tradutório estiverem em jogo sujeitos discursivos Surdos Gays em performances artísticas Drag Queen.

Como fonte de dados para a investigação adotei como Etapas do Estudo as seguintes fases:

**Quadro 2.** Etapas do Estudo

<b>FASES DO ESTUDO</b>	<b>AÇÕES</b>
<i>Fase 1: Observação dos fenômenos</i>	<b>i)</b> Identificar a aproximação entre os Estudos de Tradução associados aos Estudos de Sociolinguísticos correntes com variação em estilo de fala.
<i>Fase 2: Descoberta da relação</i>	<b>i)</b> Explicar fenômenos linguísticos encontrados nas falas de Surdos Gays Efeminados. <b>ii)</b> Explicar o valor das vozes (enunciador/a e tradutor/a) e o valor simbólico das imagens drag empregadas na enunciação característicos de Gays Efeminados em performance artística Drag Queen.
<i>Fase 3: Generalização da relação:</i>	<b>i)</b> Apresentar propostas de traduções LSB – LPO para Gays Surdos em performance artística Drag Queen, fundamentadas na variação linguística, no significado social da variação e estilo de fala drag, símbolos de comunidades de prática Gays Efeminados ouvintes.

**Fonte:** A autora (2021)

Para as análises, escolhi um vídeo intitulado “Me conhecendo melhor”, da Drag Queen Surda Kitana Dreams. O material é aberto, de acesso público, e está disponível na plataforma digital YouTube. O vídeo tem a duração de 12’20” (doze minutos e vinte segundos), e foi publicado na plataforma no dia 25 de abril de 2018.

### 1.3 CONTEXTO DA PESQUISA QUANTO À ADOÇÃO METODOLÓGICA

Até as primeiras semanas de março de 2020, o projeto de pesquisa contemplava uma pesquisa de campo, que daria continuidade à experiência obtida no Projeto Piloto, o qual foi citado anteriormente. Naquele mês, em que organizava o projeto de pesquisa para submeter ao Comitê de Ética, meu objetivo era examinar as estratégias utilizadas pelos tradutores/as de Libras do NAPE - Núcleo de Apoio à Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais, da Universidade Federal da Bahia - diante das situações de traduções da LSB-LPO, com discursos de Surdos Gays. No entanto, dois fatores contribuíram para que eu tivesse como única alternativa uma pesquisa que buscasse materiais de acesso público expostos na internet. Os fatores foram: os desdobramentos do contexto político brasileiro ocasionados pelas eleições de 2018, o qual observei que dia-após-dia interviu nas relações sociais ao longo de 2019, progredindo exponencialmente em 2020, e a crise sanitária mundial da Covid-19. A seguir, trato de explicar esses dois fatores.

#### 1.3.1 Limitações para realização de pesquisa de campo

Durante a tessitura do Projeto de Pesquisa para submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, considerei que as relações comunitárias na Comunidade Surda entre os anos de 2017, em que realizei o Projeto Piloto, e 2020, ano em que realizei a matrícula no PPGLINC como aluna regular, não foram as mesmas. Percebi que os desdobramentos do contexto sociopolítico brasileiro, após os resultados das eleições para presidência da república em 2018, dificultariam a realização da pesquisa de campo, pois com o passar dos dias, a polaridade política que se estabeleceu no Brasil afetou as relações sociais dentro da Comunidade Surda, trazendo sérias rupturas, o que, no meu ponto de vista, dificultaria as interlocuções necessárias para realização da pesquisa de campo.

Para me fazer entender, achei elementar mostrar minha perspectiva quanto a esse contexto das/para as eleições do ano de 2018 e os desdobramentos a partir de 1º janeiro de 2019 - dia da alternância de presidentes no Brasil - até as primeiras semanas de março de 2020 - época da elaboração do Projeto de Pesquisa.

Considero que, até o ano de 2018, antes do início da campanha eleitoral, genericamente, era notória a unidade comunitária, entre os pares Surdos, Surdos e ouvintes, com mobilizações sociais a favor de agendas educacionais e acessibilidade linguística. Por outro lado, é certo que havia tensões políticas travadas desde o manifesto da Comunidade Surda, ocorrido entre os dias 19 e 20 de maio de 2011, na ocupação em frente ao Planalto Nacional, em Brasília, na defesa da Escola Bilíngue para Surdos. Esse evento, ocorrido em 2011, foi oriundo de mobilizações políticas da Comunidade Surda brasileira, com destaque à Figura 1 a seguir, a qual retrata a ocupação de militantes Surdos numa madrugada de um dos dias do manifesto.

**Figura 1.** Vigília com velas



**Fonte:** Foto de Diogo Madeira. Feneis (2011)

Entendo que o ranço que culminou no contexto político para/das eleições de 2018 surgiu a partir da necessidade de existência da produção e publicização da “Carta aberta dos doutores Surdos ao Ministro Mercadante - Carta aberta ao Ministro da Educação”. Essa carta tratou da proposta de Educação Bilíngue de/para Surdos. Nesse documento, encontramos a materialização dos discursos do Povo Surdo, com a intensão de garantir para si espaço de acessibilidade linguística e inclusão educacional. Alguns fragmentos das 08 páginas que compõem a Carta ao Ministro da Educação apresentam a seguinte defesa:

escrevemos essa carta, juntos, para dizer-lhe, respeitosamente, mas com a ênfase necessária à gravidade que o tema exige, que suas falas não têm fundamento científico ou empírico, conforme mostram nossas próprias pesquisas e as de um sem número de outros pesquisadores brasileiros. Várias pesquisas mostram que os surdos melhor incluídos socialmente são os que estudam nas Escolas Bilíngues, que têm a Língua de Sinais Brasileira, sua



língua materna, como primeira língua de convívio e instrução, possibilitando o desenvolvimento da competência em Língua Portuguesa escrita, como segunda língua para leitura, convivência social e aprendizado /.../ Dói-nos verificar que esses espaços de aquisição linguística e convivência mútua entre os pares falantes da língua de sinais têm sido rotulados de espaços e escolas “segregacionistas”. Isso não é verdade! Escola segregacionista e segregadora é a que impõe que alunos surdos e ouvintes estejam no mesmo espaço sem que tenham as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento. O fato de os alunos surdos estudarem em Escolas Bilíngues, onde são considerados e aceitos como uma minoria linguística, não significa segregar. A Libras é a primeira língua da maioria dos surdos brasileiros e não uma língua falada apenas por pessoas “deficientes” /.../ A postura segregadora não parte de nós, mas dos que não aceitam nossas especificidades e necessidades. Essa postura é tão inaceitável linguisticamente, antropológicamente, filosoficamente, quanto dizer que as línguas dependem das raças ou do clima. Insistimos, portanto, em que as escolas que oferecem um ensino bilíngue para crianças e jovens surdos se baseiem não na deficiência, mas na língua de sinais, uma língua plenamente acessível para todos os que têm a visão como principal via de acesso comunicativo, informacional e instrucional. (CAMPELLO *et al*, 2012, p. 1-2)

Pelo exposto, fica evidente, para mim, que sempre houve conflitos quanto ao espaço educacional para as Pessoas Surdas, como também aponta a Profa. Dra. Flaviane Reis:

Há disputas e conflitos dentro do espaço educacional referente aos surdos, porque a escola para surdos está habituada à cultura ouvinte que não utiliza o currículo das manifestações das culturas surdas. Então a cultura é o principal campo ‘de briga’ em torno da formulação e da fixação de significados sobre as identidades surdas, pedagogia surda e língua de sinais. (REIS, 2006, p. 70).

A negação dos direitos linguísticos, do ensino mediado pela língua de sinais, sempre foi um tema reclamado pelos Surdos. As inovações que ocorreram no cenário político e educacional para as Pessoas Surdas por meio dos dispositivos legais – Lei nº 10.436/2002, Decreto nº 5.626/2005 e a Lei nº 13.319/2010 – não se mostraram suficientes para eles. Parece-me que os embates e conflitos junto ao Ministério da Educação em prol do Modelo Educacional para esses sujeitos – tanto na gestão do Ministro Aloizio Mercadante Oliva, quanto na gestão do Ministro Fernando Haddad – causaram traumas, de abrangência comunitária, devido às experiências dolorosas dessas lutas e conflitos. Suas pautas foram desgastadas, apesar de sua legitimidade. Mesmo quando êxitos foram logrados no final das negociações, não foram o bastante para o estabelecimento de um ambiente amistoso entre Povo Surdo, Comunidade Surda e Governo Federal.

Esses desgastes vieram para uma grande maioria dessa comunidade de fala como rejeição à sua língua, cultura e história, e não como passos, na arte da guerra, para conquistas e vitórias, levando em consideração que esses eventos se constituem em lutas

sociais dentro de conjunturas políticas. Em paralelo a esse ambiente de dor e desgaste no seio da Comunidade Surda, acontecia as manifestações para o Golpe Político de 2016 (PRONER *et al.* 2016; PRONER *et al.* 2017; RAMOS *et al.* 2017; SOUZA, 2017; SOUZA, 2018; JINKINGS; DORIA; CLETO, 2018; NUNES, 2019).

O Golpe Político retirou da Presidência da República Federativa do Brasil a economista reeleita democraticamente por meio do voto, Dilma Vana Rousseff. O estereótipo de mulher da bacharela em Ciências Econômicas (UFRGS)<sup>13</sup> não dialogava com o estereótipo de gênero atribuído genericamente às mulheres, como: fragilidade, recato e submissão. Uma mulher, em lugar de poder, até serviria no governo, desde que, essa pudesse colaborar na disfarçada imagem aprazível de representatividade; sendo que na verdade, essa imagem não passasse de *token* vulnerável à influência e manipulação, flexível o bastante para servir aos interesses políticos, econômicos, patriarcais, misóginos e coloniais. Não obstante, o perfil psico-sócio-emocional e comportamental da Presidenta Dilma Vana Rousseff contrapunha afrontosamente a esses ideais, como também ao de governante “homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/europeu” (BALLESTRIN, 2013, p. 102), bem como a reproduções de padrões hierárquicos hegemônicos.

A Presidenta reeleita democraticamente, Dilma Vana Rousseff, pertencia ao mesmo partido político que protagonizou o embate com a Comunidade Surda, em maio de 2011. Com a retirada forçosa da Presidenta, os discursos de “extrema” direita para as eleições de 2018 encontraram, na imagem de Michelle de Paula Firmo Reinaldo Bolsonaro a possibilidade de um governo que atendessem à máxima dos discursos Surdos, qual seja: “Nada sobre nós, sem nós”.

Nesse espaço fragilizado, a figura de Michelle Bolsonaro, que foi apresentada<sup>14</sup> como “esposa do capitão reformado”, alguém que “concluiu seus estudos em escola” e “trabalhou como secretária parlamentar entre os anos de 2004 e 2008 na Câmara dos Deputados” e que “atuava como intérprete de Libras nos cultos” de igreja evangélica, surgiu como um perfil acessível, capaz de mediar interesses diversos de variadas camadas sociais, especialmente de Pessoas Surdas e de pessoas ouvintes de Comunidades Surdas.

---

<sup>13</sup> Informação disponível na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1357261451494509>. Acesso em 27 jan 2022.

<sup>14</sup> Adotei as informações apenas do Wikipedia - com acesso em 27 de dezembro de 2020 - pois não encontrei dados em outras plataformas digitais como, Plataforma Lattes, Escavador, ResearchGate ou Blog pessoal.

Para falar de postura de mulher aprazível a interesses políticos, trago Lidineia Alves Cerqueira Barreiros (2020) que faz a seguinte reflexão sobre Michele:

Durante a campanha presidencial, o então candidato, Jair Bolsonaro, postou na sua rede social (Twitter e posteriormente no *YouTube*) um vídeo da sua esposa parabenizando em Libras os Surdos pelo Dia Nacional do Surdo que é comemorado no dia 26 de setembro e agradecendo as orações pela recuperação dele e finaliza dizendo que continuará lutando pela comunidade surda. Outra condição de possibilidade para a irrupção desse acontecimento temos uma reunião de alguns representantes conhecidos nacionalmente e ativistas da comunidade surda com o referido candidato e sua esposa, na residência deles (naquele momento no Rio de Janeiro), no qual ele assinou um termo de compromisso com 17 medidas que caso fosse eleito seriam implementadas. Esta reunião teve muita repercussão e a partir daquele momento deu-se início, ou pelo menos ficou notória, a polarização política na comunidade surda brasileira entre os favoráveis e os contrários ao referido candidato (BARREIROS, 2020, p. 96-97).

A imagem de Michele, como mulher ideal, esposa adjutora, acessível e caridosa, mediante ao vínculo eclesial, associada à voluntariedade com pessoas em situação de vulnerabilidade, moveu a opinião pública (CHARAUDEAU, 2016) de membros da Comunidade Surda, causando rupturas e polarizações nesse meio comunitário. A exposição daquela que poderia vir a ocupar o cargo de Primeira-dama do Brasil em apoio aos Surdos desfez com a necessidade de apresentação de histórico pessoal e público, que evidenciasse participação junto aos movimentos sociopolíticos dos Surdos a favor de seus interesses educacionais e sociais, bem como comprovação de Exame de Proficiência em LSB promovido pelo Ministério da Educação ou qualquer outra certificação na área.

A cônjuge do presidenciável, ao apresentar uma imagem dada a iniciativas inclusivas, como cita Barreiros (2020), fomentou a polarização dentro da Comunidade Surda. Sua imagem, na campanha política, esteve vinculada à Professora Surda Priscilla Roberta Gaspar de Oliveira, apresentada, pelo Jornal O Globo, como a amiga de Michele. Mais tarde, após a posse presidencial, Priscilla de Oliveira se tornou a primeira Surda nomeada para a gerência de uma pasta no Governo - Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Ainda é importante salientar que a crescente visibilidade para a língua de sinais, no decorrer das eleições, alcançou seu cume no inusitado discurso em LSB no Parlatório do Palácio do Planalto, na posse presidencial em 1º de janeiro de 2019:

Durante o discurso Michelle se apresenta como ativista não somente da comunidade surda [mas] das pessoas com deficiência, enunciado ratificando na entrevista na qual complementa que apoiará também as pessoas com síndromes raras e suas famílias. A partir da sua posição de destaque demonstra-se preocupada e engajada socialmente, cedendo espaço para aqueles que não

têm, que são invisíveis para a sociedade, provocando assim, um disciplinamento do eu e do outro que se identifica com tais ações. (BARREIROS, 2020, p. 100)

Junto a Michele, em 1º de janeiro de 2019, estive Sandro Santos, Surdo e Negro (identidades que, em tese, representam inclusão de minorias linguísticas e étnico-raciais) na interpretação em LSB do Hino Nacional Brasileiro. Após esse evento de posse presidencial, houve a nomeação de Pessoas Surdas para pastas no Governo Federal. Isso mostrou que o espaço para as pautas das Pessoas Surdas estava favorável, e não seriam necessárias tensões políticas para conquistá-las.

No meu entender, esse novo contexto político gerou, para uma parte dos Surdos, sentimento de autoestima recuperada, diante da máxima de que qualquer governo que quisesse propor Educação de Surdos deveria contar com as Pessoas Surdas. Eu também concordo que somente com a participação direta dos sujeitos implicados é que se pode garantir a expressão mais viável da forma como esses sujeitos devem “ser educados, da forma como *precisam* aprender, que é pela instrução direta [na] língua de sinais, língua soberana da comunidade surda, que ajuda na formação da “Identidade Linguística da Comunidade Surda” (CAMPELLO; REZENDE, 2014, p. 8, *grifo meu*) como defendido em 2014, pelas professoras Surdas, Ana Regina Campello e Patrícia Luíza Ferreira Rezende Curione.

Os embates políticos de outrora evidenciaram que os Governos anteriores, em especial os de Esquerda, protagonizado pelo Partido dos Trabalhadores - PT, não se apresentaram como bons aliados para causas, pautas e agendas de Surdos durante suas gestões, em especial nas ações e discursos do Ministério da Educação representado na pessoa de Martinha Claret, diretora de Políticas Educacionais. Em entrevista à revista da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis, Martinha Claret afirma que o Ministério da Educação

não acredita que a condição sensorial institua uma cultura. As pessoas surdas estão na comunidade, na sociedade e compõem a cultura brasileira. Nós entendemos que não existe cultura surda e que esse é um princípio segregacionista. As pessoas não podem ser agrupadas nas escolas de surdos porque são surdas. Elas são diversas. Precisamos valorizar a diversidade humana. (FENEIS, 2010, apud CAMPELLO; REZENDE, 2014, p. 78)

As tensões com o MEC otimizaram um preâmbulo oportuno para a aceitação da imagem daquela que, vestida de seda rosa – a fim de refletir seu perfil de mulher adjutora, acolhedora, meiga, simples, delicada, recatada, gentil e conservadora –, em janeiro de

2019, veio a ser Primeira-Dama. Porém, surpreendentemente me causou estranhamento porque, ao invés de promover um ambiente auspicioso e amistoso para a Comunidade Surda do Brasil, trouxe rupturas nunca imagináveis entre os pares Surdos e entre as pessoas que tinham uma tradição de participação junto aos movimentos Surdos – Comunidade Surda. Tais situações geraram cisões entre lideranças surdas brasileiras, ao ponto de suscitar posicionamentos do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior<sup>15</sup> em apoio a professores Surdos:

A Diretoria do ANDES-SN vem a público manifestar apoio à professora Patrícia Resende-Curione do Instituto Nacional de Educação de Surdos (RJ), que tem sofrido perseguições e ameaças após manifestar, em uma entrevista veiculada através da rede social FACEBOOK, seu posicionamento crítico sobre uma política educacional do governo federal. O uso de FAKE NEWS, ameaças e ataques à dignidade nas diferentes redes sociais são exemplos de estratégias popularizadas, principalmente a partir do processo eleitoral de 2018, para deturpar informações e incitar violência contra trabalhadora(e)s que se posicionam. Repudiamos as tentativas de cercear as liberdades democráticas e de pensamento das(os) professora(e)s em todo o país, e exigimos que sejam tomadas medidas judiciais cabíveis para garantir o direito constitucional de livre pensamento, expressão e manifestação. (ANDES, 2019, on-line)

Esses conflitos suscitados para/das eleições de 2018 me levou a fazer um levantamento quanto às disposições das legislações que favoreceram as Pessoas Surdas e os tradutores/as de Línguas de Sinais ao longo de todos estes anos no Brasil. Para isto, tomei como meu Nordeste, pontos de partida e dados mais longínquos que identifiquei na História sobre as Pessoas Surdas, que foi o Brasil Império, conforme informo no Quadro 3 a seguir.

**Quadro 3. Leis e Decretos**

<i>PERÍODO</i>	<i>IMPLEMENTAÇÕES GOVERNAMENTAIS</i>
<i>Império de D. Pedro II</i>	1855 – Relatório entregue a D. Pedro II, com proposta francesa para criação de Estabelecimento Educacional para Surdos
	1856 – Inauguração da Primeira Escola para Surdos nas dependências do Colégio de M. De Vassimon
	Lei nº 939, de 26 de setembro de 1857 - Fixação de despesas e receita do Governo para o Instituto de Surdos-Mudos para os anos de 1857/1859
	1857 – Aluguel nova sede do Instituto de Surdos-Mudos
	1881 – Estabelecimento do contrato de construção com a firma Poley Ferreira e Companhia para instalação da sede permanente do Instituto Nacional de Educação de Surdos no Rio de Janeiro, em Laranjeiras

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/nota/nota-da-diretoria-do-andes-em-apoio-a-professora-patricia-resende-curione1>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

<b>PERÍODO</b>	<b>IMPLEMENTAÇÕES GOVERNAMENTAIS</b>
<i>Primeira Fase da República</i>	Era Vargas (1930 – 1945) - Distinção de alunos com aptidão e sem aptidão para o desenvolvimento da fala; - Objetivação da garantia do desenvolvimento da linguagem para alunos Surdos; - Investimento na educação profissional dos Surdos com formação em encadernação, sapataria, marcenaria, alfaiataria.
	Era Juscelino Kubitschek (1956 – 1961) - Criação do Curso Normal Especializado em Educação de Surdos no Instituto Nacional de Surdos-Mudos.
	Lei nº 3.198, de 6 de julho de 1957 - Mudança do nome de Instituto Nacional de Surdos-Mudos para Instituto Nacional de Educação de Surdos
<i>Ditadura Militar</i>	Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 - Estruturação da educação brasileira em 1º e 2º graus; - Discriminação das pessoas com necessidades especiais enquanto deficientes físicos ou deficientes mentais.
<i>Segunda Fase da República - Governo de Direita</i>	Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989 - Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência bem como sua integração social.
	Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e garante “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos” para atender às suas necessidades especiais. - Revogação da Lei de Diretrizes e Bases nº 5692/1971, que reestruturava a educação brasileira em 1º e 2º graus; - Instituição do Atendimento Educacional Especializado às pessoas com deficiência.
	Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000 - Garante prioridade de atendimento às pessoas com deficiências em locais públicos.
	Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 - Normatiza “critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência”.
	Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 - Regulamenta o meio de comunicação e expressão das Pessoas Surdas com o status de língua - Língua de Sinais Brasileira; - Reconhece os Surdos como pessoas com deficiência auditiva, e não mais os enquadra enquanto deficientes físicos ou mentais.
	Lei nº 10.845, de 5 de março de 2004 - Institui o Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência.
<i>Terceira Fase da República - Governo de Esquerda</i>	Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004 - Regulamenta a Lei nº 10.048 que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica; - Regulamenta a Lei nº 10.098, que normatiza os critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência.
	Lei nº 11.133, de 14 de julho de 2005 - Institui o Dia Nacional de Luta da Pessoa Portadora de Deficiência.
	Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 - Regulamenta a Lei nº 10.436, que reconhece como língua a Língua Brasileira de Sinais (Libras); - Regulamenta o art. 18 da Lei nº 10.098, que implementa “a formação de profissionais intérpretes de linguagem de sinais e de guias-intérpretes”;
	- Torna a LSB disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação

<b>PERÍODO</b>	<b>IMPLEMENTAÇÕES GOVERNAMENTAIS</b>
	<p>de professores e no bacharelado em Fonoaudiologia;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Determina a formação docente para o ensino de LSB no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na Educação Superior em cursos de graduação em Letras-Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua;</li> <li>- Garante às pessoas surdas prioridade nos cursos de formação;</li> <li>- Determina que a formação do tradutor/a e intérprete de LSB - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior (bacharelado) de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa;</li> <li>- Determina que as instituições federais de ensino devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de escolas e classes de educação bilíngue;</li> <li>- Garante às Pessoas Surdas ou com Deficiência Auditiva atendimento clínico especializado.</li> </ul> <p>Decreto nº 6.214, de 26 de setembro de 2007</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Regulamenta o benefício de prestação continuada da assistência social devido à pessoa com deficiência.</li> </ul> <p>Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.</li> </ul> <p>Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências.</li> </ul> <p>Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Regulamenta a profissão de Tradutor/a e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras.</li> </ul> <p>Decreto nº 7.512, de 30 de junho de 2011</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprova o Plano Geral de Metas para a Universalização do Serviço Telefônico Fixo Comutado Prestado no Regime Público - adaptados para cada tipo de deficiência, seja auditiva, de fala e de locomoção.</li> </ul> <p>Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Plano Viver sem Limite).</li> </ul> <p>Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).</li> </ul>
<i>Golpe Político de 2016</i>	<p>Decreto nº 9.508, de 24 de setembro de 2018</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Assegura às Pessoas Surdas "acesso às tecnologias assistivas na realização de provas em concursos públicos e em processos seletivos;</li> <li>- Disponibiliza provas gravadas em vídeo sinalizadas por fiscal Intérprete da Língua Brasileira de Sinais;</li> <li>- Torna opcional a exigência de comprovação de habilitação do prestador de serviço de interpretação quanto ao exame de proficiência do Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa – Prolibras;</li> <li>- Autoriza o uso de aparelho auditivo às Pessoas Surdas.</li> </ul>

<b>PERÍODO</b>	<b>IMPLEMENTAÇÕES GOVERNAMENTAIS</b>
	Decreto nº 9.656, de 27 de dezembro de 2018 - Extingue o cargo público de Tradutor/a e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – “servidores e empregados capacitados para essa função”; - Rebaixa o serviço técnico de tradução realizado por “servidores e empregados capacitados para essa função” para “cinco por cento de servidores, funcionários ou empregados com capacitação básica em Libras”; - Desvia a realização de concursos públicos do cargo público de Tradutor/a e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais para contratações terceirizadas; - Rebaixa o serviço de tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais apenas presencial para “central de intermediação de comunicação que garanta a oferta de atendimento presencial ou remoto, intermediação por meio de recursos de videoconferência <i>on-line</i> e <i>webchat</i> ”.
Quarta Fase da República - Governo de Extrema Direita	Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019 - Rebaixa Cargos em “Comissões do Grupo-Direção e Assessoramento do Ministério da Educação para a Secretaria de Gestão da Secretaria Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia”; - Extingue a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão;
	Decreto nº 10.177, de 16 de dezembro de 2019 - Dispõe sobre o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência; - Determina um representante da sociedade civil para a área de deficiência auditiva ou surdez.
	Decreto nº 10.255, de 27 de fevereiro de 2020 - Convoca a Quinta Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência; - Condiciona a realização da Quinta Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência à disponibilidade orçamentária e financeira; - Determina realização da Quinta Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência independentemente da possibilidade de realização das conferências regionais.
	Decreto nº 10.529, de 26 de outubro de 2020 - Altera a data da Quinta Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência; - Condiciona a realização da Quinta Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência à disponibilidade orçamentária e financeira.
Decreto nº 10.415, de 6 de julho de 2020 - Institui o Grupo de Trabalho Interinstitucional sobre o Modelo Único de Avaliação Biopsicossocial da Deficiência.	

**Fonte:** A autora (2021)

As informações legais expostas no Quadro 3 foram extraídas, essencialmente, das pesquisas de Rocha (2008) – Império de D. Pedro II e Primeira Fase da República –, bem como da página na *web* do Palácio do Planalto sobre as Leis e Decretos sancionados durante as fases governamentais descritas no Quadro 3. Diante dessas informações, percebo diferenças entre os Planos de Governos, retratados nas políticas públicas, Leis e Decretos, quanto ao efetivo avanço na Educação de Surdos e nas políticas de inclusão social.



Na época do Império de D. Pedro II, identifiquei a construção majestosa do Instituto Nacional de Educação de Surdos, situado na rua das Laranjeiras, no Estado do Rio de Janeiro. Edificação esta, símbolo da história e luta das Pessoas Surdas, desde sempre. Na Primeira Fase da República, vemos a continuidade de investimento educacional formal para esse público, incluindo também investimento profissional para as Pessoas Surdas.

No período da Ditadura Militar, percebi que, na estruturação da educação brasileira em 1º e 2º graus, foi feita uma economia de conceitos quanto às discriminações das necessidades especiais dos indivíduos, categorizando as Pessoas com Necessidades Educativas Especiais como deficientes físicos ou deficientes mentais, por meio da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

Na Segunda Fase da República – Governo de Direita, ficou notório para mim o avanço por meio de sanções de diplomas legais na implementação de integração social, acessibilidade social e educacional para as pessoas com necessidades especiais. Ao todo, foram 06 documentos com força de Lei, aprovados no âmbito do Poder Executivo e Legislativo: sendo 05 diplomas legais, que tratam genericamente de adequações para pessoas com deficiência; e 01 documento, que tem direcionamento específico para as Pessoas Surdas.

Na Terceira Fase da República - Governo de Esquerda, observei continuidade no crescimento dos números de conquistas de direitos, acessibilidades e aceitação das diversidades linguísticas e culturais, especificamente das Pessoas Surdas, expressas nos diplomas legais. Totalizam 07 Decretos e 04 Leis: sendo 09 documentos que tratam de adequações para pessoas com deficiência; 01 documento que trata diretamente de interesses das Pessoas Surdas; e 01 documento trata diretamente de interesses dos tradutores/as de línguas de sinais.

Como não é de se abismar, o período do Golpe Político de 2016 desdobrou-se em extinções de conquistas logradas nas implementações dos Governos anteriores. O Decreto nº 9.656, de 27 de dezembro de 2018, ao “garantir às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o seu efetivo e amplo atendimento, por meio do uso e da difusão da Libras e da tradução e da interpretação de Libras - Língua Portuguesa”, banaliza o profissional especializado em tradução da Língua de Sinais Brasileira. Assim, o referido Decreto se opõe à força da Lei nº 12.319 de 01 de setembro de 2010.

Com isso, “o efetivo e amplo atendimento das pessoas surdas” não são mais prestados por profissionais qualificados para esse fim, como rezam o Decreto nº 5.626,

de 22 de dezembro de 2005 e a Lei nº 12.319 de 01 de setembro de 2010. Porém, são delegados ao serviço de tradução, funcionários com conhecimento básico de LSB, no caso, “cinco por cento de servidores, funcionários ou empregados com capacitação básica em Libras” com vistas a “garantir a difusão da Libras”. A extinção de novos concursos públicos afeta diretamente as Pessoas Surdas, devido à baixa qualidade do serviço prestado. Esse Decreto desrespeita os conhecimentos teóricos, metodológicos e práticos da área dos Estudos da Tradução, e de outras áreas como Educação e Comunicação.

Na escrita desta Dissertação, encontro-me localizada na Quarta Fase da República - Governo de Extrema Direita. Desde a campanha para as eleições de 2018, observei densas movimentações quanto à visibilidade da Libras e exposição de vozes e imagens de Pessoas Surdas. No entanto, não vi nenhuma retomada aos direitos dos tradutores/as, que vêm sendo retirados desde o Golpe de 2016.

Ao longo de mais de dois anos de gestão, não cataloguei nenhuma expressividade em forma de Lei ou Decretos que seja análoga às densas manifestações apresentadas como propostas governamentais nos tempos de campanha política. Os diplomas legais constatarem inexpressividade quanto aos direitos linguísticos, educacionais e sociais das Pessoas Surdas. Ademais, temos o decréscimo do Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019, que traz ocorrências de rebaixamentos de pastas importantes que diziam respeito aos direitos linguísticos e culturais das Pessoas Surdas.

Entendo que houve e há muitas promessas, sensibilizações, comoções e frases do tipo, ‘*I Love You*’ em LSB dita por Michele, mas nada que se concretize em força de Lei, passando por discussões e aprovações junto aos Poderes Executivos e Legislativos, nem mesmo Decretos substanciosos, como vimos outrora, nos Governos do Império de D. Pedro II, na Primeira Fase da República - Governo de Direita, na Segunda Fase da República - Governo de Direita, e especialmente no massacrado Governo da Terceira Fase da República - Governo de Esquerda.

Ao todo, na atual gestão, contabilizamos 05 Decretos, sendo um Decreto que elimina a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; outro Decreto que tem a colaboração de determinar apenas 01 representante para a área de deficiência auditiva ou surdez; o próximo Decreto convoca a Quinta Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência; o seguinte Decreto desconvoça a Quinta Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência; e o último Decreto tem a função de instituir um Grupo de Trabalho Interinstitucional sobre o Modelo Único de Avaliação Biopsicossocial da Deficiência.

No entanto, o combatido Governo da Terceira Fase da República - Governo de Esquerda, contabilizou 04 documentos oficiais com força de Lei, aprovados pelos Poderes Executivos e Legislativo, e 07 Decretos assinados pelos Presidentes da República, sem a necessidade de amplos debates e aprovações dos parlamentares.

Não tenho como atribuir falta de Leis ou Decretos à pandemia em curso, pois a pandemia é minimizada pelo atual Governo, como apenas uma “gripezinha”, conforme discutem Freitag, Cardoso, Pinheiro (2020). Além disso, diferentemente dos outros governos, este atual nomeou como gestoras, personalidades surdas influentes, como: Profa. Dra. Flaviane Reis, Profa. Dra. Karin Lilian Strobel e a Profa. Esp. Priscilla Roberta Gaspar de Oliveira.

Além do exposto, é importante mencionar que, surpreendentemente, Pessoas Surdas vinculadas ao Governo da Quarta Fase da República - Governo de Extrema Direita - têm sido exoneradas desde o início do Governo, a exemplo das professoras doutoras convidadas Flaviane Reis<sup>16</sup> e Karin Lilian Strobel<sup>17</sup>, como mostram as publicações oficiais abaixo do Governo Federal:

Ministério da Educação  
GABINETE DO MINISTRO  
PORTARIA Nº 1.429, DE 7 DE AGOSTO DE 2019  
O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 87, parágrafo único, inciso IV, da Constituição, e em observância ao disposto na Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; no art. 3º do Decreto nº 8.821, de 26 de julho de 2016, bem como no Decreto nº 9.794, de 14 de maio de 2019, resolve: Exonerar FLAVIANE REIS, Matrícula SIAPE nº 1555748, do cargo de Coordenador-Geral, código DAS-101.4, da Coordenação-Geral da Política Pedagógica da Educação Bilíngue da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação - SEMESP- MEC, a contar de 1º de agosto de 2019. ABRAHAM WEINTRAUB (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2019)

Ministério da Educação  
GABINETE DO MINISTRO  
PORTARIA Nº 85, DE 17 DE JANEIRO DE 2020  
O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 87, parágrafo único, inciso IV, da Constituição, em observância ao disposto na Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, no Decreto nº 9.665, de 2 de janeiro de 2019, bem como no art. 6º do Decreto nº 9.794, de 14 de maio de 2019, com redação dada pelo Decreto nº 9.989, de 26 de agosto de 2019, resolve:

---

<sup>16</sup> Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=08/08/2019&jornal=529&pagina=20&totalArquivos=60>. Acesso em 04 jun 2021.

<sup>17</sup> Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=529&pagina=36&data=20/01/2020>. Acesso em 04 jun 2021.

EXONERAR KARIN LILIAN STROBEL, Matrícula SIAPE nº 1716874, do cargo de Diretor, código DAS 101.5, da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação deste Ministério, a contar de 20 de janeiro de 2020.  
ABRAHAM WEINTRAUB (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2020)

Embora haja manifestações sociais que negam as exonerações por demissão, tratando de assunções e exonerações, em instituições públicas, as sintaxes empregadas em Diários Oficiais são inequívocas quando se referem a exoneração de ofício e exoneração a pedido. A última expressão implica no pedido expresso do servidor ou ocupante do cargo por indicação. Considero que a Língua de Sinais não é de partidos de Direita, nem de Esquerda. Os direitos linguísticos das Pessoas Surdas têm sido logrados desde o Império, mas alguns Governos, felizmente, entendem que tudo que diz respeito aos Surdos pertence às políticas de Estado, e não a politizações para interesses político-partidários.

Todos esses acontecimentos, que ideologicamente tinham a proposta de proporcionar bens educacionais e inclusivos para as Pessoas Surdas, no meu ponto de vista, se mostraram apenas capazes de dividir a Comunidade Surda e pares Surdos. Isso me leva a refletir sobre o conceito de *tokenism*, e não, de fato, avanços por meio de políticas públicas para essa minoria linguística. A Mestre em Relações Internacionais, Dóris Dias dos Santos, conceitua *tokenism* como,

[uma] tradução imediata seria cooptação, mas um termo justo seria tokenismo, que se refere à representação meramente simbólica de alguma minoria política em situações de hegemonia ou privilégio. Trata-se de uma “cota”, num espaço de supremacia branca ou masculina, ter apenas algum indivíduo representando alguma minoria. (SANTOS, 2018, p. 98)

Esse conceito traduzido por Santos (2018) me leva ao seguinte questionamento: será que Pessoas Surdas foram usadas como *token*, a fim de passar a impressão de que, por essa alternativa governamental, a inclusão, em todos os níveis, seria de fato estabelecida? O fato é que Pessoas Surdas foram convidadas como representatividade de minorias sociais, mas depois foram transferidas para pastas inferiores, exoneradas e/ou postas de lado. Bom, esse é um questionamento que deixo em aberto.

Para além do contexto sociopolítico que me afetou por conta das rupturas na Comunidade Surda, o contexto da crise sanitária da pandemia mundial Covid-19 viria mais tarde nos distanciar das pesquisas de campo, pois a ocorrência do primeiro caso de Covid-19 se deu em 1º de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na República Popular da China, espalhou-se por todo o globo terrestre. No Brasil, de acordo com o Ministério

da Saúde, a primeira notificação de Covid-19 foi em 26 de fevereiro de 2020. A partir de então, medidas de isolamento e distanciamento social foram tomadas, por governadores e prefeitos, mesmo sem o engajamento do Governo Federal - conforme podemos identificar no portal dos Atos Normativos sobre o COVID-19<sup>18</sup> -, impossibilitando aglomerações, com deflagração, em muitos lugares no Brasil, de *lockdown*. Esse estado pandêmico encerrou as atividades acadêmicas na Universidade Federal da Bahia, impossibilitando aulas presenciais e pesquisas de campo, com objetivo único de preservação das vidas, tanto dos estudantes, como dos docentes, funcionários, prestadores de serviços terceirizados, e dos familiares de todos os que compõe o corpo universitário.

### 1.3.2 Caminhos metodológicos

Com o exposto na seção 1.3.1, a realização da pesquisa etnográfica com coleta de dados por meio de entrevistas, conforme a tradição sociolinguística (TARALLO, 1986; LABOV, [1972[2008]]; VELOSO, 2016), não pode ser realizada, por isso, tive que buscar outra solução para dar continuidade à pesquisa. Decidi por materiais expostos na internet, e me favoreci da análise de dados de característica indutiva e interpretativa (MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008; CRESWELL, 2010), e concentrei a pesquisa na área dos Estudos da Tradução que considero mais fluído nas possibilidades de análises e aproximações com diálogos interdisciplinares, a exemplo de diálogos com as Sociolinguísticas e Análise de Discurso.

Assim, essa pesquisa qualitativa teve como método para seleção de conteúdo na coleta de dados, a busca por um material audiovisual em forma de vídeo, que se apresentasse estruturado por procedimentos técnicos de edição profissional, de acesso público, veiculado na Plataforma Youtube. Na plataforma digital selecionada, utilizei como descritor - “Drag Queen Surda”. Por esse descritor, identifiquei como única personagem, Kitana Dreams.

No perfil da Kitana Dreams, selecionei o vídeo “Me conhecendo melhor”, que em março de 2021 estava como capa de apresentação no perfil. O material tem duração de 12’20” (doze minutos e vinte segundos). À luz de Diego Teixeira de Souza (2020), declinei da proposta de transcrição completa do vídeo para Glosas em Libras (FERREIRA-BRITO, 1995; FELIPE, 1998; QUADROS; KARNOPP; 2004; PAIVA et

---

<sup>18</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Portaria/quadro\\_portaria.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/quadro_portaria.htm). Acesso em: 06 JAN 2022.

al., 2016), porque decidi não me ater ao nível prosódico de análise, mas apenas no nível discursivo, pois, apesar de concordar com o modelo prosódico (BRENTARI, 1998; COSTA, 2012; SOUZA, 2020), nesse momento por conta das complexidades em nível discursivo, não me deterei em apresentar as delicadas nuances prosódicas que somente poderiam ser realizadas por meio da transcrição. Assim, preferi me dedicar à reescrita da legenda que para mim daria conta das análises em nível discursivo que tive em mente propor, a fim de atender ao valor do significado social da variação em estilo de fala drag.

A partir da legenda, utilizei-me de três técnicas de tradução: reelaboração, tradução livre e retradução para dar conta do objeto de pesquisa. Para a reescrita da legenda, utilizei-me da legenda disponibilizada no próprio vídeo. De todas as informações apresentadas em LP escrita, fiz o registro acrescido com a inserção manual da marca temporal por meio do Programa ELAN, versão 5.9. Desta forma, foi constituído o *corpus* da pesquisa. Essas informações escritas tiveram a duração de 00:11:52:612.

Após esse registro, me dispus a trabalhar na primeira técnica de tradução, que foi a tradução como reelaboração, na qual, para esse momento de explicação da metodologia, uso o código - T1. Nessa parte, fiz a inserção de perguntas no final da frase, típico do estereótipo atribuído genericamente às mulheres, e determinei o uso da marcação de um único gênero, pois o texto da legenda original oscilava entre as formas feminino e masculino. A reelaboração, conforme Furlan (2001), dá conta da aproximação do texto de partida ao público da língua de chegada.

Na segunda técnica de tradução, chamada de tradução livre, na qual uso o código - T2, comecei a desenvolvê-la tomando como modelo de legenda, não mais a legenda original disponibilizada no vídeo, mas o texto resultado das alterações proposta na técnica T1. Assim, nessa parte, me dediquei, exclusivamente, à inserção de vocabulários e/ou expressões do Pajubá. A tradução livre (T2) oportuniza ao tradutor/a densa flexibilidade na interpretação da mensagem, também na manipulação dos seguimentos e/ou discursos. Souza (1998) assevera que a tradução livre (T2) é caracterizada especialmente pela oposição à tradução literal, ao passo que esta informa características da variação estilística em curso nessa comunidade.

A partir dos resultados das técnicas de tradução T1+T2, teço análises da terceira e última técnica, retradução, na qual uso o código – T3. Nessa última etapa, optei por ajustes gramaticais para adequação na língua e cultura com as marcas da cultura ouvinte, que é o público chegada, no caso a LP. De acordo com Mattos e Faleiros (2014, p. 36), a

retradução é uma técnica que, apesar de ser pouco admitida, é frequentemente utilizada, pois os “tradutores, tanto quanto traduziram, sempre retraduziram”.

Necessito abrir um grande parêntese ao falar de estereótipo atribuído às mulheres que foi apontado acima, na intervenção que farei, a partir da técnica tradução como reelaboração. É complexo falar de estereótipo atribuído às mulheres, uma vez que mulher não é uma categoria homogênea. Os estereótipos atribuídos às mulheres brancas cisgênero heterossexuais não são os mesmos atribuídos às demais mulheres, sejam elas mulheres negras, trans, deficientes, lésbicas, indígenas, entre outras. Às mulheres que não estão inscritas nas categorias sociais: branca, cisgênero e heterossexuais, há atravessamentos, sistemas de violência e opressão muito mais profundos do que “ter que ser bela, recatada e do lar”.

A profa. Dra. Ana Cláudia Lemos Pacheco, na sua Tese de Doutorado, intitulada - “BRANCA PARA CASAR, MULATA PARA F..., NEGRA PARA TRABALHAR”: ESCOLHAS AFETIVAS E SIGNIFICADOS DE SOLIDÃO ENTRE MULHERES NEGRAS EM SALVADOR, BAHIA -, aponta que as categorias sociais cor, raça, classe e sexualidade, estabelecem diferenças entre as mulheres. Nesta perspectiva, Pacheco (2008) menciona que:

Como bem demonstrou Giddens, ao estudar a sexualidade nas sociedades modernas, há uma diferença, principalmente, para as mulheres, entre amor carnal e amor ideal. Este último seria uma espécie de amor romântico propagado pelo pensamento ocidental a partir do século XVIII, “o amor que vence tudo”, vence todas as barreiras sociais e culturais entre os indivíduos. Tal idealização do amor romântico seria frustrado com à realidade concreta ou com outros interesses dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. Essa concepção pode ser vista na narrativa de uma informante: “No movimento social têm homens que namoram com negras, mas quando o assunto é casar, ah...pra transar pode ser com negras, agora para ter um envolvimento mais sério, conviver sob o mesmo teto é com as mulheres brancas”. (C, 36 anos, trabalhadora doméstica). (PACHECO, 2008, p. 228)

Pacheco (2008), mediante o excerto citado acima, evidência a distinção existente entre mulheres, demarcadas pela categoria étnico-racial, que apresenta implicação diretamente na sexualidade, nos relacionamentos, nas possibilidades ou não de realização afetiva. Abaixo, ela socializa a narrativa de uma de suas informantes, a qual ela chama de Rosa:

[...] eu era doida, apaixonada por um cara negro, retinto, ele trabalhava na SUCAM [com detetização], eu sondava ele para ver se eu tinha alguma chance, alguma possibilidade e tal, mas imagine se ele ia namorar com uma menina como eu, ele disse que ia procurar coisa melhor, essa coisa de limpar a raça, etc, ele era super apaixonado por uma menina branca do bairro, mas ela não ligou muito para ele, depois ele casou com uma menina negra, mas que tinha um padrão de beleza que era muito mais próximo do padrão branco. Essa coisa

do padrão de beleza é muito importante para os homens, eu só fui namorar com dezoito anos de idade. Minha irmã que é negra, mas ela tem um nariz afilado, os traços mais próximos do branco do que eu, e eu desde à infância quando nós saíamos juntas, eu com a boca grande, testa grande, magricela, as pessoas falavam assim para mim: -“poxa! você é irmã de fulana”? Eu tinha uma baixa auto-estima, foi muito difícil para mim me ver como uma mulher bonita, por isso eu só fui ter um namorado só aos dezoito anos de idade. (PACHECO, 2008, p. 230)

A narrativa da informante Rosa mostra que, para além das diferenças existentes entre mulheres negras e brancas, quanto às possibilidades de conseguirem estabelecer relacionamento afetivo estável, há ainda mais fragmentações identitárias entre as próprias mulheres negras e, por conseguinte, subdivisões dentro dessa classe, por conta da coloração da pele e por conta da espessura/volume dos traços da boca e do nariz: quando esses traços se aproximarem para mais ou para menos com os traços das mulheres brancas.

Quanto às mulheres trans, o pesquisador sueco Dom Kulick (1999), o mesmo que desenvolveu uma pesquisa de campo no Pelourinho - patrimônio histórico da humanidade -, situado na Cidade de Salvador, Bahia, no artigo intitulado “*Transgender and Language: a review of the literature and suggestions for the future*”, apresenta a narrativa de uma estudante do curso de voz para mulheres trans, em que ela diz:

Tentei tornar minha voz feminina... Antes o uso de minha voz era bem áspero, daí tive que treinar bastante a ponto de introduzir variações de tom na fala. Eu tinha notado que os homens, incluindo eu, tendiam a ser desengonçado no ritmo vocal, alongando a voz numa faixa muito estreita [assim como o personagem Klunk de Dick Vigarista]. Por outro lado, percebia que as vozes das mulheres flutuavam mais prontamente entre altos e baixos. Eu tentei adquirir esta dimensão extra sem exagerar e soar como uma travesti exagerada. Há também uma diferença na forma como as mulheres pronunciam seus ‘s’, com mais leveza e sussurro do que um homem, nesse aspecto eu também trabalhei. (KULICK, 1999, p. 608, *tradução minha*)<sup>19</sup>

Kulick (1999) mostra que, nas autobiografias de mulheres trans, é marcada a constante preocupação com a fala, já que a voz, para as mulheres trans, é um aspecto na imagem que podem “traí-las em situações em que elas queriam ser vistas como mulheres”. Por isso, muitas adotam práticas que perpassam pelo treinamento de “alterar a voz, a fim de copiar o estilo de fala feminina” (KULICK, 1999, p. 607-608, *tradução*

---

<sup>19</sup> Texto original: “*I tried to make my voice feminine. . . . I had resigned myself to [my voice’s] rough-dged quality; what I practiced . . . was introducing variations of tone into it. I had noticed that men, including myself, tended to klunk along inside a very narrow range whereas women’s voices fluctuated more readily between highs and lows. I tried to acquire this extra dimension without going overboard and sounding like a campy transvestite. There is also a difference in the way that women pronounce their s’s, with slightly more sibilance than a man; I worked on that too*”.




*minha*). Desta forma, é vista uma falta de tranquilidade nas mulheres trans em relação à espontaneidade de suas vozes, e para atender a um padrão social, que associe sua identidade feminina à sua voz “desengonçad[a] no ritmo vocal”, elas precisam ferir a própria natureza para forjar essa voz socialmente palatável.

Tomando por suporte teórico Pacheco (2008) e Kulick (1999), quando estou a falar de - estereótipo atribuído às mulheres -, há um certo tipo de mulher que selecionei para adotar marcações na performance do estilo de comportamento e fala drag. Essa imagem de mulher que adotei é próxima ao perfil da artista Kitana Dreams, que por minha subjetividade, faço uma leitura da categoria social cor/raça: branca. Além disso, adoto o perfil para Kitana Dreams como descrito por Yannoulas (2011), como sexo frágil; por conseguinte, delicado, dependente e de performance “frufu”, no entanto, com seu magnetismo, profundidade e intensidade escorpiana<sup>20</sup>, como ela se autodeclara em seu blog<sup>21</sup>. É nesse estereótipo que suscito à imagem e fala da mulher que estou a tratar por meio das análises que farei mais à frente.


---

<sup>20</sup> Disponível em: [https://www.astrocentro.com.br/blog/signos/mulher-signo-escorpiao/amp/?gclid=CjwKCAiA5t-OBhByEiwAhR-hm7reSLU8VDJ7qLUX2TSKzYjs\\_0EBRo6r\\_NrtuRIbfchMvm1PFF5Q5xoC6ZIQAvD\\_BwE](https://www.astrocentro.com.br/blog/signos/mulher-signo-escorpiao/amp/?gclid=CjwKCAiA5t-OBhByEiwAhR-hm7reSLU8VDJ7qLUX2TSKzYjs_0EBRo6r_NrtuRIbfchMvm1PFF5Q5xoC6ZIQAvD_BwE). Acesso em 07 JAN 2022.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.kitanadreams.com/p/sobre-mim.html>. Acesso em 08 jan. 2022.



**SEÇÃO II**  
**DA MINHA PRÁXIS TRADUTÓRIA À**  
**SOCIOLINGUÍSTICA DISCURSIVA COM VARIAÇÃO EM**  
**ESTILO DE FALA**





Nesta segunda seção, proponho aproximações entre os campos dos Estudos da Tradução e Sociolinguística Discursiva. Para isso, dantes, percorri tópicos que considero importantes quanto ao meu lugar de enunciação nesse processo de teorização.

## 2.1 LUGAR DE ENUNCIÇÃO NA TEORIZAÇÃO DA PRÁXIS TRADUTÓRIA

Nas pesquisas da área de Língua de Sinais, é comum os autores relatarem uma breve autobiografia para situar o leitor do seu lugar de enunciação. Assim, semelhantemente, apresento o lugar de onde interpreto o mundo, contextualizo e historicizo minha relação com a Língua de Sinais, meus lugares de pertencimentos identitários por onde, inevitavelmente, teço reflexões sobre tradução com vozes e imagens de Surdos Gays em performance artística Drag Queen.

Nessa breve autobiografia, irei apresentar os seguintes aspectos: como se deu o meu aprendizado da Libras; como aconteceu a minha inserção no Serviço de Tradução, e qual a perspectiva filo-sacra na autonarrativa cristã ao falar de Gays. Tenho esse cuidado de, enquanto pesquisadora, mostrar o lugar de onde me posiciono, pois estou a falar de identidades que não são minhas. Considero importante esse costume da área de Língua de Sinais, ao mostrar como se deu/dá nossa relação com a área e com o objeto de investigação.

Tomando como Nordeste esse costume da área de Língua de Sinais, associo-me a Pergnier (1972). O autor explica que, ao falarmos de tradução, partimos da observação à teorização da prática, na valorização da nossa própria práxis tradutória, que, inevitavelmente, perpassa por tudo o que nos constitui, e que, por isso, imbrica na tradução da nossa própria construção histórica, simbólica, ideológica, interpretativa e identitária, pois “a tradução não é uma operação *sobre* a linguagem, mas sim uma operação de linguagem” (PERGNIER, 1972, p. 112). Desta maneira, somos sujeitos à interpretação alheia, pois “quem tiver a pretensão de tratar ao mesmo tempo de sociolinguística e de tradução incorre duplamente no risco de ser ele próprio ‘traduzido.’” (PERGNIER, 1972, p. 110).

### 2.1.1 Aprendizado da LSB

Em 1983, tive o primeiro contato com uma Pessoa Surda, um garotinho Surdo, colega de sala de aula, no período da alfabetização, na Escola Comunitária Menino Jesus, em minha cidade natal, Feira de Santana/Bahia. Porém, foi em 1997, quando tive o segundo contato com outra Pessoa Surda, uma jovem, dentro de um ônibus urbano, na mesma cidade mencionada acima, que de fato iniciei a trajetória de saída da comunicação estabelecida de gestos e mímicas para o aprendizado daquela que viria a ser mais tarde reconhecida como Língua de Sinais Brasileira.

Ainda na década de 1990, três Pessoas Surdas, a princípio, foram meus professores de línguas de sinais. Todos os sábados à tarde, esses três Surdos vinham até mim e ensinavam o seu meio de comunicação e expressão – que mais tarde, no Brasil, viria a ser reconhecida como língua. Eles também eram vinculados a alguma igreja evangélica (nesse período, especialmente em cidades do interior, o lugar onde havia tradutores/as de língua de sinais era nas igrejas). Após três meses de aulas, comecei a traduzir cultos na Igreja de que fazia parte, e logo depois comecei a colaborar com outras instituições, também evangélicas, no ensino da língua de sinais, a fim de que outras pessoas também pudessem colaborar nos serviços de tradução.

Essa atividade voluntária durou de 1997 até 2016, com alguns intervalos. Com certeza, o ano de 2006 foi um marco nessa prestação de serviço voluntário; não somente por conta da regulamentação da LSB em 2002, conforme dito anteriormente, mediante a promulgação da Lei nº 10.436/2002, mas também por conta da inserção dessa língua como componente curricular nos cursos de graduação, segundo o já mencionado Decreto nº 5.626/2005.

Nesse período, alunos dos cursos de graduação de diversas Instituições de Ensino Superior faziam cursos de LSB comigo, na Igreja, a fim de obter certificado(s) e creditações para o cômputo de carga horária científico-cultural, que são exigidos como atividades complementares nos cursos de graduação universitária. Em 2006, eu já tinha um histórico como tradutora em escolas inclusivas, cursos formais de Libras, de tradução, certificação do MEC, e, nesse mesmo ano, ingressei no curso de graduação em Letras-Libras.

Foi, nesse contexto religioso, de assistencialismo e posteriormente de promoção do conhecimento da LSB para a sociedade em geral, que surgiu o interesse (ou oportunidade) – promovida por políticas públicas de acessibilidade para Pessoas Surdas

–, para a certificação formal em língua de sinais e tradução. Ao falar de atendimento às Pessoas Surdas e políticas públicas, é importante diferenciar e desassociar atendimento profissional de atendimento assistencialista. Sobre assistencialismo, Márcia da Silva Pereira Castro menciona que,

[e]m literatura específica e crítica sobre o tema, a perspectiva assistencialista é compreendida como uma prática que envolve ações filantrópicas, caritativas, desprovidas de continuidade e, comumente, assistemáticas e individualizadas, direcionadas para aqueles que não podem prover sua própria subsistência. Em um dos estudos precursores sobre essa temática, Alayón (1992) apontava que o assistencialismo, usualmente, se compunha de subsídio material e, muitas vezes, acompanhado de apoio espiritual, de lições morais, de propostas de esperança e resignações, dado que essa perspectiva se vinculava aos preceitos religiosos, extrapolando uma leitura particular da assistência social. (CASTRO, 2018, p. 17-18)

Falo de assistencialismo, especialmente, porque, nessa década, ainda não havia a Lei de LSB, nem a regulamentação da profissão de Tradutor/a. Assim, conforme descrito acima, as iniciativas de prestação de serviço eram voluntárias e caritativas, e não eram vinculadas a políticas públicas e a nenhum projeto pertencente aos ministérios evangélicos existentes nas Igrejas por onde passei. A predisposição para os referidos serviços advinha de um desprendimento pessoal, que me permitia realizá-los dentro das Igrejas.

Muitas vezes, esses serviços se estendiam ao auxílio das necessidades comunicativas no cotidiano daquelas Pessoas Surdas, como: auxílio às mais diversas necessidades comunicativas suas ou de seus pais em conselho tutelar, delegacias; consultas com psicanalista e psicólogo; atendimentos em clínicas médicas, bancos, INSS; etc. Esses serviços não tinham nenhum vínculo empregatício, eram voluntários. E, às vezes, em pontuadas situações, a partir de 2007, cobrava-se um custo pecuniário simbólico para arcar com deslocamento e alimentação durante a realização do serviço.

O vínculo eclesiástico, apesar de ser imerso em uma abordagem cristã fundamentalista (que, para mim, tem o objetivo de converter e moldar as identidades ao modelo, supostamente, defendido como cristão, portanto, heteronormativo), me oportunizou anos de trabalho e acúmulo de experiências com as Pessoas Surdas.

### **2.1.2 Inserção no Serviço de Tradução**

A experiência de tradução em cultos evangélicos, naquele dado momento, foi o suficiente para garantir experiência e currículo aceitáveis para o exercício de atividades

profissionais no âmbito educacional. Inicialmente, em escolas da Educação Básica, como na inauguração do primeiro contrato para Tradutores/as de LSB, por meio do Processo Seletivo Simplificado. O vínculo desse trabalho era com o Governo do Estado da Bahia, especificamente na cidade de Feira de Santana, com lotação no Centro de Apoio Pedagógico (CAP) - setor responsável pelo encaminhamento do desempenho do serviço de tradução no Instituto de Educação Gastão Guimarães.

Somente a partir de 2004, quando já atuava como tradutora no CAP, participei dos primeiros cursos de LSB formais. Neste centro, tive a honra de ter como professor Surdo Marcílio de Carvalho Vasconcelos, que é, atualmente, docente da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, na Bahia. Posteriormente, em 2006, iniciei o curso de Letras com habilitação em Libras (Licenciatura em LSB) pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, na modalidade EaD, com polo na Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Nesse mesmo ano, obtive certificação de Proficiência em LSB na especificidade de Tradução pelo Ministério da Educação – MEC. Também participei do primeiro curso de Tradução, com carga horária de 60h, em que tive a honra de ter como professora Denise Maria Duarte Coutinho, ouvinte e ícone da história dos tradutores/as brasileiros.

Mais tarde, em 2007, tive o privilégio de fazer meu segundo curso de Tradução, com carga horária de 40h. Esse curso foi promovido pelo Governo do Estado na Bahia, no Instituto Anísio Teixeira, com o professor Ricardo Ernani Sander, ouvinte, também ícone da história dos tradutores/as brasileiros. Para mim, além dos 03 Surdos que me deram aulas informais na década de 1990, foi uma honra ter esses 03 professores nos cursos formais de LSB, e de Tradução.

Para além da atuação no serviço de tradução do CAP, obtive aprovação, em terceiro lugar, no primeiro concurso público para tradutor/a da cidade de Feira de Santana, em 2006, e, mais tarde, em 2009, tive aprovação, em primeiro lugar, no primeiro concurso público para essa mesma função na UFBA. Essas oportunidades, ao longo de tantos anos, foram capazes de me dar um olhar sensível para o serviço de tradução, no entendimento de que esse serviço tem o valor social de possibilitar efetividade na mediação comunicativa entre pessoas falantes da LSB e pessoas não fluentes em LSB.

### 2.1.3 Autonarrativa cristã ao falar de Surdos Gays

Na seção 2.1.1, mencionei que minha experiência inicial na prática tradutória se deu na década de 1990. Genericamente, os tradutores/as de línguas de sinais dessa década vieram de espaços eclesiais. Nessa localização temporal, acho necessária uma breve autonarrativa; pois, por mais de 20 anos, atuei como tradutora em instituições religiosas. Considero que são justamente os espaços eclesiais cristãos, de vertentes Evangélicas, de linhas fundamentalistas, que têm mostrado um cenário de manifestação de preconceito contra as pessoas LGBTTQIA+. Por isso, essa necessidade de demarcar a minha perspectiva quando estou a falar de identidades que não são minhas, especialmente as identidades LGBTTQIA+, entendendo que esses espaços eclesiais contribuíram para minha formação, enquanto sujeito. Leila Silvana Pontes (2020), cita que:

O discurso religioso tem participação na construção desse preconceito, dessa violência. É possível entender isso a partir de Barbosa e Silva (2016), onde os autores afirmam que a origem dessa violência se dá no início do Brasil, quando concepções religiosas e biológicas deixaram estabelecidas normativas para gêneros, ou seja, estabeleceram parâmetros heterossexuais e polarizaram regras de comportamento: os homens enquanto seres fortes, habilitados para os negócios; as mulheres, frágeis, habilitadas aos afazeres domésticos. Ainda, segundo os autores, a religião cristã determinou, de acordo com preceitos próprios, “que um homem só é homem se este nasceu com um pênis e uma mulher só é mulher se nasceu com uma vagina, determinismo esse estabelecido por questões meramente biológicas e religiosas”. (BARBOSA; SILVA, 2016 apud PONTES, 2020, p. 209)

Para Pontes (2016), fica evidente comportamentos que presenciamos, infelizmente, em muitas instituições eclesiais. Tais instituições visam à doutrinação quanto a um suposto meio honroso de expressar as sexualidades. Para mim, expor esse lugar de onde leio o mundo é um movimento político e necessário. Ao propor essa pesquisa com comunidades de prática LGBTTQIA+, preciso, pois, mostrar que minha leitura de religião, assim como minha aproximação a ela, é decolonial.

Parto do entendimento de que as Sagradas Escritas (Bíblia Cristã) são oriundas de narrativas pessoais, e que, mesmo tendo essa coleção de livros, textos e cartas a inspiração divina - de acordo com a segunda carta a Timóteo, capítulo 3, versículo 16 - os interessados nessa perspectiva teológica devem construir suas próprias narrativas na experiência com seu Deus, e não definir as experiências alheias, *ipsis litteris*, como molde para suas próprias vidas, e determiná-las como normas, regras e mandamentos impostos a si e a outrem. Com o exposto, considero que têm acontecido, constantemente, péssimas

interpretações das Escrituras Sagradas, incorrendo em normas comportamentais estimuladoras de preconceitos e discriminação contra pessoas LGBTTTQIA+.

Tais comportamentos não contemplam a muitos cristãos; nesse contexto, digo de cristianismos, no plural. Muitos fiéis, dessa perspectiva teológica, têm delegado a autonomia e responsabilidade de sua fé à subserviência de lideranças fundamentalistas, colonizadoras, eurocêtricas, opressoras, castradoras das identidades e liberdades individuais, assim como de direitos garantidos pela nossa Constituição Federal.

Se eu for me utilizar do livro de I Tessalonicenses, capítulo 5, versículo 21, posso dizer que há o exemplo de examinar tudo, e reter apenas o bem<sup>22</sup>. Já no livro bíblico de Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículo 11, trago o exemplo do povo bereano, esses eram considerados “mais nobres do que os tessalonicenses” porque, ao tomarem conhecimento de alguma notícia, não retinham apenas o bem, senão antes dedicavam-se “ao estudo diário das Escrituras, com o propósito de avaliar se tudo correspondia à verdade”, no caso, não davam espaço para *Fake News*. À luz desse livro, considero que essa autonomia e responsabilidade, no gerenciamento da própria fé, tem faltado genericamente no cristianismo brasileiro, por isso enfatizo, mais uma vez, a necessidade do vocábulo cristianismos.

Em contrapartida, há perspectivas de cristianismos humanitários, sociais, que respeitam sem questionamentos as identidades de gênero, desejos e orientação sexual dos indivíduos. Nisso, assumo uma reflexão teológica de (des)encaminhamento cristão, progressista e libertário por interpretar e corroborar com pautas das pessoas LGBTTTQIA+ e de movimentos sociais a favor das vidas e das liberdades individuais. Baseando-me numa reflexão teológica decolonial, tenho como incentivo e comungo com os movimentos discursivos teológicos postulados por Henrique Vieira:

Atualmente, a religião evangélica representa quase um terço da população do país (31%), ficando atrás somente do catolicismo. Porém, isso não significa que ela é um “bloco monolítico”. Segundo o pastor [Henrique Vieira], pensar dessa forma estigmatiza os fiéis – que são, em sua maioria, mulheres, negros e pessoas da periferia. “A experiência evangélica popular precisa ser melhor compreendida”, explica. “Não dá para sair por aí dizendo: evangélico é igual conservador, ponto. Contra a democracia, ponto. Vota em Bolsonaro, ponto. Essa generalização não dá conta da diversidade, do caráter popular ou do valor que essas igrejas têm.” /.../ Nesse contexto, eu e alguns amigos estávamos em crise com o fundamentalismo e com distanciamento da igreja dos dramas do mundo, como a pobreza, a miséria, a fome e a desigualdade social. Já as minhas amigas estavam querendo discutir o papel da mulher na Bíblia enquanto estudavam a teologia feminista. Então, é verdade que a nossa espiritualidade

---

<sup>22</sup> Na minha livre interpretação, o significado que atribuo ao que venha a ser o bem, é descrito em Gálatas, capítulo 5, versículo 22: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade”. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gl/5>. Acesso em 10 JAN 2022.



estava em conflito profundo com o lugar que frequentávamos. Assim, a Igreja Batista do Caminho surge como um espaço para salvar e ressignificar a nossa própria fé, já que estávamos em crise com a experiência religiosa, mas não queríamos perder, em hipótese alguma, o vínculo com o evangelho. (LOURENÇO, 2022, on-line)

Atenho-me também às discussões propostas por Fraz Darnen (2003), André Sidnei Musskopf (2008), Ivone Gebara (2010), Odja Barros (2016), Gustavo de Alencar (2019), Rosemary Fernandes da Costa e Felipe Rocha Santos (2019). Essas reflexões descentradas do fundamentalismo religioso me ajudaram a enxergar outros pontos de vistas quanto à interpretação das Sagradas Escrituras, como cito abaixo:

Esponaneamente, cada um de nós sabe o que é ser tolerante ou intolerante. Usamos esta palavra quer como verbo, substantivo ou adjetivo em distintas situações de nosso dia a dia. Porém, poucas vezes paramos para refletir sobre ela e sobretudo para refletir sobre nossa capacidade pessoal de produzirmos comportamentos intolerantes. As palavras são expressões de nossa própria realidade humana, de suas contradições e de sua beleza. (GEBARA, 2010, p. 223)

A intolerância não é uma prática defendida, no caso, pelo símbolo maior do cristianismo, Jesus Cristo. Porém, vejo, em Gebara (2010), uma proposta de discutir a associação da intolerância a uma capacidade pessoal de produção, doutrinação e reprodução de comportamentos discriminatórios. Da autonomia e responsabilidade, no gerenciamento da própria fé, relacionado à noção de tolerância e intolerância discutida por Gebara (2010), apresento essa chamada à reflexão a partir da Figura 2:

**Figura 2.** Atriz transexual Viviay Belebóni cruxificada



Fonte: G1 (2021)<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/representei-dor-que-sentimos-diz-transexual-crucificada-na-parada-gay.html>. Acesso em 06 jun 2021.

Esse (des)encaminhamento cristão, que descrevi acima, entende e corrobora com pautas e manifestos sociais, como o protesto anti-homofobia, representado pela atriz transexual Viviany Beleboni (Figura 2), durante a 19ª Parada do Orgulho LGBT. A atriz propôs uma (re)interpretação das agressões verbais, psicológicas, físicas e assassinato sofrido por Jesus, a partir da relação com agressões verbais, psicológicas, físicas e assassinatos, sofridos por pessoas LGBTTQIA+.

Entendo que essa pauta proposta pela atriz, dialoga com valores de justiça social descrita nas Sagradas Escrituras, como:

- i) “Siga única e exclusivamente a justiça” (Deuteronômio 16:20);
- ii) “Administrem a justiça e o direito: livrem o explorado das mãos do opressor. Não oprimam nem maltratam o estrangeiro, o órfão ou a viúva; nem derramem sangue inocente neste lugar” (Jeremias, 22:3);
- iii) “Erga a voz e julgue com justiça; defenda os direitos dos pobres e dos necessitados” (Provérbios, 31:9);
- iv) “Assim diz o Senhor dos Exércitos: ‘Administrem a verdadeira justiça, mostrem misericórdia e compaixão uns para com os outros’ (Zacarias, 7:9);
- v) “aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a opressão. Lutem pelos direitos do órfão, defendam a causa da viúva” (Isaías 1:17).<sup>24</sup>

As realidades sociais de outrora podem ser diferentes das atuais, por conta do tempo, espaço e sociedades. No entanto, justiça social, direitos humanos e preservação da vida são princípios universais e atemporais.

Outra manifestação relacionada a gênero, que retrata realidades sociais e dialoga com esse (des)encaminhamento cristão, é a reinterpretação de Jesus Cristo na figura de uma mulher. Na Figura 3, a Educadora Física, Evelyn Bastos, destaque da comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira, trouxe uma (re)interpretação de Jesus, na figura de uma mulher, como vemos abaixo:

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/pt/versos-biblicos/justica/a-justica-social?version=NVI>. Acesso em 10 JAN 2022.

**Figura 3.** Representação feminina de Jesus Cristo



**Fonte:** Catraca Livre (2021)<sup>25</sup>

Assim, partindo-se desse local de descentramento e desvinculo com pertencimentos eclesiásticos fundamentalistas, é que ocupo um lugar de enunciação com uma pesquisa que envolve descrições de comunidades de prática LGBTTQIA+. Assumo uma abordagem decolonial de ruptura com o pensamento colonizador, conforme pontua Luciana Ballestrin (2013):

Essas e outras elaborações permitiram então a reconfiguração da ideia original de sistema-mundo de Wallerstein, pensado agora em termos de “sistema-mundo moderno/colonial” ou, provocativamente, como o que Grosfoguel chamou de “sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista/colonial/patriarcal” (Grosfoguel, 2008, p. 113). Para este último, “às Américas chegou o homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista europeu” e, com ele, a reprodução dos padrões hierárquicos globais já existentes. (BALLESTRIN, 2013, p. 102)

Igualmente, entendo que os textos condenatórios da homossexualidade, supostamente apresentados como textos canônicos, não passam de especulações datadas do século XX - quando começaram as discussões e fragmentações identitárias nas rupturas do sujeito do iluminismo, da noção do sujeito sociológico, e a concepção de sujeito pós-moderno/interdisciplinar/multifacetado, conforme Hall (2008).

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2008, p. 9)

<sup>25</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/com-desfile-engajado-mangueira-critica-bolsonaro-e-seus-seguidores/>. Acesso em 06 jun. 2021.

Na minha interpretação - tampouco para a comunidade descentrada que tenho diálogos filosóficos acerca das Sagradas Escrituras, nominada por ‘Casa de Mima’<sup>26</sup> - não existe dentro das Escrituras Sagradas um discurso teológico sobre a homossexualidade. O termo “homossexuais” é um conceito novo, ocidental, não encontrado nas Sagradas Escrituras, cunhado nas rupturas identitárias do século XX.

Para uma melhor explicação do meu ponto de vista, achei necessário trazer um exemplo, no meu entender, de manipulação bíblica. Vejo que esse excerto que trago, assim como tanto outros divulgados massivamente como mandamentos divinos, tem a finalidade de atender interesses fundamentalistas e moralistas de nossa sociedade brasileira “conservadora”. O fragmento - isolado e descontextualizado - em análise retirei do livro bíblico de I Coríntios, capítulo 6, versículo 9, cuja escrita é atribuída ao apóstolo Paulo. Discuto esse fragmento a partir de traduções, disponibilizada na Bíblia Online, em três línguas diferentes: português brasileiro, alemão e inglês.

**Quadro 4.** Contraste linguístico da tradução de fragmentos da Bíblia

<b>PORTUGUÊS</b> <sup>27</sup>	<b>INGLÊS</b> <sup>28</sup>	<b>ALEMÃO</b> <sup>29</sup>
Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus?	Know you not that the unrighteous shall not inherit the kingdom of God?	Wisset ihr nicht, daß die Ungerechten das Reich Gottes nicht ererben werden?
Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem <b>homossexuais passivos ou ativos...</b>	Be not deceived: neither fornicators, nor idolaters, nor adulterers, nor <b>effeminate</b> , nor abusers of themselves with mankind...	Lasset euch nicht verführen! Weder die Hurer noch die Abgöttischen noch die Ehebrecher noch die <b>Weichlinge</b> noch die Knabenschänder...

**Fonte:** A autora (2021)

<sup>26</sup> Aceso virtual disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UChLjPmP98T\\_TTQNxdb2fsw](https://www.youtube.com/channel/UChLjPmP98T_TTQNxdb2fsw). Acesso em: 05 novembro 2021. No meu entender, Casa de Mima é um ajuntamento de pessoas, que se reúne na casa de amigos. A princípio frequentam pessoas que pertencem ou pertenciam a alguma instituição eclesial, mas também pessoas sem nenhuma pretensão de vínculo religioso, que estão dispostas a debates e estudos decoloniais e progressistas acerca das Sagradas Escrituras. Sem pretensão de formalidade, discute - regado a vinho, deliciosos lanches e muitas risadas -, assuntos sensíveis quanto às questões sociais de nosso tempo. É um ajuntamento sem denominação e aberto às pessoas de quaisquer seguimentos religiosos e orientações sexuais.

<sup>27</sup> Bíblia Online. Tradução: Nova Versão Internacional. Disponível em: <https://bibliaestudos.com/nvi/1-corintios/6/>. Acesso em 07 jun 2021.

<sup>28</sup> Bíblia Online. Tradução: American King James Version. Disponível em: <https://bibliaestudos.com/akjv/1-corintios/6/>. Acesso em 07 jun 2021.

<sup>29</sup> Bíblia Online. Tradução: Elberfelder 1871 NT Original. Disponível em: <https://bibliaestudos.com/elb1871nt/1-corintios/6/>. Acesso 07 jun 2021.

As narrativas pessoais, como produtos da interpretação dos personagens bíblicos em relação às suas intimidades espirituais com seu Deus, mediadas por contexto histórico, temporal e linguístico, chegam até a cultura brasileira por meio de modalidades e perspectivas e diferentes traduções. Escolhi a perspectiva interpretativa da Bíblia Online para este momento. Nela, em português brasileiro, é apresentado o emprego da expressão “homossexuais passivos ou ativos”; no alemão, o vocábulo *Weichlinge*, traduzido pelo dicionário *Langenscheidt Taschenwörterbuch Portugiesisch*<sup>30</sup>, como fracote; no inglês, o vocábulo é *effeminate*, traduzido pelo dicionário *Oxford Escolar*<sup>31</sup> como efeminado.

No entanto, quando fiz um resgate histórico, cultural e linguístico do que poderia significar uma relação homossexual para o apóstolo Paulo, autor do texto acima mencionado, entendi outros conceitos diferentes daquilo que é amplamente difundido, genericamente, na teologia fundamentalista brasileira. O conceito para homossexual, aplicado hoje em dia, não condiz com um conceito de comportamentos que memorava relações sexuais com o mesmo sexo daquela época.

No contexto romano antigo, que era o contexto sócio-histórico de Paulo, para a relação sexual entre dois homens, tinha-se o uso da palavra *catamita* (em latim, *catamitus*), que dizia respeito a meninos, adolescentes, parceiros íntimos de um cidadão romano jovem; o termo também se referia a um escravo, usado como prostituto de um cidadão romano, de acordo como explica Henrique Gonçalves de Paula (2016):

Segundo Vasiliou, Cálicles realmente não aprova a vida do catamita ou do kinaidos; ele a considera, de fato, vergonhosa, mas porque ela não está de acordo com o modo de vida preconizado do homem superior; o kinaidos, afinal, é alguém que está numa posição de subserviência, o que Cálicles condena. (GONÇALVES DE PAULA, 2016, p. 83-84)

Como o romano não podia ser o passivo da relação sexual, por conta do ideal de força e perfeição, o *catamita* era o ser subjugado, passivo, como era comum a seres humanos escravizados. Esse era o contexto da Roma Antiga. Para além disso, considerando o politeísmo, havia o costume de iniciação religiosa para a deusa Cibele com a castração de homens, os *galli*, que estariam a lhes servir; ademais, efeminizavam-se crianças para lhes servirem de sacerdotes. A respeito disso, Semíramis Corsi Silva (2021) expõe que:

A partir do mito e da própria visão que os poetas tinham dos *galli*, portanto, os sacerdotes de Cibele tiveram suas representações ressaltando a feminilidade

<sup>30</sup> Dicionário Português – Alemão, Alemão-Português.

<sup>31</sup> Dicionário de inglês para estudantes brasileiros.

em suas performatividades e em seu próprio corpo: gestos, vestimentas, comportamentos variados e perda do órgão sexual masculino /.../ Catulo usa termos e adjetivos no feminino para descrever os sacerdotes da Grande Mãe, chamados por ele de gallae. Percebemos como o poeta não mede esforços para representar os sacerdotes de Cibele com trejeitos efeminados, com suas corridinhas afetadas, andar saltitante, estando acompanhados de uma agitação causada pela forte presença de variados instrumentos musicais que trazem a sonoridade marcante da cena. (SILVA, 2021, p. 5-6)

Essas práticas de subjugação masculina para o sexo, na cultura brasileira, naturalizadas na colonização – desde que tais práticas não fossem com pessoas brancas – podem ser vistas atualmente como pedofilia, escravização e prostituição de menores. Entretanto, jamais com alguma relação, por exemplo, entre dois homens cristãos ou não, apaixonados ou não, que vivem uma história de amor e/ou apenas de prazer. Entendo que, assim como está posto no Curso de Linguística Geral, 1916, atribuído a Saussure (2006), é o ponto de vista que determina o objeto. Isso se dá por motivações, com isso quero dizer que as motivações no contexto teológico brasileiro me parecem oriundas de uma cultura de opressão; enquanto colonizados, também reproduzimos opressões ao olhar para o outro, que inevitavelmente, difere de um padrão supostamente tido como ideal: “heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista europeu” (BALLESTRIN, 2013, p. 102), tido como padrão hegemônico.

Com o exposto mencionado na seção 2.1, quanto ao meu trabalho de tradução no âmbito religioso, que traduz um aspecto de minha subjetividade, busco evidenciar, a partir desses relatos pessoais, que o ponto de vista ideológico do tradutor/a pode afetar o serviço de tradução. Por isso, cabe destaque à resistência em aceitar serviços de traduções com prestação de serviço às pessoas LGBTTQIA+, o que parece estar fortemente atrelado à formação ideológica produzida em/por esses setores religiosos. Como mencionado anteriormente, discriminação e preconceito contra pessoas LGBTTQIA+ são práticas vergonhosamente comuns no processo de doutrinação eclesiástica oriundas dos púlpitos, e que se estendem às práticas de fiéis fervorosos na linha cristã evangélica fundamentalista.

Já que os tradutores/as que começaram suas atividades no século XX, genericamente vieram de ambiências eclesiásticas cristãs, como é o meu caso, essa seção, que demonstra o meu lugar de fala e o meu Nordeste no levantamento das análises quanto ao objeto de investigação, é mais do que uma despreziosa autobiografia. Ela se constitui, no entanto, num dever para demonstrar o meu respeito ao tocar em temas sensíveis como as identidades sexuais LGBTTQIA+ no processo de tradução LSB-LPO

com imagens e vozes de Drag Queen surda. Nesses termos, justifico a atenção exaustiva que foi dedicada a esse ponto.

## 2.2 TRADUÇÃO, SOCIOLINGUÍSTICA E DISCURSO

Para sugestão de uma teorização da práxis tradutória, o tradutor/a LSB – LPO pode olhar para o discurso em línguas de sinais proferido por vozes e imagens de Gays Surdos em performances artísticas Drag Queen, identificando “diversas possibilidades teóricas e abordagens metodológicas aplicáveis ao estudo do discurso” (METZGER; BAHAN, 2004, p. 117, *tradução minha*). De acordo com Deborah Schiffrin (1994), as seis abordagens metodológicas para a análise do discurso, mais utilizadas são: “teoria dos atos de fala, sociolinguística interacional, etnografia da comunicação, pragmática, análise da conversação e análise da variação” (SCHIFFRIN, 1994 *apud* METZGER; BAHAN, 2004, p. 117, *tradução minha*). Ainda de acordo com Metzger e Bahan (2004), “todas essas abordagens podem ser aplicadas ao estudo do discurso em línguas de sinais” (METZGER; BAHAN, 2004, p. 117, *tradução minha*).

Em se tratando de estudos da variação linguística em línguas orais, esse tema foi bastante difundido por William Labov, na identificação de variantes, em nível fonético, nos informantes de sua pesquisa. Porém, em estudos que envolvem Línguas de Sinais, Metzger e Bahan (2004) consideram que, em Lucas *et al.* (2001), é encontrado o maior estudo em variação sociolinguística da Língua de Sinais Americana. Ceil Lucas (1995, 1996, 2001) dedicou-se ao estudo da variação em nível fonológico. Nessa pesquisa, na interação Tradução, Sociolinguística de Terceira Onda e Sociolinguística Discursiva, interessa-me o estudo apenas no nível discursivo. No estudo do uso da linguagem para além do nível fonético-fonológico, assim como morfológico e sintático, conforme Stubbs (1983), a hierarquia dos níveis linguísticos nas unidades de discurso diz respeito às análises estruturais do discurso associadas às proposições, referência e coesão, organização de tópicos e subtópicos, e estilo (METZGER; BAHAN, 2004).

Discurso é considerado um campo interdisciplinar, estudado em suas diversas linhas teóricas, tanto na Sociolinguística Discursiva quanto em Análise do Discurso. Nessa Dissertação, a AD de linha francesa-brasileira mostrou-se mais estratégica para tratamento do problema e cumprimento dos objetivos. Nesta seção, que trato do discurso

em Sociolinguística, a saber, a Sociolinguística Discursiva com variação em estilo, considero que “[i]ndependentemente do tamanho da unidade de análise, é basicamente o exame de um enunciado e sua relação com outros enunciados ou tipos de enunciados em torno dele que permitem aos analistas examinar a estrutura do discurso” (METZGER; BAHAN, 2004, p. 114, *tradução minha*). A unidade de análise que sob a qual me debruço são os seguimentos da legenda integral do vídeo “Me conhecendo melhor” da Kitana Dreams.

De acordo ainda com Metzger e Bahan (2004, p. 142, *tradução minha*), é dito que “*o impacto dos fatores sociolinguísticos no discurso*” é um fenômeno que necessita ser estudado em diversas línguas, mas em especial nas Línguas de Sinais, considerando que a diversidade de gêneros discursivos é ponto de convergência entre qualquer língua. Metzger e Bahan (2004) consideram que, ao suprimir o nível discursivo da tradução, estaria a se comprometer a coesão, pois as

análises do discurso nas línguas de sinais deixam claro a necessidade de exame do discurso em níveis acima da sintaxe, tanto para uma melhor compreensão da estrutura da língua de sinais quanto para a compreensão da linguagem em geral. Esses estudos também têm implicações práticas para profissionais em uma variedade de áreas [...]. Isso também têm implicações para a área da interpretação. Genericamente é esperado que os intérpretes usem a metodologia de equivalências ao traduzir a mensagem de uma língua para outra. Intérpretes que tentam adotar equivalência no nível lexical ou da sintaxe, afastam-se do nível discursivo como um todo, e não mantém a coesão. A análise do discurso nas línguas de sinais fornece informações importantes, tanto teóricas quanto práticas. (METZGER; BAHAN, 2004, p. 142-143, *tradução minha*<sup>32</sup>)

Para mim, observar apenas a equivalência como estratégia de tradução não atende idiosincrasias inerentes aos atos discursivos de Gays Surdos em performances artísticas Drag Queen, pois é preciso considerar o que está não apenas nas vozes, mas também nas imagens disponibilizadas pela enunciativa Kitana Dreams. Para entender o valor simbólico das vozes e imagens no momento de enunciação, recorro aos trabalhos da Profa. Dra. Adriana dos Santos Batista, docente do PPGLINC/UFBA.

---

<sup>32</sup> Texto original: *Discourse analyses of sign languages make clear the necessity for examination of sign language discourse at levels above the sentence, both for the improved understanding of sign language structure and for the understanding of language in general. These studies also have practical implications for professionals in a variety of Fields [...]. It also has implications for the field of interpretation. Interpreters generally are expected to convey equivalent messages when translating between two languages. Interpreters who attempt to provide equivalence at a lexical or sentential level are potentially missing aspects of the discourse as a whole (such as cohesion). Discourse analysis of sign languages provides important information, both theoretical and practical.* (METZGER; BAHAN, 2004, p. 142-143)



Na sua Dissertação de Mestrado, intitulada “Imagens do professor de língua portuguesa em concursos públicos da Grande São Paulo”, defendida em 2011, ela traz o seguinte conceito sobre a imagem:

O conceito de imagem empregado origina-se da Análise do Discurso, mais especificamente, das considerações de Pêcheux (1993b) acerca das formações imaginárias, que se caracterizariam por imagens que os interlocutores fazem de si mesmos, do outro e do referente no ato da comunicação. (BATISTA, 2011, p. 7)

A partir de Batista (2011), compreendo que, ao tratar do discurso da Kitana Dreams, reflito a respeito de quais formas a expressão de sua imagem podem sugerir o imaginário do tradutor/a. Por exemplo, como é possível significar, por meio do enunciado em LP, o modo como ela se apresenta, usa seus adereços, se apresenta ao público montada em sua drag.

Já na Tese de Doutorado, intitulada “Arranjos de vozes em textos jornalísticos: quem discute educação na cobertura sobre avaliações externas?”, defendida por Batista (2016), ao tecer as análises sobre o texto escolhido, a autora me leva a entender que o valor das vozes empregado no discurso é muito mais do que a mensagem, leia-se, texto emitido, no caso da minha pesquisa, do texto veiculado em LP. Entretanto, a partir da pesquisa da professora, entendo que o valor da voz no discurso é obtido por um conjunto de fatores circundantes que determina o valor do que é expresso.

O valor da voz da Kitana evoca tantos outros elementos que a torna significativa, como a própria mensagem, as imagens que sua audiência tem sobre a drag queen e a pessoa surda, mas, sobretudo, as leituras que o tradutor/a – aquele que primeiramente a interpreta e depois a traduz – tem sobre o ser Surdo, sua mensagem, seu texto, sua persona, sua arte e, principalmente, sobre a comunidade LGBTQIA+. A voz da Kitana ressoa apropriadamente associada à sua imagem ou não, especialmente a partir das leituras do tradutor/a sobre a ela.

É nesta complexidade, descrita acima, que conceitualmente uso os vocábulos vozes e imagens no nível discursivo para referir-me à identidade e usos linguísticos. A partir da relação entre AD (BATISTA, 2011; 2016) e Sociolinguística Discursiva com variação em estilo (METZGER; BAHAN 2004), é suscitada a significância entre vozes, imagens e a identificação do estilo de fala drag. Ao passo que observar a variação estilística mostra-se fundamental, teço minhas reflexões e propostas de tradução LSB-LPO. Quando o estilo de fala é observado e empregado pelo tradutor/a na interpretação tanto das vozes quanto das imagens, infiro que haverá correspondência de sentido,

coerência quanto ao enunciado que será entregue ao público da língua de chegada na produção linguística em LP.

Nesse entremeio, o papel do tradutor/a não é neutro. A sua enunciação em LP será uma escolha que pode exaltar, neutralizar ou macular o sentido empregado pelas vozes e imagens discursivas. Para apresentar o sentido, o tradutor/a é levado a adicionar essas vozes e imagens à mostra nos atos discursivos. Eni P. Orlandi (2001), ao falar de discurso, assevera que “não há sentido sem interpretação”, e que a interpretação “atesta a presença da ideologia”, pois “diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar”. O sentido do discurso não é único, pois as leituras da voz e imagem não é unilateral; ele aparece na relação entre os interlocutores “como o resultado da interpretação” que por sua vez é individual (ORLANDI, 2001, p. 46).

Na produção de sentidos, a coesão é delegada à interpretação/individualidade de quem está nesse entremeio interlocutivo - o tradutor/a. Esse tem um importante papel produtivo, pois pode distorcer as vozes das imagens, aproximar ou distanciar essas vozes e imagens dos locutores da língua de chegada. A partir dos posicionamentos de Orlandi (2001, p. 46), quando faço um paralelo com o serviço do tradutor/a, entendo que esse passa a ocupar um lugar de sujeito, autônomo, (re)criador quando interpreta as vozes e imagens e logo após entra no processo de produção linguística em LP, por meio de alguma técnica de tradução, que pode ser através de reelaboração, tradução livre ou retradução. Nesses modelos de tradução, que concede abertura à criatividade do tradutor/a, essa produção é fruto da subjetividade que o atravessa e o constitui.

Jacques Derrida (1973, p. 13), ao discorrer sobre o “significante e a verdade”, faz referência à proximidade entre a voz e pensamento. Em minha interpretação e paráfrase, a voz é como a enunciação do tradutor/a. Embora a voz do tradutor/a seja proveniente da discursividade do outro/enunciador primário/palestrante, a sua voz decorre do processo reflexivo, da sua interpretação, visão de mundo, e, portanto, de suas filiações ideológicas. A tradução constitui-se assim em um processo que perpassa pelo labor, elucubrações e emulações na mente do tradutor/a. São acirradas disputas, essencialmente pela concorrência, nesse momento de tomadas de decisões em frações de segundos, entre as gramáticas da LSB e da LP: sobre qual estrutura gramatical será suplantada; e sobre as escolhas lexicais e semânticas que emergirão. Ainda em Derrida (1973), o pensamento é visto como decorrência do estado da alma, da intimidade/profundidade do ser. Com isso, a enunciação do tradutor/a reverbera suas próprias convicções. A voz do tradutor/a, assim, é considerada não apenas uma enunciação resultado da produtividade técnica, ela também

é um discurso, carregado de suas ideologias e história, as quais se refletem na variação estilística dessa língua em uso no processo de tradução.

### 2.2.1 Estilo como prática comunicativa situacional

Assim como Hall (2008) diz que as identidades não são estanques, elas se alternam a depender do contexto social em que o indivíduo está inserido, o estilo de fala também assume a mesma característica - é dependente do contexto. Metzger e Bahan (2004) apresentam o contexto como aspecto complementar à noção de discurso em sociolinguística, implicado no momento de interação entre os interlocutores. O contexto complementa as informações que o tradutor/a precisa apreender, a fim de repassar uma produtividade coesa entre as imagens do sujeito discursivo no momento e contexto de enunciação.

O contexto é relevante para a análise da estrutura do discurso, porque é por meio do uso de determinadas expressões e enunciados em contextos específicos, que as pessoas podem transmitir e compreender o que está sendo comunicado. A estrutura sequencial de um discurso em particular, pode ser vista em termos da relação dos enunciados com o contexto em que eles ocorrem. (METZGER; BAHAN, 2004, p. 116, *tradução minha*)

Adicionalmente, o contexto discursivo, de acordo com Metzger e Bahan (2004, p. 116), apresenta-se em três aspectos. São eles:

**Quadro 5.** Contextos discursivos

<b><i>Conhecimento Prévio</i></b>	Diz respeito às informações que os tradutores/as já trazem consigo quanto ao tema e informações do perfil do sujeito discursivo que estarão em jogo no momento de tradução.
<b><i>Ambiente</i></b>	Diz respeito ao local em que o sujeito discursivo estará no momento de enunciação. Será em ambiente acadêmico, em programa de TV, em setting terapêutico, em consulta médica etc. O ambiente implica no uso da linguagem e na forma do comunicado.
<b><i>Relação Social</i></b>	Diz sobre o nível da interatividade que é estabelecida no momento de enunciação. A posição e status da Drag Queen no momento de enunciação implicará na entonação e variação linguística utilizada.

**Fonte:** A autora (2021)

Não há um único contexto discursivo e um único estilo de fala que o falante use ininterruptamente, atemporalmente, pois “todo falante exhibe alternâncias de variáveis linguísticas, em maior ou menor grau, quando se altera o contexto social e a temática da interação” (VELOSO, 2014, p. 7). Em outra obra, Veloso (2016) afirma que surgiu recentemente uma nova proposta em Sociolinguística que busca entender o significado social das variáveis linguísticas. Começo a partir daqui a tratar das aproximações dessa pesquisa em Tradução com a Sociolinguística de Terceira Onda.

Nessa perspectiva, o estilo é tido como um recurso para expressão das posições identitárias dos sujeitos-falantes, que, inseridos em diversas comunidades de práticas, desenvolvem um senso de si e do mundo social à sua volta e, a partir disso, definem seus usos linguísticos. Assim, o falante deixa de ser visto como alguém que carrega de forma passiva e estável um modo de fala, para ser compreendido como um agente de estilo, que atua ativa e continuamente em processos de autoconstrução e diferenciação social (ECKERT, 2012; ECKERT e McCONNELL-GINET, 2010). /.../ A identidade, um fundamento essencial ao posicionamento do indivíduo no meio social, está ligada a uma agência linguística que é perpassada pela forma como o sujeito conduz os estilos /.../. Não se trata somente de identificar os fenômenos variáveis nos estilos, mas compreender de que maneira esses fenômenos compõem a identidade do falante e se relacionam ao significado social da variação. A ênfase está em como os falantes individuais usam o estilo - e outros aspectos do seu repertório linguístico - para representar a sua identidade. (VELOSO, 2016, p. 230-231, 234-235)

Ainda sobre estilo, Irvine (2001) declara que não se pode desassociar estilo em linguagem do emprego de estilo em outras leituras de atividades sociais. A variabilidade e alternância são características inerentes às práticas comunicativas. Estilo estará associado à noção de distinção e contraste com outras propostas de variações. “As características de um determinado estilo não podem ser explicadas independentemente de outros estilos” (IRVINE, 2001, p. 22, *tradução minha*), pois elas são explicadas e estabelecidas em contraste. O contraste estabelece limites e semelhanças. Nos Estudos Sociolinguísticos correntes, isso se aplica às mudanças e variações em formas verbais e não-verbais de comunidades de práticas, motivadas essencialmente por valores históricos, culturais, simbólicos, semióticos, identitários e ideológicos.

Esses bens sociais de cada comunidade de prática incidem diretamente nas expressões das vozes e imagens dos indivíduos em suas interações dentro do grupo de afinidades, mas também fora dele. Embora Irvine (2001) conceba estilo, como “o ‘estilo’ de uma subcultura”, que provoca distinções à mostra “nas roupas, postura, gíria, preferências musicais de seus membros, até mesmo em suas preocupações centrais” (IRVINE, 2001, p. 23, *tradução minha*), Johnson (2010), por outro lado, assevera que “a

cultura não é um campo autônomo nem extremamente determinado, mas um local de diferenças e lutas sociais” (JOHNSON, 2010, p. 13).

Com o exposto acima, não adoto o conceito de subcultura, mas culturas. A relevância dessa distinção dá-se pela nossa filiação à agenda decolonial. A decolonialidade, para além de um movimento contra o norte-global e contra sudeste-nacional - por isso adoto a perspectiva geográfica, meu Nordeste -, destaca a importância de que a noção de sociedade e cultura não é determinada pelo princípio hegemônico do colonizador, mas entende que todos os grupos sociais e culturas, constituem a tessitura social, que é multifacetada. O agenciamento de subcultura, para mim, aciona o empreendimento colonial, que é capaz de apagar/ignorar tanto o físico quanto o simbólico de inúmeras culturas e, por conseguinte, o apagamento dos valores sociais, linguísticos, simbólicos e culturais do estilo de fala drag. Isso inviabilizaria esta pesquisa.

Nisso, estilo como prática de representação cultural e social, legitima as diferenças, determina perfis que emergem do individual para a coletividade e vice-versa. Nessa concepção, a linguagem serve como demarcador de representatividade e situação, em que atos “sociais, incluindo atos de fala, são informados por um sistema ideologizado de representações” (IRVINE, 2001, p. 24, *tradução minha*). Compreendo também, ainda com base em Irvine (2001), que a representatividade não é neutra, ela carrega em si ideologias expressas na fala e no discurso de quem ocupa o lugar de representação, de quem é autorizado a posicionar-se como entidade representativa. A esse respeito, da autorização à fala como representatividade, Bourdieu (1977, p. 1, *tradução minha*<sup>33</sup>) dicorre como “em certas circunstâncias históricas” ou “em certas situações sociais, sentimos com forte angústia ou desconforto” quando temos que “falar em uma situação de autoridade” ou “em uma situação na qual somos autorizados”.

A partir de Irvine (2001) e Bourdieu (1977), vejo que a representatividade não diz respeito apenas a quem diz e como se diz, mas também em quem lê e como se lê a expressividade do outro. Nesse caso, tenho o outro como o tradutor/a, na leitura do palestrante. O estilo de fala usado pelo palestrante insere-se numa via de mão dupla, de interpretação mútua: envolve características históricas e sociais de quem enuncia e de

---

<sup>33</sup> Texto original: *Pourquoi dans certaines circonstances historiques, dans certaines situations sociales, ressentons-nous avec angoisse ou malaise ce coup de force qui est toujours impliqué dans la prise de parole en situation d'autorité ou, si l'on veut, en situation autorisée.*

quem lê. É uma situação interpretativa altamente dependente da bagagem e histórico de quem está nesse meio interlocutório, no caso, o tradutor/a.

Irvine (2001) menciona que a noção de representatividade se relaciona à noção de referência que o tradutor/a tem dos valores dessa comunidade de prática, desse sujeito representativo. A referência pode aproximá-lo ou distanciá-lo da concepção de referência de quem, nesse momento de interação, ocupa o turno de fala. Pelo exposto, as variações linguísticas encontradas nas comunidades de prática LGBTTQIA+ que fazem performance artista Drag Queen apresentam intersecções<sup>34</sup> com valores culturais e identitários que emergem no estilo, no uso da linguagem. Manter a variação linguística desse sujeito que ocupa um lugar de representatividade é ponto crucial no serviço de tradução. É desta forma que é interessante pensar no conceito de fidelidade.

### 2.3 QUEM É O OUTRO NO IMAGINÁRIO DO TRADUTOR/A?

Ao tratar de representatividade e de referência no discurso, uma pergunta se faz necessária: quem é o outro no imaginário do tradutor/a? Esse outro, agora, digo da comunidade LGBTTQIA+, dos Surdos Gays e da Drag Queen, pois é mister que o discurso do palestrante sinalizante chegue ao destinatário. Para isso, o discurso perpassa primeiramente as acepções do tradutor/a, tanto no entendimento do enunciado, quanto nas leituras e interpretações identitárias das vozes e imagens do palestrante sinalizante.

O tradutor/a, após essas leituras tanto do enunciado quanto das identidades do outro, entremete-se, em frações de segundos, em automáticas elucubrações filosóficas e disponibiliza um novo enunciado. Com base em suas reflexões sobre o outro, esse conceito prévio das vozes e imagens – do discurso, certamente reverberará na produção do enunciado que será apresentado/transmitido ao público destinatário.

O produto final que chegará ao interlocutor destinatário - no serviço LSB-LPO - é considerado mais um resultado das leituras identitárias que o tradutor/a tem do outro, no caso, da sua interpretação do discurso quanto às vozes e imagens discursivas e da

---

<sup>34</sup> O termo interseccionalidade foi cunhado pela professora Kimberlé Williams Crenshaw (USA). O termo age como uma ferramenta epistemológica do Feminismo negro, a partir da qual se faz possível tensionar estruturas sociais de gênero, raça e classe social com fins emancipatórios. No Brasil, autoras como Lélia Gonzalez e Djamilá Ribeiro, dão continuidade a tais estudos interseccionais.

identificação, compressão e uso que estes profissionais fazem do estilo de fala utilizado pelas Drag Queens, do que uma produção em equivalência da obra originária do enunciador/palestrante. Assim, tradução é considerada uma manifestação da interpretação do tradutor/a sobre as vozes e imagens do outro. De fato, o resultado do trabalho de tradução da LBS – LPO para o público da língua de chegada, que são as pessoas ouvintes não fluentes em LSB, é algo indiscutivelmente atravessado pela subjetividade do tradutor/a. É um aparente paradoxo que não se resolve, mas que precisa ser aceito por entender que a tradução sempre será um processo inquestionável de desvio daquilo que supostamente é chamado de original.

Por isso, são demarcadoras da qualidade da transmissão discursiva as impressões que o tradutor/a tem quanto às imagens e às vozes discursivas. A “língua pode afetar” profundamente “as relações sociais em um nível macro. Por exemplo, um enunciado como ‘Eu os declaro marido e mulher’ é um comportamento linguístico que muda as relações sociais para pessoas de uma variedade de origens religiosas” assim como pode afetar as interações sociais em ‘nível micro’. (METZGER; BAHAN, 2004, p. 114, *tradução minha*).

Em meu entendimento – tensionado a partir da interlocução entre Estudos da Tradução, Sociolinguística de Terceira Onda e Análise do Discurso – as concepções filosóficas e leituras de mundo do enunciador podem modificar a forma de uso da linguagem, o que, por sua vez, afeta a mensagem que será entregue ao público da língua de chegada. Porém, nesse entremeio – emissor-receptor não fluente em LSB – existe o serviço desviante do tradutor/a, suas acepções a respeito de como ele mesmo concebe a persona drag queen, dialoga ou atrita no processo de suas emulações mentais.

Mais uma vez, preciso recorrer à resignificação ou redução que fiz quanto ao valor semântico da palavra emulação. Emulação apenas como superação, como disputa, como competição. Essencialmente empregado sobre qual estrutura gramatical irá prevalecer nesses instantes de labor tradutório. Entendo como consciente, o recorrente conflito dos/as tradutores/as, quanto ao uso ou suplantação de estruturas gramaticais. Em minha observação e exercício com equipes de tradutores/as, identifico que, independentemente do nível de formação, tradutores/as podem flutuar discursivamente no uso das duas gramáticas: LSB e LP, no instante de tradução LSB-LPO.

Nas obras de García (2009; 2016); García; Cole (2016), vejo que a habilidade *tranlanguage*, contempla o “uso completo do repertório linguístico da pessoa bilíngue, que, do ponto de vista social, é entendido como uso ‘fluente’” (GARCIA; COLE, 2016,

p. 48, *tradução minha*). No caso, a pessoa bilíngue apresenta livre percurso no uso fluente das línguas envolvidas no processo. Isso é absolutamente diferente da descrição feita por Nascimento (2012), quando afirma que há uma realização precária no percurso gramatical nas línguas envolvidas no processo, pois as línguas ficam em atritos e, por isso, apresenta “quebra na organização linguístico-discursiva” (NASCIMENTO, 2012, p. 87).

Nesse percurso livre ou truncado, é que localizo as disputas/emulações entre as escolhas de estruturas gramaticais que ocorre na tradução. Em que, ao invés de apresentar uma mistura desorganizada entre as duas línguas em curso, se oportuniza uma comunicação fluida, compreensível, capaz de levar a mensagem ao destinatário.

Como explicitado acima, o tradutor/a em seu afã está a ocupar o entremeio na interlocução palestrante – público. Nesse lugar, traduzir a Drag Queen Surda não seria meramente compreender partes dos elementos linguísticos perceptíveis na mensagem. Traduzi-la está para além disso, posto que, na variação distintiva entre Gays Surdos não-efeminados e efeminados, identificada por Michaels (2015) e Oliveira (2017), há não somente os elementos paralinguísticos encontrados nas imagens da persona drag queen, mas também existem outros aspectos linguísticos, sobretudo em nível fonético-fonológico e sintático-semântico. Desta forma, se o tradutor/a não percebe essa variação linguística, ele não a emprega na sua tradução, perde a idealidade de sentido, a tão almejada, fidelidade.

Quer dizer, é de extrema relevância a autorreflexão quanto à teorização da própria prática tradutória: a reflexão quanto às ideias que o tradutor/a tem sobre os sinalizantes Gays Surdos em performances artísticas Drag Queen. Conforme Metzger e Bahan (2004),

[a]s pessoas ao se comunicarem usam seu conhecimento para responder de forma adequada (ou inadequada), com gravidade ou com humor. O fato de um enunciado transmitir ou não uma determinada intenção pode ser subjetivo. Uma pessoa ao enunciar pode ter a intenção de insultar um destinatário, mas falha se o destinatário não se sentir insultado. Por outro lado, um destinatário pode se sentir insultado por um enunciado, mesmo que um insulto não tenha sido intencional pelo falante. (METZGER; BAHAN, 2004, p. 114-115, *tradução minha*<sup>35</sup>)

O sentido que pode ser dado ao discurso é complicador de todo o processo tradutório. A mensagem pode chegar com o mesmo teor do “original”, ou não, para o

---

<sup>35</sup> Texto original: *People use their knowledge of communication to respond appropriately (or inappropriately), with gravity or with humor. Whether or not an utterance conveys a certain intent can be subjective. A speaker might intend to insult an addressee but fails if the addressee does not feel insulted. Conversely, an addressee might feel insulted by an utterance, even though an insult is totally unintended by a speaker.* (METZGER; BAHAN, 2004, p. 114-115)



público da língua de chegada. Relembrando que garantir o teor “original” significa perceber e manter a variação linguística fala drag. Porém, tudo isso dependerá das elucubrações filosóficas, ideológicas, teórico-metodológicas do tradutor/a quanto ao prognóstico, conceitos, aceitação ou preconceito quanto à persona drag queen. A subjetividade do tradutor/a é, sem dúvida, o elemento mais importante a ser considerado nesse processo tradutório, a fim de manter a variação estilística presente no discurso.

## 2.4 O AFÃ TRADUTÓRIO

Trato o afã como o labor, empenho, dedicação, trato, labuta, esmero que o tradutor/a emprega no seu fazer a transposição das vozes e imagens sinalizantes para o vozeamento dos valores culturais e ajustes para a estrutura gramatical da LPO. Para debruçar-me sobre isso, recorro a Derrida (1973), que, em minha interpretação, apresenta um valor substancial à voz ao falar de fonocentrismo,

[j]á se presente, portanto, que o fonocentrismo se confunde com a determinação historial do sentido do ser em geral como *presença*, com todas as subdeterminações que dependem desta forma geral e que nela organizam seu sistema e seu encadeamento historial (presença da coisa ao olhar como *eidos*, presença como substância/essência/existência (*ousia*), presença temporal como ponta (*stigmé*) do agora ou do instante (*nun*), presença a si do cogito, consciência, subjetividade, co-presença do outro e de si, intersubjetividade como fenômeno intencional do ego etc.). O logocentrismo seria, portanto, solidário com a determinação do ser do ente como presença. (DERRIDA, 1973, p. 15)

Jacques Derrida apresenta um valor inestimável da fala em relação à escrita, pois a fala é mais acessível e natural a todos, diferentemente da escrita que necessita de sistematicidade para aprendizado. Parto do princípio de que, tanto a tradução escrita quanto a tradução simultânea são laboriosas, independente do tempo que os profissionais tenham para realizá-las. Cada uma dentro de suas especificidades demandam alto desempenho intelectual; uma com a exigência de consultas prévias – tradução simultânea, e a outra – tradução escrita, com possibilidade de consultas em curso, porém ambas, complexas! É muito precioso, para mim, dizer que tradução é tradução independentemente da modalidade e sentido.

Entretanto, como estou a tratar do vozeamento na tradução preciso evidenciar que a tradução LSB – LPO é um serviço complexo. Não existe apenas uma única forma de

olhar, descrever e teorizar o labor nessa área. Perspectivas teóricas e metodológicas não faltam quando o assunto é tradução LSB – LPO. No entanto, muitos tradutores/as ainda não se dedicaram a teorizar a própria práxis tradutória, bem como, avaliar a necessidade de reflexão sobre a manutenção de variações estilísticas nesse processo, uma vez que elas refletem a identidade dos sujeitos traduzidos. A fim de colaborar nessa lacuna, a partir de agora darei um pouco mais de atenção a esse labor tradutório, quanto à autonomia e dificuldades nessa modalidade de tradução.

#### 2.4.1 Autonomia na recriação textual

Para prosseguir rumo à teorização da minha práxis tradutória, é necessário percorrer um pouco outros aspectos referentes ao tradutor/a e a seu serviço. No Brasil, um documento de relevância histórica para as comunidades de tradutores/as foi o Código de Ética, originário do Registro dos Intérpretes para Surdos de Washington (Estados Unidos da América), sob o título original *Interpreting for Deaf People*. Esse Código ganhou visibilidade e popularização no Brasil a partir da tradução realizada por Ricardo Ernani Sander, na década de 1990 (séc. XX). Esse documento foi aprovado no II Encontro Nacional de Intérpretes, ocorrido em 1992, na cidade do Rio de Janeiro.

Ricardo Sander se destaca por ser o primeiro intérprete a sinalizar o *Hino Nacional Brasileiro* em eventos oficiais da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS. Em 1988, a FENEIS organizou o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, evento que possibilitou o intercâmbio entre intérpretes do Brasil, bem como uma avaliação sobre aspectos ligados à tradução e interpretação. Em 1992, ocorreu o II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, oportunidade em que se deu a votação e aprovação do *Código de Ética dos Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais no Brasil*, documento que faz parte do regimento interno do Departamento Nacional de Intérpretes da FENEIS. A demanda pela acessibilidade linguística dos alunos surdos crescia rapidamente e foi pauta de intensas reivindicações da comunidade surda; em decorrência, no final da década de 1990, iniciam-se os cursos de formação de tradutores/intérpretes de Libras promovidos pela FENEIS em vários estados da federação. (GOULART; BONIN, 2019, p. 58)

Esse manual traz observações, especialmente, quanto ao emprego da fidelidade e neutralidade, como característica elementar da ética profissional. O Código de Ética foi inserido como parte integrante do livro “O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa”, publicado em 2004, pela Secretaria de Educação Especial vinculada ao Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos do MEC. Esse Programa, destinado à Educação de Surdos, teve como objetivo a promoção do

“desenvolvimento profissional de professores” que estivessem em atuação “em qualquer ambiente educacional, na função de intérprete de língua de sinais”, no intuito de colaborar para que comunidades escolares e a sociedade em geral se engajassem à luta para o atendimento educacional acessível às Pessoas Surdas. (QUADROS, 2004, p. 5)

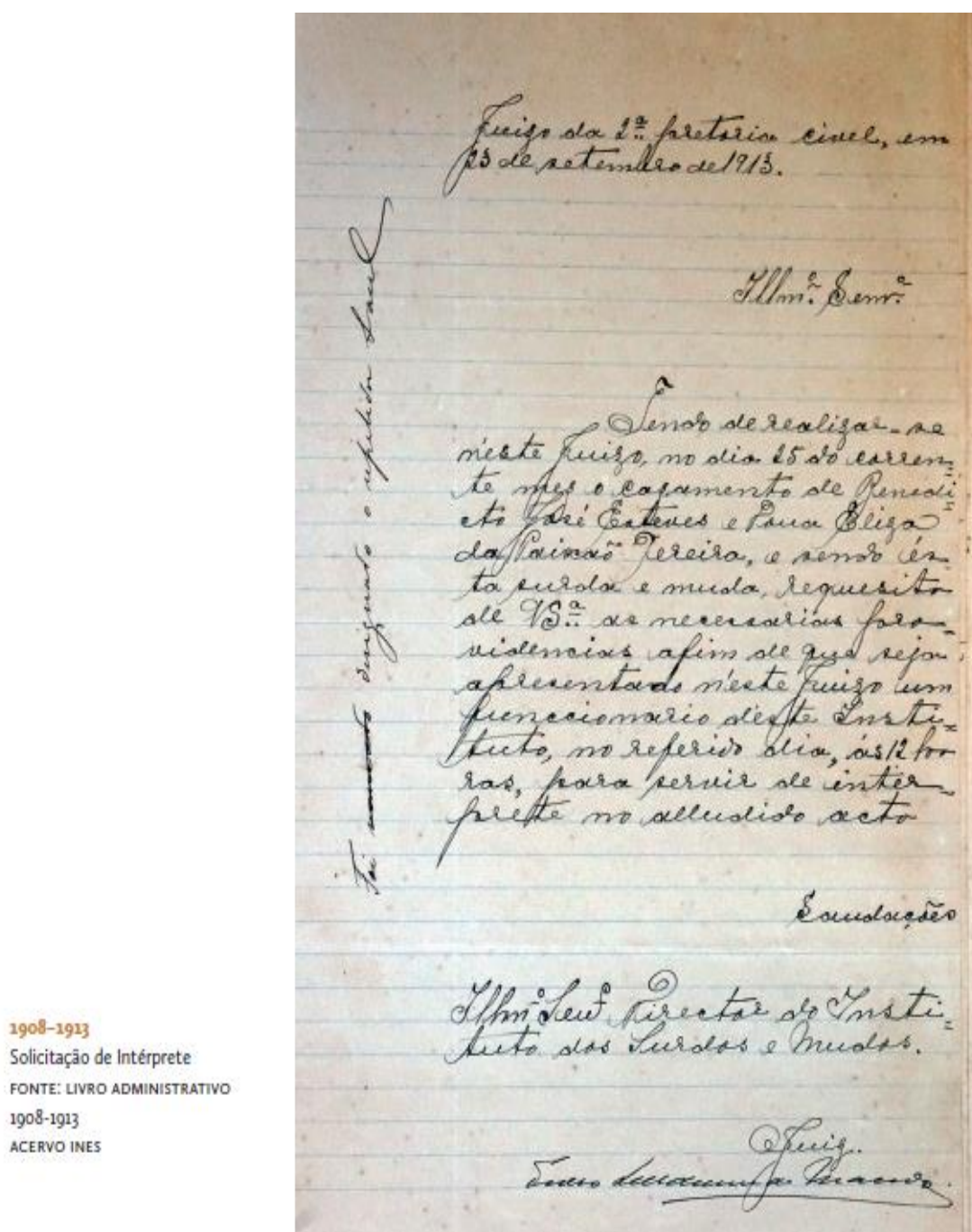
Traçando um resgate histórico, observo que, desde a época do Império, por conta da fundação do Instituto Nacional de Educação para Surdos no Rio de Janeiro, constam documentos no acervo do instituto com solicitação do serviço de tradução, como exposto na página seguinte (Figura 4).

Quanto ao documento apresentado na Figura 4, a historiadora Solange Rocha (2018) elucida que:

se faz necessário para que possamos compreender o número significativo de ofícios recebidos de entidades públicas e privadas, nas primeiras décadas do século XX, solicitando funcionários intérpretes do Instituto para mediar a comunicação entre surdos e ouvintes. Encontramos até uma solicitação de interpretação de um enlace matrimonial, cuja noiva era surda. (ROCHA, 2018, p. 75)

Apesar do documento mencionado, decidi considerar a sanção da Lei de LSB como um marco para as implementações governamentais capazes de determinar a disponibilidade de serviços de tradução em todos os estados da federação. Nesse sentido, tenho, nessa publicação de 2004, que apresenta o Código de Ética, o marco inicial das implementações para serviços de tradução para todo o Brasil.

Figura 4. Ofício de solicitação de Intérprete<sup>36</sup>



Fonte: Rocha (2018, p. 87)

<sup>36</sup> Transcrição do texto: “Juizo da 2ª pretoria cível, em 23 de setembro de 1913. Illm.<sup>o</sup>. Senr.<sup>o</sup>. Tendo de realizar-se neste Juizo, no dia 25 do corrente mês o casamento de Benedito José Esteves e Dona Eliza da Paixão Pereira, e sendo ésta surda e muda, requisita de VS.<sup>a</sup> as necessarias providencias afim de que sejam apresentados n’este Juizo um funcionario deste Instituto, no referido dia, às 12 horas, para servir de intérprete no aludido acto. Saudações. Illm.<sup>o</sup> Senr.<sup>o</sup> Director do Instituto dos Surdos e Mudos”. (LIVRO ADMINISTRATIVO, 1908-1916 apud ROCHA, 2018, p. 87, transcrição minha).

Por essa abordagem histórica, identifico que a função do tradutor/a sempre esteve vinculada aos professores, que estariam desempenhando o papel de tradutores/as: “professores que estarão atuando, em qualquer ambiente educacional, como intérprete de língua de sinais” (QUADROS, 2004, p. 5). Com o avanço significativo na história, entendo que docência e tradução são duas profissões diferentes, as quais exigem competências profissionais diferentes. Somente por meio da Lei nº 12.319/2010, a profissão do tradutor/a foi regulamentada, permitindo a distinção entre as duas atuações profissionais, como mostro abaixo:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa /.../ Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo /.../ Brasília, 1º de setembro de 2010; 189º da Independência e 122º da República. (BRASIL, 2010, Arts. 1 -7)

Ainda sobre a publicação de 2004 do Código de Ética, documento do Ministério da Educação, que marcou o início do reconhecimento e regularização da profissão, importa relatar que essa publicação se deu sob a responsabilidade do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, do Ministro da Educação Tarso Genro, tendo como Secretário Executivo do Ministério da Educação, Fernando Haddad, e Claudia Pereira Dutra, como Secretária da Educação Especial.

Em 2010, na regulamentação profissional do tradutor/a, assumem responsabilidade na sanção o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, o Ministro da Justiça, Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto, o Ministro da Educação, Fernando Haddad, o Ministro do Trabalho e Emprego, Carlos Lupi, e Paulo de Tarso Vanucchi, como Ministro de Estado chefe da Secretaria Especial de Direitos Humanos.

Quando faço contraste entre os gestores que assumiram responsabilidade na publicação de 2004 e na sanção de 2010, vejo o deslocamento das autoridades vinculadas às promoções da educação para Pessoas com Necessidades Especiais<sup>37</sup> para autoridades referentes ao emprego, trabalho, justiça e seguridade social. Com isso, o Governo do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva apresentou avanços, implementações,

---

<sup>37</sup> O termo ‘Pessoas com Necessidades Especiais’ foi atualizado para ‘Pessoas com Deficiência (PCD)’, na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Pessoas com Deficiência (2006), e promulgado no Brasil de acordo com o Decreto Nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.

falhas e correções das mesmas, a fim de garantir tanto a acessibilidade linguística para as Pessoas Surdas quanto o exercício profissional do tradutor/a.

Foram apresentados, no sumário da referida publicação de 2004, os seguintes tópicos: “Minidicionário dos intérpretes de língua de sinais”; “História do profissional tradutor e intérprete de língua de sinais”; “Língua de sinais brasileira”; “O intérprete de língua de sinais”; “O código de ética”; “Regulamento para atuação como tradutor e intérprete de língua de sinais”; “Resoluções do encontro de Montevideú”; “A formação de intérpretes no mundo e no Brasil”; “O intérprete educacional”; “Modelos de tradução e de interpretação”; “O intérprete e os discursos a interpretar”; “Contrastes entre a Língua de sinais brasileira e a língua portuguesa” e “O futuro profissional tradutor e intérprete de língua de sinais” (QUADROS, 2004, p. 6). Esse material serviu como manual de assuntos elementares para as pessoas, como eu, que se dedicaram ao serviço da Educação de Surdos como tradutor/a. No fragmento abaixo, ele explica quem são as Pessoas Surdas que estariam a receber o serviço dos tradutores/as:

Surdos - São as pessoas que se identificam enquanto surdas. Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais. Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. (QUADROS, 2004, p. 10)

Nessa década, as Pessoas Surdas eram vistas e tratadas como um grupo social com valores culturais próprios, marcados essencialmente pela visualidade. Para além disso, a descrição sobre o tradutor/a e o serviço tradutório continha o seguinte teor:

Tradutor-intérprete de língua de sinais - Pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral ou escrita). Tradução-interpretação simultânea - É o processo de tradução-interpretação de uma língua para outra que acontece simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo. Isso significa que o tradutor-intérprete precisa ouvir/ver a enunciação em uma língua (língua fonte), processá-la e passar para a outra língua (língua alvo) no tempo da enunciação. (QUADROS, 2004, p. 11)

Nessa redação, vejo uma demarcação das reflexões e posicionamentos do Governo Federal quanto às Pessoas Surdas e ao atendimento especializado a essas. Nesse momento de implementações dos fundamentos para o exercício da tradução, de ampla distribuição pelos Estados da Federação, é que se concebeu a importação de um Código

de Ética, que funcionou como “um instrumento que orienta o profissional intérprete na sua atuação” (QUADROS, 2004, p. 31).

Vale memorar que, ainda na época do Império, houve um trabalho, também importado, mas da França, para o ensino às Pessoas Surdas. Porém, para o exercício do tradutor/a, esse Código de Ética nos serviu como instrumento, diante de um quadro de ínfimas pesquisas na área e inexistência da regulamentação da profissão. O Código é composto por quatro capítulos e treze artigos, entretanto, os artigos sobre os quais me proponho a refletir, neste momento, mediante uma abordagem sociolinguística discursiva, na busca da identificação e da demarcação do estilo de uso da linguagem pelos sujeitos discursivos, são os artigos 2º e 3º. Sua redação consta:

2o. O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo; 3o. O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade. (QUADROS, 2004, p. 32)

A princípio, exigir imparcialidade e neutralidade do tradutor/a não me parece problemático, em que imparcialidade é visto como “o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias” (QUADROS, 2004, p. 28). No entanto, o convívio com equipes de tradutores/as me mostra estilos de traduções problemáticos, que não permitem liberdade e criatividade para construções sintáticas e adoções de variações de estilos de fala como prática comunicativa situacional. Parece que a variação estilística ainda não ganhou a notoriedade que merece, tendo em vista que ela está presente no discurso do enunciador/palestrante.

Nisso, estou discutindo as inúmeras possibilidades de elaborações e retraduições nas manipulações de construções sintáticas, a fim de adequar o tempo de fala ao tempo de sinalização, dos acréscimos que complementem o sentido do enunciado – originalmente não explícito no discurso primário, no entanto, precisamente implícito –, na utilização de vocabulário adequado ao contexto de enunciação e aos sujeitos discursivos.

Em minha práxis com equipes de tradutores/as, percebo a superestima pela busca de equivalência de vocabulário, como também, da mesma sequencialidade linear identificada na sinalização em LSB, a fim de manter a marca, a impressão exata dos traços de fala da Pessoa Surda. Ainda se omitem informações complementares contidas tanto no estilo de uso da linguagem do sinalizante quanto nos próprios parâmetros fonológicos da

LSB, como apontam Michaels (2015) e Oliveira (2017), quanto ao valor discursivo do traço de feminilidade nos elementos linguísticos.

Minhas acepções vão na direção do proposto por Nascimento (2012), quando este faz as seguintes observações:

[é] comum presenciarmos interpretações da Libras para o português em que o discurso oral destoa não apenas do discurso produzido na língua de sinais, mas também é constituído de uma incompatibilidade da própria produção da oralidade. Esse fato ocorre nos casos em que o intérprete não realiza uma interpretação em si, isto é, conduz o sentido do discurso do locutor em língua fonte “quebrando” a forma dessa língua para vesti-lo com a forma da língua alvo (NASCIMENTO, 2011), mas realiza a nomeação, em português, dos léxicos da língua de sinais, e conserva sua sintaxe, causando no interlocutor ouvinte certo estranhamento dessa produção oral. (NASCIMENTO, 2012, p. 87)

Com o exposto, hipotetizo que inadequações encontradas em produções linguísticas dos tradutores/as ocorrem em decorrências da noção de fidelidade e neutralidade existente em seu imaginário, consequência do introito da inauguração do serviço de tradução no Brasil. Esse serviço era desprovido de formação profissional e de aprofundamento em pesquisas temáticas, além disso, associada à influência dos dogmas eclesiásticos no serviço de tradução, cujo perfil dogmático tinha/tem uma doutrina de manter a fidelidade ao texto, sem a possibilidade de uma livre exegese, contextualização ou deslocamento de uma única vírgula das Sagradas Escrituras. Assim, esse rigor “hermenêutico” preservava a integridade textual. É necessário acrescentar que, até o ano de 2008, não havia nenhum curso de nível superior, em instituições públicas de ensino superior, destinado à formação de tradutores/as de línguas de sinais.<sup>38</sup> Na maioria das regiões brasileiras, na década de 1990, a “formação” baseava-se na prática, pelo convívio com a Pessoa Surda, mediante prestação de serviços voluntários, motivados principalmente por fins eclesiásticos.

Ainda na década de 1990, apenas algumas pessoas tinham a oportunidade de tomar conhecimento e fazer os cursos de formação promovidos pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos<sup>39</sup>. Em 2008, foi inaugurado o primeiro Curso de Bacharelado em Tradução em Letras-Libras, pela UFSC, na modalidade EaD, curso que foi disponibilizado para todo o Brasil.

---

<sup>38</sup> É importante destacar que Lemos e Carneiro (2021) apresentam relato de curso de graduação em Tradução em instituição particular: “No estado de São Paulo, no ano de 2010, a Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) ofereceu a Graduação Tecnológica de Tradução e Interpretação de Libras, que deveria ser cursada em três anos”. (LEMOS, CARNEIRO, 2021, p. 19). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/33393/29589>. Acesso em: 11 fev. 2022.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://feneis.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 23 de abril de 2021.



Em vista disso, os interessados em atuar como tradutores/as contam apenas com cursos livres por empresas particulares, cursos de extensão universitária, cursos de associações filantrópicas, instituições eclesiais e ínfimas possibilidades de graduação em Tradução. A falta de formação profissional tem impedido avanços nos Estudos da Tradução de/para línguas de sinais, conseqüentemente, nas adoções metodológicas que permitam ao tradutor/a refletir sobre sua práxis tradutória e desempenhar com tranquilidade a modalidade de tradução LSB – LPO mediante diversas técnicas de tradução.

#### 2.4.2 Dificuldades na tradução LSB-LPO

A publicação de Chaibue e Aguiar (2016, p. 15) levantou a importante hipótese de que o “motivo relevante para a dificuldade na interpretação LS-LO”, no caso LSB-LPO, está relacionada à “lentidão da musculatura do aparelho fonador” na tentativa de “produzir sentenças de forma mais rápida”: se um tradutor/a não consegue ter a rapidez de um “radialista narrador de futebol” para emitir o enunciado, ele não conseguirá fazer uma boa tradução LSB-LPO:

O humorista Tom Cavalcante ganhou há alguns anos um destaque nacional pela sua habilidade de falar. Além de conseguir fazer imitações de falas com perfeição, ele consegue falar com uma notável rapidez. Quem não se lembra das narrações do João Canabrava? No entanto, poucas pessoas têm esta habilidade, sendo esta de extrema importância para a atuação do profissional intérprete, pois além da diferença exposta entre as velocidades das musculaturas do aparelho fonador e dos membros superiores, algumas características existentes nas LS contribuem ainda mais para a discrepância no ritmo entre as duas modalidades de línguas. (CHAIBUE; AGUIAR, 2016, p. 16)

Como mencionei anteriormente, diferentes perspectivas teóricas possibilitam diferentes formas de interpretação dos fenômenos linguísticos, assim, entendo a colocação mencionada acima por Chaibue e Aguiar (2016), mas, tenho outra opinião sobre isso. Embora, atualmente haja um novo Código de Ética disponibilizado pela FEBRAPILS<sup>40</sup>, para mim, a noção de fidelidade e neutralidade, colocadas pelo Código de Ética de 2004, ainda está enraizada na essência do que seja essa noção de fidelidade e neutralidade. Isso, tem impactado na autonomia da recriação textual para ajustes lexicais

---

<sup>40</sup> Código de Conduta e Ética da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B7ZxCOYQ0QJmTUDtZ2xIZHlqQ1U/view?resourcekey=0-UR8f76e4adlVWnFLu1CTwQ>. Acesso em: 15 fev. 2022.

e morfossintáticos. Muitas vezes, as propostas de léxicos e sintaxes que têm sentido para os usuários da LSB não têm o mesmo impacto para os usuários da LP. Nascimento (2012) complementa que

[e]ssa quebra na organização linguístico-discursiva, que pode causar estranhamento inicial no interlocutor ouvinte, é a mesma que aparece no discurso de um sujeito com *afasia*, uma patologia decorrente de Acidente Vascular Encefálico (AVE) e que se caracteriza por uma alteração de processos linguísticos de significação de ordem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais), produzida por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem (ORTIZ, 1997). Nesse tipo de discurso, existe a dificuldade no nível de compreensão da linguagem, bem como no de seleção lexical e organização sintática, gerando um enunciado incompleto, com quebras nessa sintaxe e incompletude do corpo léxico. Com esse tipo de interpretação, além de não construir a ponte interativa para a passagem do sentido, o intérprete pode desqualificar o enunciador surdo por meio da sua interpretação. Se seu discurso em língua portuguesa oral se distanciar dos aspectos estilísticos, temáticos e composicionais do discurso em língua de sinais, o TILSP pode confirmar, para alguns ouvintes, a representação social existente ainda no imaginário da sociedade sobre o sujeito surdo: deficiente e, portanto, incapacitado de falar em sua própria língua. (NASCIMENTO, 2012, p. 87-88)

Quando o tradutor/a realiza esse fenômeno linguístico, em que há “quebra na organização linguístico-discursiva”, no caso da tradução, de maneira genérica, não faço associação à “patologia decorrente de Acidente Vascular Encefálico”, conforme contrasta com propriedade de fala o bacharel em fonoaudiologia Nascimento (2012, p. 87). Hipotetizo que essa condição na dificuldade, especificamente, em casos de tradução LSB – LPO, dá-se por falta de formação profissional. Considero que essa lacuna na formação tem provocado baixo índice de reflexão do ato tradutório e, conseqüentemente, prejudicado a autonomia e protagonismo do tradutor/a quanto à noção de liberdade e criatividade na produção linguística, diante da necessidade de tomadas de decisões de valor lexical, sintático, semiótico e discursivo que preferenciem a língua e a cultura do público de chegada, no caso, a LPO.

Esse posicionamento de “quebra na organização linguístico-discursiva” (Ibidem) não é visto apenas na tradução *on-line*; em muitos textos escritos, originários de artigos, dissertações e teses de Pessoas Surdas, ainda que passem por revisão textual, observa-se desencontros com a sintaxe na estrutura gramatical da LP. Isso se dá por conta da mesma justificativa – à preservação da idiosincrasia da fala da Pessoa Surda no uso da gramática da língua de sinais, como preservação da marca da fala surda. Para a tradução, isso é uma questão: aproximaremos o texto de partida do público da língua de chegada ou preservaremos as características da língua de partida?

Sobre as tomadas de decisões do tradutor/a, Furlan (2014), observando as elucubrações e práxis de Cícero (43 a.C.), traz-nos a seguinte reflexão:

Não traduzi como intérprete, mas como orador, com os mesmos pensamentos e suas formas bem como com suas figuras, com palavras adequadas ao nosso costume. Para tanto não tive necessidade de traduzir palavra por palavra, mas mantive o gênero das palavras e sua força. Não considerei, pois, ser mister enumerá-las ao leitor, mas como que pesá-las. [...] Se, como espero, eu tiver assim reproduzido os discursos dos dois servindo-me de todos seus valores, isto é, com os pensamentos e suas figuras e na ordem das coisas, buscando as palavras até o ponto em que elas não se distanciem de nosso uso. (CÍCERO 1996 38; 40; V, 14; VII, 23 apud FURLAN, 2014, p. 17)

Associo a análise que Furlan (2014) nos traz sobre a obra de Cícero à autonomia e à liberdade criativa na produtividade linguística, na superação, no emprego não apenas das escolhas lexicais e sintáticas, mas também do estilo de referência das vozes e imagens discursivas. Embora, no contexto romano, o significado que se dá a emulação está consoante

[o] Tratado da imitação, de Dioniso de Halicarnasso, do século I a.C., é uma das principais obras que teorizam sobre tal concepção e é uma excelente fonte para a discussão sobre a imitação de escritores-modelo, atividade denominada de emulação. Esta pode ser definida, conforme o faz o tradutor da versão que consultamos, como um esforço que leva o imitador a igualar, se não a ultrapassar, o próprio modelo, definição corroborada por Quintiliano, segundo o qual “só pela imitação não há crescimento”, pois “também serão celebrados aqueles que forem considerados como tendo superado os seus antecessores e ensinado os seus sucessores”. Pode-se perceber, então, que no conceito de emulação encontram-se as noções de rivalidade e superação. O sentimento da emulação desperta no artista um desejo de “rivalizar com o que parece haver de melhor em cada um dos antigos” e de “superar as particularidades dessas obras”. Nesse ponto é importante lembrar que o termo grego traduzido pelos latinos como *aemulatio* é *zélōsis*, derivado do substantivo *zêlos*, cujo significado flutua entre zelo, ardor; rivalidade, emulação; inveja, ciúme. O substantivo é tomado de empréstimo ao grego pelo latim na forma *zelus* e daí passa às línguas românicas, numa interessante evolução. Em português e em espanhol temos, respectivamente, as palavras *zelo(s)* e *celo(s)*, significando, no singular, cuidado, preocupação dirigida a alguém e, no plural, ciúmes. A diferença é que em português a ocorrência mais frequente é a forma singular com o sentido de cuidado, enquanto no espanhol predomina o uso da forma plural, com sentido de ciúmes. Já no francês e no italiano, existem as respectivas formas *zèle* e *zelo*, de menor frequência, significando cuidado, proteção, mas também *jalousie* (fr.) e *gelosia* (it.), mais frequentes, significando inveja, ciúme. Essa polissemia gerada na evolução do sentido da palavra define bem a relação do escritor com seu modelo: trata-se de uma relação dúbia, de cuidado e ciúme, zelo e inveja, simultaneamente. Ao mesmo tempo que o escritor admira seu modelo, guarda-lhe inveja, mas uma inveja positiva. Tal sentimento é esclarecido por Aristóteles, nos capítulos X e XI da *Retórica*, dos quais estabelece uma oposição entre a *phthónesis*, traduzível como inveja, e a *zélōsis*, traduzível como emulação. A primeira se trata da inveja propriamente dita, negativa, que leva alguém a querer destruir seu rival. A segunda se refere ao sentimento de admiração e respeito em relação ao rival, que leva o imitador a querer superá-lo a partir da *tékhnē* e do estilo do próprio modelo. (SALTARELLI, 2010, p. 51-53)

Aqui utilizo emulação também com intenção de superação, mas de forma restrita: superação do tradutor/a em relação às línguas que disputam suas escolhas. Nesse nível unilateral de disputa, o tradutor/a pode “conservar os mesmos pensamentos e suas formas e figuras”, no entanto, com “palavras adequadas ao costume” do público da língua de chegada, mantendo o sentido de o texto aproximar-se das idiossincrasias da língua de chegada, “sem necessidade de traduzir palavra por palavra, mas mantendo o mesmo gênero (qualidade, condição, caráter)”. Por outro lado, o tradutor/a pode optar por “manter o conteúdo lógico do original e reproduzir com a maior exatidão possível as ideias, as figuras e a ordem expositiva”, o que mantém o enunciado próximo do texto de partida, mas distante do público da língua de chegada (FURLAN, 2014, p. 17).

Fica evidente que discussões sobre tradução perpassam os séculos. Marco Túlio Cícero levantou questões que, embora mereçam ser ressignificadas em pleno século XXI, se fazem discutíveis. A não aproximação da tradução do público da língua de chegada causa o “estranhamento dessa produção oral” referenciado por Nascimento (2012, p. 87). Com isso, é oportuna a ressignificação da metodologia de Cícero, bastante em voga em seu tempo, na ideia de recriar, competir, emular. Isso permite, ao texto de partida, alterações em nível morfossintático que possibilitem aproximações ao público da língua de chegada, garantindo, assim, ao labor do tradutor/a, a transposição do sentido, a fim de que o autor primário se faça acessível e compreensível para a sua audiência. Não é evidente que há uma maneira de traduzir melhor do que a outra; tudo não passa de decisões de cada tradutor/a.

Não obstante, muitas decisões parecem ser tomadas irrefletidamente, por uma ideia de que a manifestação da autonomia e da criatividade no processo tradutório incorra em infidelidade, intromissão, descaracterização, desoriginalização do texto de origem. Santos-Reis da Costa e Carvalho (2021) apresentam a seguinte reflexão quanto à autonomia do tradutor/a:

[c]onsideramos, impelidos pelo desconstrutivismo derridiano, que traduzir não significa encontrar equivalente palavra por palavra. Há uma busca pela unidade principal que é o pensamento, a ideia, o significante. Defendemos a expertise e autonomia do tradutor para fazer escolhas que atendam elementos linguísticos e culturais específicos da língua de chegada, por considerar que cada língua é diferente uma das outras tanto no vocabulário quanto na visão de mundo (OUSTINOFF, 2011, p. 26-27). Neste sentido, nos sentimos confortáveis ao usar o ditado italiano em que “traduzir é, forçosamente, trair, para retomar o adágio italiano *traduttore, traditore*” (OUSTINOFF, 2011, p. 16). (SANTOS-REIS DA COSTA; CARVALHO, 2021, p. 165)

Entendo, como exposto acima, que metodologias de tradução e tomadas de decisões são de normalidades no processo tradutório. As vozes e imagens do sinalizante perpassam, naturalmente, involuntariamente e inconscientemente, pela interpretação do tradutor/a, pela maneira como este lê o mundo. O que impede os atravessamentos do tradutor/a na tradução é não precisar - em alguns (ou talvez muitos) momentos - do serviço do tradutor/a. Diante dessa autonomia na interpretação, é que decisões precisam ser tomadas a cada instante. Inevitavelmente, o texto sofrerá interferências do olhar do tradutor/a, tendo em vista que não há originalidade, como expõe D'Angelo (2016):

[m]as por que a tradução é percebida como uma traição? Ela é efetivamente uma traição. E está bem que seja assim. Recriação infiel, cruel, distante, a tradução, por sua natureza, trai porque ela nunca está se posicionando num terreno certo. Não gosta da retórica das ideologias, a tradução. A tradução pode gerar somente uma interpretação plural, ambígua. Trata-se de uma ambiguidade ditada pela consciência de que não existem textos que obedecem a regras de previsibilidade lógica. (D'ANGELO, 2016, p. 162)


Nisso, o tradutor/a tem a responsabilidade de construir a ponte interativa entre locutor e interlocutor (NASCIMENTO, 2011), na “recriação infiel” (D'ANGELO, 2016, p. 162) do discurso. Desse direito, ele não deve se eximir, como tem feito em muitas de suas atuações. A liberdade criativa na produtividade linguística se faz, essencialmente, com rupturas quanto à noção de fidelidade e neutralidade na tradução.

No entremeio emissor e colocutor, o tradutor/a, ao significar a mensagem recebida e associar vozes e imagens dos sujeitos discursivos, produz, ao seu modo, um novo enunciado para entregar ao público da língua de chegada. Ele está envolvido em uma tarefa psicológica ainda mais complexa, pois precisa “decodificar os [sinais] que lhes são dirigidos no ato comunicativo, de modo a identificar morfemas, palavras, sintagmas e frases” em línguas de sinais. Após “conseguir interpretar os estados mentais e as intenções comunicativas de seu locutor” (KENNEDY, 2013, p. 13) que enuncia em uma língua de modalidade visuo-espacial (QUADROS; KARNOOP, 2004), o tradutor/a se dispõe à interpretação do comunicado, e às escolhas lexicais e sintáticas, a fim de organizar seus “pensamentos em morfemas e palavras, que por sua vez, devem ser combinadas entre sintagmas e frases” (KENNEDY, 2013, p. 13), em uma língua de modalidade oral-auditiva, respeitando as estruturas linguísticas e valores culturais do público da língua de chegada.


Com o exposto, parto do entendimento de que as dificuldades citadas por Chaibue e Aguiar (2016) podem ser solvidas quando me proponho a: (i) garantir a autonomia e protagonismo na tradução, (ii) permitir-me recriar o texto de acordo com a

interpretação/compreensão da mensagem, (iii) adaptar-me ao contexto e aos elementos linguísticos e paralinguísticos da língua de chegada, (iv) considerar os valores culturais e identitários das comunidades de prática impressas nas comunicações individuais (WENGER, 1998; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2003; VELOSO, 2014).

Considero que esses elementos, citados acima, devem fazer parte do labor do tradutor/a no afã tradutório. Os valores culturais e linguísticos em LSB são distintos dos valores em LPO; por isso, para mim, as dificuldades de traduções LSB – LPO não podem ser resolvidas por condições de motricidade orofacial, mas, com liberdade, criatividade e autonomia na recriação textual, tanto em nível sintático quanto discursivo.



**SEÇÃO III**  
**SOCIOLINGUÍSTICA DE TERCEIRA ONDA E A**  
**IDENTIDADE GAY SURDA NA PERFORMANCE**  
**ARTÍSTICA DRAG QUEEN**



The page features a decorative floral border at the top and bottom. The top border includes large pink and purple flowers, green leaves, and smaller yellow and pink flowers. The bottom border is similar, with large pink and purple flowers, green leaves, and smaller pink and purple flowers. The background is white with scattered gold confetti.



Nesta terceira seção, continuo a tessitura do quadro teórico com aproximações dos estudos de Sociolinguística de Terceira Onda na associação com os Estudos de Tradução da LSB-LPO, a fim de vislumbrar possibilidades de preservação de estratégias linguísticas identitárias da sexualidade de surdos LGBTTQIA+ no processo de tradução.

### 3.1 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A SOCIOLINGUÍSTICA DE TERCEIRA ONDA

O percurso para chegar à Sociolinguística de Terceira Onda perpassa pelos estudos labovianos. A seguir apresento esse percurso histórico, teórico e metodológico.

#### 3.1.1 Primeira e Segunda Onda da Sociolinguística

A fim de adentrar no campo dos estudos da Sociolinguística de Terceira Onda, foi essencial uma breve exposição do percurso teórico-metodológico que conduziu a Sociolinguística até lá. Para começar, vejo que o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação teve como marco os estudos de William Labov, na ocasião de sua pesquisa de mestrado (1963) sobre a variação do inglês falado pelos moradores da ilha de Martha's Vineyard, e, conseqüentemente, com sua pesquisa de doutorado (1966) sobre o inglês falado em New York (TARALLO, 1986; LABOV, 2008). Na década de 1960, “uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota”, pois muitos linguistas ainda estavam ocupados com as descrições de idioletos que lhes eram próprios, inúmeros empecilhos haviam quanto ao “estudo da língua na vida diária” (LABOV, 2008, p. 13).

Em sua dissertação, Labov observou a mudança sonora em nível fonético nos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade de fala da ilha de Martha's Vineyard. Essa comunidade ficava na ilha de Martha's Vineyard (município de Dukes, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América). Ela, a comunidade, foi selecionada “como laboratório para uma investigação inicial dos padrões sociais na mudança



linguística”, porque tinha o diferencial “de ser uma unidade independente, separada do continente” por “(cerca de cinco quilômetros) do Oceano Atlântico”. Além do favorecimento da distância, a ilha foi considerada, do ponto de vista social e geográfico, “complexa o bastante para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico” (LABOV, 2008, p. 22).

A complexidade de Vineyard deu-se por sua origem étnica composta por ingleses, portugueses e indígenas, que se dividiam geograficamente em Ilha Alta – vilarejos, e Ilha Baixa – a zona rural. O censo de 1960 mostrou que essa comunidade de fala tinha o total de 5.563 habitantes, sendo 3.846 moradores da Ilha Alta e 1.717 da Ilha Baixa. Muitos turistas na época de veraneio procuravam a ilha. “Sete a cada oito seres humanos na ilha são visitantes”, porém considerou-se que os veranistas tinham irrelevante *status* na ilha a ponto de causar influência nos dados sociolinguísticos dos moradores (LABOV, 2008, p. 30).

O método de coleta proposto por Labov foi complexo por conta da busca de dados que fossem suficientes para as análises.

A fim de estudar sistematicamente esse traço, foi necessário conceber um modelo de entrevista que fornecesse vários exemplos de /ay/ e /aw/ na fala espontânea, na fala emocionalmente carregada, na fala monitorada e no estilo de leitura /.../ 1. Um questionário lexical, usando marcadores regionais /.../ 2. Perguntas acerca de juízos de valor, explorando a orientação social do informante /.../ 3. Um texto para leitura especial, usado principalmente na escola secundária /.../. Além da entrevista formal, fizemos observações em muitas situações espontâneas /.../. Mas essas anotações serviram apenas como controles suplementares sobre as entrevistas gravadas em fita. (LABOV, 2008, p. 31-32)

Willian Labov considerou que os moradores de Vineyard não tinham consciência fonológica no emprego dos “ditongos centralizados” /ay/ e /aw/. A resposta a isso poderia ser porque “a centralização é somente um entre muitos traços fonológicos”. Os traços considerados mais altos eram “de maior contrição” e os mais baixos, “mais abertas”; isso, respectivamente, relacionado ao grupo de nativos pertencentes à parte da ilha mais alta e aos falantes da ilha baixa que tinham influência continental. Em suma, a articulação da boca, no caso, “‘boca fechada’ era objeto de avaliação social” (LABOV, 2008, p. 60-61).

Independentemente da faixa etária, havia um sentimento de valorização da história da ilha que os fazia resistir às pressões advindas do “declínio da economia e diante do assédio ininterrupto dos veranistas” (LABOV, 2008, p. 57). Essa resistência mostrava-se na centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ pelos moradores da Ilha Alta, os Chilmark –

descendentes de ingleses, e em baixa escala pelos indígenas Gay Head ambos pertencentes à Ilha Alta.

Já em sua tese doutoral, que teve por objetivo observar a “estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York” (LABOV, 2008, p. 63), Labov selecionou três lojas no bairro *Lower East Side*, a sudeste de Nova York, a fim de observar a variação fonética nos funcionários dessas lojas. As lojas foram: *Sacks Fifth Avenue*, situada na “esquina da rua 50 com a 5ª Avenida, perto da zona comercial mais sofisticada, junto com lojas de alto luxo”; *Macy’s*, que ficava na “esquina da rua 34 com a 6ª Avenida, perto da zona das confecções, junto com Gimbels e Sacks na rua 34 e outras lojas de preço e prestígio medianos”; *S. Klein*, na “rua 14 com a Broadway, não muito longe do Lower East Side” (LABOV, 2008, p. 66).

As três lojas pesquisadas tinham status socioeconômicos diferenciados: a primeira de alto luxo, a segunda mediana, e a terceira de pouco prestígio socioeconômico. O método de coleta de dados foi simples e consistia na

aplicação do estudo de eventos de fala casuais e anônimos à situação de lojas de departamento. O entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento específico. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: “Por favor, onde ficam os sapatos femininos?”, a resposta geralmente era: “*Fouth floor*” (“Quarto andar”) /.../ O entrevistador se movia ao longo da seção da loja até um ponto imediatamente fora da vista do informante e tomava nota por escrito do dado. (LABOV, 2008, p. 70)

A partir dos dados coletados, Labov considerou que foi “nítida e coerente estratificação (r) nas três lojas” (LABOV, 2008, p. 71), em que “os grupos estão ordenados por seu uso diferenciado de (r-1) na mesma ordem de sua estratificação por fatores extralinguísticos” (LABOV, 2008, p. 72). Ou seja, quanto mais luxuosa era considerada a loja, maior segurança na pronúncia do /r/ foi observada.

Nas duas pesquisas realizadas por Labov, observa-se que variações fonéticas eram estabelecidas por valores sociais, quer pela preservação da história e cultura local, quer pela demarcação de status social. Valores sócio-históricos, culturais e de prestígio social foram vistos como elementos para o estabelecimento de variação linguística.

Quanto ao valor das variantes, Tarallo (1986) afirma que se refere a um jogo voraz de concorrentes. Disputas são travadas entre uma e outra variante, elas são adversárias até a aniquilação de uma delas. O estudo sociolinguístico possibilita apresentar, definir e caracterizar “detalhadamente cada uma dessas concorrentes”; ao se conhecer o perfil de cada uma delas, compreende-se o valor de cada uma e as chances de sua preservação e

uso pela comunidade de falantes (TARALLO, 1986, p. 33). Apesar de o estudo em Vineyard (1963) anteceder o estudo em Nova York (1966), o segundo estudo é considerado na categoria de caracterização de fases, estudos de Primeira Onda da Sociolinguística, e o de Vineyard, como estudos de Segunda Onda.

Ao discorrer sobre estudos de Terceira Onda (cf. Eckert (2000, 2005, 2006) e Eckert e McConnell-Ginet (2010)), Cerqueira (2020, p. 78) assevera que os estudos de Primeira Onda “apresentam um vasto retrato das variáveis linguísticas usadas pela comunidade de fala”, numa circunscrição definida e delimitada geograficamente, em que normas de uma dada língua são compartilhadas nesse espaço. Já para a segunda onda, Cerqueira (2020) considera que a “segunda onda é fortemente marcada pelo caráter etnográfico cujas características possibilitam a percepção de um retrato local das variáveis linguísticas”. No caso, são “os traços linguísticos, compartilhados pelos falantes” que os diferencia de outros grupos sociais (CERQUEIRA, 2020, p. 78-79).

A partir das falas da Profa. Dra. Fernanda de Oliveira Cerqueira, posso compreender que, na Primeira Onda, a comunidade de estudo é definida geograficamente, com marco territorial (país, estado, cidade); isso impacta no número de falantes, apesar de não ser determinante. Na segunda onda, por sua vez, também há delimitação geográfica para comunidades de fala. Contudo, elas não possuem marco territorial institucional, na maioria das vezes. Costumam ser comunidades menores como, por exemplo, as comunidades de pescadores, ribeirinhos, quilombolas, terreiros de candomblé, etc. Em vista disso, o número de falantes tende a ser menor, mas isso é consequência, não causa. No caso, o território estabelecido como comunidade de fala para a Primeira Onda é reconhecido institucionalmente, enquanto os de Segunda Onda, normalmente, não o são. Por conta disso, o número de falantes da Segunda Onda tende a ser menor do que os da Primeira Onda. No entanto, nada disso é decisivo.

### **3.1.2 Terceira Onda da Sociolinguística**

Os estudos de Terceira Onda na Sociolinguística, que têm origem em Eckert e McConnell-Ginet (2010), tratam de comunidades de prática, em que os informantes têm como característica elementar a ligação, alguma afinidade e/ou interesse mútuo. Veloso (2014) acrescenta que a Sociolinguística havia encontrado barreiras nos estudos da variação por não levar em conta o significado social das variáveis concernentes ao estilo

empregado na fala de comunidades menores, com papéis e atividades desenvolvidas por indivíduos em suas relações sociais. É nessa lacuna que Eckert (2003, 2005, 2012) estuda o fenômeno da variação e sua relação com comunidades de práticas, em que procura “analisar o estilo como um fator que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação” (VELOSO, 2014, p. 2).

Eckert e McConnell-Ginet (2010) consideram que a linguagem como prática comunicativa deve também ser objeto de estudo da Sociolinguística. É nesse lugar que são alocados os estudos de linguagem e gênero (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010). É necessário salientar que os estudos labovianos não fizeram distinção entre sexo e gênero. Porém, nesse estudo, corroboro com Ferraz *et al.* (2016) para quem sexo e gênero possuem conceitos diferentes, em que sexo apresenta um conceito biológico, que é associado à genitália, e gênero, um conceito de construção social.

A respeito dos conceitos de gênero utilizados nos estudos sociolinguísticos, Wodak e Benke (1997) afirmam que as pesquisas correlacionando linguagem e gênero tiveram início com os trabalhos de Labov, nos anos 1960. Nessa tradição, gênero é visto como sexo biológico, não sendo feitas considerações acerca de sua construção social /.../ sendo correto pensar que o sexo deve ser compreendido na normatividade do corpo, ou seja, ele é a norma que torna esse corpo viável, qualificando-o, tornando-o inteligível culturalmente. Nesse sentido, o reconhecimento do gênero aponta para a constituição da identidade dos sujeitos. (FERRAZ *et al.* 2016, p. 206-210)

Observando gênero como resultado de construção social, entendo que as identidades de gênero permitem acesso às práticas linguísticas decorrentes das relações comunicativas dentro desses nichos de pertencimentos identitários. Nisso, as análises das variações linguísticas não tratam apenas da observação à competência linguística, mas, essencialmente, das competências comunicativas e afetivas implicadas na linguagem. Para ilustrar, temos o exemplo do uso do vocábulo “Ms.” aderido por feministas americanas:

no final dos anos 60, uma ação combinada por parte das feministas americanas introduziu o título social de “Sra.” no léxico dos formulários de endereço. O objetivo era fornecer um pronome de tratamento equivalente a “Sr.”: um termo que designasse o gênero, independente do estado civil. Isso foi considerado particularmente importante pois, ao contrário dos homens, as mulheres eram julgadas, qualificadas e desqualificadas, incluídas e excluídas, com base em seu estado civil. Havia uma expectativa quanto às mulheres, que ao invés de elas se importarem com os estudos e trabalho, elas se importassem com o casamento; mulheres de mais idade que não eram casadas eram consideradas fracassos pessoais; mulheres solteiras com filhos eram consideradas imorais. Com isso, o uso enfático de “Srta.” ou “Sra.” era frequentemente usado para colocar as mulheres em seus lugares socialmente definidos (por exemplo, ‘É SENHORITA, não é?’). A introdução deste novo termo, portanto, foi um ato de mudanças para as mulheres, um movimento para aumentar a equidade de gênero. Na época, a maioria das usuárias de inglês achavam que isso era um

ato bobo, fútil, o uso do termo foi considerado por muitos como um símbolo de feministas que rejeitavam serem definidas por seu estado civil. No entanto, o uso de “Sra.” foi sendo aderido com a ajuda da indústria da publicidade, não no interesse da igualdade feminina, mas para ofender mulheres cujo estado civil era desconhecido para o anunciante. O uso diário, entretanto, ainda reflete a diferença ideológica e o fluxo que acompanha a mudança.<sup>41</sup> (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 69-70, *tradução minha*)

Observo, assim, que as convenções linguísticas não são estanques, por isso, a partir das interações dialógicas, elas se modificam e se espalham para o tecido social. Os valores internos de comunidades de prática, no caso supracitado das mulheres no emprego linguístico do (traduzido) “Sra.”, não foram construídos aleatoriamente; forças externas que as classificavam e as diferenciavam do todo social impulsionam resistências decorrentes de valores históricos, simbólicos, culturais e idiossincráticos que as diferenciavam enquanto fragmentações socioidentitárias na categoria social gênero. A necessidade de autopreservação e autovalorização dessas mulheres, que as identificaram nesse pertencimento histórico-identitário por discriminação de gênero, motivou mudanças e variação linguística para as identificarem e diferenciarem (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010).

A variação linguística característica de comunidades menores é motivada por forças externas que associam as práticas sociais ao estilo de fala. A motivação que as une e as engaja em uma prática e em uma causa em comum gera comportamentos, atitudes, vocabulários, estilos de fala que as diferenciam das pessoas que não fazem parte dessa rede, desse pertencimento identitário.

A mudança linguística acontece de forma sutil. Quando a linguagem é associada às questões de construção de gênero, o processo acontece de forma semelhante. Fala das pequenas atuações individuais que dia após dia ocupa espaços nas rotinas verbais da comunidade, de forma inconsciente. Essas rotinas verbais causam pequenas proporções

---

<sup>41</sup> Texto original: *In the late sixties, a concerted action on the part of US feminists introduced the social title Ms. into the lexicon of address forms. The purpose was to provide an equivalent of Mr. -- a term that designates gender, but not marital status. This was felt to be particularly important because, unlike men, women were judged, qualified, and disqualified, included and excluded, on the basis of their marital status. Women were routinely expected to leave school and the workplace if they married; older women who were not married were considered personal failures; unmarried women with children were considered immoral. The emphatic use of Miss or Mrs. was often used to put women in their place (e.g. ‘it IS MISS, isn’t it?’). Introducing this new term, therefore, was an act of rehabilitation for women, a move to increase gender equity. At the time, most English users thought this was a silly or futile act, and the use of the term was considered by many to signal only that the user was a feminist who rejected being defined by her marital status. Ms. did catch on, however, with the help of the advertising industry, not in the interests of female equality but as an alternative to offending women whose marital status was unknown to the advertiser. Day-to-day use, however, still reflects ideological difference and the flux that accompanies change.* (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 69-70)

de mudanças que, com o passar do tempo, ganham volumes maiores, incorrendo em grandes impactos no uso da linguagem. São os movimentos verbais de uma única pessoa que, sendo aceito no grupo que compartilha dos mesmos valores sociais, tornam-se discursos públicos (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010).

### 3.2 IDENTIDADE, SEXO E GÊNERO

Para falar de linguagem associada a estudos de gênero, é importante mencionar que, nos estudos tradicionais labovianos, não houve distinção entre sexo e gênero, conforme dito anteriormente. Isso quer dizer que os estudos de gênero não foram contemplados tanto nos estudos de Primeira, quanto de Segunda Onda da Sociolinguística. Quanto aos estudos de Terceira Onda,

Eckert e McConnell-Ginet (2003) defendem que ambas as categorias – sexo e gênero – não podem ser consideradas sinônimas, visto que a segunda é a elaboração social da primeira. Para as autoras, a dicotomia menina-menino, por exemplo, é a primeira a partir da qual a nossa identidade é formada. Meninas e meninos aprendem a ser femininas ou masculinos através das práticas sociais que existem nas diversas comunidades às quais eles pertencem. Assim, tem-se que: (i) meninas e meninos são tratados diferentemente por seus pais em relação ao padrão linguístico que eles utilizam, à maneira pela qual eles brincam com seus filhos ou aos brinquedos que eles escolhem para suas filhas e filhos; (ii) as meninas e os meninos se envolvem com os mesmos grupos sexuais durante grande parte da infância, o que significa que meninas e meninos são socializados em diferentes culturas de gênero – o que, por sua vez, influencia o comportamento verbal que elas/eles desenvolvem. Eckert (2000) propõe que os estudos da variação linguística tenham como lócus de análise as comunidades de prática, que podem ser entendidas como espaços interacionais de construção de significados sociais onde as identidades, tanto individuais como grupais, estão sendo constantemente construídas. (FERRAZ *et al.* 2016, p. 208)

No contexto dessa citação, uma questão interessante e complexa nos estudos de variação linguística associada às identidades de gênero reside no valor simbólico e linguístico das variantes utilizadas por pessoas LGBTQIA+: em relação às variantes linguísticas adotadas por sujeitos heteronormativos, elas têm o mesmo prestígio social, prestígio superior ou inferior? Apesar de Judith Butler não fazer parte do corpo teórico dos estudiosos da Terceira Onda, essa Dissertação dialoga com diferentes campos teóricos, a fim de dar conta do objeto de investigação dentro dos Estudos da Tradução LSB-LPO com identidades de gênero. Sob essa justificativa, seus conceitos sobre sexo e gênero se tornam absolutamente indispensáveis a esse estudo.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero com interpretação múltipla do sexo. Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. (BUTLER, 2019, p. 26)

Em Butler (2019), compreendo que não há associação entre sexo e gênero. São categorizações não correspondentes, em que não é concebível discutir gênero com escopo biológico, e sexo com olhar identitário. Estudos de sexo e gênero atendem a propósitos diferentes e de diferentes áreas. O primeiro com designação biológica, e o segundo, identitária.

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2019, p. 26)

Conforme Butler (2019), gênero não se restringe a um determinado corpo masculino ou feminino, mesmo quando sexo é visto para além do biológico, como uma categoria variável, no questionamento de sexo como forma “natural, anatômico, cromossômico ou hormonal”, como sugere a autora. Nesse aspecto, sexo também é uma construção social: “Se o caráter imutável do sexo é contestável”, ele não reza estritamente da binaridade masculino e feminino. É provável que o “‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero” (BUTLER, 2019, p. 27).

Portanto, gênero como construção social e variação como prática social me fazem entender que os indivíduos que participam de práticas sociais motivadas por afinidade decorrente do pertencimento identitário na categorização de gênero estão sujeitos a promover variações linguísticas que representem seus valores históricos, identitários, culturais e sociais. As falas não são estanques, pois são passíveis de variações de acordo com os contextos nos quais esses indivíduos estiverem inseridos, tendo em vista que o “contexto social engatilha um comportamento linguístico distinto, que repercute na maneira pela qual as pessoas se reconhecem ou são reconhecidas pessoal e socialmente” (FERRAZ *et al.* 2016, p. 205).

Contudo, considero a categoria gênero tão relevante quanto as demais camadas de análises sociolinguísticas, classe econômica, escolaridade, idade e sexo. No século XXI, tempo histórico em que as identidades entraram em colapso e permitem-se fragmentações, como aponta Hall (2006), ignorar essa categoria, ou tê-la com o mesmo significado de sexo, incide na ocultação de dados relevantes quanto às variações sociolinguísticas. Destarte, as contribuições de Ferraz *et al.* (2016) e Butler (2019) nos levam a um lugar onde produções linguísticas motivadas por ajuntamentos grupais com afinidades devido às identidades de gênero têm provocado mudanças sociais nas formas de identificar, nomear, conceituar e descrever gênero. Isso contribui para uma sociedade mais inclusiva e justa.

### 3.3 IDENTIDADES SURDAS

Tratar das identidades surdas é complexo. Perpassa por diferentes visões acerca do trajeto histórico desses indivíduos. Perlin e Quadros (2006), autoras inseridas no contexto histórico e sociocultural das comunidades surdas brasileiras, afirmam que, para falar de identidades surdas, se faz necessário perpassar pela visão que o Surdo tem de si, e também pela visão que o ouvinte tem do Surdo. A seguir, abordarei esses dois direcionamentos elucidados pelas autoras mencionadas.

#### 3.3.1 O olhar do Surdo sobre si

Ainda que eu defina um recorte das descrições das identidades surdas mediante o olhar da própria Pessoa Surda, preciso evidenciar que as identidades surdas não são unificadas, também são fragmentadas, assim como as identidades culturais na pós-modernidade (HALL, 2006). Na interlocução dos estudos de gênero com imagens e vozes em performances artísticas Drag Queen, que buscam uma modelagem feminina, decidi que esse olhar Surdo dar-se-ia a partir do olhar de mulheres surdas.

A fala de mulheres pode evidenciar características identitárias distintas das falas verificadas na variação de estilo na fala por identidades masculinas. Historicamente, a “construção discursiva dessas identidades sexuadas permitiu, em um contexto de igualdade formal, discriminar os seres humanos em virtude do sexo” (YANNOULAS,



2011, p. 275). Yannoulas (2011) segue discutindo que é atribuído às mulheres um perfil frágil, delicado, dependente. A feminilidade, genericamente atribuída como característica da mulher<sup>42</sup>, tem um olhar educador pela condição natural da maternidade. É nesse olhar sensível e educador, que optei por eleger as obras das professoras Perlin (2003), Campello (2008), Strobel (2008), Rezende (2010) e Reis (2015) para conduzir narrativas quanto a ser uma Pessoa Surda.

Perlin (2003), na autonarrativa como sujeita surda tratando de identidades surdas, considera que a língua de sinais e a cultura visual são marcas identitárias do Ser Surdo, sendo que essa experiência visual os torna, culturalmente, diferentes dos ouvintes, por isso requer uma proposta de educação e inclusão social diferente daquela que os ouvintes querem para eles. Segundo a autora citada, a caminhada enquanto sujeitos Surdos sempre foi mediada “por experiências numa linha diferente da linha ouvicêntrica que os “ouvintes” querem para nós. Houve transações entre nós, mas prevaleceu o signo do ser surdo na experiencição, uma experiencição que tem no diferente de ser o aspecto visual” (PERLIN, 2003, p. 90).

Para Campello (2008), a visualidade surda é descrita como sendo parte essencial característica das línguas de sinais, que são de natureza viso-espaciais, diferentes das línguas de natureza oral-auditivas, naturais das pessoas ouvintes. Por essa razão, visualidade é vista como essência primária das identidades surdas.

Strobel (2008) apresenta diversas narrativas de Pessoas Surdas quanto ao tratamento educacional que lhes eram dispensados que iam de encontro às identidades suas. Ademais, Strobel (2008) ainda descreve que o currículo educacional considerava a intelectualidade das Pessoas Surdas apenas para a desenvoltura de atividades manuais como bordados, pinturas, pontos de cruz e dobraduras. Nesse tipo de currículo, constava a vertente oralista que preconizava no projeto educacional o estímulo da fala, concomitante com a proibição expressa de qualquer manifestação por meio do uso da língua de sinais. Assim, a educação para Surdos gerava nos Surdos crises de identidades, quando se propunha no currículo a aniquilação da expressão das identidades surdas que requereriam um aprendizado por meio da língua de sinais.

Rezende (2010), ao tratar do implante coclear, mostra que a motivação inicial para a família fazer a opção pela cirurgia para implantação de cóclea biônica é a incapacidade

---

<sup>42</sup> Sobre o conceito que, genericamente é atribuído como característica da mulher, discuti isso na seção 1.3.2 Caminhos metodológicos, a partir de Pacheco (2008) e Kulick (1999).

de essa família estabelecer comunicação com a criança surda por meio da língua de sinais. É preocupante que a língua de sinais, marca essencial das Pessoas Surdas, devido à sua natureza viso-espacial, em nenhum momento, recebe o prestígio de língua, como meio de comunicação eficiente. Com isso, as identidades surdas são aniquiladas por conta da artificialidade do ouvido biônico.

Reis (2015) trata de narrativas quanto ao perfil identitário do professor Surdo; nisso, ela faz uma autoapresentação introdutória, expondo:

Apresento-me, o meu ser nasce com a Língua de Sinais Brasileira e se constrói em meio à Cultura Surda, como sendo um ser que começa a se construir com a Língua de Sinais Brasileira, independente dos ouvidos, construindo o ser surdo com competente intelectualidade adquirida por experiências visuais que surge[m] com a construção da Cultura Surda. Assim, me denomino ativista por estar engajada politicamente, em favor dos movimentos e causas da comunidade surda brasileira na qual atrelo minhas vivências. Assim, é com minhas experiências de ser surda, usuária da Língua de Sinais Brasileira e usuária da Língua Portuguesa como segunda língua, ativista e engajada politicamente entrei e mergulhei na produção acadêmica, base fundamental para a docência no contexto acadêmico. /.../ As inquietações dizem respeito a mim, professora surda, na relação de poder que divide espaço com professores ouvintes onde nossas diferenças linguísticas, subjetivas e intelectuais marcadas por uma cultura Surda e o uso da Língua de Sinais Brasileira que representam nossa resistência Surda. (REIS, 2015, p. 15-16)

A constituição identitária de Reis (2015) se materializa no uso da língua, por meio da variação estilística, emergente em seus discursos, as quais a identificam como sujeita surda. Enquanto possuidora de uma identidade política, ativista e resistente, ela luta por espaços de poder, na educação, onde pessoas de identidades surdas possam atuar, e servir de exemplo para pares Surdos, na posição de educadores.

Com o exposto pelas cinco doutoras surdas anteriormente mencionadas, as Pessoas Surdas têm como marca identitária a manifestação linguística por meio da língua de sinais e a cultura visual. Com isso, levanto prognósticos de que Gays Surdos, em performance artística Drag Queen, trarão como marca principal em suas performances, aspectos culturais motivados por suas percepções visuais de leituras de mundo implicados no discurso em LSB.

### **3.3.2 O Surdo através de olhares de pessoas ouvintes**

Genericamente, uma característica comum para pessoas ouvintes que estão conhecendo o mundo dos Surdos é a necessidade de distinguir os graus de surdez. “O termo ‘surdo’ é vago, ou melhor, é tão abrangente que nos impede de levar em conta os

graus de surdez imensamente variados, graus que têm uma importância qualitativa” (SACKS, [1989-1990 [2010]], p. 16). Nesse sentido, Oliver Sacks ([1989-1990] 2010), pesquisador ouvinte, aborda a diferenciação dos graus de surdez, apresenta distinções de percepções de mundo entre os próprios pares Surdos, por serem pós-linguais<sup>43</sup> e pré-linguais<sup>44</sup>.

Ao falar dos Surdos pré-linguais, Sacks ([1989-1990] 2010) acentua que esses se encontram em situação qualitativamente desigual e desprivilegiada, por não arquivarem memórias auditivas, em que as imagens não possuíam associações auditivas, o que lhes impedia a ocorrência de vozes fantasmagóricas. Assim, às Pessoas Surdas pré-linguais, restavam apenas um mundo de “absoluto e contínuo silêncio e ausência de som”, algo que, para o autor, é considerado “devastador num sentido radical” (SACKS, [1989-1990 [2010]], p. 19).

Observando a historicidade das Pessoas Surdas, considerando ainda o tempo e lugar de onde o autor discutia esse tema, é compreensível a argumentação de que Surdos pós-linguais têm vantagens qualitativas sobre Surdos pré-linguais, pois as escolas naquele contexto, apesar de serem vistas como progressistas, consideravam inútil o desenvolvimento cognitivo nas Pessoas Surdas, por uma lógica aristotélica, de que sem língua não há como desenvolver-se.

Percebo, mais uma vez, que a supressão ou manifestação das identidades surdas deveriam condicionar os ouvintes, pais e professores, a interagir por meio da língua de sinais. No entanto, essa não parece ser a realidade. Ao observar familiares de Surdos ou membros do corpo escolar, parece não haver esforços para se adequarem às alteridades das Pessoas Surdas, negando, assim, as características maiores das identidades surdas, que são a língua de sinais e a cultura visual. Quantos familiares de Surdos, diretores, coordenadores, professores, e etc. – inclusive de Escolas de Surdos -, são fluentes em línguas de sinais?

É necessário mencionar que, apesar de Sacks apresentar relatos de 1972, no livro “Vendo Vozes: uma imagem do mundo dos Surdo”, quanto à retomada da valorização das línguas de sinais, houve muita resistência para isso. Esse negacionismo da alteridade surda perpetua até o momento, inclusive em planos educacionais, como o uso do método fônico para ensino de crianças na aquisição de leitura e escrita, como apresenta a Política

---

<sup>43</sup> Perda da audição após aquisição de línguas de natureza oral.

<sup>44</sup> Perda da audição congênita ou adquirida após o nascimento, sem a possibilidade de - aquisição - de língua de natureza oral.

Nacional de Alfabetização promovida pelo Ministério da Educação e Secretaria de Alfabetização (2019); e o Decreto 10.502/2020, que retoma a política de Educação Especial e destoa da Educação Bilíngue estabelecida no Decreto 5.626/2005.

Com o exposto, parece que, genericamente, o olhar ouvinte para a Pessoa Surda é muito distante do olhar do Surdo sobre si. Ouvintes resistem às Pessoas Surdas quando negam as pautas defendidas por esses, que em suma são o respeito à língua de sinais e à cultura visual.

### **3.3.3 Gays Surdos Efeminados**

Esta pesquisa alicerçada no campo dos Estudos da Tradução mantém aproximações com os dados da Sociolinguística. Não assumo um rigor teórico-metodológico, conforme é preconizado pelos ritos da pesquisa Sociolinguística, mas me utilizo de dados do campo da Sociolinguística, a fim de dar conta da investigação que pretendo analisar. O estilo de fala idiossincrático às falas dos Surdos Gays foi emprestado dos resultados do estudo realizado por Rogério Gonçalves de Oliveira (2017). No estudo intitulado “A Variação Articulatoria em Libras e a Orientação Sexual do Surdo: Estudo sobre captura de movimentos e percepção linguística”, o pesquisador citado buscou verificar a possibilidade de distinção entre estilo nas falas de Surdos Gays e Surdos heterossexuais.

A pesquisa foi realizada em comunidade linguística de Surdos na cidade de São Paulo, Brasil. Na pesquisa, foi verificada se se comprovaria a hipótese inicialmente levantada, de possível diferença de estilo quanto a elementos linguísticos idiossincráticos às falas de Surdos Gays em contraste com falas de Surdos heterossexuais.

Observando o comportamento de grupos de surdos que costumam se reunir em diferentes locais e eventos na cidade de São Paulo, chamou-me a atenção a forma com que um desses grupos se comportava: os surdos gays. Eles se destacavam dos demais integrantes do grupo, fosse pelo modo de se vestir, pela afirmação da própria sexualidade ou pelo comportamento linguístico que adotavam. Havia algo de diferente na sinalização daquele grupo em comparação com os demais grupos de surdos, ainda que não fosse possível identificar imediatamente que tipo de diferença linguística era aquela. (OLIVEIRA, 2017, p. 19)

Interessou-lhe “verificar a existência de variação linguística relacionada à orientação sexual do surdo sinalizante” (OLIVEIRA, 2017, p. 20-21), pois suspeitas, ainda não comprovadas por ele, eram percebidas no comportamento, no modo de se vestir e na maneira de sinalizar. Assim, com o intuito de descrever quais seriam essas diferenças

linguísticas, entre Surdos Gays e Surdos heterossexuais, encontrava-se a relevância acadêmica e social do estudo de Oliveira (2017).

Para a aplicação do teste de percepção foi criado um questionário a ser preenchido pelos participantes. Como dissemos, o objetivo do teste era descobrir se um surdo gay é percebido como gay ou como mais feminino a partir do estímulo apresentado. No entanto, para que não ficasse explícito o objetivo principal do teste, foram acrescentadas no questionário perguntas e opções de respostas com outros temas (inteligência, formalidade, classe social, aparência, comportamento, etc.). Desta forma, foi criado um questionário composto por quatro partes: 1. Apresentação (em português e em libras); 2. Identificação do participante; 3. Apresentação dos estímulos e perguntas de percepção; 4. Encerramento e agradecimento. (OLIVEIRA, 2017, p. 67)

Para o autor citado, o termo feminilidade deve ser “compreendido como sinônimo de “afeminação” (ou “efeminação”), ou seja, como o ato de adotar comportamento, aparência ou atitude tradicionalmente associados ao sexo feminino” (OLIVEIRA, 2017, p. 67). Isso corrobora com a argumentação essencialista, vista em Yannoulas (2011), em que o perfil feminino “refere-se às características atribuídas às mulheres como parte de uma essência natural (fraqueza, irracionalidade, dependência, afetividade etc” (YANNOULAS, 2011, p. 275).

Outros estudos semelhantes, com vistas a identificar diferenças linguísticas das falas de gays ouvintes em contraste com ouvintes heterossexuais, foram realizados por Mendes (2014), também por Carvalho (2016; 2017; 2018; 2019; 2020; 2021) em parceria com outros pesquisadores.

Citamos inicialmente a pesquisa vinculada ao Laboratório de Estudos da Intolerância da Universidade de São Paulo - LEI-USP, em que Mendes (2014) apresenta um experimento de percepção linguística de sujeitos auto-identificados como gays na cidade de São Paulo. Foi observada a presença/ausência de marcas de concordância em sintagmas nominais plurais na fala de homens gays, com o intuito de investigar se esta fala soava mais masculina ou feminina. Já a etapa 2 do Projeto de Pesquisa “A língua na diversidade: um estudo sociolinguístico de gays soteropolitanos”, vinculado ao Grupo de Pesquisa ‘A Sintaxe Phi das Línguas Naturais – PHINA’ da Universidade Federal da Bahia, apresenta uma série de resultados sobre a observação relação entre identidade de gênero e estilo na fala de soteropolitanos auto-identificados como gays. Os trabalhos resultantes (CARVALHO 2017a, 2017b; CARVALHO; ALMEIDA, 2017; FERRAZ et al., 2017; CARVALHO; JARDIM, 2020, CARVALHO, 2021) demonstram que a relação entre afeto, autopercepção e identidade são essenciais na ressignificação linguística da comunidade de prática gay soteropolitana. (SANTOS-REIS DA COSTA; CARVALHO, 2021, p. 165)

Em ambos os estudos, Mendes<sup>45</sup> (2014) e Carvalho (2016; 2017; 2018; 2019; 2020; 2021) em parceria com diferentes pesquisadores, identificou-se que, em relação às

---

<sup>45</sup> É importante mencionar outras referências aos estudos de Mendes: (2006, 2011, 2014).

peças ouvintes, foram confirmadas diferenças quanto ao estilo de fala quando estiveram em contraste com falas oriundas de indivíduos e comunidades marcadas por identidades de gênero. Com isso, observo que, independentemente do pertencimento identitário marcado pela modalidade de língua, seja oral-auditiva ou gesto-visual, gays e heterossexuais apresentam estilos de falas diferenciados. Quanto aos informantes para a pesquisa com Surdos Gays e Surdos heterossexuais, Oliveira (2017) apresenta que

[p]articiparam do estudo cinco homens surdos bilíngues (libras e português), dos quais três se declaram gays e dois heterossexuais. Os cinco sujeitos foram abordados a partir da rede social de uma surda instrutora do curso de libras do Instituto SELI – doravante Letícia –, tomada como âncora (conforme conceitos de *âncora* e *rede social* de Milroy e Llamas (2013 [2002]) e Battisti (2014) /.../. Todos possuem, ainda que em diferentes graus, algum tipo de ligação com a Letícia, sendo dois deles colegas de trabalho dela, que também são conhecidos entre si. Dos cinco sujeitos participantes, tínhamos contato com apenas um deles antes do início da pesquisa. Os cinco sujeitos são filhos de pais ouvintes, estudaram em escolas bilíngues em São Paulo e aprenderam libras em idades diferentes. (OLIVEIRA, 2017, p. 58)

Outro dado importante a ser mencionado, para além do perfil dos informantes da pesquisa, refere-se aos métodos de coletas utilizados. Por se tratar de registro de línguas visuais, não foi utilizado o método tradicionalmente adotado em sociolinguística laboviana (TARALLO, 1986; LABOV, 2008; BORTONI-RICARDO 2014), a partir “do exaustivo trabalho empírico de gravação de falas espontâneas” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 53), com uso de gravador de voz. Assim, a metodologia empregada por Oliveira (2017) constituiu-se em:

[p]or ser inexecutável, no prazo do programa de mestrado, olhar para todos os parâmetros e articuladores envolvidos na sinalização e por não sabermos se há variação e o que manifesta a variação (se ela existir), as informações cinemáticas tridimensionais seriam mais adequadas para a construção de um *corpus* para esse fim. Dentre os parâmetros e os articuladores envolvidos na sinalização, decidimos nos concentrar naqueles que parecem oferecer o maior número de informações cinemáticas e, por consequência, possibilitar coletas de movimentos com maior qualidade: o parâmetro movimento e os articuladores braço e antebraço. Também contribuíram para a escolha desses dois articuladores as considerações de Barbosa, Temoteo e Rizzo (2015), que descrevem as especificações de localização fonética desses articuladores, bem como a relevância deles para a definição da posição ocupada pela mão na sinalização. (OLIVEIRA, 2017, p. 23-24)

Ademais, foram utilizadas duas propostas para coletas de dados: i) “coleta de dados de produção linguística (ângulos formados pelos movimentos realizados na sinalização de surdos gays e heterossexuais)”, ii) “teste de percepção linguística (cujas respostas do questionário aplicado foram analisadas quantitativamente)” (OLIVEIRA, 2017, p. 57). Assim, as etapas do estudo proposto previram “a criação de um *corpus*

linguístico com registro de sinalização de Surdos - gays e heterossexuais - obtidos por sistema de captura de movimentos”, também a “análise da percepção linguística de Surdos e ouvintes fluentes em Libras sobre estímulos construídos com o sistema de captura de movimentos”, e – por fim – “análise dos dados do corpus linguístico criado” (OLIVEIRA, 2017, p. 97). No entanto, a terceira parte do estudo não contemplaria a apresentação da análise na Dissertação, mas trabalhos posteriores.

Os resultados obtidos por Oliveira (2017, p. 79-81) que interessam à minha pesquisa são os seguintes:(i) “foi comprovada a hipótese de que há variação discursiva quanto ao estilo de fala empregados por Surdos Gays em comparação a Surdos heterossexuais”; (ii) “os informantes gays foram percebidos como mais formais do que os informantes heterossexuais”; (iii) “Os informantes gays foram percebidos como mais femininos do que os informantes heterossexuais”.

Na interface desses dados linguísticos com dados paralinguísticos, o pesquisador fez referência à pesquisa de Michaels (2015), o qual descreveu a variação presente também em signos linguísticos, mas complementados com aspectos prosódicos (SOUZA, 2020) e/ou paralinguísticos evidenciados nas falas de Surdos Gays. Os limites entre traços prosódicos no nível linguístico e traços paralinguísticos dependem de estudos densamente profundos e específicos que não faz parte do escopo desta pesquisa que é em nível linguístico discursivo. O estudo de Michaels (2015) foi realizado em comunidades de Surdos Gays Efeminados do Reino Unido, cujo título é *A Study of the Identity, Culture and Language of a Sample of the Deaf Gay Male Community in Britain*. Esses dados de Michaels (2015), associados aos dados de Oliveira (2017), me auxiliou na compreensão de traços mais genéricos referentes ao estilo de fala de Surdos Gays. Michaels (2015) verificou que

o estilo de sinalização dos surdos gays era influenciado pelo comportamento ‘camp’; que 16 dos 21 surdos gays filmados sinalizavam com os cotovelos próximos ao corpo; que a maioria dos surdos exibiu seus dentes mais vezes do que a média de um surdo usuário da BSL; que os olhos e sobrancelhas foram usados mais exageradamente, com maior frequência e animação; que o espaço de sinalização dos surdos gays era maior e que eles usavam seus pulsos de maneira mais flexível do que a maioria dos surdos heterossexuais. (MICHAELS, 2015 apud OLIVEIRA, 2017, p. 42-43)

De acordo com Oliveira (2017), o comportamento “camp”, por uma procedência derivacional do austríaco “camp” ou “kamp”, é visto como gíria usada para “descrever homens gays ou comportamentos associados ao mundo gay, como exibir maneirismos dramáticos, afeminados e exageradamente cômicos” (BECK; HESSELBERG, 1995 apud

OLIVEIRA, 2017, p. 42). Com isso, para além do perfil naturalmente expressivo da modalidade gesto-visual das línguas de sinais, na sinalização de Surdos Gays, é notório expressividade gestual maior que o habitual. De certo, a partir dos estudos de Oliveira (2017) assim como os de Michaels (2015), vejo um caminho auspicioso para tratar de sujeitos discursivos Surdos Gays em performance artística Drag Queen.

### 3.4 ESTILO DE FALA NA PERFORMANCES ARTÍSTICAS DRAG QUEEN: MODELOS PARA USO EM LPO

Antes de debruçar-me a falar especificamente sobre a voz e imagem discursiva que selecionei para as análises, que é a artista surda Kitana Dreams, preciso me ater a uma tessitura que ampara sua entrada nessa pesquisa. Essa pesquisa, que propõe aproximações entre os Estudos da Tradução com dados da Sociolinguística, encontra respaldo em Pergnier (1986). O autor estimula que, diante de todo o desafio do processo tradutório, o tradutor/a olhe para si e para o processo do seu trabalho, a fim de teorizar sua própria práxis tradutória.

Desta feita, assumo incompetência referencial para tecer minha discussão a partir de um lugar de fala que não é meu, no caso, Surdo, Gay e Drag Queen. Porém, enquanto tradutora de LSB-Língua Portuguesa-LSB, os pilares de minha área me levam a levantar o prognóstico do contexto discursivo em que irei atuar, a fim de recorrer a fontes externas, que deem suporte às minhas escolhas lexicais, sintáticas e discursivas.

Esse processo de mobilização à busca de referências para atender as demandas da tradução, é comum a todos os tradutores/as. Por isso, recorri às práticas discursivas de pessoas que evidenciassem performatividade, mediante pertencimentos identitários afins, junto a posicionamentos em comunidades de prática de Gays em performances artísticas Drag Queen. Porém, não apenas práticas discursivas de pessoas em performance artística, mas aquelas que atendem a “regulação”, conforme Borba (2014, p. 449), com sujeitos implicados performativamente.

Faz-se necessário, assim, deixar claro a diferença entre performance artística e performatividade, motivação pela qual preferi buscar Drag Queens que gozassem de pertencimentos performativos comuns. De acordo com Ferraz *et al.* (2016), performatividade é um fenômeno da linguagem.



É exatamente isso que caracteriza a performatividade, ou seja, esse fenômeno ocorre quando a linguagem, que faz referência ao sexo ou ao corpo, não apenas os constata ou os descreve, mas os nomeia, passando, a partir disso, a ser também construído. /.../ O conceito de performatividade foi desenvolvido inicialmente por Austin (1998), o qual situa a linguagem não apenas como algo que descreve simplesmente um estado ou uma ação, mas como a produção do acontecimento de alguma coisa, realizando, efetivando. (FERRAZ *et al.*, 2016, p. 210)

Nesse entendimento, para a tomada de prognóstico, selecionei a performance da Drag Queen ouvinte e brasileira, Lorelay Fox. Seus trabalhos estão expostos em diversas mídias sociais de acesso público. No entanto, antes de me aprofundar em apresentar melhor o trabalho da Lorelay Fox, preciso mencionar o trabalho da Drag Queen, tradutora de LSB, Rita D'Libra. O site Super Transado<sup>46</sup> traz a seguinte apresentação da Drag Queen:

Quem é Rita D'Libra? Drag Queen, pedagogo e Tradutor de Língua Brasileira de Sinais (libras). Rita na verdade se chama Lenon Tarragô, mas hoje em dia o nome masculino fica apenas na certidão, e assim ela prefere. Rita trabalha fortemente com inclusão, apresentando ao seu público a arte da cultura LGBTQI+. A artista coleciona elogios do cantor Mateus Carrilho e das cantoras, Kaya Conky, Cariucha e Danny Bond com quem já trabalhou, traduzindo as apresentações dos artistas em respectivos shows no estado, também foi destaque na edição de 2020 do Bloco Puxa Que É Peruca, e ganhou projeção nacional na live da cantora e ícone da internet, Inês Brasil. (SUPER TRANSADO, *on-line*)

O trabalho da Rita D'Libra é direcionado ao público Surdo ou ao público que busca acervo linguístico em línguas de sinais.

**Figura 4.** Rita D'Libra



Fonte: [instagram.com](https://www.instagram.com) (2021)<sup>47</sup>

<sup>46</sup> Disponível em: <http://www.supertransado.com.br/site/artigos/noticia/conheca-rita-dlibra-a-primeira-drag-queen-brasileira-a-levar-inclusao-ao-publico-surdo>. Acesso em: 12 maio 2021.

<sup>47</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CDFU2fHlw\\_I/](https://www.instagram.com/p/CDFU2fHlw_I/). Acesso em 22 maio 2021.

As performances e discussões de que busquei me aproximar são apenas aquelas oriundas de Drag Queen ouvintes com artefatos discursivos cujas vozes e imagens nos auxiliem na busca conceitual, referencial, lexical e semântica referente à cultura e à língua oral. Por isso, apesar da Rita D’Libra ser representante Drag Queen ouvinte da área de LSB, não pude adotar seus trabalhos em minhas análises, considerando que, nessa pesquisa, trato da tradução no sentido LSB – LPO, e não do sentido LPO-LSB, como trata a Rita D’Libra. Destarte, o público de chegada para o processo tradutório que estou mediando são as pessoas ouvintes. O sentido da tradução LSB-LPO é o motivo pelo qual me aproximarei apenas da Lorelay Fox, e não concomitante e/ou complementarmente da Rita D’Libra.

### **3.4.1 Drag Queen ouvinte, Lorelay Fox**

A Lorelay Fox é uma Drag Queen criada e montada por Danilo Dabague, publicitário sorocabano. Danilo Dabague criou perfis para a sua personagem em mídias sociais, como Instagram<sup>48</sup>, Facebook<sup>49</sup>, Plataforma Youtube<sup>50</sup>, além de perfis em outras mídias sociais, como o Twitter e o Blog. Na plataforma Youtube, a data do primeiro envio de vídeos de Lorelay Fox foi 28 de abril de 2015, cuja capa recebe o título de “TUTORIAL DRAG QUEEN: MAQUIAGEM!”. Até a data de 13 de maio de 2021, foi contabilizado o envio de 636 vídeos e 15 playlists. Nesses vídeos, as temáticas envolvem pautas LGBTQ+, conselhos e reflexões, poesias e textos, informações sobre a luta contra o Vírus da Imunodeficiência Humana e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, cuidado com a pele, maquiagens, transformações e tutorial Drag Queen.

Como já foi dito anteriormente, quanto ao perfil intelectual e estilo de fala monitorada e formal de Gays Efeminadas, conforme Oliveira (2017) e Michaels (2015), Lorelay Fox demonstra essa característica variacional em suas falas, e nas suas seleções de leituras, como vemos na Figura 5.

---

<sup>48</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/lorelay\\_fox/](https://www.instagram.com/lorelay_fox/). Acesso em: 12 maio 2021.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/lorelayfoxx>. Acesso em: 12 maio 2021.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/c/lorelayfox/featured>. Acesso em: 12 maio 2021.

Figura 5. Lorelay Fox



Fonte: instagram.com (2021)<sup>51</sup>

Ademais, Lorelay Fox traz elementos que podem contribuir para a Sociolinguística de Terceira Onda, quando trata da variação de estilo na fala de Gays Efeminadas. O vídeo intitulado “O QUE É PAJUBÁ?”<sup>52</sup>, publicado no dia 26 de maio de 2020, trata especificamente dessa variação linguística discursiva quanto ao estilo empregado nas falas de pessoas pertencentes às comunidades inscritas na sigla LGBTTQIA+. De acordo com a descrição desse vídeo, Pajubá é “uma junção de muitas gírias e palavras secretas que os LGBTQ+ usam pra conversar em segredo”, em que muitas dessas “palavras tiveram origem em religiões de matriz africana e são usadas como forma de resistência da nossa luta, esse dialeto foi mais difundido ainda na época da ditadura, onde precisávamos nos esconder”. Apesar de ser utilizado por boa parte da população brasileira, em “2018 também foi alvo de críticas ao aparecer numa das questões do ENEM” (LORELAY FOX, 2020, *on-line*).

As explicações e indicações compartilhadas nesse vídeo me serviram como suporte direcional quanto à performance oral da Drag Queen pertencente à cultura ouvinte e usuária do português brasileiro como primeira língua. Com isso, atento-me para duas

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIYan9XnSHG/>. Acesso em: 12 maio 2021.

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QJiHj5-ZhLo>. Acesso em: 12 maio 2021.

observações expostas pela Drag Queen Lorelay Fox, são elas: o dialeto<sup>53</sup> Pajubá e o emprego do gênero apenas no feminino, incondicionalmente.

### 3.4.2 Diálogo de Bonecas, Pajubá

De acordo com Silva (1992), o livro intitulado “Diálogo de Bonecas” é o primeiro dicionário do dialeto das Travestis do Brasil, conforme vemos abaixo.

O Diálogo de Bonecas foi o primeiro Dicionário de Bajubá<sup>54</sup> das Travestis idealizado, impresso e lançado no Brasil no ano de 1992, no mesmo ano em que nasceu a ASTRAL, Associação de Travestis e Liberados. Sendo essa a primeira associação exclusivamente de Travestis do Brasil e do mundo. (SILVA, 1992, não paginado)

A princípio, conforme Shravya (2020), o Pajubá foi usado como modo de sobrevivência e resistência pelas travestis brasileiras. No entanto, agora no século XXI, parece-me que o Pajubá ganhou maior amplitude, se tornou mais popularizado, difundido e usados por outros sujeitos implicados diretamente na sigla LGBTTQIA+ e pessoas que mantêm vínculos afetivos com esses. Foi por essa questão inicial que fiz a escolha de frisar os dois ‘TT’ na sigla LGBTTQIA+, para enfatizar o primeiro ‘T’ das Travestis.

Conhecido pelos nomes Bajubá e Pajubá, esse dicionário apresenta vocábulos encontrados no Candomblé, religião de matriz africana, “trazidos” ao Brasil por povos negros.

Diversos grupos étnicos ou ‘nações’, com culturas também distintas, foram trazidos para o Brasil. A Guiné e o Sudão, ao norte da linha o Equador, o Congo e Angola, no centro e sudoeste da África, e a região de Moçambique, na costa oriental, foram as principais áreas fornecedoras. Das duas primeiras vieram, entre outros, os afantis, axantis, jejes, peuls, hauçás (muçulmanos, chamados malês na Bahia) e os nagôs ou iorubás. Estes últimos tinham uma grande influência política, cultural e religiosa em ampla área sudanesa. Eram de cultura banto os negros provenientes do Congo e de Angola — os cabindas, caçanjes, muxicongos, monjolos, rebolos —, assim como os de Moçambique. (BRASIL, 1988, p. 9)

Silva (1992) nos acrescenta que a herança das línguas dos povos Iorubá e Nagô trouxe grande influência para a variação linguística LGBTTQIA+. Entendo essa aproximação pela aceitação, por parte do “povo de santo – dos terreiros” (SILVA, 1992, não paginado), das pessoas com identidades de gênero LGBTTQIA+, diferentemente da

<sup>53</sup> Silva (1992) define o Pajubá como dialeto das Travestis.

<sup>54</sup> Nesse caso, Silva usa o termo Bajubá, e não Pajubá. Desta forma, o dialeto (SILVA, 1992), pode ser reconhecido, pelos dois vocábulos.

perspectiva teológica cristã fundamentalista que, ao invés de aceitar, exclui e discrimina essas comunidades que diferem do modelo heteronormativo. Abaixo, nos Quadros 6 e 7, trago alguns exemplos de expressões e vocábulos em Pajubá:

**Quadro 6.** Expressões em Pajubá

<b>Origem</b>	<b>Frase</b>
Pajubá	Aquenda o omi dundum pra cá mona
Português brasileiro	Pega um cafezinho pra mim

**Fonte:** Diálogo de Bonecas (1992)

**Quadro 7.** Vocábulos em Pajubá

<b>Pajubá</b>	<b>Português brasileiro</b>
Adé	Gay, bicha, travesti
Ocó	homem

**Fonte:** Diálogo de Bonecas (1992)

Como tais expressões e vocábulos estão presentes na cultura oral-auditiva, se tornam exemplos interessantes, a serem observados pelos tradutores/as, na sintaxe e no discurso quando estão no labor tradutório do sentido LSB-LPO. A frequência e intensidade do uso de tais expressões e vocabulários dependem do contexto comunicativo situacional.

### 3.4.3 Qual pronome você gostaria que eu usasse ao te apresentar?

Assumindo língua como instrumento político, e a gramática como “ao mesmo tempo disciplinadora e domesticadora” (CARVALHO, 2020, p. 1), passo a observar que a norma gramatical tradicional se mantém descontextualizada das atuais discussões dos estudos de gênero e sexualidade, que são representativos de boa parte da população brasileira. De acordo com o senso de 2016<sup>55</sup>,

até pouco tempo, uma parcela da população não conseguia realizar. As pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) não tinham acesso ao direito civil básico de contrair matrimônio e desfrutar de uma série de outros direitos, que são naturalizados pelas famílias tradicionais: herança, divisão de patrimônio, adoção conjunta de crianças e mais uma lista que chega à casa das centenas. Segundo a pesquisa Estatísticas do Registro Civil, do IBGE, entre 2013 e 2016, 19,5 mil casais registraram o “sim” em cartório, aproximadamente cinco mil por ano. Os casamentos homoafetivos

<sup>55</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19610-casamento-homoafetivo-amor-visibilidade-e-cidadania>. Acesso em 14 maio 2021.

representam cerca de 0,5% do total anual de uniões do país. (PERET, 2018, *on-line*)

É mister mencionar que, por causa do preconceito e constantes atos de violência psicológica e física contra as pessoas LGBTTQIA+, os dados acima não refletem exatamente um percentual de casais LGBTTQIA+ nesse vasto Brasil. No entanto, por uma pesquisa qualitativa, entendo que grande parte da população brasileira não se sente representada pela norma gramatical tradicional que vigora no país, seja diretamente por pessoas LGBTTQIA+, seja por pessoas que respeitam e apoiam tais sujeitos. Carvalho (2020), no estudo “As genitálias da gramática”, expõe que

[a] gramática é invisível para o falante e seu único contato é com o que lhe é ap[r]esentado pela escola, um recorte de língua que oprime, pois não representa sua identidade linguística. Só conseguimos vê-la com os olhos do linguista. E é para este que a gramática inquieta. /.../ Assim, a partir desse passeio epistemológico, proponho o seguinte artigo, no intuito de provocar a reflexão sobre um tema bastante em voga na atualidade: até que ponto a linguística pode lançar mão da carta da objetividade científica no exercício de apagamento de certas identidades (não) representadas na gramática. Especificamente, tratarei de como a categoria gênero é ostentada como elemento classificador na descrição linguística a partir de sua origem antropomorfizante, ou seja, baseada em uma realidade humana para a representação dos demais seres, sejam eles animados ou não. Ainda, esse humano referência na construção da categoria gênero é demarcado eurocentricamente, pois descarta outras possibilidades de ser. (CARVALHO, 2020, p. 4-5)

Carvalho (2020) afirma que a gramática pode se tornar opressora, e nisso, lima a identidade linguística do falante, por não representar seu pensamento e, conseqüentemente, suas práticas linguísticas sociais comunitárias. Por esse escopo, o autor propõe uma visita reflexiva, crítica a normas gramaticais demarcadas por um histórico eurocêntrico. Para mim, normas eurocêntricas, memora progressivamente, invasão, genocídio e colonização. Ações essas que buscaram uniformizar seres, por um padrão ora intangível, mas também indesejável por aqueles que consideram suas singularidades tão relevantes quanto a de outros seres humanos em posições de prestígio social devido a heteronormatividade.

Ao refletir sobre gênero, Carvalho (2020) declara que o filósofo alemão Herder (1772) “associa gênero gramatical a uma visão animista”. Por isso, “*Sonne*” como substantivo feminino em alemão é diferente do português brasileiro, em que “*Sol*” é substantivo masculino. Para me explicar melhor, trago o seguinte exemplo: “*die Sonne*” (a Sol) nos parece estranho, mas “*der Sonne*” (o Sol), que para nós é familiar, no alemão provoca estranhamento. Com isso, quero dizer que gênero gramatical é uma construção sociocultural, que, em nosso caso, tem referência histórica heteronormativa, patriarcal,

cristã fundamentalista, eurocêntrica, opressora e etc. Esse processo de antropomorfização também foi observado por Carvalho no tocante ao trabalho de Priestley (1777),

que adicionou a essa tese a ideia de que gênero gramatical surge nos recantos mais quentes e, portanto, mais sexualmente ativos: os territórios ao sul da Europa. Essa visão sexualista de gênero gramatical vai ao extremo quando identificamos no texto de Herder sua vocação reprodutiva: “[a] atribuição de sexo através da língua [é] [...] um interesse da humanidade e as genitálias da fala são, por assim dizer, os meios de sua reprodução”. (HERDER, 1966 [1772], p. 134 *apud* CARVALHO, 2020, p. 6)

Com o exposto em minha interpretação de gênero como uma questão de construção sociocultural, não observo na cultura brasileira manifestações de usos linguísticos com adequação de gênero quando estamos nos referindo às pessoas que se autodeclaram com identidades LGBTTQIA+, mais especificamente as pessoas que se autodeclaram como Gays Efeminadas em performances artísticas Drag Queen. Quanto a essa empatia linguística, Carvalho (2020), declara:

Em um trabalho meu com Rafael Almeida (CARVALHO; AL[ME]IDA, 2018), também partimos do conceito de empatia linguística para examinar a variação dos usos pronominais vocativos de expressões comumente depreciativas para se referir aos membros da comunidade gay, tais como *bicha*, *viado*, *passiva*. O trabalho, de cunho sociolinguístico, objetivava analisar dados de fala de membros da comunidade e como os usos dessas expressões indicavam um grau maior ou menor de filiação à comunidade a partir do grau de empatia empregado nesses usos. Concluímos que quanto mais o falante se sente pertencente à comunidade, mais usos positivos das expressões são realizados, incluindo seus usos como pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa. (CARVALHO, 2020, p. 11)

Ao falar de empatia linguística, diante da cultura brasileira, nessa sexualização do gênero gramatical, percebo conflitos e distanciamentos dos valores de comunidades de prática de Gays Efeminadas. Tomando como exemplo a Pabllo Vittar, artista brasileira conhecida internacionalmente, observo que pessoas que não pertencem à comunidade LGBTTQIA+, ou que, quem sabe, não são simpatizantes com esse público, ou não se apropriam dos pronomes de tratamentos pelos quais essas pessoas se identificam, ao se proporem a dialogar com tais sujeitos discursivos - a exemplo do apresentador Fausto Silva, no Programa Domingão do Fausto, da Rede Globo de televisão - cometem não apenas gafes, mas constrangimentos e revoltas na comunidade LGBTTQIA+, e a apoiadores do movimento, ao não usar o emprego do gênero de acordo com a voz e imagem discursiva, como mostro no evento do dia 16 de fevereiro de 2020<sup>56</sup>.

<sup>56</sup>Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/16/faustao-chama-pabllo-vittar-pelo-masculino-e-revolta-a-web-que-agonia.htm>. Acesso em 14 maio 2021.

Ao dialogar com a Pablló Vittar, montada em sua Drag Queen, o apresentador dirigiu-se a ela com as seguintes marcações de gênero: “**o cara** já vai para o terceiro disco”; “**ele** já tá se preparando para se apresentar nos Estados Unidos”; “carnaval **do** Pablló Vittar, Salvador dia 24”.

**Figura 6.** Pablló Vittar no Ding Dong, em 2020



**Fonte:** twitter.com (2021)<sup>57</sup>

Em nova ocasião, um ano mais tarde, na data de 14 de fevereiro de 2021, no mesmo programa de TV, Domingão do Faustão<sup>58</sup>, houve por parte do apresentador a recorrência em usar o gênero no masculino para referir-se à Pablló Vittar, como mostro a seguir: “**filho** da Dona Verônica”; “**ele** foi **convidado** e participou em um evento da ONU em homenagem aos 93 anos da rainha Elisabeth II da Inglaterra”.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://twitter.com/pablllovbrasil/status/1360687062047940608?lang=el>. Acesso em 14 maio 2021.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9268596/programa/?s=16m06s>. Acesso em 14 maio 2021.



**Figura 7.** Pablllo Vittar no Ding Dong, em 2021

Fonte: twitter.com (2021)<sup>59</sup>

Tanto na Figura 7 quanto na Figura 8, não consigo fazer qualquer associação da imagem apresentada ao sexo masculino. Tal fato me faz pensar em Mäder (2015) quando trata de posicionamentos linguísticos que demonstram “sexismo gramatical” (MÄDER, 2015, p. 17). Isso é caracterizado pela dissociação da imagem apresentada à pessoa em ato discursivo. Tais usos linguísticos mostram que muitos esforços ainda faltam a essa comunidade de prática e a todos que, de fato, respeitam a pluralidade das diversidades identitárias e linguísticas, quanto à conquista de espaço, de respeito e de igualdade, conforme reza o Art. 5 da Constituição Federal Brasileira, e também de liberdade, no sentido de autoidentificação. Observar a identidade de gênero ou mesmo neutralizar o gênero, não me parecem formas linguísticas de respeito, como vemos abaixo, no emprego do êla:

Em algumas variedades do português brasileiro, foram encontradas ocorrências de um novo pronome, o êla ([’ela]), que seria a fusão fonética dos pronomes de terceira pessoa masculino (ele - [’eli]) e feminino (ela - [’ela]). Os usos de êla, entretanto, diferem do de hen. Êla é usado majoritariamente para se referir à indivíduos tra[n]sgêneros femininos e é utilizado na maioria das vezes por indivíduos masculinos cisgêneros heterossexuais. /.../ Entretanto, na análise do corpus constituído para esse estudo, a neutralidade é relativizada, pois os sujeitos que ilustram seu uso são sempre efeminados e, na maioria dos casos de uso encontrados, seu referente é uma pessoa transsexual feminina ou uma travesti e o valor social associado ao pronome é, na maioria das vezes, sexista e pejorativo. Um exemplo é seu uso na frase “Em Ubá, êla é muito cobiçado”, encontrada na descrição de locais conhecidos na cidade de Ubá, no estado de Minas Gerais, em que a região chamada de Beira Rio é famosa pelas “mulheres-banana”. O autor da descrição utiliza a expressão pejorativa mulheres bananas para designar as travestis que utilizam o local para prostituição. Ainda, deliberadamente, o autor da descrição utiliza marcas

<sup>59</sup> Disponível em: <https://twitter.com/pablllobrasil>. Acesso em 14 maio de 2021.

flexionais no masculino para estabelecer a referência morfológica de gênero, representando o senso comum de que sexo é o que define gênero e, sendo assim, travestis são homens e devem ser tratados com marcas gramaticais no masculino. (CARVALHO; SILVA, 2019, p. 1080-1081)

Frente a isso, o sexismo gramatical ainda é uma prática linguística naturalizante em nossa sociedade. No “Diálogo das Bonecas”, observo que a forma feminina empregada ao gênero gramatical no tratamento às Gays Efeminadas, às Drag Queens e às Travestis femininas me parece ser a maneira mais apropriada de não cometer sexismo gramatical. Nesse caso, posso sugerir as seguintes expressões a serem adotadas: “**ela** já vai para o terceiro disco”; “**ela** já tá se preparando para se apresentar nos Estados Unidos”; “carnaval **da** Pablo Vittar, Salvador dia 24”; “**filha** da Dona Verônica”; “**ela** foi **convidada** e participou em um evento da ONU em homenagem aos 93 anos da rainha Elisabeth II da Inglaterra”.

De acordo ainda com o Prof. Dr. Dannel da Silva Carvalho,

A criação de um pronome não binário foi politizada, em algumas línguas, seja no sentido de passar a possuir um valor político, seja passando a ter valor na norma (linguística e social). /.../ No Brasil, houve um movimento, ainda que tímido e restrito a determinados círculos, de criação de um pronome ‘neutro’. Carvalho e Silva (2019) apontam a existência de uma forma pronominal criada a partir da fusão fonética dos pronomes de terceira pessoa masculino (ele - [Ueli]) e feminino (ela - [Uela]): o êla ([Uela]). Segundo os autores, ‘[ê]la é usado majoritariamente para se referir à indivíduos transgêneros femininos e é utilizado na maioria das vezes por indivíduos masculinos cisgêneros heterossexuais.’ (CARVALHO; SILVA, 2019, p. 1080). Seu uso é restrito à linguagem coloquial e seu registro pode ser verificado em algumas mídias sociais. (CARVALHO, 2021, p. 13-14)

Como expôs Carvalho (2021), esses estudos ainda são escassos e restritos, o que me faz entender que esse campo ainda precisa muito de estudos e difusão social. Portanto, partindo do pressuposto de que, para pessoas que não participam do engajamento sociopolítico das pessoas LGBTTQIA+, mas que ocupam lugares de exposição pública com pauta agendada, é interessante garantir a identidade linguística na enunciação. Nesses atuais descentramentos identitários do século XXI, quanto ao gênero, em eventos semelhantes aos mencionados acima, os bastidores do programa televisivo constituem-se num lugar em que se pode manter diálogo com a pessoa convidada, a fim de saber sua preferência nos pronomes de tratamento. De fazer a pergunta: qual o pronome você gostaria que eu usasse ao te apresentar?

Dito isso, considero que a pessoa que ocupa lugar de tradutor/a LSB-LPO está em destaque tal qual o apresentador citado acima. Memorando o estilo de fala empregado no contexto situacional descrito por Metzger e Bahan (2004), entendo que, em circunstâncias

semelhantes, faz-se necessário a observação de três aspectos tomados no prognóstico: (i) conhecimento prévio do tema e do valor da variação empregado pelas vozes e imagens do sujeito discursivo; (ii) preservação da identidade linguística no local/ambiente em que as pessoas em discurso estarão no momento de enunciação; (iii) corresponder a tradução ao nível do status social da Drag Queen no ambiente de enunciação.

Estilo como prática comunicativa situacional requer levantamentos prévios quanto aos aspectos descritos acima postos por Metzger e Bahan (2004), a fim de evitar equívocos, constrangimentos mútuos e incompatibilidades lexicais, sintáticas, discursivas semelhantes ao do apresentador nas interlocuções com a Pablló Vittar. Isso também pode acontecer com o tradutor/a. Em suma, traduzir Gays Efeminadas, especialmente aquelas em performances Drag Queen, é complexo, pois exige do tradutor/a um monitoramento mais laborioso da sua performance tendo em vista que essas entidades discursivas, conforme Oliveira (2017), apresentam enunciações mais formais e mais controladas no uso da fala do que pessoas que não são efeminadas.

### 3.5 KITANA DREAMS, UMA DRAG QUEEN SURDA

Como meu objeto de estudo é sobre a manutenção da variação estilística na tradução do discurso de Gays Surdos em performance artística Drag Queen, selecionei como sujeito representativo a Kitana Dreams, conforme Figura 8:

**Figura 8.** Kitana Dreams



**Fonte:** kitanadreamns.com (2021)<sup>60</sup>

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.kitanadreams.com/p/sobre-mim.html>. Acesso em: 12 maio 2021.

Nesse caso, adotei para as análises o discurso expresso na voz da Kitana Dreams, apresentado na legenda original do vídeo, quanto às imagens, tudo o que compõe o acervo do meu imaginário sobre a Drag Queen, como: comportamento, gestos, vestimentas, maquiagens e variação linguística em direção à comunidade de prática LGBTTQIA+. É nesse sentido amplo e complexo que entendo e adoto o discurso como estilo empregado em atos enunciativos na expressão de vozes e imagens que revelem estilo de fala exageradamente feminino na performance Drag Queen.

Kitana Dreams é uma Drag Queen Surda que usa a Língua de Sinais Brasileira para se comunicar nas redes sociais. Ela possui alguns perfis sociais no Instagram<sup>61</sup>, Facebook<sup>62</sup>, Blog<sup>63</sup> e Youtube<sup>64</sup>. Ela apresenta performances carismáticas e alegres, como é descrito por ela mesma em seus perfis sociais, como vemos abaixo:

Hello, sou Kitana Dreams, Bom, sou uma Drag queen muito carismática e alegre. Sou uma Digital Influencer, faço tutoriais de maquiagem no meu canal YouTube, sou maquiador[a] profissional. Sou palestrante, e levo minha experiência de superação pra várias pessoas. Carioca, escorpiana e moro em Rio de Janeiro com meu marido Luis, meu filho poodle Luke, minha mãe e minha vovó, que são meus fãs e grande[s] incentivadores do meu trabalho. Sou surda de nascença, e sempre fui uma criança linda, muito curiosa, engraçada e líder. Comecei fazer tratamento com Fonoaudióloga desde pequenininha, dos 3 aos 13 anos. Sou considerada bilíngue por me comunicar em LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais e também fazer leitura labial. Estudei sempre em escolas de ouvintes, o que me ajudou a socialização no mundo de surdos e ouvintes. Comecei a fazer faculdade de Moda mas acabei desistindo, pois eu era ótima na parte prática mas um horror na teórica. Na Faculdade ganhei alguns prêmios. Sou Maquiadora desde 2000 e nunca fiz curso de maquiagem. Aprendi muito observando nas revistas, nos salões, em concursos de Miss, eventos e no youtube. Eu mesma fico impressionada com a minha capacidade autodidata. Maquiar é um dos meus dons e minha paixão. Sem ser modesta, hoje sou uma excelente Maquiadora. As pessoas se encantam com a transformação que consigo fazer nelas. Na mesma época que começou minha dedicação e empenho para aprender a me maquiar, me transformei na Drag Queen, Kitana. Por que escolhi este nome? adorava jogar Mortal Kombat e a lutadora Kitana usava um *mayô* e da minha cor favorita, roxo. Usava uma máscara e leque, que eu também amo. Fui a primeira Drag queen surda a ser coroada Miss Rio de Janeiro Gay Plus Size 2013. Reinei durante 2 anos (2013/2014). Em 2015, fiquei em 3º lugar no Miss Brasil Gay Plus Size. (KITANA DREAMS, Blog, on-line)

Kitana Dreams tem como seu criador o maquiador Leonardo Braconnot, o qual nos cedeu direito de uso de imagem vinculado a essa pesquisa. Braconnot também é uma “pessoa muito extrovertida, brincalhona, divertida e bem palhaça” (KITANA DREAMS,

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/kitanadreams/?hl=pt-br>. Acesso em: 12 maio 2021.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/kitanadreams>. Acesso em: 12 maio 2021.

<sup>63</sup> Disponível em: <https://www.kitanadreams.com/>. Acesso em: 12 maio 2021.

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/c/KitanaDreams>. Acesso em: 12 maio 2021.

blog *on-line*). Braconnot nos mostra muitas formas de se reconhecer e mostra-se diante das concepções de gênero e sexualidade, conforme vemos em Louro (2000).

Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como "*política de identidades*" (Stuart Hall, 1997). Se as transformações sociais que construíam novas formas de relacionamento e estilos de vida já se mostravam, nos anos 60, profundas e perturbadoras, elas se acelerariam ainda mais, nas décadas seguintes, passando a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais. (LOURO, 2000, p. 4-5)

Quando Louro (2000) fala das novas tecnologias que estão a colaborar com as rupturas das “noções tradicionais de tempo, de espaço” (LOURO, 2000, p. 5), entendo que isso também diz respeito às negociações de Braconnot, nesses espaços - de visibilidade, interação social, acolhimento, e rupturas quanto às formas tradicionais de apresentar as manifestações de gênero e sexualidade – que são as redes sociais.

**Figura 9.** Leonardo Braconnot e Kitana Dreams



**Fonte:** kitanadreams.com (2021)

Assim, para esta pesquisa, vou me deter ao perfil social da Kitana apresentado na plataforma Youtube. Até a data de 12 de maio de 2021, o perfil contava com o envio de 117 vídeos. O primeiro e o segundo vídeo não se encontram datados, no entanto, o terceiro vídeo mais antigo do canal tem a data de postagem de 21 de abril de 2008. O canal conta com 10 playlists, com temas como: DIY, desafios, respostas aos fãs, tutorial de beleza e maquiagem, LSB e interações com outros canais.

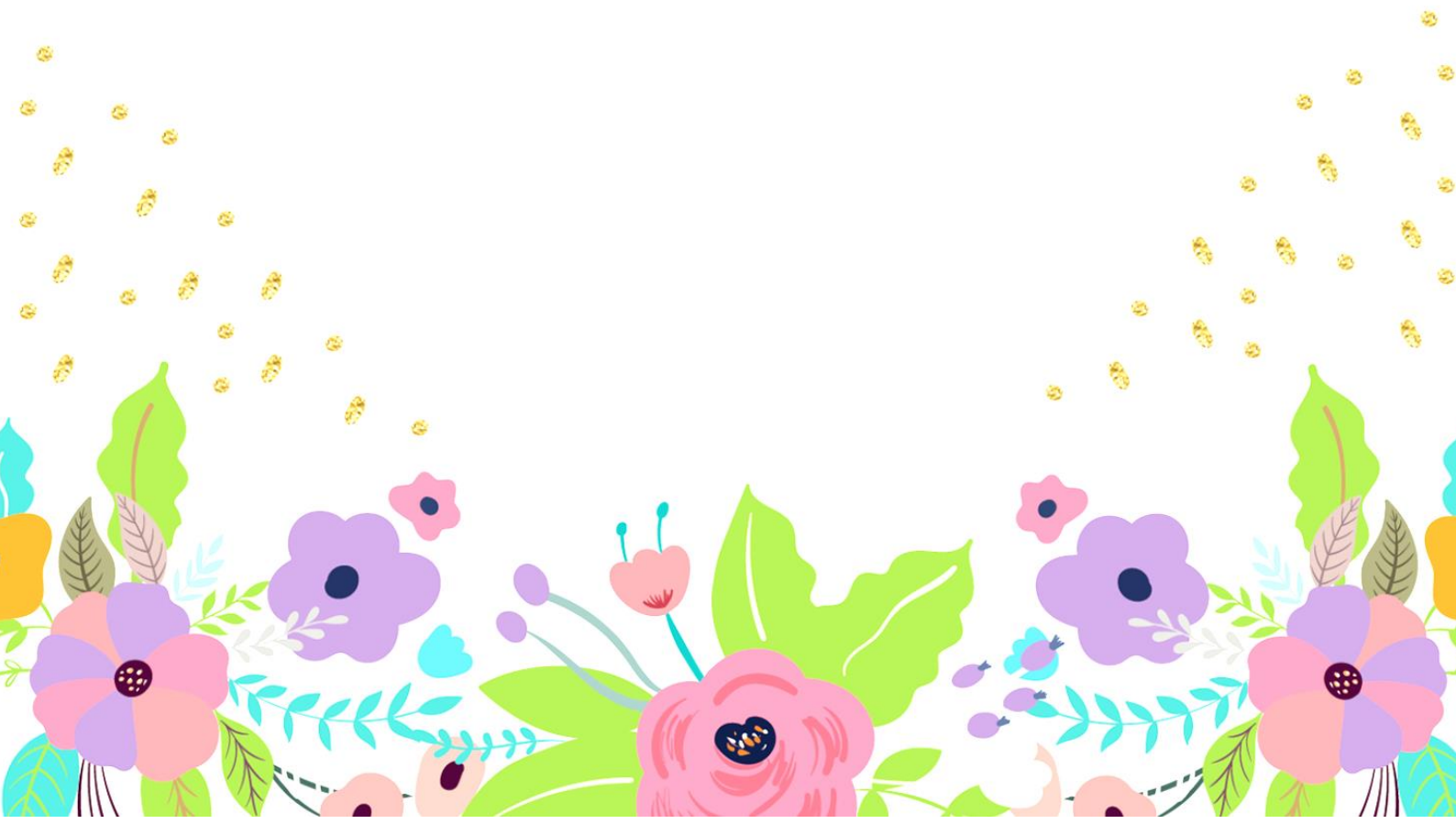
Identifico em Kitana Dreams um perfil feminino, genericamente com “características atribuídas às mulheres como parte de uma essência natural (fraqueza,

irracionalidade, dependência, afetividade etc” como visto no argumento essencialista apresentado por Yannoulas (2011, p. 275). Além disso, a persona da personagem associa-se aos resultados obtidos por Oliveira (2017) ao defender que Gays Surdos são percebidos como mais femininos do que os informantes Surdos heterossexuais. Ademais, é nítido nos vídeos de Kitana Dreams o comportamento “*camp*” como explanado por Michaels (2015).





**SEÇÃO IV  
DAS ANÁLISES**





Esta seção é dedicada às análises, na qual verifico se os Estudos de Tradução associados aos Estudos de Gênero na aproximação com a Sociolinguística de Terceira Onda, Sociolinguística Discursiva com variação em estilo de fala, Análise de Discurso e Filosofia Pós-Estruturalista de fato podem auxiliar o afã tradutório no contexto discursivo com identidades de gênero.

Para as análises de dados, tomei como fundamento teórico-metodológico concepções de característica indutiva e interpretativa discutidas por Marconi e Lakatos (2003) e Gil (2008), mais especificamente, a extração de sentido das particularidades dos dados, conforme Creswell (2010). A partir da reescrita da legenda completa do vídeo ‘Me conhecendo melhor’ da artista surda Kitana Dreams, me propus a observações recorrentes da mesma, com o objetivo de debruçar-me na Fase 3, destinada à Generalização da Relação.

A fase supramencionada teve como expectativa a apresentação de três propostas de tradução, a fim de mostrar possibilidades no afã tradutório que garantisse aproximação do discurso aos valores culturais do público da língua de chegada. As três técnicas foram: reelaboração, tradução livre e retradução. Ao passo que insistia na observação da legenda reescrita, e nas técnicas de traduções selecionadas, considerava o que cada uma dessas técnicas empregadas poderia oferecer de lições e significados, quanto ao emprego do estilo de fala associado às performances artísticas Drag Queen.

Assim, no emprego do estilo de fala, genericamente atribuída à fala drag, por meio da reelaboração, considerei a inserção de perguntas no final da frase e marcação de um único gênero; na tradução livre, inseri palavras ou expressões do Pajubá, encontradas no livro *Diálogo de Bonecas*, no vídeo da Lorelay Fox, intitulado “O que é Pajubá”, na internet, como também nas experiências do dia-a-dia em contato com indivíduos e comunidades implicadas; e na retradução, fiz ajustes gramaticais essenciais na estrutura gramatical do português, a fim de atender a língua e cultura do público de chegada.

#### 4.1 PROPOSTAS DE TRADUÇÃO LSB-LPO BASEADAS NA NOÇÃO DE GÊNERO



Como mencionado anteriormente, a impossibilidade de realização de pesquisa de campo no ano de 2020 me encaminhou para análises por meio do vídeo “TAG Me conhecendo melhor” da artista surda Drag Queen Kitana Dreams. Tive a intenção de propor análises reflexivas quanto ao discurso associado à noção de identidade e gênero. Valorizei a legenda disponibilizada pela artista no próprio vídeo, e a partir da reescrita dessa legenda com a inserção manual da marca temporal – por meio do Programa ELAN, versão 5.9, constituí o corpus da pesquisa.

O vídeo supramencionado, da personagem híbrida, a Drag Queen Kitana Dreams, tem a duração completa de 00:12:20:447, porém o texto legendado tem duração de 00:11:52:612. Identifiquei a legenda a partir de três camadas de inserção de texto:

1. Animações: todas as palavras em maiúsculas, que, no Quadro 8, as identifiquei com asterisco (\*).
2. Mensagem: o texto propriamente dito.
3. Perguntas: parte do texto que, apesar de também estarem em maiúsculas, se diferenciam das animações pela intenção do conteúdo e numeração de 1 a 15.

No Quadro 8, apresento a legenda original e completa do vídeo ‘TAG Me conhecendo melhor’ da artista Kitana Dreams, com os acréscimos apenas da marca temporal:

**Quadro 8.** Legenda original com marca de tempo do vídeo “TAG Me conhecendo melhor”

MARCA TEMPORAL	LEGENDA
00:00:05:710	HELLO*
00:00:07:150	KERIDAS*
00:00:07:770	&*
00:00:08:130	KERIDOS*
00:00:07:150	Hoje o vídeo vai ser uma TAG!
00:00:07:150	Sobre mim!
00:00:07:150	YEEEEES!*
00:00:19:900	SHOW*
00:00:23:761	TAG Me conhecendo melhor
00:00:27:570	Eu lembrei que não tinha falado muito de mim aqui no canal.
00:00:36:580	Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo.
00:00:39:2000	O vídeo foi bem simplesinho, tipo...
00:00:43:210	PARAGUAY*
00:00:46:080	Bom, deixa eu me apresentar...
00:00:50:930	Meu nome é Kitana, meu sinal é esse.
00:00:57:400	Sou Drag queen.
00:01:00:230	Sou Drag queen há...

00:01:03:670	Peraí, deixa eu fazer as contas. Ah, não lembro.
00:01:08:810	Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018...
00:01:17:620	2018 menos 1998.
00:01:22:740	Dá 20 anos.
00:01:25:220	CARACA*
00:01:27:160	Eu tô...
00:01:28:130	PASSADA*
00:01:31:760	OMG*
00:01:37:910	WOW*
00:01:40:270	Jesus!
00:01:42:280	Era pra mim ter comemorado! E nem fiz nada!
00:01:46:610	FAZ MAL!*
00:01:51:250	NOSSA!*
00:01:53:960	WOW*
00:01:55:230	Bom, eu sou surda de nascença, Oralizada e faço leitura labial.
00:02:03:130	Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos.
00:02:11:940	Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.
00:02:18:210	1. NOME COMPLETO
00:02:20:410	Kitana Dreams
00:02:24:980	Kitana Dreams*
00:02:27:750	2. ONDE VOCÊ MORA
00:02:29:600	Rio de Janeiro, RJ
00:02:35:360	3. ESTADO CIVIL/TEM FILHO?
00:02:39:560	Sou solteiro no papel, mas sou casado com meu marido.
00:02:44:300	Temos um lindo filho dog Luke. Meu xodózinho.
00:02:50:910	Ele vive grudado em mim 24h. Sou a mãe dele.
00:02:56:630	4. VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?
00:03:01:330	Sim, tamos juntos há 12 anos.
00:03:06:620	Sei que ele quase não aparece muito, Mas ele não gosta muito exibir nas redes sociais.
00:03:15:070	É o jeito dele, eu respeito ele. Bom, deixa ele.
00:03:21:430	5. TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?
00:03:28:750	Sim, tenho 3 tatuagens, uma é o sol na perna
00:03:36:550	A segunda é uma Letra japonês na nuca significa Harmonia
00:03:48:510	e a última a Frajola. Sabe aquele o gato que ataca o piupiu.
00:03:56:440	Eu me arrependo sim da Frajola que ficou muito pequena
00:04:01:950	ME ARREPENDEI*
00:04:05:320	Eu tinha escolhido ele quando fiquei indeciso na hora de escolher.
00:04:17:960	6. QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?
00:04:21:570	Tenho 2 irmãs por pai de pai.
00:04:28:470	Sou mais velho que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA
00:04:38:120	e a outra fofinha Carolina tem 12 anos

	mora aqui no Rio de Janeiro.
00:04:46:440	7. QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE?
00:04:51:860	Sou maquiadora. Amo de paixão!
00:04:56:480	Sou maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época que comecei a me montar.
00:05:07:850	Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, parei, agora só faço com meu blog.
00:05:20:740	Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha parado por causa do espaço e agora voltei.
00:05:36:160	8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?
00:05:45:480	Bom, antes o meu nome era Kitana McNew
00:05:52:420	mas como muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome.
00:06:01:800	Tinha parado por muito tempo, mas quando voltei
00:06:08:920	decidi mudar o nome para Kitana Dreams, sou sonhadora!
00:06:21:770	O Blog também, mas na verdade tinha mudado para Hello Kika primeiro
00:06:31:600	aí quando tive loja virtual, decide deixar esse nome que é minha marca de produtos artesanais.
00:06:48:280	9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?
00:06:54:250	Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo, acho que foi no ano 1993
00:07:06:710	desde que eu acompanhava a JustLia que era famosa na época, até agora ela é.
00:07:17:710	Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress.
00:07:28:248	Quando voltei a blogar, tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos.
00:07:42:296	Foi muito triste eu perder tudo e não tinha feito backup.
00:07:50:170	ACABOU TUDO!*
00:07:52:580	Deixava tudo pra depois, e olha no que deu! Decidi recomeçar tudo de novo.
00:08:0:155	O canal, eu criei para mostrar o meu talento, minhas dicas de maquiagem e vários para a comunidade surda
00:08:19:701	e decidi fazer vídeos com toda acessibilidade, para todos, com legendas.
00:08:32:013	10. QUAL SEU PIOR DEFEITO?
00:08:35:749	VERGONHA*
00:08:37:117	Acho que tenho um monte deles. hahaha
00:08:42:856	Mas o meu pior defeito de ser o de ser muito exigente e perfeccionista.
00:08:50:323	Também gosto de deixar tudo arrumado e perfeito.
00:08:53:800	Dou como exemplo esse cenário aqui.
00:08:56:503	PHYNA*
00:08:58:071	E também, na hora da edição, não gosto de defeitos
00:09:04:578	Fico um tempão, tipo uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minuto.
00:09:19:126	Sou assim mesmo.
00:09:24:798	11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE?
00:09:29:269	A melhor que eu sou extrovertida e divertida. Sou palhaça, meus amigos divertem comigo.

00:09:42:583	12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO?
00:09:48:555	Dia 29 de outubro, sou escorpiana.
00:09:56:163	A PERIGOSA!*
00:09:57:831	PODEROSA*
00:09:59:229	kkkkk
00:10:00:867	mas eu sou querida e maravilhosa. Não é?
00:10:06:273	I LOVE YOU*
00:10:08:208	13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA?
00:10:13:647	Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o Inverno.
00:10:22:956	AMO*
00:10:24:393	14. QUAL SUA COR PREFERIDA?
00:10:27:594	Gente, todos me conhecem.
00:10:32:265	Eu amo...
00:10:34:134	ROXO*
00:10:36:003	Minha cor favorita.
00:10:37:537	Olha aí meu cabelo também. Ah desculpa, ele é lilás.
00:10:42:876	Tenho cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.
00:10:54:988	15. QUE FRASE TE DEFINE?
00:11:00:027	A frase que eu amo...
00:11:02:529	Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!
00:11:10:971	Bom, tá aí tudo que eu disse...
00:11:14:708	Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!
00:11:21:815	Se vocês curtiram muito, dá um like ali pra mim
00:11:29:256	ficarei feliz em saber que vocês curtiram.
00:11:35:062	E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal
00:11:42:035	para receber novos vídeos.
00:11:47:941	Muito obrigada!
00:11:51:545	BEIJOS*
00:11:52:612	Até o próximo vídeo.
00:12:20:447	-----

Fonte: A autora (2021)

Uso as três camadas da legenda como elementos constitutivos para suscitar três propostas de traduções LSB-LPO que estão dispostas em quadros ilustrativos. Não tive a intenção de tecer a análise na proposição de uma nova legenda para o vídeo. Entendo que a mera sugestão de uma nova versão de legenda para o vídeo deve obedecer às idiossincrasias inerentes à edição de vídeo como adequação dos excertos às marcas temporais e quantidade de caracteres por linha, entre outros detalhes especificamente restritos ao campo dos profissionais da área da legendagem, e, neste assunto, não tenho propriedade prática e/ou teórica. Ademais, a abordagem teórica desta Dissertação circunscreve-se nos Estudos da Tradução, porém, na subárea de Tradução da Libras -

Língua Portuguesa – Libras, e não na subárea da Tradução Audiovisual, nos recortes da Legendagem Aberta e da Legendagem para Surdos e Ensurdidos. Sobre essas áreas que tratam da legendagem, a especialista no tema, Profa. Dra. Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva (2019), esclarece que:

Dentro da disciplina dos Estudos da Tradução, a AD [audiodescrição] é considerada um dos objetos da subárea da Tradução Audiovisual (TAV) ao lado de modalidades como, por exemplo, a legendagem aberta (para ouvintes), a legendagem para surdos e ensurdidos (LSE), a legendagem eletrônica (surtitling), o voice-over e a dublagem. Apresentar uma lista completa e fechada de todas as modalidades de tradução audiovisual seria impossível, pois a subárea está em constante crescimento e mutação, especialmente devido a sua intrínseca relação com os avanços tecnológicos e fenômenos como a globalização, que intensificam as trocas entre indivíduos e nações de idiomas diferentes. (CARVALHO DA SILVA, 2019, p. 40)

Com o exposto, também assevero que as análises que proponho não se tratam da inserção de uma sobreposição para o vídeo como “um tipo de *voice over*”, mas - a partir do texto legendado - decidi propor reflexões que discutam o valor das vozes e imagens no processo de tradução LSB-LPO com sujeitos discursivos Gays Surdos em performance artística Drag Queen. Assim, tomando como ponto de início a legenda, utilizei três técnicas dos Estudos da Tradução na tessitura de considerações que trouxessem à baila a noção de identidade associada a identidade de gênero. A partir das três técnicas de traduções – reelaboração, tradução livre e retradução –, faço intervenções a partir do texto da legenda original, e assim mostro como apresento minhas reflexões, meu ponto de vista, minhas interpretações e intervenções no afã tradutório.

O emprego dessas técnicas não se constitui em modelos assertivos, insubstituíveis e absolutos, pois as vozes e imagens, símbolos de práticas comunitárias de Gays Efeminados e/ou Drag Queens são susceptíveis às mais diversas possibilidades de manipulações, por conta da inesgotabilidade de criatividade na produtividade linguística nas construções sintáticas, como discutidas por Kennedy (2013), motivadas pelo acervo lexical e cultural intrínsecos às singularidades e idiosincrasias de cada um dos tradutores/as que se inserem nesse processo tradutório.

Para as análises, optei pelo registro do discurso em forma de texto em LP. Considero que essa forma de registro é uma estratégia que garante visualização do enunciado e da estrutura gramatical que deverá ser trabalhada e entregue em LP, ainda que oralmente. Isso facilita visualizar os locais exatos, na frase, para ajustes por meio de acréscimos, mudanças, substituições e subtrações, necessárias para a entrega de um

enunciado mais fidedigno ao sentido do discurso. Por questão de tempo e do objetivo da pesquisa, me afasto das análises dos espaços na frase - que considero vazios e/ou omissos na legenda - que são as nuances das expressões faciais, típicas - sintática e afetivamente - das línguas sinalizadas. Esse aspecto poderá ser abordado em estudos futuros a partir de outro tipo de análise e registro, seja em uma futura Tese de Doutorado, seja em artigos. Considero que, para uma análise completa do vídeo que leve em conta as Expressões Não-Manuais, seria necessário a análise não apenas no nível discursivo, mas também no nível prosódico, como foi muito bem detalhado por Diego Teixeira de Souza (2020),

A execução das LSs envolve a realização coordenada de movimentos de mãos, cabeça, boca, face e torso. Nesse conjunto, expressões não manuais são elementos que se sobrepõem à sinalização com as mãos. Funcionam como o acento e a entonação nas LOs, sendo, por essa razão, relacionadas ao componente prosódico das línguas de sinais (BRENTARI, 2011; SANDLER, 2011). Para Nespor e Sandler (1999), nas línguas de sinais, sobretudo na Língua Americana de Sinais (ASL) e na Língua Israelense de Sinais (ISL), ENMs têm papel na delimitação de constituintes prosódicos. (SOUZA, 2020, p. 22)

Para uma tradução LSB – LPO mais próxima do ideal, que atenda a mensagem completa do vídeo, seria necessário análises em todos os níveis dos seguimentos, como exposto no Quadro 9:

**Quadro 9.** Níveis de análises linguísticas em Libras

<b>NÍVEIS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA</b>	
<b>Fonético-fonológico</b>	Como visto em Ferreira (1984, 2010); Quadros; Karnopp (2004); Costa (2012); Felipe (2013); Oliveira (2017).
<b>Morfossintático</b>	Como visto em Ferreira (1984, 2010); Felipe (2013).
<b>Semântico-pragmático</b>	Como visto em Ferreira (1984, 2010); Quadros; Karnopp (2004); Felipe (2013).
<b>Prosódico</b>	Como visto em Costa (2012); Felipe (2013); Souza (2020).
<b>Discursivo</b>	Como visto em Nascimento (2011, 2012).

**Fonte:** A autora (2021)

Uma tradução que contemple esses níveis descritos acima observaria diversas nuances contidas na sinalização da personagem, como em tudo o que está dito mediante a expressão de sua imagem e suscitado no ideário drag. No entanto, decidi tratar apenas nuances em nível discursivo. Para além dos outros níveis que ficaram de fora da análise, até mesmo a análise que proponho, em nível discursivo, será densamente fragmentada e haverá espaços vazios – não preenchidos – que poderão ser descritos/analísados futuramente por estarem em interface com a análise prosódica.

Busquei apresentar nesta seção características singulares no processo tradutório, que podem servir de suporte tanto na sugestão de outras legendas quanto no processo da tradução oral. Porém, o objetivo desta Dissertação é, de fato, a tradução no sentido LSB-LPO e a aplicação das técnicas de reelaboração, tradução livre e retradução. De maneira progressiva e complementar, apresento interferências realizadas em cada um dos quadros e nos seguimentos. É com esse propósito que segui os próximos passos.

#### 4.1.1 Tradução como Reelaboração: inserção de perguntas no final da frase e marcação de um único gênero

No Quadro 10, uso a técnica de reelaboração na tessitura inerente ao labor tradutório. É uma técnica antiga, ampla e atemporal, que dá conta - especialmente - da aproximação do texto de partida ao público da língua de chegada, como compreendo a partir de Furlan (2001, p. 20):

Assim, compartilham vários investigadores a hipótese de que a tradução à que se refere Cícero é antes imitação. Para Guillermo Serés (1997), o que Cícero defende é a tradução definida como *imitatio* ou *aemulatio*, a que, no fim das contas, apresenta dignidade literária. Tradução é reelaboração. Para isso é necessário o uso da oratória e da eloquência, transplantando e naturalizando o modelo original: “traducir vale tanto como suplantar retóricamente el original, reinventar la *eloquentia* griega, apropiársela, o, mejor, latinizarla” (Serés 1997: 27). Isso significa tradução retórica e defesa do texto de chegada, como também o consideram Jean Delisle e Judith Woodsworth /.../.

Essas reflexões tradutórias dão-se bastante no âmbito das traduções literárias, e servem muito bem ao contexto das traduções *on-line*/simultânea/conferência. Na verdade, tais reflexões se aplicam a quaisquer contextos em que se faça necessária a tradução. No entanto, aqui, decidi me dispor da reelaboração apenas em duas situações: (i) na inserção de perguntas no final da frase, que é um fenômeno atribuído à fala feminina, conforme Kulick (1999); (ii) na marcação de um único gênero para a personagem Kitana Dreams, tendo em vista que o texto oscila entre os gêneros feminino e masculino.

Assim, no Quadro 10, apresento as decisões quanto à inserção de perguntas ao final da frase e na padronização de um único gênero.

**Quadro 10.** Tradução como Reelaboração: inserção de perguntas no final da frase e marcação de um único gênero

HELLO* KERIDAS* &* KERIDOS*	Hello, keridas e keridos...
Hoje o vídeo vai ser uma TAG! Sobre mim!	Hoje o vídeo vai ser uma TAG, tá?! Sobre mim! YEEEEES!

<p>YEEEEES!*</p> <p>SHOW*</p> <p>TAG Me conhecendo melhor</p>	<p>SHOW</p> <p>TAG Me conhecendo melhor</p>
<p>Eu lembrei que não tinha falado muito de mim aqui no canal.</p> <p>Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo.</p> <p>O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY*</p>	<p>Eu lembrei que não tinha falado muito de mim aqui no canal.</p> <p>Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo.</p> <p>O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY.</p>
<p>Bom, deixa eu me apresentar...</p> <p>Meu nome é Kitana, meu sinal é esse.</p> <p>Sou Drag queen.</p>	<p>Bom, deixa eu me apresentar tá?!</p> <p>Meu nome é Kitana, meu sinal é esse.</p> <p>Sou uma Drag queen.</p>
<p>Sou Drag queen há...</p> <p>Peraí, deixa eu fazer as contas.</p> <p>Ah, não lembro.</p> <p>Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018...</p> <p>2018 menos 1998.</p> <p>Dá 20 anos.</p>	<p>Sou Drag queen há quantos anos mesmo?</p> <p>Peraí, deixa eu fazer as contas.</p> <p>Ah, não lembro.</p> <p>Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018...</p> <p>2018 menos 1998.</p> <p>Dá 20 anos.</p>
<p>CARACA*</p> <p>Eu tô...</p> <p>PASSADA*</p> <p>OMG*</p> <p>WOW*</p> <p>Jesus!</p> <p>Era pra mim ter comemorado!</p> <p>E nem fiz nada!</p> <p>FAZ MAL!*</p> <p>NOSSA!*</p> <p>WOW*</p>	<p>CARACA</p> <p>Eu tô...</p> <p>PASSADA</p> <p>OMG</p> <p>WOW</p> <p>Jesus!</p> <p>Era pra mim ter comemorado?!</p> <p>E nem fiz nada!</p> <p>FAZ MAL!</p> <p>NOSSA!</p> <p>WOW</p>
<p>Bom, eu sou surda de nascença, Oralizada e faço leitura labial.</p> <p>Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial</p> <p>Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos.</p> <p>Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.</p>	<p>Bom, eu sou surda de nascença, Oralizada e faço leitura labial.</p> <p>Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial</p> <p>Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos.</p> <p>Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.</p>
<p>1. NOME COMPLETO</p> <p>Kitana Dreams</p> <p>Kitana Dreams*</p>	<p>Pergunta 1. QUAL O SEU NOME COMPLETO?</p> <p>Kitana Dreams</p> <p>Kitana Dreams</p>
<p>2. ONDE VOCÊ MORA</p> <p>Rio de Janeiro, RJ</p>	<p>Pergunta 2. ONDE VOCÊ MORA?</p> <p>Rio de Janeiro, RJ.</p>
<p>3. ESTADO CIVIL/TEM FILHO?</p> <p>Sou solteiro no papel, mas sou casado com meu marido.</p> <p>Temos um lindo filho dog Luke.</p> <p>Meu xodózinho.</p> <p>Ele vive grudado em mim 24h.</p> <p>Sou a mãe dele.</p>	<p>Pergunta 3. QUAL É SEU ESTADO CIVIL? VOCÊ TEM FILHO?</p> <p>Sou solteira no papel, mas sou casada com meu marido.</p> <p>Temos um lindo filho dog Luke.</p> <p>Meu xodózinho.</p> <p>Ele vive grudado em mim 24h.</p> <p>Sou a mãe dele.</p>
<p>4. VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?</p> <p>Sim, tamos juntos há 12 anos.</p> <p>Sei que ele quase não aparece muito, Mas ele não gosta muito exibir nas redes sociais.</p>	<p>Pergunta 4. VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?</p> <p>Sim, tamos juntos há 12 anos.</p> <p>Sei que ele quase não aparece muito,</p>



<p>É o jeito dele, eu respeito ele. Bom, deixa ele.</p>	<p>Mas ele não gosta muito exibir nas redes sociais. É o jeito dele, eu respeito ele. Bom, deixa ele.</p>
<p>5. TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE? Sim, tenho 3 tatuagens, uma é o sol na perna A segunda é uma Letra japonês na nuca significa Harmonia e a última a Frajola. Sabe aquele o gato que ataca o piupiu. Eu me arrependo sim da Frajola que ficou muito pequena ME ARREPENDI* Eu tinha escolhido ele quando fiquei indeciso na hora de escolher.</p>	<p>Pergunta 5. VOCÊ TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?  Sim, tenho 3 tatuagens, uma é o sol na perna. A segunda é uma Letra japonês na nuca significa Harmonia e a última a Frajola (sabe aquele o gato que ataca o piupiu?!). Eu me arrependo sim da Frajola que ficou muito pequena. ME ARREPENDI! Eu tinha escolhido ela quando fiquei indecisa na hora de escolher.</p>
<p>6. QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM? Tenho 2 irmãs por pai de pai. Sou mais velho que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA e a outra fofinha Carolina tem 12 anos mora aqui no Rio de Janeiro.</p>	<p>Pergunta 6. QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?  Tenho 2 irmãs por pai de pai. Sou mais velha que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA e a outra fofinha Carolina tem 12 anos mora aqui no Rio de Janeiro.</p>
<p>7. QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE? Sou maquiadora. Amo de paixão! Sou maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época que comecei a me montar. Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, parei, agora só faço com meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha parado por causa do espaço e agora voltei.</p>	<p>Pergunta 7. QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE? Sou maquiadora. Amo de paixão! Sou maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época que comecei a me montar. Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, parei, agora só faço com meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha parado por causa do espaço e agora voltei.</p>
<p>8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG? Bom, antes o meu nome era Kitana McNew mas como muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Tinha parado por muito tempo, mas quando voltei decidi mudar o nome para Kitana Dreams, sou sonhadora! O Blog também, mas na verdade tinha mudado para Hello Kika primeiro aí quando tive loja virtual, decide deixar esse nome que é minha marca de produtos artesanais.</p>	<p>Pergunta 8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?  Bom, antes o meu nome era Kitana McNew mas como muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Tinha parado por muito tempo, mas quando voltei decidi mudar o nome para Kitana Dreams, Não sou sonhadora?! O Blog também, mas na verdade tinha mudado para Hello Kika primeiro aí quando tive loja virtual, decide deixar esse nome que é minha marca de produtos artesanais.</p>
<p>9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG? Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo, acho que foi no ano 1993 desde que eu acompanhava a JustLia que era famosa na época, até agora ela é.</p>	<p>Pergunta 9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?  Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo, Será que foi no ano 1993? desde que eu acompanhava a JustLia que era famosa na época, até agora ela é.</p>

<p>Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos. Foi muito triste eu perder tudo e não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra depois, e olha no que deu! Decidi recomeçar tudo de novo. O canal, eu criei para mostrar o meu talento, minhas dicas de maquiagem e vários para a comunidade surda e decidi fazer vídeos com toda acessibilidade, para todos, com legendas.</p>	<p>Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos. Foi muito triste eu perder tudo e não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra depois, e olha no que deu?! Decidi recomeçar tudo de novo. O canal, eu criei para mostrar o meu talento, minhas dicas de maquiagem e vários para a comunidade surda e decidi fazer vídeos com toda acessibilidade, para todos, com legendas. Não ficou legal?</p>
<p>10. QUAL SEU PIOR DEFEITO? VERGONHA* Acho que tenho um monte deles. hahaha Mas o meu pior defeito de ser o de ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e perfeito. Dou como exemplo esse cenário aqui. PHYNA* E também, na hora da edição, não gosto de defeitos Fico um tempão, tipo uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minuto. Sou assim mesmo.</p>	<p>Pergunta 10. QUAL SEU PIOR DEFEITO? VERGONHA Acho que tenho um monte deles. hahaha Mas o meu pior defeito de ser o de ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e perfeito. Dou como exemplo esse cenário aqui. Bem PHYNA, concorda? E também, na hora da edição, não gosto de defeitos Fico um tempão, nem parece que gato uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minuto não é? Sou assim mesma.</p>
<p>11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE? A melhor que eu sou extrovertida e divertida. Sou palhaça, meus amigos divertem comigo.</p>	<p>Pergunta 11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE? A melhor que eu sou extrovertida e divertida. Não sou palhaça? meus amigos divertem comigo.</p>
<p>12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO? Dia 29 de outubro, sou escorpiana. A PERIGOSA!*</p> <p>PODEROSA* kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa. Não é? I LOVE YOU*</p>	<p>Pergunta 12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO? Dia 29 de outubro, sou escorpiana. A PERIGOSA! PODEROSA kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa, não é? I LOVE YOU</p>
<p>13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA? Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o Inverno. AMO*</p>	<p>Pergunta 13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA? Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o Inverno. AMO</p>
<p>14. QUAL SUA COR PREFERIDA? Gente, todos me conhecem. Eu amo... ROXO* Minha cor favorita. Olha aí meu cabelo também.</p>	<p>Pergunta 14. QUAL SUA COR PREFERIDA? Gente, todos me conhecem, não é verdade? Eu amo... ROXO*</p>

Ah desculpa, ele é lilás. Tenho cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.	Minha cor favorita. Olha aí meu cabelo também. Ah desculpa, ele é lilás. Tenho cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.
15. QUE FRASE TE DEFINE? A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!	Pergunta 15. QUE FRASE TE DEFINE?  A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!
Bom, tá aí tudo que eu disse... Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!	Bom, tá aí tudo que eu disse, concordam? Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!
Se vocês curtiram muito, dá um like ali pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.	Se vocês curtiram muito, dá um like ali pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.
E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para receber novos vídeos. Muito obrigada! BEIJOS*	E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para receber novos vídeos. Muito obrigada! BEIJOS
Até o próximo vídeo.	Até o próximo vídeo, certo?!

Fonte: A autora (2021)

A fim de elucidar as intervenções que fiz no Quadro 10, recorro a Kulick (1999), que usa essa característica - de inserção de perguntas ao final da frase - para aproximar a fala das travestis à feminina. O autor apresenta uma crítica quanto aos cursos que tratavam da modalização imposta à fala de mulheres trans, em que havia “algumas evidências, de que pelo menos algumas mulheres trans não estão nenhum pouco interessadas em se passarem por mulheres cis”, no entanto, para atender a um padrão feminino, o “Curso de Voz”, descrito pelo pesquisador discutia “como uma pessoa ‘transgressora de gênero’ deveria falar”:

Fui ensinada a falar com uma voz muito aguda, chegando até parecer com uma cantora soprano, e, também a fazer perguntas no final de cada frase. Além disso, eu deveria sorrir o tempo todo quando estava falando. E eu disse: “Ah, eu não gosto de falar desse jeito!” (KULICK, 1999, p. 610, *tradução nossa*)

Com o exposto, a fragilidade e a delicadeza atribuídas como marcas na fala da mulher, em formas de perguntas, têm o intuito de atrair discursivamente o receptor para a mensagem. Esse foi um artifício utilizado no Quadro 10, na proposta de tradução como reelaboração. Esse recurso foi utilizado destinado à metodologia de reelaboração 15 vezes. Nas linhas divisórias: 2, 4, 5, 6, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 26. Sendo que, na linha divisória 16, o recurso foi utilizado três vezes, e, na linha 17, duas vezes, conforme vemos abaixo:

- a. Linha 2: Hoje o vídeo vai ser uma TAG, tá?!
- b. Linha 4: Bom, deixa eu me apresentar tá?!
- c. Linha 5: Sou Drag queen há quantos anos mesmo?
- d. Linha 6: Era pra mim ter comemorado?!
- e. Linha 12: (sabe aquele o gato que ataca o piupiu?!).
- f. Linha 15: Não sou sonhadora?!
- g. Linha 16:
  - i. Será que foi no ano 1993?
  - ii. e olha no que deu?!
  - iii. Não ficou legal?
- h. Linha 17:
  - i. Bem PHYNA, concorda?
  - ii. nem parece que gato uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minuto não é?
- i. Linha 18: Não sou palhaça?
- j. Linha 19: mas eu sou querida e maravilhosa, não é?
- k. Linha 21: Gente, todos me conhecem, não é verdade?
- l. Linha 23: Bom, tá aí tudo que eu disse, concordam?
- m. Linha 26: Até o próximo vídeo, certo?!

O texto de partida expresso na legenda original do vídeo oscilava entre os gêneros feminino e masculino, aqui optei na marcação do gênero apenas no feminino para concordar com o estereotipo feminino expresso na imagem Drag Queen. Essas marcas de concordância de gênero foram realizadas nos seguintes trechos:

- a. Linha 10:
  - i. “Sou solteiro no papel” para “Sou solteira no papel”
  - ii. “mas sou casado com meu marido” para “mas sou casada com meu marido”
- b. Linha 13:
  - i. “Sou mais velho que elas” para “Sou mais velha que elas”

A oscilação no texto entre os gêneros masculino e feminino me causou estranhamento, por isso adotei um padrão que concordasse com a voz e imagem expressa discursivamente. Apenas essas duas mudanças no Quadro 10 destinado a reelaboração trouxeram mudanças profundas no texto, que aludem para a inclinação como descrito em Yannoulas (2011).

#### 4.1.2 Tradução Livre: inserção de vocabulários e/ou expressões do Pajubá

A tradução livre é caracterizada essencialmente por oportunizar ao tradutor/a total flexibilidade na interpretação da mensagem e na manipulação dos seguimentos e/ou discursos a serem traduzidos. A tradução livre, apesar de também ser descrita como um tipo de reelaboração, é essencialmente marcada pela oposição à tradução literal. De acordo com José Pinheiro de Souza (1998), essa oposição dá-se nos seguintes aspectos:

A controvérsia mais antiga em torno da tradução diz respeito à tensão entre tradução literal e livre, duas posições frontalmente opostas. Ao conceito de tradução literal está associada a idéia de tradução fiel, neutra, objetiva, e ao de tradução livre, a idéia de tradução infiel, parcial, subjetiva. (SOUZA, 1998, p. 51-52)

Como discutido nas seções anteriores, a noção de fidelidade por equivalência, como metodologia de tradução, habita densamente no ideário de muitos tradutores/as de línguas sinalizadas. No entanto, essa perspectiva não consiste em um único método de olhar para o processo tradutório. A tradução livre possibilita atingir objetivos quanto à proximidade do texto de partida para aspectos socioculturais e linguísticos do público da língua de chegada. Com isso, na tradução exposta no Quadro 11, manipulo o texto para atender o estilo de fala na produtividade da criatividade linguística das Drag Queens ouvintes.

Escolhi palavras do Pajubá ou estruturas linguísticas encontradas no Pajubá para fazer essa aproximação sociocultural e linguística. Por essa metodologia, rompi com todo o ideário de tradução por equivalência, e pude associar de fato a voz da Kitana Dreams à sua imagem, e ao estilo de fala socialmente atribuído, por ser identificado, nas falas das drags ouvintes brasileiras. No Quadro 11, apresento as interferências que decidi fazer nos seguimentos.

**Quadro 11.** Tradução Livre: inserção de vocabulários e/ou expressões do Pajubá

Hello, keridas e keridos...	Hello, keridinhas e keridinhos...
Hoje o vídeo vai ser uma TAG, tá?! Sobre mim! YEEEEES! SHOW TAG Me conhecendo melhor	Bee, hoje o vídeo vai ser uma TAG, tá?! Sobre mim! YEEEEES! SHOW TAG Me conhecendo melhor
Eu lembrei que não tinha falado muito de mim aqui no canal.	Eu fiz aloka e não tinha falado muito de mim aqui no canal.

Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo. O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY	Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo. O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY
Bom, deixa eu me apresentar tá?! Meu nome é Kitana, meu sinal é esse. Sou uma Drag queen.	Bom, deixa eu me apresentar tá?! Meu nome é Kitana, esse é meu sinal glamuroso. Essa mona toda trabalhada é uma Drag queen.
Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Peraí, deixa eu fazer as contas. Ah, não lembro. Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018... 2018 menos 1998. Dá 20 anos.	Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Uh, Lady Gaga, deixa eu fazer as contas. Ah, não lembro. Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018... 2018 menos 1998. Dá 20 anos.
CARACA Eu tô... PASSADA OMG WOW Jesus! Era pra mim ter comemorado?! E nem fiz nada! FAZ MAL! NOSSA! WOW	Morri! Eu tô... PASSADA OMG WOW Mell dells! Era pra mim ter comemorado?! E nem fiz nada! FAZ MAL! NOSSA! WOW
Bom, eu sou surda de nascença, Oralizada e faço leitura labial. Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos. Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.	Bom, eu sou surda de nascença, Oralizada e faço leitura labial. Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos. Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.
Pergunta 1. QUAL O SEU NOME COMPLETO?	Pergunta 1. QUAL O SEU NOME COMPLETO?
Kitana Dreams Kitana Dreams	Kitana Dreams Kitana Dreams, toda Odara.
Pergunta 2. ONDE VOCÊ MORA?	Pergunta 2. ONDE VOCÊ MORA?
Rio de Janeiro, RJ.	Rio de Janeiro, RJ.
Pergunta 3. QUAL É SEU ESTADO CIVIL? VOCÊ TEM FILHO?	Pergunta 3. QUAL É SEU ESTADO CIVIL? VOCÊ TEM FILHO?
Sou solteira no papel, mas sou casada com meu marido. Temos um lindo filho dog Luke. Meu xodózinho. Ele vive grudado em mim 24h. Sou a mãe dele.	Sou solteirinha no papel, mas sou casada com meu marido. Temos um lindo filho dog Luke. Meu xodózinho. Ele vive grudado em mim 24h. Sou a mãe dele.
Pergunta 4. VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?	Pergunta 4. VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?
Sim, tamos juntos há 12 anos. Sei que ele quase não aparece muito, Mas ele não gosta muito exibir nas redes sociais. É o jeito dele, eu respeito ele. Bom, deixa ele.	Sim, tamos juntos há 12 anos. Sei que ele não é do babado quase não aparece muito, Mas ele não gosta muito exibir nas redes sociais. É o jeito dele, eu respeito ele. Bom, desaqueandar desse assunto.
Pergunta 5. VOCÊ TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?	Pergunta 5. VOCÊ TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?
Sim, tenho 3 tatuagens, uma é o sol na perna.	Sim, tenho 3 tatuagens, uma é o sol na perna.

<p>A segunda é uma Letra japonês na nuca significa Harmonia e a última a Frajola (sabe aquele o gato que ataca o piupiu?!). Eu me arrependo sim da Frajola que ficou muito pequena. ME ARREPENDEI! Eu tinha escolhido ela quando fiquei indecisa na hora de escolher.</p>	<p>A segunda é uma Letra japonês na nuca significa Harmonia e a última a Frajola (sabe aquele o gato que ataca o piupiu?!). Eu me arrependo sim da Frajola que ficou muito pequena. ME ARREPENDEI! Eu tinha escolhido ela quando fiz a libriana na hora de escolher.</p>
<p>Pergunta 6. QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?</p> <p>Tenho 2 irmãs por pai de pai. Sou mais velha que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA e a outra fofinha Carolina tem 12 anos mora aqui no Rio de Janeiro.</p>	<p>Pergunta 6. QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?</p> <p>Tenho 2 irmãs por pai de pai. Sou mais velha que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA e a outra fofinha Carolina tem 12 anos mora aqui no Rio de Janeiro.</p>
<p>Pergunta 7. QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE?</p> <p>Sou maquiadora. Amo de paixão! Sou maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época que comecei a me montar. Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, parei, agora só faço com meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha parado por causa do espaço e agora voltei.</p>	<p>Pergunta 7. QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE?</p> <p>Sou maquiadora. Amo de paixão! Sou maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época que comecei a me montar. Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, parei, agora só faço com meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha desaquecido por causa do espaço e agora voltei.</p>
<p>Pergunta 8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?</p> <p>Bom, antes o meu nome era Kitana McNew mas como muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Tinha parado por muito tempo, mas quando voltei decidi mudar o nome para Kitana Dreams, Não sou sonhadora?! O Blog também, mas na verdade tinha mudado para Hello Kika primeiro aí quando tive loja virtual, decide deixar esse nome que é minha marca de produtos artesanais.</p>	<p>Pergunta 8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?</p> <p>Babado... antes o meu nome era Kitana McNew mas ficou uó porque muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Tinha parado por muito tempo, mas quando voltei decidi mudar o nome para Kitana Dreams, Eu fiz a Tieta, e vivo fazendo a Alice, não é?! O Blog também, mas na verdade tinha mudado para Hello Kika primeiro aí quando tive loja virtual, decide deixar esse nome que é minha marca de produtos artesanais.</p>
<p>Pergunta 9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?</p> <p>Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo, Será que foi no ano 1993? desde que eu acompanhava a JustLia que era famosa na época, até agora ela é. Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos. Foi muito triste eu perder tudo e não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra depois, e olha no que deu?! Decidi recomeçar tudo de novo. O canal, eu criei para mostrar o meu talento,</p>	<p>Pergunta 9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?</p> <p>Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo, Será que foi no ano 1993? desde que eu acompanhava a JustLia que era famosa na época, até agora ela é. Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos. Foi muito triste eu perder tudo e não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra depois, e olha no que deu?! Decidi recomeçar tudo de novo. O canal, eu criei para mostrar o meu talento,</p>

<p>minhas dicas de maquiagem e vários para a comunidade surda e decidi fazer vídeos com toda acessibilidade, para todos, com legendas. Não ficou legal?</p>	<p>minhas dicas de maquiagem e vários para a comunidade surda e decidi fazer vídeos com toda acessibilidade, para todos, com legendas. Não ficou um luxo?</p>
<p>Pergunta 10. QUAL SEU PIOR DEFEITO?</p> <p>VERGONHA Acho que tenho um monte deles. hahaha Mas o meu pior defeito de ser o de ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e perfeito. Dou como exemplo esse cenário aqui. Bem PHYNA, concorda? E também, na hora da edição, não gosto de defeitos Fico um tempão, nem parece que gato uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minuto não é? Sou assim mesma.</p>	<p>Pergunta 10. QUAL SEU PIOR DEFEITO?</p> <p>Morri, aí que vergonha Acho que tenho um monte deles. hahaha Mas o meu pior defeito de ser o de ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e pintoso. Dou como exemplo esse cenário bafo. Bem BF, não acha que lacrei? E também, na hora da edição, não gosto de defeitos Fico um tempão, nem parece que gasto uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minutinho não é? Sou assim mesma.</p>
<p>Pergunta 11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE?</p> <p>A melhor que eu sou extrovertida e divertida. Não sou palhaça? meus amigos divertem comigo.</p>	<p>Pergunta 11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE?</p> <p>A melhor que eu sou extrovertida e divertida. Não sou palhaça? meus amiguenhos se divertem comigo.</p>
<p>Pergunta 12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO?</p> <p>Dia 29 de outubro, sou escorpiana. A PERIGOSA! PODEROSA kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa, não é? I LOVE YOU</p>	<p>Pergunta 12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO?</p> <p>Dia 29 de outubro, A mona aqui é escorpiana. A PERIGOSA! PODEROSA kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa, não é? I LOVE YOU</p>
<p>Pergunta 13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA?</p> <p>Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o Inverno. AMO</p>	<p>Pergunta 13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA?</p> <p>Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o Inverno. AMO</p>
<p>Pergunta 14. QUAL SUA COR PREFERIDA?</p> <p>Gente, todos me conhecem, não é verdade? Eu amo... ROXO* Minha cor favorita. Olha aí meu cabelo também. Ah desculpa, ele é lilás. Tenho cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.</p>	<p>Pergunta 14. QUAL SUA COR PREFERIDA?</p> <p>Bee, todos me conhecem, não é verdade? Eu amo... ROXO* Minha cor favorita. Olha aí meu picumã também. Ah desculpa, ele é lilás. Tenho cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.</p>
<p>Pergunta 15. QUE FRASE TE DEFINE?</p> <p>A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!</p>	<p>Pergunta 15. QUE FRASE TE DEFINE?</p> <p>A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!</p>
<p>Bom, tá aí tudo que eu disse, concordam?</p>	<p>Bee, tá aí tudo que eu disse, concordam?</p>



Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!	Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!
Se vocês curtiram muito, dá um like ali pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.	Se vocês curtiram muito, dá um like ali pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.
E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para receber novos vídeos. Muito obrigada! BEIJOS	E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para saber de novos babados. Muito obrigada! BEIJOS
Até o próximo vídeo, certo?!	Até o próximo vídeo, certo?!

**Fonte:** A autora (2021)

Do Quadro 11, pôde-se observar que as interferências quanto à inserção de vocabulários e expressões do Pajubá foram realizadas nos seguintes seguimentos:

Linha 1: Hello, keridinhas e keridinhos...

Linha 2: Bee, hoje o vídeo vai ser uma TAG, tá?! Sobre mim!

Linha 3: Eu fiz aloka e não tinha falado muito de mim aqui no canal.

Linha 4: Meu nome é Kitana, esse é meu sinal glamuroso. Essa mona toda trabalhada é uma Drag queen.

Linha 5: Uh, Lady Gaga, deixa eu aquendar as contas.

Linha 6: Morri!

Linha 6: Mell dells!

Linha 8: Kitana Dreams, toda Odara.

Linha 10: Sou solteirinha no papel,

Linha 12: Bom, desaquendar desse assunto.

Linha 13: Eu tinha escolhido ela quando fiz a libriana na hora de escolher.

Linha 15: Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha desaquendado por causa do espaço e agora voltei.

Linha 16:

- i. mas ficou uó
- ii. Eu fiz a Tieta, e vivo fazendo a Alice, não é?!

Linha 17: Não ficou um luxo?

Linha 18:

- i. Morri, aí que vergonha
- ii. tudo arrumado e pintoso.
- iii. Dou como exemplo esse cenário bafo.

iv. Bem BF, não acha que lacrei?

Linha 20: A mona aqui é escorpiana.

Linha 22:

i. Bee, todos me conhecem, não é verdade?

ii. Olha aí meu picumã também.

Linha 24: Bee, tá aí tudo que eu disse, concordam?

Linha 26: para saber de novos babados.

As inserções foram realizadas em três categorias:

- a) Emprego de palavras no diminutivo: linha 1;
- b) Emprego de vocabulários: linhas 2, 3, 4, 5, 6, 8, 12, 15, 16i, 17, 18i, ii, iii, iv; 20, 22i, 22ii, 24 e 26;
- c) Emprego de expressões longas: linhas 5, 6, 13, 16ii.

As palavras no diminutivo são geralmente atribuídas às mulheres, como marcas de delicadeza, doçura e feminilidade no falar. Kulick (1999, p. 611, *tradução nossa*) aponta que “pronomes “frufus”, tipificados como femininos, são usados por homens gays para denotar a si próprios e outros homens”. Kulick (1999) utiliza-se do termo “frufus” na categoria pronominal, e, nas minhas análises, usei termos “frufus” associados a substantivos, como “Keridinhas” e “Keridinhos”. A forma escrita com “k” na substituição do “qu” não faz diferença para mim, considerando que estou tratando de traduções LSB-LPO, mas, para fins de registro escrito, essa substituição reforça a distinção artística e a “frufuidade”, além de K representar a própria persona da Kitana, que se escreve com a mesma letra.

Os vocabulários e/ou expressões do Pajubá são marcas de estilo de fala usados no seio de comunidades LGBTTQIA+. Alguns vocábulos e/ou expressões utilizadas foram: i) Bee: que é uma forma delicada de tratar pessoas queridas; ii) BF: que significa bem fina; iii) pintoso: que tem a conotação de pessoa bonita.

Já as expressões longas respectivamente significam:

- i. Uh, Lady Gaga - é uma “[i]nterjeição para provocar riso em qualquer situação. Remete a cantora Lady Gaga, defensora e ícone da comunidade GLBT”, de acordo com Vargas (2010);

- ii. Mell dells! - Essa expressão na comunidade LGBTTTQIA+ é mais utilizada do que Jesus. A exemplo, Vargas (2010), termina a sua coluna no blog ‘O Confessionário’ com essa expressão;
- iii. Eu tinha escolhido ela quando fiz a libriana na hora de escolher – fazer um papel, que nessa função adjetivou o signo astrológico libra, como um recurso linguístico utilizado para se referir a um comportamento assumido de indecisão.
- iv. Eu fiz a Tieta, e vivo fazendo a Alice, não é?! – assim, como na descrição supracitada no ponto ‘iii’ aqui também retrata um comportamento assumido, no caso, referem-se às personagens Tieta do Agreste, que fugiu de sua cidade natal em situação desfavorável, e depois de algum tempo sumida, retornou esplendida, rica e maravilhosa. No caso, Kitana passou algum tempo fora do blog com um nome que não causou impacto social, e depois retornou repaginada com um novo nome que teve densa repercussão social. Já a referência à personagem Alice do País das Maravilhas do autor Charles Lutwidge Dodgson, traz o perfil de alguém que mergulhou em seus sonhos.

Contudo, a inserção destas três categorias – i) emprego de palavras no diminutivo; ii) emprego de vocabulários; iii) emprego de expressões longas – circunscreve as marcas linguísticas contundentes quanto ao estilo de fala de uma Drag Queen, que decidi fazer nos seguimentos.

#### **4.1.3 Retradução: acréscimos gramaticais essenciais para o público da língua e cultura de chegada**

De acordo com Mattos e Faleiros (2014, p. 36) a retradução é uma técnica pouco buscada, usada e estudada pelos tradutores/as. Isso tem sido uma questão dentro da área dos Estudos da Tradução, tendo em vista que, cômicos ou não, os “tradutores, tanto quanto traduziram, sempre retraduziram”. Essa constatação me faz entender que há uma necessidade de trazer à luz o que de fato significa “o ‘re’ da retradução”, pois, também verifico que, quanto mais observo as inserções que fiz na reescrita da legenda, mais opções tenho para propor novas retraduições. Isso me faz lembrar de Kenedy (2013),

quando fala da inesgotável criatividade<sup>65</sup> nas produções linguísticas. Mattos e Faleiros (2014) elucidam que, para os tradutores/as conseguirem enxergar a retradução como prática habitual no labor tradutório, se faz emergente “um contorno teórico”. A retradução precisa ser reconhecida como um constante redefinir, pois sempre foi utilizada, como vemos no excerto abaixo:

De Antoine Berman (1990) a Jean-René LADMIRAL (2012), passando por nomes como Yves Gambier (1994; 2012), Yves CHEVREL (2010), Elzbieta SKIBINSKA (2007; 2012), a retradução, tanto quanto a tradução, é um constante redefinir. Apesar das diferenças, quase todos os autores apontaram tanto para a escassez de trabalhos sobre retradução quanto para a conceituação movente, ou mesmo ambígua, do termo. Talvez seja BRISSET que, nesse sentido, melhor resume o status teórico da retradução, ao considerá-la um fenômeno “antigo, frequente e polimorfo”<sup>3</sup> (BRISSET, 2004, p. 41). Antigo na medida em que tradutores sempre traduziram e retraduziram: a retradução não é um privilégio (ou um fardo) da modernidade: desde que houve tradução houve retradução, na medida em que nunca houve, afinal, uma leitura unívoca e definitiva de um texto. Frequente porque, se é verdade que a retradução enquanto noção teórica só tem sido discutida a partir das últimas décadas, a retradução enquanto prática sempre foi praticada; basta ter em mente o exemplo da Bíblia, o texto mais retraduzido da história da tradução – 337 traduções integrais e 2000 parciais (OSEKI-DÉPRÉ, 2003). E polimorfo não somente porque são diversas as formas de se entender a retradução enquanto noção teórica, como são diversas as formas de se praticar a retradução. (MATTOS; FALEIROS, 2014, p. 36-37)

Assim, nesse constante redefinir que é a retradução, a partir das intervenções que fiz nos Quadros 10 e 11, cujas mudanças atenderam ao estilo de fala Drag Queen, optei por fazer, no Quadro 12, redefinições com foco especificamente na sintaxe da LP. Nos quadros anteriores, 10 e 11, mantive as marcas de construções linguísticas da gramática da LSB, refletindo que a reescrita da legenda apresentou traços da gramática em LSB, típica da escrita de Pessoas Surdas. Porém, como essa proposta de análise envolve as travessias linguísticas e culturais da LSB para LPO, busquei fazer a redefinição discursiva de forma a atender a gramática da LP, a fim de propor aproximações linguísticas do discurso para a estrutura gramatical e cultura do público da língua de chegada, conforme vemos na segunda coluna do Quadro 12:

**Quadro 12.** Retradução: acréscimos gramaticais essenciais para o público da língua e cultura de chegada

Hello, keridinhas e keridinhos...	Hello, minhas keridinhas e keridinhos...
Bee, hoje o vídeo vai ser uma TAG, tá?! Sobre mim!	Bee, hoje o vídeo vai ser uma TAG, sobre mim, tá?!
YEEEEES!	YEEEEES!

<sup>65</sup> Entendo que a criatividade da qual Eduardo Kenedy fala tem a ver com a possibilidade de conexões gramaticais inovadoras, por isso preciso mencionar que a criatividade da qual me refiro tem a ver com a adaptabilidade estilística do falante. Todavia, foi através das leituras de Kenedy (2013) que tive o *insight* para essa reflexão.

SHOW TAG Me conhecendo melhor	SHOW A TAG se chama: Me conhecendo melhor.
Eu fiz aloka e não tinha falado muito de mim aqui no canal. Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo. O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY	Não é que eu fiz aloka? Porque ainda não tinha falado muito de mim aqui no canal. Acredita?! Eu tinha apenas me apresentando, mas foi pouco tempo... um vídeo tão simplesinho, me lembra até o Paraguay...
Bom, deixa eu me apresentar tá?! Meu nome é Kitana, esse é meu sinal glamuroso. Essa mona toda trabalhada é uma Drag queen.	Mas vamos lá, deixa eu me apresentar, tá?! Meu nome é Kitana, e esse é meu glamuroso sinal. Essa mona toda trabalhada é uma Drag queen.
Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Uh, Lady Gaga, deixa eu aquendar as contas. Ah, não lembro. Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018... 2018 menos 1998. Dá 20 anos.	Deixa-me pensar... Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Uh, Lady Gaga, deixa eu aquendar as contas aqui. Ah, não lembro. Sei que comecei a me montar no ano de 1998... então esse ano 2018 fazem... 2018 menos 1998, dá 20 anos.
Morri Eu tô... PASSADA OMG WOW Mell dells! Era pra mim ter comemorado?! E nem fiz nada! FAZ MAL! NOSSA! WOW	Morri! Eu tô PAS-SA-DA O-M-G WOW Mell dells! Não era para eu ter comemorado essa data?! E nem fiz nada! Tô nude! NOSSA! WOW
Bom, eu sou surda de nascença, Oralizada e faço leitura labial. Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos. Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.	Deixa-me voltar aqui, eu sou surda de nascença, oralizada e faço leitura labial. Cresci aprendendo a falar e fazer leitura labial. Comecei a terapia fonoaudiológica com 3 anos de idade. Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.
Pergunta 1. QUAL O SEU NOME COMPLETO?	Pergunta 1. QUAL O SEU NOME COMPLETO?
Kitana Dreams Kitana Dreams, toda Odara	Kitana Dreams Kitana Dreams, sou toda Odara
Pergunta 2. ONDE VOCÊ MORA?	Pergunta 2. ONDE VOCÊ MORA?
Rio de Janeiro, RJ.	Moro na capital do Rio de Janeiro.
Pergunta 3. QUAL É SEU ESTADO CIVIL? VOCÊ TEM FILHO?	Pergunta 3. QUAL É SEU ESTADO CIVIL? VOCÊ TEM FILHO?
Sou solteirinha no papel, mas sou casada com meu marido. Temos um lindo filho dog Luke. Meu xodózinho. Ele vive grudado em mim 24h. Sou a mãe dele.	Sou solteirinha apenas no papel, Pois sou casadíssima com meu marido. Temos um lindo filho dog Luke. Meu xodózinho. Ele vive grudado em mim 24h. Sou a mãe dele.
Pergunta 4. VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?	Pergunta 4. VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?
Sim, tamos juntos há 12 anos. Sei que ele não é do babado quase não aparece muito, Mas ele não gosta muito exibir nas redes sociais. É o jeito dele, eu respeito ele. Bom, desaquendar desse assunto.	Sim, estamos juntos há 12 anos. Sei que ele não é do babado quase não aparece muito aqui, ele não gosta muito aparecer nas redes sociais. É o jeito dele, eu o respeito. Bom, vamos desaquendar desse assunto, tá?

<p>Pergunta 5. VOCÊ TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?</p> <p>Sim, tenho 3 tatuagens, uma é o sol na perna. A segunda é uma Letra japonês na nuca significa Harmonia e a última a Frajola (sabe aquele o gato que ataca o piupiu?!). Eu me arrependo sim da Frajola que ficou muito pequena. ME ARREPENDI! Eu tinha escolhido ela quando fiz a libriana na hora de escolher.</p>	<p>Pergunta 5. VOCÊ TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?</p> <p>Sim, tenho 3 tatuagens, uma delas é o sol, fiz na perna. A segunda é uma letra japonesa, fiz na nuca, e significa harmonia. A última tatuagem é a Frajola, (sabe aquele o gato que ataca o piupiu?!). Eu me arrependo sim da Frajola, ela ficou muito pequena. ME ARREPENDI! Na hora da escolha me fiz de libriana, e deu nisso...</p>
<p>Pergunta 6. QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?</p> <p>Tenho 2 irmãs por pai de pai. Sou mais velha que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA e a outra fofinha Carolina tem 12 anos mora aqui no Rio de Janeiro.</p>	<p>Pergunta 6. QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?</p> <p>Tenho 2 irmãs por parte de pai. Sou mais velha que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA, e a outra, fofinha, Carolina tem 12 anos, mora aqui no Rio de Janeiro.</p>
<p>Pergunta 7. QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE?</p> <p>Sou maquiadora. Amo de paixão! Sou maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época que comecei a me montar. Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, parei, agora só faço com meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha desaquecido por causa do espaço e agora voltei.</p>	<p>Pergunta 7. QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE?</p> <p>Sou maquiadora. Amo de paixão! Comecei a ser maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época em que comecei a me montar. Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, mas parei, agora só faço coisas para meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha desaquecido por falta de espaço físico para o ateliê, mas agora voltei.</p>
<p>Pergunta 8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?</p> <p>Babado... antes o meu nome era Kitana McNew mas ficou uó porque muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Tinha parado por muito tempo, mas quando voltei decidi mudar o nome para Kitana Dreams, Eu fiz a Tieta, e vivo fazendo a Alice, não é?! O Blog também, mas na verdade tinha mudado para Hello Kika primeiro aí quando tive loja virtual, decide deixar esse nome que é minha marca de produtos artesanais.</p>	<p>Pergunta 8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?</p> <p>Babado... antes o meu nome era Kitana McNew, mas ficou uó! Muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Eu até parei por muito tempo, mas quando decidi voltar mudei meu nome para Kitana Dreams. Eu fiz a Tieta, e vivo fazendo a Alice, não é?! Fiz o mesmo no Blog, mas na verdade, tinha mudado primeiro para Hello Kika, mas quando comecei com a loja virtual, decide deixar Hello Kika apenas como minha marca de produtos artesanais.</p>
<p>Pergunta 9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?</p> <p>Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo, Será que foi no ano 1993? desde que eu acompanhava a JustLia que era famosa na época, até agora ela é. Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos.</p>	<p>Pergunta 9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?</p> <p>Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo (será que foi no ano de 1993?), desde que eu acompanhava a JustLia que era famosa na época, até agora ela continua sendo. Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, vi que tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos.</p>

<p>Foi muito triste eu perder tudo e não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra depois, e olha no que deu?! Decidi recomeçar tudo de novo.</p> <p>O canal, eu criei para mostrar o meu talento, minhas dicas de maquiagem e vários para a comunidade surda e decidi fazer vídeos com toda acessibilidade, para todos, com legendas. Não ficou um luxo?</p>	<p>Foi muito triste perder tudo, pois não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra fazer depois e depois, e olha no que deu?! Decidi recomeçar.</p> <p>Já o canal, eu criei para mostrar o meu talento, minhas dicas de maquiagem e outras dicas para a comunidade surda. Então, decidi fazer vídeos com acessibilidade para todos, por isso faço com legendas. Não ficou um luxo?</p>
<p>Pergunta 10. QUAL SEU PIOR DEFEITO?</p> <p>Morri, aí que vergonha Acho que tenho um monte deles. hahaha</p> <p>Mas o meu pior defeito de ser o de ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e pintoso. Dou como exemplo esse cenário bafo. Bem BF, não acha que lacrei? E também, na hora da edição, não gosto de defeitos Fico um tempão, nem parece que gasto uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minutinho não é? Sou assim mesma.</p>	<p>Pergunta 10. QUAL SEU PIOR DEFEITO?</p> <p>Morri, aí que vergonha... Acho que tenho um monte deles, hahaha Mas o meu pior defeito é ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e pintoso. Por isso tenho este cenário bafo! Bem BF, não acham que lacrei? E na hora da edição, não gosto de defeitos. Fico um tempão editando. Nem parece que gasto uma hora pra fazer a introdução do vídeo de apenas 1 minutinho, não é? Sou assim mesma!</p>
<p>Pergunta 11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE?</p> <p>A melhor que eu sou extrovertida e divertida. Não sou palhaça? meus amiguenhos se divertem comigo.</p>	<p>Pergunta 11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE?</p> <p>A melhor é que eu sou extrovertida e divertida. Não sou palhaça? meus amiguenhos se divertem comigo.</p>
<p>Pergunta 12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO?</p> <p>Dia 29 de outubro, A mona aqui é escorpiana. A PERIGOSA! PODEROSA kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa, não é? I LOVE YOU</p>	<p>Pergunta 12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO?</p> <p>Dia 29 de outubro, A mona aqui é escorpiana. A PERIGOSA! PODEROSA kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa, não é? I LOVE YOU</p>
<p>Pergunta 13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA?</p> <p>Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o Inverno. AMO</p>	<p>Pergunta 13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA?</p> <p>Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o inverno. AMO</p>
<p>Pergunta 14. QUAL SUA COR PREFERIDA?</p> <p>Bee, todos me conhecem, não é verdade? Eu amo... ROXO* Minha cor favorita. Olha aí meu picumã também. Ah desculpa, ele é lilás. Tenho cores preferidas, além do Roxo,</p>	<p>Pergunta 14. QUAL SUA COR PREFERIDA?</p> <p>Bee, todos me conhecem, não é verdade? Eu amo RO-XO! Minha cor favorita! Olha aqui meu picumã... Ah desculpa, ele é lilás. Tenho outras cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.</p>

Lilás, Rosa e Azul céu.	
Pergunta 15. QUE FRASE TE DEFINE? A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!	Pergunta 15. QUE FRASE TE DEFINE? A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!
Bee, tá aí tudo que eu disse, concordam? Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!	Bee, tá aí tudo que eu queria dizer, concordam? Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!
Se vocês curtiram muito, dá um like ali pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.	Se vocês curtiram muito, dá um like pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.
E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para saber de novos babados. Muito obrigada! BEIJOS	E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para saber de novos babados. Muito obrigada! BEIJOS
Até o próximo vídeo, certo?!	Até o próximo vídeo, certo?!

Fonte: A autora (2021)

Das 26 linhas divisórias presentes no Quadro 12, foram realizadas redefinições sintáticas em 17 linhas divisórias da segunda coluna. As linhas que sofreram redefinições foram: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 21. Os ajustes tiveram o objetivo de complementar o sentido do discurso, tendo em vista que, na LSB, muitas informações importantes estão registradas nas Expressões Não-Manuais e, de acordo com Souza (2020), esse nível de análise encontra-se no nível prosódico, nível que não faz parte desta análise. Além disso, o texto da legenda apresentou características como se tivesse sido realizado por Pessoa Surda ou tradutores/as, em que ambos fizeram a opção de manter as marcas da LSB no texto em LP.

Um exemplo do fenômeno descrito acima deu-se na linha 7. Na legenda original disponibilizada no vídeo, consta a seguinte sintaxe: “Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial / Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos”. Esse fragmento me gerou ambiguidades na audição em LPO, pois o vocábulo “ler” estaria mais associado à leitura de textos impressos e/ou digitais do que ao processo de fazer leitura labial. Também o vocábulo fonoaudiologia é associado ao exercício profissional, e não a paciente que frequenta setting terapêutico. Ademais, inseri o complemento nominal para dar sentido ao sintagma “3 anos”. Desta forma, as redefinições sugeridas foram: “Cresci aprendendo a falar e fazer leitura labial / Comecei a terapia fonoaudiológica com 3 anos de idade”.

Após essas retraduições destinadas a ajustes concernentes às travessias gramaticais da LSB para a LPO, foram realizadas novas retraduições por conta das alterações feitas nos Quadros 10 e 11 nas metodologias da reelaboração e tradução livre. Demonstro nas linhas a seguir exemplos de interferência na retradução de um mesmo seguimento:

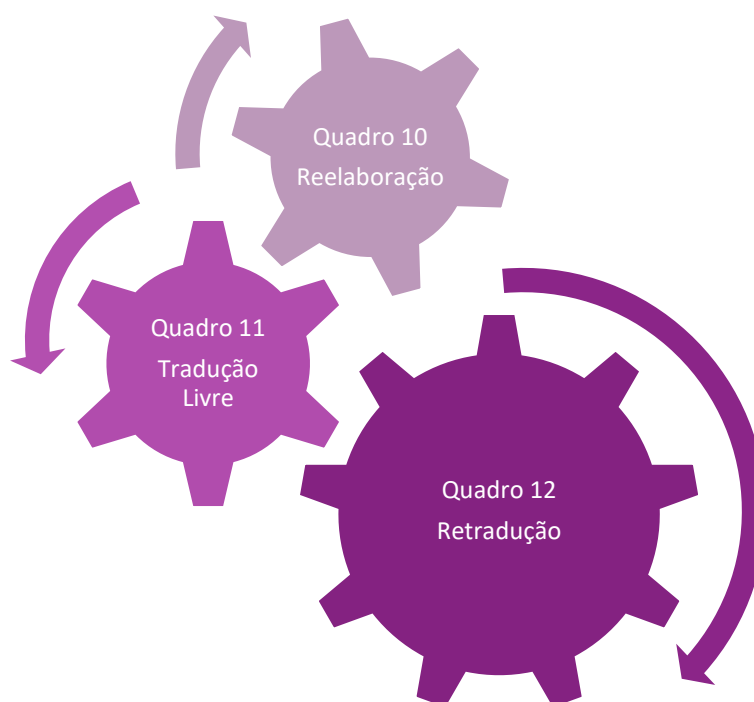


- Legenda original: “Eu lembrei que não tinha falado muito de mim aqui no canal”.
- Interferência 1: “Eu fiz aloka e não tinha falado muito de mim aqui no canal”.
- Interferência 2: “Não é que eu fiz aloka? Porque ainda não tinha falado muito de mim aqui no canal. Acredita?!”

#### 4.1.4 As Interferências realizadas

Com o exposto, o esquema realizado nas interferências descritas nos Quadros 10, 11 e 12 foram:

**Figura 10.** Esquema de interferências utilizado



**Fonte:** A autora (2021)

Aponto que, apesar das perguntas ao final da frase terem sido aplicadas na engrenagem referente ao Quadro 10 na interferência 1, ao realizar a retradução no Quadro 12, houve necessidades de nova retradução, comprovando assim que a todo momento fazemos a retradução, mesmo que não tenhamos consciência disso, conforme asseverado por Mattos e Faleiros (2014).

No Quadro 13, para melhor visualização do afã tradutório, trago num só quadro todas as colunas discutidas em quadros anteriores, a saber: legenda original do vídeo; técnica 1: reelaboração; técnica 2: tradução livre; técnica 3: retradução.

**Quadro 13.** Propostas de tradução LSB-LPO baseadas na noção de gênero

<b>LEGENDA ORIGINAL</b>	<b>REELABORAÇÃO: inserção de perguntas no final da frase e marcação de um único gênero</b>	<b>TRADUÇÃO LIVRE: inserção de vocabulários e/ou expressões do Pajubá</b>	<b>RETRADUÇÃO: inserção de ajustes gramaticais em LP</b>
<p>HELLO* KERIDAS* &amp;* KERIDOS*</p> <p>Hoje o vídeo vai ser uma TAG! Sobre mim! YEEEEES!* SHOW* TAG Me conhecendo melhor</p> <p>Eu lembrei que não tinha falado muito de mim aqui no canal. Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo. O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY*</p> <p>Bom, deixa eu me apresentar... Meu nome é Kitana, meu sinal é esse. Sou Drag queen.</p> <p>Sou Drag queen há... Peraí, deixa eu fazer as contas. Ah, não lembro. Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018... 2018 menos 1998. Dá 20 anos.</p> <p>CARACA* Eu tô... PASSADA OMG WOW</p>	<p>Hello, keridas e keridos...</p> <p>Hoje o vídeo vai ser uma TAG, tá?! Sobre mim! YEEEEES! SHOW TAG Me conhecendo melhor</p> <p>Eu lembrei que não tinha falado muito de mim aqui no canal. Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo. O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY.</p> <p>Bom, deixa eu me apresentar tá?! Meu nome é Kitana, meu sinal é esse. Sou uma Drag queen.</p> <p>Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Peraí, deixa eu fazer as contas. Ah, não lembro. Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018... 2018 menos 1998. Dá 20 anos.</p> <p>CARACA Eu tô... PASSADA OMG WOW</p>	<p>Hello, keridinhas e keridinhos...</p> <p>Bee, hoje o vídeo vai ser uma TAG, tá?! Sobre mim! YEEEEES! SHOW TAG Me conhecendo melhor</p> <p>Eu fiz aloka e não tinha falado muito de mim aqui no canal.</p> <p>Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo. O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY</p> <p>Bom, deixa eu me apresentar tá?! Meu nome é Kitana, esse é meu sinal glamuroso. Essa mona toda trabalhada é uma Drag queen.</p> <p>Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Uh, Lady Gaga, deixa eu aquendar as contas. Ah, não lembro. Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018... 2018 menos 1998. Dá 20 anos.</p> <p>Morri</p>	<p>Hello, minhas keridinhas e keridinhos...</p> <p>Bee, hoje o vídeo vai ser uma TAG sobre mim, tá?! YEEEEES! SHOW A TAG se chama: Me conhecendo melhor.</p> <p>Não é que eu fiz aloka? Porque ainda não tinha falado muito de mim aqui no canal. Acredita?! Eu tinha apenas me apresentando, mas foi pouco tempo... um vídeo tão simplesinho, me lembra até o Paraguay...</p> <p>Mas vamos lá, deixa eu me apresentar, tá?! Meu nome é Kitana, e esse é meu glamuroso sinal. Essa mona toda trabalhada é uma Drag queen.</p> <p>Deixa-me pensar... Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Uh, Lady Gaga, deixa eu aquendar as contas aqui. Ah, não lembro. Sei que comecei a me montar no ano de 1998... então esse ano 2018 fazem... 2018 menos 1998, dá 20 anos.</p> <p>Morri! Eu tô PAS-SA-DA... O-M-G</p>

<p>Eu tô... PASSADA* OMG* WOW* Jesus! Era pra mim ter comemorado! E nem fiz nada! FAZ MAL!* NOSSA!* WOW*</p> <p>Bom, eu sou surda de nascença, Oralizada e faço leitura labial. Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos. Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.</p> <p>1. NOME COMPLETO Kitana Dreams Kitana Dreams*</p> <p>2. ONDE VOCÊ MORA Rio de Janeiro, RJ</p> <p>3. ESTADO CIVIL/TEM FILHO? Sou solteiro no papel, mas sou casado com meu marido. Temos um lindo filho dog Luke. Meu xodózinho. Ele vive grudado em mim 24h. Sou a mãe dele.</p>	<p>Jesus! Era pra mim ter comemorado?! E nem fiz nada! FAZ MAL! NOSSA! WOW</p> <p>Bom, eu sou surda de nascença, Oralizada e faço leitura labial. Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos. Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.</p> <p>Pergunta 1. QUAL O SEU NOME COMPLETO?  Kitana Dreams Kitana Dreams</p> <p>Pergunta 2. ONDE VOCÊ MORA? Rio de Janeiro, RJ.</p> <p>Pergunta 3. QUAL É SEU ESTADO CIVIL? VOCÊ TEM FILHO? Sou solteira no papel, mas sou casada com meu marido. Temos um lindo filho dog Luke. Meu xodózinho. Ele vive grudado em mim 24h. Sou a mãe dele.</p> <p>Pergunta 4. VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?</p>	<p>Eu tô... PASSADA OMG WOW Mell dells! Era pra mim ter comemorado?! E nem fiz nada! FAZ MAL! NOSSA! WOW</p> <p>Bom, eu sou surda de nascença, Oralizada e faço leitura labial. Cresci aprendendo a falar e ler leitura labial Fazendo fonoaudiologia desde os 3 anos. Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.</p> <p>Pergunta 1. QUAL O SEU NOME COMPLETO?  Kitana Dreams Kitana Dreams, toda Odara.</p> <p>Pergunta 2. ONDE VOCÊ MORA? Rio de Janeiro, RJ.</p> <p>Pergunta 3. QUAL É SEU ESTADO CIVIL? VOCÊ TEM FILHO? Sou solteira no papel, mas sou casada com meu marido. Temos um lindo filho dog Luke. Meu xodózinho. Ele vive grudado em mim 24h.</p>	<p>WOW Mell dells! Não era para eu ter comemorado essa data?! E nem fiz nada! Tô nude! NOSSA! WOW</p> <p>Deixa-me voltar aqui, eu sou surda de nascença, oralizada e faço leitura labial. Cresci aprendendo a falar e fazer leitura labial Comecei a terapia fonoaudiológica com 3 anos. Utilizo a LIBRAS (Língua brasileira de sinais) desde 12 anos.</p> <p>Pergunta 1. QUAL O SEU NOME COMPLETO?  Kitana Dreams Kitana Dreams, sou toda Odara</p> <p>Pergunta 2. ONDE VOCÊ MORA? Moro na capital do Rio de Janeiro.</p> <p>Pergunta 3. QUAL É SEU ESTADO CIVIL? VOCÊ TEM FILHO? Sou solteirinha apenas no papel, Pois sou casadíssima com meu marido. Temos um lindo filho dog Luke. Meu xodózinho. Ele vive grudado em mim 24h. Sou a mãe dele.</p>
--	---	---	---

<p>4. <b>VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?</b>  Sim, tamos juntos há 12 anos.  Sei que ele quase não aparece muito,  Mas ele não gosta muito exibir nas redes sociais.  É o jeito dele, eu respeito ele.  Bom, deixa ele.</p> <p>5. <b>TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?</b>  Sim, tenho 3 tatuagens, uma é o sol na perna  A segunda é uma Letra japonês na nuca significa Harmonia e a última a Frajola.  Sabe aquele o gato que ataca o piupiu.  Eu me arrependo sim da Frajola que ficou muito pequena  <b>ME ARREPENDI*</b>  Eu tinha escolhido ele quando fiquei indeciso na hora de escolher.</p> <p>6. <b>QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?</b>  Tenho 2 irmãs por pai de pai.  Sou mais velho que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA e a outra fofinha Carolina tem 12 anos mora aqui no Rio de Janeiro.</p> <p>7. <b>QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE?</b>  Sou maquiadora.</p>	<p>Sim, tamos juntos há 12 anos.  Sei que ele quase não aparece muito,  Mas ele não gosta muito exibir nas redes sociais.  É o jeito dele, eu respeito ele.  Bom, deixa ele.</p> <p>Pergunta 5. <b>VOCÊ TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?</b>  Sim, tenho 3 tatuagens, uma é o sol na perna.  A segunda é uma Letra japonês na nuca significa Harmonia e a última a Frajola (sabe aquele o gato que ataca o piupiu?!).  Eu me arrependo sim da Frajola que ficou muito pequena.  <b>ME ARREPENDI!</b>  Eu tinha escolhido ela quando fiquei indecisa na hora de escolher.</p> <p>Pergunta 6. <b>QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?</b>  Tenho 2 irmãs por pai de pai. Sou mais velha que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA e a outra fofinha Carolina tem 12 anos mora aqui no Rio de Janeiro.</p> <p>Pergunta 7. <b>QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE?</b>  Sou maquiadora.  Amo de paixão!  Sou maquiadora a partir dos anos 2000,</p>	<p>Sou a mãe dele.</p> <p>Pergunta 4. <b>VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?</b>  Sim, tamos juntos há 12 anos.  Sei que ele não é do babado quase não aparece muito,  Mas ele não gosta muito exibir nas redes sociais.  É o jeito dele, eu respeito ele.</p> <p>Bom, desaquezando desse assunto.  Pergunta 5. <b>VOCÊ TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?</b>  Sim, tenho 3 tatuagens, uma é o sol na perna.  A segunda é uma Letra japonês na nuca significa Harmonia e a última a Frajola (sabe aquele o gato que ataca o piupiu?!).  Eu me arrependo sim da Frajola que ficou muito pequena.  <b>ME ARREPENDI!</b>  Eu tinha escolhido ela quando fiz a libriana na hora de escolher.</p> <p>Pergunta 6. <b>QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?</b>  Tenho 2 irmãs por pai de pai. Sou mais velha que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA e a outra fofinha Carolina tem 12 anos mora aqui no Rio de Janeiro.</p>	<p>Pergunta 4. <b>VOCÊ NAMORA? SE SIM, HÁ QUANTO TEMPO?</b>  Sim, estamos juntos há 12 anos.  Sei que ele não é do babado quase não aparece muito aqui, ele não gosta muito aparecer nas redes sociais. É o jeito dele, eu o respeito. Bom, vamos desaquezando desse assunto, tá?</p> <p>Pergunta 5. <b>VOCÊ TEM TATUAGEM? QUAL O SIGNIFICADO? SE ARREPENDE?</b>  Sim, tenho 3 tatuagens, uma delas é o sol, fiz na perna.  A segunda é uma letra japonesa, fiz na nuca, e significa harmonia.  A última tatuagem é a Frajola, (sabe aquele o gato que ataca o piupiu?!). Eu me arrependo sim da Frajola, ela ficou muito pequena.  <b>ME ARREPENDI!</b>  Na hora da escolha me fiz de libriana, e deu nisso...</p> <p>Pergunta 6. <b>QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?</b>  Tenho 2 irmãs por parte de pai. Sou mais velha que elas, a Gisele tem uns 30 anos e está morando nos EUA, e a outra, fofinha, Carolina tem 12 anos, mora aqui no Rio de Janeiro.</p> <p>Pergunta 7. <b>QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE?</b>  Sou maquiadora.</p>
--	--	---	--

<p>Amo de paixão! Sou maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época que comecei a montar.</p> <p>Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, parei, agora só faço com meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha parado por causa do espaço e agora voltei.</p> <p><b>8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?</b> Bom, antes o meu nome era Kitana McNew mas como muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Tinha parado por muito tempo, mas quando voltei decidi mudar o nome para Kitana Dreams, sou sonhadora! O Blog também, mas na verdade tinha mudado para Hello Kika primeiro aí quando tive loja virtual, decide deixar esse nome que é minha marca de produtos artesanais.</p> <p><b>9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?</b> Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo,</p>	<p>na mesma época que comecei a montar.</p> <p>Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, parei, agora só faço com meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha parado por causa do espaço e agora voltei.</p> <p><b>Pergunta 8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?</b> Bom, antes o meu nome era Kitana McNew mas como muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Tinha parado por muito tempo, mas quando voltei decidi mudar o nome para Kitana Dreams, Não sou sonhadora?! O Blog também, mas na verdade tinha mudado para Hello Kika primeiro aí quando tive loja virtual, decide deixar esse nome que é minha marca de produtos artesanais.</p> <p><b>Pergunta 9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?</b> Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo, Será que foi no ano 1993? desde que eu acompanhava a JustLia</p>	<p><b>Pergunta 7. QUAL SUA PROFISSÃO? ESTUDA? O QUE?</b> Sou maquiadora. Amo de paixão! Sou maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época que comecei a montar.</p> <p>Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, parei, agora só faço com meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha desaquecido por causa do espaço e agora voltei.</p> <p><b>Pergunta 8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?</b> Babado... antes o meu nome era Kitana McNew mas ficou uó porque muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Tinha parado por muito tempo, mas quando voltei decidi mudar o nome para Kitana Dreams, Eu fiz a Tieta, e vivo fazendo a Alice, não é?! O Blog também, mas na verdade tinha mudado para Hello Kika primeiro aí quando tive loja virtual, decide deixar esse nome que é minha marca de produtos artesanais.</p>	<p>Amo de paixão! Comecei a ser maquiadora a partir dos anos 2000, na mesma época em que comecei a montar.</p> <p>Antes eu trabalhava como WebDesigner como freelancer, mas parei, agora só faço coisas para meu blog. Eu sou Crafter, amo fazer artesanato e costurar, eu tinha desaquecido por falta de espaço físico para o ateliê, mas agora voltei.</p> <p><b>Pergunta 8. POR QUE ESCOLHEU ESSE NOME PRO CANAL E PRO BLOG?</b> Babado... antes o meu nome era Kitana McNew, mas ficou uó! Muitas pessoas tinham dificuldades de lembrar ou digitar o meu sobrenome. Eu até parei por muito tempo, mas quando decidi voltar mudei meu nome para Kitana Dreams. Eu fiz a Tieta, e vivo fazendo a Alice, não é?! Fiz o mesmo no Blog, mas na verdade, tinha mudado primeiro para Hello Kika, mas quando comecei com a loja virtual, decide deixar Hello Kika apenas como minha marca de produtos artesanais.</p> <p><b>Pergunta 9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?</b> Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo (será que foi no ano de 1993?), desde que eu acompanhava a</p>
--	--	---	---

<p>acho que foi no ano 1993 desde que eu acompanhava a JustLia que era famosa na época, até agora ela é. Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos. Foi muito triste eu perder tudo e não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra depois, e olha no que deu!</p> <p>Decidi recomeçar tudo de novo. O canal, eu criei para mostrar o meu talento, minhas dicas de maquiagem e vários para a comunidade surda e decidi fazer vídeos com toda acessibilidade, para todos, com legendas.</p> <p>10. QUAL SEU PIOR DEFEITO? VERGONHA*</p> <p>Acho que tenho um monte deles. hahaha</p> <p>Mas o meu pior defeito de ser o de ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e perfeito. Dou como exemplo esse cenário aqui. PHYNA*</p> <p>E também, na hora da edição, não gosto de defeitos Fico um tempão, tipo uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minuto. Sou assim mesmo.</p>	<p>que era famosa na época, até agora ela é. Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos. Foi muito triste eu perder tudo e não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra depois, e olha no que deu?!</p> <p>Decidi recomeçar tudo de novo. O canal, eu criei para mostrar o meu talento, minhas dicas de maquiagem e vários para a comunidade surda e decidi fazer vídeos com toda acessibilidade, para todos, com legendas. Não ficou legal?</p> <p>Pergunta 10. QUAL SEU PIOR DEFEITO? VERGONHA</p> <p>Acho que tenho um monte deles. hahaha</p> <p>Mas o meu pior defeito de ser o de ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e perfeito. Dou como exemplo esse cenário aqui. Bem PHYNA, concorda?</p> <p>E também, na hora da edição, não gosto de defeitos Fico um tempão, nem parece que gato uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minuto não é?</p>	<p>Pergunta 9. POR QUE DECIDIU CRIAR SEU CANAL E O BLOG?</p> <p>Eu comecei primeiro com o Blog há muito tempo, Será que foi no ano 1993? desde que eu acompanhava a JustLia que era famosa na época, até agora ela é. Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos. Foi muito triste eu perder tudo e não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra depois, e olha no que deu?!</p> <p>Decidi recomeçar tudo de novo. O canal, eu criei para mostrar o meu talento, minhas dicas de maquiagem e vários para a comunidade surda e decidi fazer vídeos com toda acessibilidade, para todos, com legendas. Não ficou um luxo?</p> <p>Pergunta 10. QUAL SEU PIOR DEFEITO?</p> <p>Morri, aí que vergonha</p> <p>Acho que tenho um monte deles. hahaha</p> <p>Mas o meu pior defeito de ser o de ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e pintoso. Dou como exemplo esse cenário bafo.</p>	<p>JustLia que era famosa na época, até agora ela continua sendo. Tive blogs no Uol, Blogger e Wordpress. Quando voltei a blogar, vi que tinha perdido tudo no wordpress com meus posts antigos. Foi muito triste perder tudo, pois não tinha feito backup. ACABOU TUDO!*</p> <p>Deixava tudo pra fazer depois e depois, e olha no que deu?!</p> <p>Decidi recomeçar. Já o canal, eu criei para mostrar o meu talento, minhas dicas de maquiagem e outras dicas para a comunidade surda. Então, decidi fazer vídeos com acessibilidade para todos, por isso faço com legendas. Não ficou um luxo?</p> <p>Pergunta 10. QUAL SEU PIOR DEFEITO?</p> <p>Morri, aí que vergonha...</p> <p>Acho que tenho um monte deles, hahaha Mas o meu pior defeito é ser muito exigente e perfeccionista. Também gosto de deixar tudo arrumado e pintoso. Por isso tenho este cenário bafo! Bem BF, não acham que lacrei? E na hora da edição, não gosto de defeitos. Fico um tempão editando. Nem parece que gasto uma hora pra fazer a introdução do vídeo de apenas 1 minutinho, não é? Sou assim mesma!</p>
---	---	---	--

<p>11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE? A melhor que eu sou extrovertida e divertida. Sou palhaça, meus amigos divertem comigo.</p> <p>12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO? Dia 29 de outubro, sou escorpiana. A PERIGOSA!* PODEROSA* kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa. Não é? I LOVE YOU*</p> <p>13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA? Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o Inverno. AMO*</p> <p>14. QUAL SUA COR PREFERIDA? Gente, todos me conhecem. Eu amo... ROXO* Minha cor favorita. Olha aí meu cabelo também. Ah desculpa, ele é lilás. Tenho cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.</p>	<p>Sou assim mesma.</p> <p>Pergunta 11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE? A melhor que eu sou extrovertida e divertida. Não sou palhaça? meus amigos divertem comigo.</p> <p>Pergunta 12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO? Dia 29 de outubro, sou escorpiana. A PERIGOSA! PODEROSA kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa, não é? I LOVE YOU</p> <p>Pergunta 13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA? Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o Inverno. AMO</p> <p>Pergunta 14. QUAL SUA COR PREFERIDA? Gente, todos me conhecem, não é verdade? Eu amo... ROXO* Minha cor favorita. Olha aí meu cabelo também. Ah desculpa, ele é lilás. Tenho cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.</p>	<p>Bem BF, não acha que lacrei? E também, na hora da edição, não gosto de defeitos Fico um tempão, nem parece que gasto uma hora pra fazer a introdução de vídeo de 1 minutinho não é? Sou assim mesma.</p> <p>Pergunta 11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE? A melhor que eu sou extrovertida e divertida. Não sou palhaça? meus amiguenhos se divertem comigo.</p> <p>Pergunta 12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO? Dia 29 de outubro, A mona aqui é escorpiana. A PERIGOSA! PODEROSA kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa, não é? I LOVE YOU</p> <p>Pergunta 13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA? Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o Inverno. AMO</p> <p>Pergunta 14. QUAL SUA COR PREFERIDA? Gente, todos me conhecem, não é verdade? Eu amo... ROXO* Minha cor favorita. Olha aí meu cabelo também. Ah desculpa, ele é lilás. Tenho cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.</p>	<p>Pergunta 11. QUAL SUA MELHOR QUALIDADE? A melhor é que eu sou extrovertida e divertida. Não sou palhaça? meus amiguenhos se divertem comigo.</p> <p>Pergunta 12. QUANDO VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO E QUAL SEU SIGNO? Dia 29 de outubro, A mona aqui é escorpiana. A PERIGOSA! PODEROSA kkkkk mas eu sou querida e maravilhosa, não é? I LOVE YOU</p> <p>Pergunta 13. QUAL SUA ESTAÇÃO DO ANO PREFERIDA? Gosto de todas, a minha preferida é a primavera, também o inverno. AMO</p> <p>Pergunta 14. QUAL SUA COR PREFERIDA? Bee, todos me conhecem, não é verdade? Eu amo RO-XO! Minha cor favorita! Olha aqui meu picumã... Ah desculpa, ele é lilás. Tenho outras cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.</p>
---	--	---	---



<p>15. QUE FRASE TE DEFINE? A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!</p> <p>Bom, tá aí tudo que eu disse... Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!</p> <p>Se vocês curtiram muito, dá um like ali pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.</p> <p>E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para receber novos vídeos. Muito obrigada! BEIJOS*</p> <p>Até o próximo vídeo.</p>	<p>Pergunta 15. QUE FRASE TE DEFINE? A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!</p> <p>Bom, tá aí tudo que eu disse, concordam? Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim! Se vocês curtiram muito, dá um like ali pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.</p> <p>E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para receber novos vídeos. Muito obrigada! BEIJOS</p> <p>Até o próximo vídeo, certo?!</p>	<p>Minha cor favorita. Olha aí meu picumã também. Ah desculpa, ele é lilás. Tenho cores preferidas, além do Roxo, Lilás, Rosa e Azul céu.</p> <p>Pergunta 15. QUE FRASE TE DEFINE? A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!</p> <p>Bee, tá aí tudo que eu disse, concordam? Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!</p> <p>Se vocês curtiram muito, dá um like ali pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.</p> <p>E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para saber de novos babados. Muito obrigada! BEIJOS</p> <p>Até o próximo vídeo, certo?!</p>	<p>Pergunta 15. QUE FRASE TE DEFINE? A frase que eu amo... Siga os seus sonhos. Eles sabem o caminho!</p> <p>Bee, tá aí tudo que eu queria dizer, concordam? Eu espero que tenha gostado de saber um pouco de mim!</p> <p>Se vocês curtiram muito, dá um like pra mim ficarei feliz em saber que vocês curtiram.</p> <p>E não esqueçam de se inscrever aqui no meu canal para saber de novos babados. Muito obrigada! BEIJOS</p> <p>Até o próximo vídeo, certo?!</p>
--	--	---	--

Fonte: A autora (2021)



**SEÇÃO V**  
**DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Esta seção é dedicada às considerações que tenho após esse período de leituras, pesquisas, tessitura textual e análises. Lembro que, a cada momento que retomo o olhar para o objeto de investigação e para os dados coletados, surgem novas compreensões e amadurecimentos quanto às possibilidades de intervenções na tradução. Desta forma, essas considerações de agora são datadas, situadas nesse tempo de amadurecimento acadêmico e passível, atemporalmente, de melhoramentos.

## 5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Seção I, ao tratar das preliminares, busquei fazer as considerações introdutórias quanto ao objeto de investigação. Para atender a esse objetivo, apresentei o contexto da pesquisa quanto à adoção metodológica e aos limites impostos para realização de pesquisa de campo por conta do quadro sociopolítico e pandêmico. Tendo descrito os limites, apontei as decisões metodológicas que assumi, a fim de dar continuidade à pesquisa nesse contexto apresentado.

Na Seção II, decidi falar do meu Nordeste quanto à trajetória da minha práxis tradutória com ênfase em sociolinguística discursiva com variação em estilo de fala. Tendo em vista a importância de demonstrar o lugar de fala nos Estudos da Língua de Sinais, no relato pessoal do nível de envolvimento com a Comunidade Surda e fluência em LSB, discorri quanto ao meu aprendizado da Libras, a inserção no serviço de Tradução e minha autonarrativa cristã ao falar de Surdos Gays, revelando meu lugar de fala, bem como a importância do combate à homofobia. Defender o direito dessas pessoas é importante, por todas as implicações de nossa atual sociedade fundamentalista cristã que, explicitamente, contribui para discriminação social, danos psicoemocionais e de integridade física contra a comunidade LGBTTQIA+.

Ainda na Seção referida anteriormente, mostrei meu ponto de vista teórico-metodológico ao articular os Estudos da Tradução com a Sociolinguística de Terceira Onda e Sociolinguística Discursiva. O que me fez unir essas áreas distintas foi a necessidade de abordar Estilo como prática comunicativa situacional. Ademais, por uma linha mais filosófica, tratei do valor simbólico das representações do outro no imaginário

do tradutor/a. Essa perspectiva é o que determina o afã tradutório para a liberdade da autonomia na recriação textual, e na extinção de maiores dificuldades na tradução LSB-LPO.

A Seção III foi um lugar dedicado às descrições das identidades e personagens que compuseram meu acervo para as análises. Nela, tratei da importância da Sociolinguística de Terceira Onda para a compressão da variação linguística nas identidades gays surdas efeminadas na performance artística drag queen. Para isso, me foi necessário mostrar o percurso teórico-metodológico nos deslocamentos das fases da Primeira e Segunda Onda da Sociolinguística até chegar ao que se denomina de Terceira Onda da Sociolinguística.

Abordei identidade, sexo e gênero no intuito de tecer uma trama até significar a existência e valores das Identidades Surdas, pois como mostrei em seções anteriores, muitos tem dificuldade de admitir que Pessoas Surdas têm identidades baseadas no modo com leem o mundo, que é pela visualidade. Por isso, fiz questão de apresentar o olhar do Surdo sobre si, através das falas de cinco doutoras Surdas, mas também fiz um contraponto, com a descrição do Ser Surdo através de olhares de pessoas ouvintes. Por esse caminhar, foi que conseguir discorrer sobre Gays Surdos Efeminados.

Ainda na terceira seção, tratei do estilo de fala, chamado de Pajubá, nas performances artísticas de drags queens ouvintes no uso da LPO. Isso se deu, especialmente, a partir da Drag Queen ouvinte, Lorelay Fox, e do livro “Diálogo de Bonecas”. Esse caminho glamuroso descortinou a apresentação da estrela maior desta festa, ou melhor desta Dissertação, que é a performista Kitana Dreams, uma Drag Queen Surda.

A Seção IV foi destinada às análises. Nela, suscitei propostas de traduções LSB-LPO baseadas na noção de gênero. A partir da reescrita da legenda do vídeo “Me conhecendo melhor” da Kitana Dreams, demonstrei como manipulei o texto com as técnicas de: Tradução como Reelaboração, na qual fiz inserção de perguntas no final da frase e marcação de um único gênero; Tradução Livre, em que inseri vocabulários e/ou expressões do Pajubá, e Retradução, quando fiz acréscimos gramaticais essenciais para o público da língua e cultura de chegada. Nesse espaço, mostrei a minha liberdade e autonomia quanto à produtividade linguística na manipulação de enunciados, a fim de levar ao público de chegada a essência da mensagem emitida pela sinalizante, acessível nos aspectos culturais e linguísticos da LPO, com o emprego do estilo de fala drag, o qual era visível em sua voz e imagem.

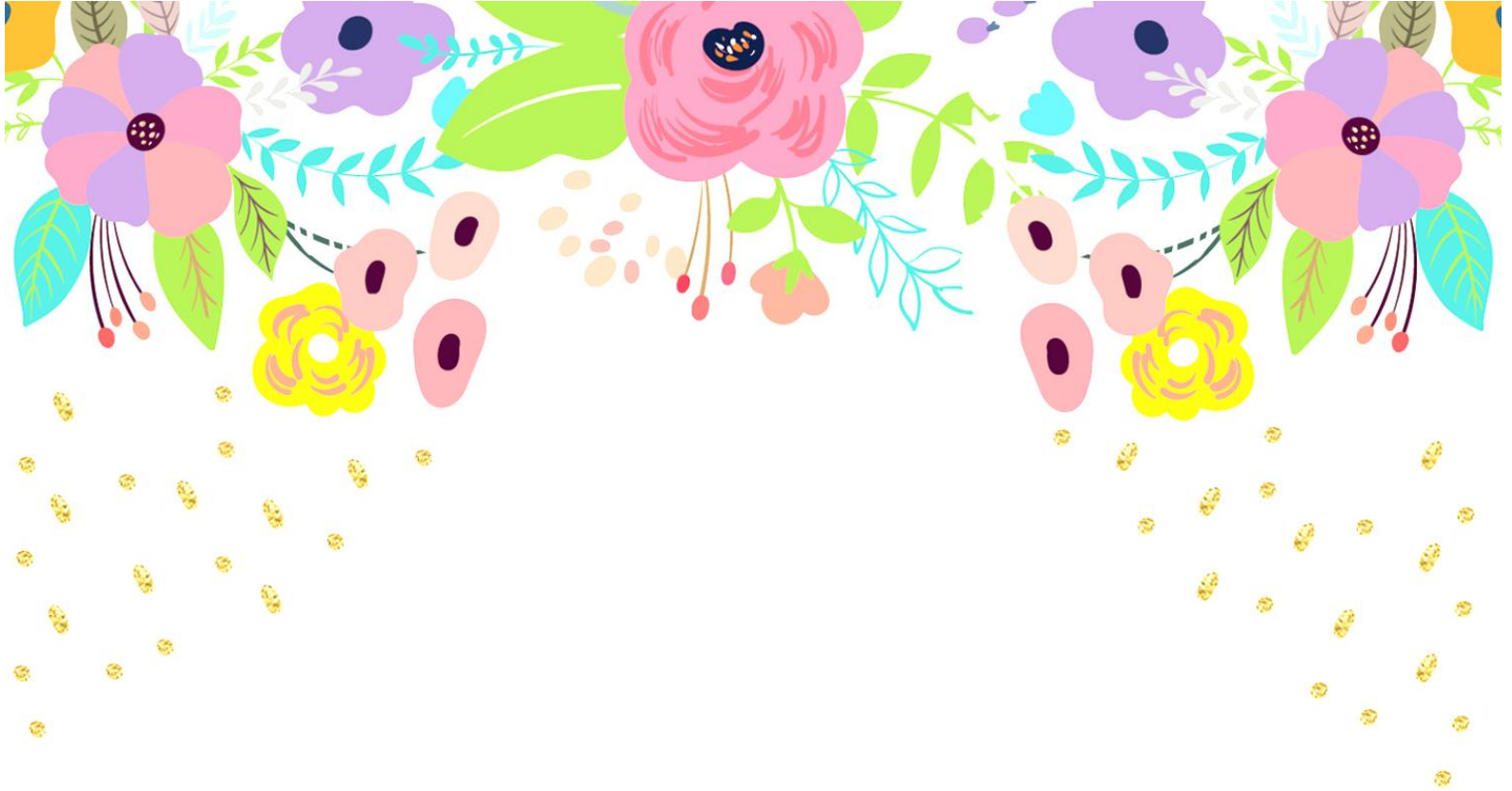
Para esta seção dedicada às considerações finais, considero que:

- o campo dos Estudos da Tradução no recorte LSB-LPO é vasto e pouco ocupado, por isso requer muitas análises em todos os níveis linguísticos;
- ainda que eu tenha realizado esta análise em nível discursivo, a análise possui suas limitações, pois há no vídeo analisado mais informações linguísticas e paralinguísticas que, apesar de não estarem disponíveis na legenda original, podem ser (futuramente) transcritas a partir da LSB e analisadas mais profundamente;
- há ainda muitas outras comunidades de Pessoas Surdas inseridas na sigla LBTTQIA+, que também podem ser abordadas quanto ao estilo e ao gênero;
- embora haja a defesa de que é “politicamente correto” se envolver com pesquisas de gênero os sujeitos implicados, defendo que a ciência é um campo vasto a ser explorado por pesquisadores. Assim, houve um estranhamento e incômodo porque, ao sondar sobre o que pessoas implicadas identitariamente achavam do meu interesse nesta pesquisa, fui desencorajada a fazê-la sob a justificativa de que eu não tinha o mesmo pertencimento identitário. Para mim, posicionamentos neste sentido prejudicam o avanço da ciência no campo de gênero, pois a pesquisa etnográfica implicada tem a sua relevância do ponto de vista metodológico, mas não é o único modelo de pesquisa. De perspectiva genérica e considerando os problemas atuais que todos temos enfrentado, o que seria de nossas sociedades se somente sujeitos implicados tivessem pesquisado a vacina da Covid-19? Numa perspectiva recortada, o que seria se somente as Pessoas Surdas tivessem o direito de realizar pesquisas que envolvessem as identidades surdas? Os estudos científicos não podem ser limitados, mas todos os cientistas e pesquisadores devem usar do rigor ético nos protocolos de análises. Esta é a minha defesa!
- sujeitos implicados precisam se envolver academicamente com práticas de pesquisa que levem em conta identidades de gênero e estilo, a fim de garantir recursos bibliográficos nessa área;

- tradutores/as ouvintes heterossexuais devem se sentir encorajados a realizar estudos com identidades de gênero, assim como realizam estudos com identidades surdas;
- tradutores/as heterossexuais devem colaborar com as pautas das pessoas LGBTTQIA+, a fim de que nossas sociedades sejam de fato inclusivas;
- a tradução LSB-LPO precisa ser vista por outras perspectivas teóricas para além da equivalência.

Para além das considerações supramencionadas, quero dar ênfase aos próximos passos que estão em nossa planilha (minha e de meu Orientador), a fim de dar continuidade às pesquisas sobre estratégias linguísticas identitárias da sexualidade de Surdos LGBTTQIA+ no processo de tradução LSB-LPO: i) relatos dos tradutores/as sobre outras possibilidades de abordar o nível discursivo na tradução; ii) análise do vídeo sob o viés prosódico, pois essa análise desdobraria em novos achados por conta das expressões não-manuais que não foram registradas na legenda original do vídeo; iii) comparação entre a tradução proposta e vídeos de drags ouvintes, a fim de verificar semelhanças e diferenças nos estilos; iv) testes de aceitação com Pessoas Surdas e ouvintes, a fim de verificar a aceitabilidade e contextualização da tradução proposta e etc.

Por fim, para o constante crescimento das pesquisas acadêmicas que contribuam com as demandas sociais é emergente refletir sobre política e suas repercussões nos diplomas legais, a fim de não colaborar com agendas de politizações para interesses político-partidários. Isso incide nos enfrentamentos a favor das vidas, da saúde mundial e brasileira ou negacionismos na manutenção de desigualdades sociais e desequilíbrios ambientais. Que as escolhas de todos, permitam realidades a favor das pesquisas de campos, no contato direto com os sujeitos de pesquisa, a fim de coletar dados sociais mais substanciosos para futuras análises, como já vimos outrora.



## REFERÊNCIAS





ALBRES, N. A. **Relações Dialógicas entre Professores Surdos sobre o Ensino de Libras**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

ALMEIDA-SILVA, A.; NEVINS, A.I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, out.-dez. 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341894995\\_Observacoes\\_sobre\\_a\\_estrutura\\_linguistica\\_da\\_Cena\\_a\\_lingua\\_de\\_sinais\\_emergente\\_da\\_Varzea\\_Queimada\\_Piaui\\_-\\_Brasil\\_Observations\\_on\\_the\\_linguistic\\_structure\\_of\\_Cena\\_an\\_emergent\\_sign\\_language\\_in\\_Varzea\\_Que](https://www.researchgate.net/publication/341894995_Observacoes_sobre_a_estrutura_linguistica_da_Cena_a_lingua_de_sinais_emergente_da_Varzea_Queimada_Piaui_-_Brasil_Observations_on_the_linguistic_structure_of_Cena_an_emergent_sign_language_in_Varzea_Que). Acesso em: 03 fev 2022.

ALENCAR, G. Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 173-196, 2019.

ANDES. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. **Nota da Diretoria do Andes em Apoio à Professora Patrícia Resende-Curione**. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/nota/nOTA-dA-dIRETORIA-dO-aNDES-eM-aPOIO-a-pROFESSORA-pATRICIA-rESENDE-cURIONE1>. Publicado em 11. nov. 2019. Acesso em: 27 dez 2020.

ARMSTRONG, D. F. **William C. Stokoe, Jr, Founder of Sign Language Linguistics, 1919-2000**. Washington, DC: Gallaudet University Press, May 2000. Disponível em: <http://gupress.gallaudet.edu/stokoe.html>. Acesso em: 09 maio 2021.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11. p. 89-117, maio-ago. 2013.

BARBOSA, B. R. N.; SILVA, L. V. “Os cães do inferno se alimentam de blasfêmia” 1: religião e transfobia no ciberespaço. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 18, n. 24, p. 110-133, jan.-jul. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/320759166\\_Os\\_caes\\_do\\_inferno\\_se\\_alimenta\\_m\\_de\\_blasfemia\\_religiao\\_e\\_transfobia\\_no\\_ciberespaco](https://www.researchgate.net/publication/320759166_Os_caes_do_inferno_se_alimenta_m_de_blasfemia_religiao_e_transfobia_no_ciberespaco). Acesso em: 17 maio 2021.

BARREIROS, L. A. C. **Biopolítica e Normalização: O Ser Surdo na Atualidade**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

BARROS, A. C. **Aspectos da Trajetória do Protagonismo Surdo no Instituto Nacional de Educação de Surdos**: Uma narrativa para o público infante-juvenil. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

BARROS, O. Novas fronteiras: ética, gênero e sexualidade. In: FAJARDO, A.; OLIVEIRA, D. M. (org.). **FTL 45 anos e as fronteiras teológicas na contemporaneidade: consulta continental 2015**. São Paulo: Garimpo, 2016. p. 81-100.



BATISTA, A. S. **Imagens do professor de língua portuguesa em concursos públicos da Grande São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2011.

BATISTA, A. S. **Arranjos de vozes em textos jornalísticos: quem discute educação na cobertura sobre avaliações externas?** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2016.

BATTISTI, E. Redes Sociais, Identidade e Variação Linguística. In: FREITAG, R. M. K. (org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p.79-98. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>. Acesso em: 1 jul. 2021.

BBC NEWS BRASIL. **Covid-19: O mapa que mostra o alcance mundial da doença**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51718755>. Acesso em: 22 nov. 2020.

BECK, H.; HESSELBERG, S. Culture and Membership of the Gay Male Deaf Community: Gay Male Variation in British Sign Language. In: **XII World Congress of the World Federation of the Deaf**, Vienna, 1995.

BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Vol. 1. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005. p. 284-293.

BÍBLIA ONLINE. **Bíblia ACF em Português**. Disponível em: <https://bibliaestudos.com/acf/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 441-474, jul./dez. 2014.

BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire. Intervention au Congrès de l'AFEF**, Limoges, 30 octobre 1977, parue dans *Le français aujourd'hui*, 41, mars 1978, pp. 4-20 et Supplément au n° 41, pp. 51-57. Repris dans *Questions de sociologie*, Les éditions de Minuit, 1980, pp. 95-112.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/15692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. **Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências**. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17853.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000. **Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências.** Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L10048.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10048.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 10.845, de 5 de março de 2004. **Institui o Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência, e dá outras providências.** Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/110.845.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.845.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. **Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 11.133, de 14 de julho de 2005. **Institui o Dia Nacional de Luta da Pessoa Portadora de Deficiência.** Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/111133.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111133.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-)

[2006/2005/decreto/d5626.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.626%2C%20DE%2022,19%20de%20dezembro%20de%202000](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d5626.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.626%2C%20DE%2022,19%20de%20dezembro%20de%202000). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 6.214, de 26 de setembro de 2007. **Regulamenta o benefício de prestação continuada da assistência social devido à pessoa com deficiência e ao idoso de que trata a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, e a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, acresce parágrafo ao art. 162 do Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999, e dá outras providências.** Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2007/decreto/D6214compilado.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%206214compilado&text=DECRETO%20N%C2%BA%206.214%2C%20DE%2026,2003%2C%20acresce%20par%C3%A1grafo%20ao%20art](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/D6214compilado.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%206214compilado&text=DECRETO%20N%C2%BA%206.214%2C%20DE%2026,2003%2C%20acresce%20par%C3%A1grafo%20ao%20art). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.** Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%206949&text=DECRETO%20N%C2%BA%206.949%2C%20DE%2025,30%20de%20mar%C3%A7o%20de%202007](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%206949&text=DECRETO%20N%C2%BA%206.949%2C%20DE%2025,30%20de%20mar%C3%A7o%20de%202007). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009. **Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências.** Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%207037&text=DECRETO%20N%C2%BA%207.037%2C%20DE%2021,que%20lhe%20confere%20o%20art](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%207037&text=DECRETO%20N%C2%BA%207.037%2C%20DE%2021,que%20lhe%20confere%20o%20art). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.** Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/lei/12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/12319.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 7.512, de 30 de junho de 2011. **Aprova o Plano Geral de Metas para a Universalização do Serviço Telefônico Fixo Comutado Prestado no Regime Público - PGMU, e dá outras providências.** Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7512.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%207.512%2C%20DE%2030%20DE%20JUNHO%20DE%202011.&text=Aprova%20o%20Plano%20Ger al%20de,PGMU%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7512.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%207.512%2C%20DE%2030%20DE%20JUNHO%20DE%202011.&text=Aprova%20o%20Plano%20Geral%20de,PGMU%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias).

Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011. **Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite.** Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%207.612%2C%20DE%2017,Defici%C3%Aancia%20%2D%20Plano%20Viver%20sem%20Limite](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%207.612%2C%20DE%2017,Defici%C3%Aancia%20%2D%20Plano%20Viver%20sem%20Limite).

Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 9.508, de 24 de setembro de 2018. **Reserva às pessoas com deficiência percentual de cargos e de empregos públicos ofertados em concursos públicos e em processos seletivos no âmbito da administração pública federal direta e indireta**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCiViL\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9508.htm](http://www.planalto.gov.br/CCiViL_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9508.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 9.656, de 27 de dezembro de 2018. **Altera o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9656.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9656.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019. **Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Educação, remaneja cargos em comissão e funções de confiança e transforma cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE**. Disponível em: [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57633286](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57633286). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 10.177, de 16 de dezembro de 2019. **Dispõe sobre o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/D10177.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2010.177%2C%20DE%2016,que%20he%20confere%20o%20art](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10177.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2010.177%2C%20DE%2016,que%20he%20confere%20o%20art). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 10.255, de 27 de fevereiro de 2020. **Convoca a Quinta Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/decreto/D10255.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10255.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 10.529, de 26 de outubro de 2020. **Altera o Decreto nº 10.255, de 27 de fevereiro de 2020, que convoca a Quinta Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/decreto/D10529.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10529.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 10.415, de 6 de julho de 2020. **Institui o Grupo de Trabalho Interinstitucional sobre o Modelo Único de Avaliação Biopsicossocial da Deficiência**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/decreto/D10415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10415.htm). Acesso em: 17 maio 2021.

BRENTARI, D. **A prosodic model of Sign Language phonology**. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.

CAMPELLO, A. R. S.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial n. 2, p. 71-92, 2014.

CAMPELLO, A. R. S.; STUMPF, M. R.; MARQUES, R. R. **Carta Aberta dos Doutores Surdos ao Ministro Mercadante - Carta Aberta ao Ministro da Educação**. 2012. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/grupos-de-pesquisa/CARTAABERTADOSDOUTORESSURDOSAOADMINISTROMERCADANTE.pdf>. Acesso em 16 maio 2021.

CARVALHO, D. S. À beira do pertencimento: filiação e autopercepção em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. In: SILVA, D. C. P.; MELO, I. F.; CASTRO, L. G. F. (org.). **Dissidências sexuais e de Gênero nos estudos do discurso**. vol. 1. Aracajú: Criação Editora, 2017. p. 31-49.

CARVALHO, D. S. Autopercepção e empatia em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. **Colóquio do Museu Pedagógico**, v. 12, p. 557-562, 2017.

CARVALHO, D. S. **Traços-Phi**: contribuições para a compreensão da gramática do português. Salvador: EDUFBA, 2017.

CARVALHO, D. S.; ALMEIDA, R. G. Autopercepção e identidade linguística em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. **Sociodialeto**, v. 7, p. 82-98, 2017.

CARVALHO, D. S.; SILVA, I. J. Êla é muito cobiçado: um pronome neutro que não o é. **Colóquio do Museu Pedagógico**, v. 13, p. 1079-1083, 2019.

CARVALHO, D. S. As genitálias da gramática. **Revista da Abralin**, v. 19, n. 1, p. 1-21, 2020.

CARVALHO, D. S. **Sobre gênero e a invenção de um pronome não-binário**.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/350671835\\_Sobre\\_genero\\_e\\_a\\_invencao\\_de\\_um\\_pronome\\_nao-binario](https://www.researchgate.net/publication/350671835_Sobre_genero_e_a_invencao_de_um_pronome_nao-binario). Acesso em: 06 nov. 2021.

CARVALHO, D. S.; SANTOS-REIS DA COSTA, S. B. M.; COSTA, R. C. R. Voices and Images of Effeminate Deaf Gays: Strategies for Translating/Interpreting from Brazilian Sign Language to Oral Brazilian Portuguese. **23rd International Congress on the Education of the Deaf**. Brisbane – Australia, 2021.

CASTRO, M. S. P. **A Política Pública de Assistência Social e o Estado Brasileiro: Assistencialismo, Universalização ou Focalização?** Natal: EDUFRN, 2018.

CATRACA LIVRE. **Com desfile engajado, Mangueira critica Bolsonaro e seus seguidores.** Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/com-desfile-engajado-mangueira-critica-bolsonaro-e-seus-seguidores/>. Acesso em: 21 maio 2021.

CERQUEIRA, F. O. Os Mano, Os Cara, Os Homi: Concordância, Identidade e Consciência Racial. In: LOPES, N. S.; PARCERO, L. M. J.; CARVALHO, C. S. (org.). **Anais do VI Encontro de Sociolinguística: Estudos sobre a relação entre língua e sociedade.** Salvador: PPGEL, 2016, p. 82-93.

CERQUEIRA, F. de O. Os Mano, Os Cara, Os Homi: Concordância, Identidade e Consciência Racial. In: Lopes, N. S.; Parcero, L. M. J.; Carvalho, C. S. (orgs.). **Anais do VI Encontro de Sociolinguística: Estudos sobre a relação entre língua e sociedade.** PPGEL, p. 82-93. Salvador, 2016.

CERQUEIRA, F. de O. O pretuguês como comunidade de prática: concordância nominal e identidade racial. **Traços De Linguagem**, Cáceres, v. 4, n. 1, p. 75-88, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/2594.9063.2020v4n1id4644>. Acesso em: 03 fev 2022.

CHAIBUE, K.; AGUIAR, T. C. Dificuldades na Interpretação de Libras para Português. Centro Virtual de Cultura Surda. **Revista Virtual de Cultura Surda**, edição n. 17, p. 1-21, Fev. 2016. ISSN 1982-6842. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C2%BA%20Artigo%20REVISTA%2017%20Karime%20Chaibue.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

CHARAUDEAU, P. **A Conquista da Opinião Pública:** como o discurso manipula as escolhas políticas. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto. 2016.

COHEN, R. **Performance como linguagem:** Criação de um tempo-espço de experimentação. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero:** uma perspectiva global. São Paulo: Editora: nVersos, 2015.

COSTA, R. C. R. **Proposta de instrumento para a avaliação fonológica da língua brasileira de sinais: FONOLIBRAS.** Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

COSTA, R. C. R. Fonologia da Língua de Sinais: Discorrendo acerca dos modelos fonológicos. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, v. 37, n. 2 [Línguas de sinais em contexto de uso], p. 324-360, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/54167>. Acesso em: 03 fev. 2022.

COSTA, R. F.; ROCHA, F. O Sagrado de todos os nomes. In: COSTA, R. F.; ROCHA, F. (org.). **A mística do bem viver.** Belo Horizonte: Senso, 2019.

COPELAND, R. **Rhetoric, hermeneutics, and translation in the Middle Ages – academic traditions and vernacular texts.** Cambridge: University Press, 1991.



CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

D'ANGELO, B. “Traduttore-Traditore”: #Sóquenão. A Intersemiose como Desafio Educativo das Artes. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 158-173, set./dez. 2016.

DAMASCENO, L. M. S. **Surdos Pataxó: inventário das Línguas de Sinais em território etnoeducacional**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia. 2017.

DAMEN, F. Panorama das religiões no mundo e na América Latina. In: DAMEN, F. et al. (org.). **Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação**. Goiás: Rede. 2003.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Míriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva / EdUSP, 1973.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Portaria Nº 1.429, de 7 de Agosto de 2019**. Seção 2. Nº 152, 8 ago. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=08/08/2019&jornal=529&pagina=20&totalArquivos=60>. Acesso em: 17 maio 2021.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Portaria Nº 85, de 17 de Janeiro de 2020**. Seção 2. Nº 13, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=529&pagina=36&data=20/01/2020>. Acesso em: 17 maio 2021.

DREAMS, K. **Me conhecendo melhor**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TPemHBMGj58>. Acesso em: 16 maio 2021.

DOMENICE, S. *et al.* Aspectos Moleculares da Determinação e Diferenciação Sexual. **Arquivos brasileiros de endocrinologia e metabologia**, v. 46, n. 4, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/abem/v46n4/12799.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. **Language and Gender**. New York: Cambridge University Press, 2003.

FEBRAPILS. Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais. **Código de Conduta e Ética**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B7ZxCOYQ0QJmTUdtZ2xIZHlqQ1U/view?resourcekey=0-UR8f76e4adlVWnFLu1CTwQ>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FELIPE, T. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. A. **O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras / The verbal-visual discourse in Brazilian Sign Language – Libras**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/05.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

FENEIS. **Revista da Feneis**, n. 44, 2011. [Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.]

FERRAZ, D. L. S.; NOGUEIRA, J. M. S.; CARVALHO, D. S.; PINTO, V. C.; BRITO, D. B. S.; SANTOS, R. L. A. A fala de gays sertanejos: aproximações e distanciamentos discursivos em duas gerações. **Bagoas - estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 10, p. 203-222, 2017.

FERREIRA, L. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA-BRITO, L. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. **Sign Language Studies**, n. 42, p. 45-56, 1984.

FERREIRA, P. L. A. **O Ensino de Relações Étnico-Raciais nos Percursos de Escolarização de Negros Surdos na Educação Básica**. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

FLORES, V. M. **Um estudo sobre o perfil do professor ouvinte bilíngue que atua na educação de surdos**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FOLENA, G. *Volgarizzare e Tradurre*. Torino, Unione Tipografico – Ed. Torinese, 1991.

FONSECA, S. R. **Bilinguismo bimodal**: um estudo sobre o acesso lexical em intérpretes de libras-português. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREITAG, R. M. K.; CARDOSO, P. B.; PINHEIRO, B. F. M. Acho que é uma gripezinha: construções linguísticas como pistas de atitudes em tempos de pandemia. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 35, número temático COVID-19, p. 31-49, set. 2020.

FOX, L. **O que é Pajubá?** [vídeo no YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QJiHj5-ZhLo&t=327s>. Publicado em: 26 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2021.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente - I. Os Romanos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 11-28, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5881>. Acesso em: 08 out. 2020.



GARCÍA, O. **Bilingual Education in the 21st Century: a global perspective**. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2009.

GARCÍA, O.; COLE, D. Lo que los sordos le enseñaron a los oyentes: deconstruyendo la lengua, el bilingüismo y la educación bilingüe. In: **ANAIS, I Congresso Internacional, VI Seminário de Educação Bilíngue para Surdos**, 1, 2016, 1ª ed. Salvador. Anais [do] VI Seminário de Educação Bilíngue para Surdos. Salvador: UNEB, 2016. Página: 406. ISSN: 2526-6195. Disponível em: <https://sebsurdos2018.files.wordpress.com/2018/03/el-bilingc3bcismo-y-la-educac3b3n-bilingc3bce-ofelia-gacc3ada-debra-cole.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

GARCÍA, O.; KLEYN, T. **Translanguaging with Multilingual Students: learning from classroom moments**. New York: Routledge, 2016.

G1. **Transexual é intimada a depor por 'crucificação' em Parada Gay de 2015**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/transexual-e-intimada-depor-por-crucificacao-em-parada-gay-de-2015.html>. Acesso em 21 maio 2021.

G1. **Casos e Mortes por Coronavírus no Brasil em 27 de dezembro, Segundo Consórcio de Veículos de Imprensa (Atualização das 13h)**. Disponível em: <https://G1.Globo.Com/Bemestar/Coronavirus/Noticia/2020/12/27/Casos-E-Mortes-Por-Coronavirus-No-Brasil-Em-27-De-Dezembro-Segundo-Consorcio-De-Veiculos-De-Imprensa.Ghtml>. Acesso em: 27 dez. 2020.

GALVES, C. A Sintaxe do Português Brasileiro. **Ensaios de linguística**, Belo Horizonte, n. 13, p. 31-50, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/0101-3548.7.13.33-52>. Acesso: 26 set. 2020.

GEBARA, I. **Vulnerabilidade, justiça e feminismos: antologia de textos**. São Bernardo do Campo: Nhanduti. 2010.

GLOBOPLAY. **Domingão do Faustão**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9268596/programa/?s=16m06s>. Acesso em: 18 maio 2021.

GONÇALVES DE PAULA, H. **O lugar do prazer na filosofia moral de Platão**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS [Anuário de Antropologia, Política e Sociologia], p. 223-244, 1983.

GOULART, D. S. M.; BONIN, I. T. Profissionalização de Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais na Cidade de Pelotas/RS: um percurso narrado. **Belas Infieis**, v. 8, n. 1, p. 55-74, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v8.n1.2019.12821>.

GUIMARÃES, M. Sintaxe Minimalista. In: KENEDY, E.; OTHERO, G. Á. (org.). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto. 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tadeu T. da SILVA e G. L. Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERDER, J. G. Essays on the origin of language. In: HERDER, J. G.; ROUSSOU, J. (eds.). **On the origin of language**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1966 [1772]. p. 85-166.

IPEA. **Retratos - Somos 210 Brasis**, ano 8, edição 65, 2011. Publicado em: 05 maio 2011. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2488:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2488:catid=28&Itemid=23). Acesso em: 21 nov. 2020.

IRVINE, J. T. **“Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation**. Cambridge. Cambridge University Press, 2001.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2010.

JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. **Por que gritamos GOLPE?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: JOHNSON, R.; ESCOSTEGUY, A.C.; SCHULMAN, N. (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Trad. T.T. Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

KAKUMASU, J. Urubu Sign Language. **International Journal of American Linguistics** 34, p. 275-281, 1968.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto. 2013.

KINSEY, A. A. Relatório das leituras apresentadas durante o Congresso Internacional de Educação para Surdos realizado em Milão de 6 a 11 de setembro de 1880. Londres: Allen & Co., 13, Waterloo Place, S.W., 1880. In: **Atas: Congresso de Milão [de] 1880**. Rio de Janeiro: INES, 2011.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

KULICK, D. Transgender and language: A Review of the literature and Suggestions for the Future. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 5, n. 4, p. 605-622, 1999.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LANGENSCHIEDT. **Dicionário de Bolso Alemão**. Taschenwörterbuch Portugiesisch. Völlige Neubearbeitung. München – Wien: Langenscheidt, 2015.

LEMOES, G. S.; CARNEIRO, T. D. Panorama histórico de cursos de formação de Tradutores-Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa. **Belas Infieis**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 01-36, 2021. e-ISSN: 2316-6614. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n2.2021.33393>. Acesso em: 9 fev. 2022.

LIBRAS, Rita'D. **Qual sua reação quando a amiga(o) posta foto com ex?**  
Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CDFU2fHlw\\_I/](https://www.instagram.com/p/CDFU2fHlw_I/). Acesso em: 22 maio 2021.

LOURENÇO, B. **“Jesus é negro”** – Conversamos com o pastor Henrique Vieira sobre religião, cinema, política e sobre a fala que gerou debate na internet.  
Disponível em: [https://elastica.abril.com.br/especiais/pastor-henrique-vieira-jesus-negro-marighella/?utm\\_campaign=later-linkinbio-elastica.official&utm\\_content=later-23921911&utm\\_medium=social&utm\\_source=linkin.bio&fbclid=IwAR0F9\\_PwDovbKyUA-2f67dHuUI-0JHG7airecnRes7rDeUL0tJHGZ\\_qqLfs](https://elastica.abril.com.br/especiais/pastor-henrique-vieira-jesus-negro-marighella/?utm_campaign=later-linkinbio-elastica.official&utm_content=later-23921911&utm_medium=social&utm_source=linkin.bio&fbclid=IwAR0F9_PwDovbKyUA-2f67dHuUI-0JHG7airecnRes7rDeUL0tJHGZ_qqLfs). Acesso em: 11 fev. 2022.

LOURO, G. L. “Pedagogias da Sexualidade”. In: LOURO, G. L. (ed.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Trad. T. T. Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LUCAS, C. **Sociolinguistics in Deaf Communities**. 2 ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1995.

LUCAS, C. **Multicultural Aspects of Sociolinguistics in Deaf Communities**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1996.

LUCAS, C. **The Sociolinguistics of Sign Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LUCAS, C.; BAYLEY, R.; ROSE, M; WULF, A. Location variation in American Sign Language. *Sign Language Studies*. **Sign Language Studies**, v. 2, n. 4, p. 407-440, 2002.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D. **Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANO, V. C. **Nomes Nus na Posição de Sujeito no Português Afro-Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28706/1/CAVALCANTI\\_MARIANO\\_VICTOR\\_disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28706/1/CAVALCANTI_MARIANO_VICTOR_disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf). Acesso em: 03 fev. 2022.

MARQUES, N. V. O mito da neutralidade e o intérprete de língua de sinais. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 7, n. 7, p. 63-74, jan./jul. 2012.

MATTOS E SILVA, R. V. O português no Brasil: sua formação na complexidade multilinguística do Brasil colonial e pós-colonial. **Leituras**

**Contemporâneas**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 95-105, 2004.

MATTOS, T.; FALEIROS, Á. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. **Revista Letras Raras**, v. 3, n. 2, p. 35-57, 2014. ISSN: 2317-2347. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307/241>. Acesso em: 03 fev 2022.

MENDES, R. B. O que significa falar como gay em São Paulo. **Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/node/2187>. Acesso em: 18 maio 2021.

MENDES, R. B. Gênero/sexo, variação linguística e intolerância. In: PESSOA DE BARROS, D. L. (ed.). **Preconceito e intolerância: Reflexões linguístico-discursivas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

MENDES, R. B. Gendered Perceptions of Noun Agreement in Brazilian Portuguese. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, v. XVII, p. 93-108, 2014.

METZGER, M.; BAHAN, B. Discourse analysis. In: LUCAS, C. (ed.). **The Sociolinguistics of Sign Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MICHAELS, P. A. **A Study of the Identity, Culture and Language of a Sample of the Deaf Gay Male Community in Britain**. Durham theses, Durham University, 2015. Available at Durham E-Theses Online: <http://etheses.dur.ac.uk/11014/>.

MILROY, L. Language and Social Networks. Oxford: Blackwell, 1980. MILROY, L. Social Network. In: CHAMBERS, J.K; TRUGDILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 549-571.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-14.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 27-32.

MORENCY, J.; FINNEY, J. La représentation de l'espace dans les œuvres de Gabrielle Roy et d'Antonine Maillet. **Francophonies d'Amérique**, n. 81, p. 5-22, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1004649ar>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies: Theories and applications**. New York: Routledge, 2016.

MUSSKOPF, A. S. **Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil**. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2008.

NASCIMENTO, G. **Racismo Linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo**: elementos verbo-visuais na produção de sentidos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, M. V. B. Interpretação da Libras para o Português na Modalidade Oral: considerações dialógicas. **Tradução & Comunicação**: Revista Brasileira de Tradutores, v. 24, p. 79-94, 2012.

NASCIMENTO, S.; CORREIA, M. **Um olhar sobre a Morfologia dos Gestos**. Lisboa: Editora da Universidade Católica de Lisboa, 2011.

NOGUEIRA, T. C. A Mobilização da Competência Interpretativa na Atuação de Conferências: uma Reflexão a Partir do Modelo do PACTE. **Belas Infiéis**, v. 8, n. 1, p. 191-211, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v8.n1.2019.22636>.

NUNES, P. **Democracia fraturada**: a derrubada de Dilma Rousseff, a prisão de Lula e a Imprensa no Brasil. João Pessoa: Editora do CCTA; Aveiro: RIA Editorial, 2019.

O GLOBO. **Michele Bolsonaro emplaca amiga em secretaria do governo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/michelle-bolsonaro-emplaca-amiga-em-secretaria-do-governo-23350090>. Acesso em: 27 dez. 2020.

OLIVEIRA, R. G. **A Variação Articulatoria em Libras e a Orientação Sexual do Surdo**: Estudo sobre captura de movimentos e percepção linguística. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística) – Programa de Pós-graduação em Geral do Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, 2017.

OUSTINOFF, M. **Tradução**: história, teorias e métodos. São Paulo: Parábola, 2011.

OXFORD ESCOLAR. **Dicionário de inglês para estudantes brasileiros**. Oxford University Press, 2007.

PAIVA, F. A. S. et al. Um Sistema de Transcrição para Língua de Sinais Brasileira: o caso de um avatar. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 12-48, 2016.

PEREIRA, F. M. Por uma pedagogia decolonial: Uma análise crítica de discursos sobre educação em textos literários em língua inglesa e o que eles ensinam. **Cadernos de Linguística**, v. I, n. 2, p. 1-19, 2020. ISSN 2675-4916. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/download/42/98/>. Acesso em: 03 fev. 2022.

PERGNIER, M. Tradução e Sociolinguística. In: LADMIRAL, J. R. **A tradução e seus problemas**. Trad. Luiza Azuaga. São Paulo [Paris]: Edições 70, 1972.

PERET, E. Casamento homoafetivo: amor, visibilidade e cidadania. **Revista Retratos**. Agência IBGE Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19610-casamento-homoafetivo-amor-visibilidade-e-cidadania>. Acesso em: 18 maio 2021.

PERINI, M. A. Sintaxe Descritiva. In: OTHERO, G. Á.; KENEDY, E. (org.). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 185-195.

PERLIN, G. T. T. **O Ser e o Estar Sendo Surdos: Alteridade, Diferença e Identidade**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PERLIN, G.; QUADROS, R. M. Ouvinte: o outro do Ser Surdo. In: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

PONTES, L. S. “A mão que afaga é a mesma que apedreja”: análise discursiva sobre amor materno, religião e sexualidade. **Periódicus**, Salvador, v.1, n. 14, p. 207-220, nov. 2020 - abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/37096/24020>. Acesso em: 26 jan. 2021.

PRIESTLEY, J. **A Course of Lectures on Oratory and Criticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013 [1777].

PRONER, C. et al. **A resistência ao golpe de 2016**. Bauru: Canal 6, 2016.

PRONER, C. et al. **Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula**. Bauru: Canal 6, 2017.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **O Tradutor e Interpretador de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Especial - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP. 2004.

RAMIREZ, N. M. M. O que é performance? Entre contexto histórico e designativos do termo. **Revista do PPGARTES – Arteriais**, v. 3, n. 4, p. 98-107, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/4868>. Acesso em: 03 fev. 2022.

RAMOS, G. T. et al. **Golpe de 2016 e a reforma da previdência: narrativas de resistência**. Bauru: Canal 6, 2017.

REIS, F. **Professor Surdo: A política e a poética da transgressão pedagógica**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.



REIS, F. **A Docência na Educação Superior**: narrativas das diferenças políticas de sujeitos Surdos. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

REZENDE, P. L. F. **Implante Coclear na Constituição dos Sujeitos Surdos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** [Feminismo Plurais]. Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Discurso e Análise de Conteúdo. In: DI FANTI, M. G.; BRANDÃO, H. N. (org.). **Discurso**: tessituras de linguem e trabalho. São Paulo: Cortez, 2017.

ROCHA, S. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil**: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: INES. 2008.

ROCHA, S. M. **Instituto Nacional de Educação de Surdos**: uma iconografia dos seus 160 anos. Rio de Janeiro: MEC/INES. 2018.

SACKS, O. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Trad. L. T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, [1989-1990] 2010.

SALTARELLI, T. A tradução como forma de emulação na poética clássica. **Caligrama** [Revista de Estudos Românicos], Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 49-65, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/42>. Acesso em: 03 fev. 2022.

SANTOS, D. D. **Vozes de Mulheres Negras**: da Clandestinidade à Contestação Translocal. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, Instituto De Humanidades, Artes e Ciências – Prof. Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28131/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O\\_2018\\_DorisDiasdosSantos\\_VozesMulheresNegras\\_Aprovada%20%281%29.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28131/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_2018_DorisDiasdosSantos_VozesMulheresNegras_Aprovada%20%281%29.pdf). Acesso em: 03 fev. 2022.

SANTOS-REIS DA COSTA, S. B. M.; CARVALHO, D. S. Comunidades de Prática de Pessoas Surdas LGBT e a Tradução LSB – LPO. In: **Anais do Encontra**, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020. [no prelo]

SANTOS-REIS DA COSTA, S. B. M.; CARVALHO, D. S. Babado Keridas... Vem, Vou Te Mostrar Propostas de Traduções LSB – LPO para uma Drag Queen Surda. In: CARVALHO, D. S.; LIMA, P. (org.). **Linguagem, Gênero e Sexualidade**. Salvador: EDUFBA, 2021. [no prelo]

SANTOS-REIS DA COSTA, S. B. M.; COSTA, R. C. R. **LGBT Studies**: Identities, Bodies and Hands of Deaf Subjects. Paris, 2019. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/342901930\\_LGBT\\_STUDIES\\_IDENTITIES\\_BODIES\\_AND\\_HANDS\\_OF\\_DEAF\\_SUBJECTS](https://www.researchgate.net/publication/342901930_LGBT_STUDIES_IDENTITIES_BODIES_AND_HANDS_OF_DEAF_SUBJECTS). Acesso em: 17 maio 2021.

SANTOS, S. A. **Tradução/Interpretação de Línguas de Sinais no Brasil**: uma análise das Teses e Dissertações de 1990 a 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SANTOS, S. A. A Implementação do Serviço de Tradução e Interpretação de Libras-Português nas Universidades Federais. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 113-148, jul./dez. 2015.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973 [1916].

SCHIFFRIN, D. **Approaches to Discourse Analysis**. Cambridge: Blackwell. 1994.

SERÉS, G. *La traducción en Italia y España durante el siglo XV*. La “Íliada en romance” y su contexto cultural, Salamanca, Universidad, 1997.

SHRAVYA, I. D. A. **Dialeto Da Revolta**. Disponível em: <https://transfeminismo.com/dialeto-da-revolta/>. Acesso em: 07 nov. 2021.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, 2019.

SILVA, J. C. **Diálogo de Bonecas**. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: [https://issuu.com/jovannacardoso/docs/cartilha\\_di\\_logo\\_de\\_bonecas](https://issuu.com/jovannacardoso/docs/cartilha_di_logo_de_bonecas). Acesso em: 02 maio 2021.

SILVA, S. C. Os Galli, Sacerdotes de Cibele: representações literárias femininas e possibilidades sobre as práticas de castração ritual. **Notandum**, ano XXIV, n. 56, p. 1-22, maio/ago. 2021.

SILVA, V. Educação de Surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

SOUSA, C. M. C. L. L. de; MATOS, D. C. V. da S. Escritoras ítalo-africanas e uma proposta decolonial para a educação linguística em italiano. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 22, n. 52, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/26433/pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.

SOUZA, J. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, J. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.



- SOUZA NETO, M. J. Por que pensar hoje em uma educação linguística antirracista? Limites, tensões e possibilidades. **Revista Paraguaçu – Estudos Linguísticos e Literários**, v. 1, n. 1, p. 168-191, ago. 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/354076744\\_POR\\_QUE\\_PENSAR\\_HOJE\\_E\\_M\\_UMA\\_EDUCACAO\\_LINGUISTICA\\_ANTIRRACISTA\\_LIMITES\\_TENSOES\\_E\\_POSSIBILIDADES](https://www.researchgate.net/publication/354076744_POR_QUE_PENSAR_HOJE_E_M_UMA_EDUCACAO_LINGUISTICA_ANTIRRACISTA_LIMITES_TENSOES_E_POSSIBILIDADES). Acesso em 03 fev 2022.
- STOKOE, W. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, v. 8, New York: Buffalo University, 1960.
- STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- STROBEL, K. L. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.
- STUBBS, M. **Discourse Analysis**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1983.
- SUPER TRANSADO. **Conheça: Rita D'libra!** A Primeira Drag Queen Brasileira a Levar Inclusão ao Público Surdo. Disponível em: <http://www.supertransado.com.br/site/artigos/noticia/conheca-rita-dlibra-a-primeira-drag-queen-brasileira-a-levar-inclusao-ao-publico-surdo>. Acesso em: 18 maio 2021.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1986.
- UOL. **Faustão chama Pablló Vittar pelo masculino e revolta a web: "Que agonia"**. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/16/faustao-chama-pablló-vittar-pelo-masculino-e-revolta-a-web-que-agonia.htm>. Acesso em: 18 maio 2021.
- VARGAS, R. Vocabulário Gay em Alta!. **O Confessionário**, 2010. Disponível em: <https://oconfessionario.wordpress.com/2010/08/16/vocabulario-gay-em-alta/>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- VELOSO, R. As Três Ondas da Sociolinguística e um Estudo em Comunidades de Práticas. **XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**, João Pessoa, 2014.
- VILHALVA, S. **Índios surdos**: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012.
- WENGER, E. **Communities of practice**: Learning, meaning and identity. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998.
- WIKIPEDIA. **Michelle Bolsonaro**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Michelle\\_Bolsonaro#cite\\_note-0-4](https://pt.wikipedia.org/wiki/Michelle_Bolsonaro#cite_note-0-4). Acesso em: 27 dez 2020.

YANNOULAS, S. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez. 2011.



*Não precisa ser Surdo para apoiar as agendas das Pessoas Surdas.*

*Não precisa ser lgbtlqia+ para apoiar suas causas.*

*Mas é preciso sentir a fragilidade que é ser humano para entender  
que todos nós temos necessidades e singularidades que precisam*

*de apoio mútuo*